



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

---

***BRAZUCALIDADE E (IM) POLIDEZ: RESSIGNIFICAÇÃO  
IDENTITÁRIA EM INTERAÇÕES DE MIGRANTES EM BOSTON,  
E.U.A.***

AGUINALDO PEREIRA

Brasília/DF  
2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

---

Aguinaldo Pereira

***BRAZUCALIDADE E (IM) POLIDEZ: RESSIGNIFICAÇÃO  
IDENTITÁRIA EM INTERAÇÕES DE MIGRANTES EM BOSTON,  
E.U.A.***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Linguística, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Doutora Cibele Brandão de Oliveira

Brasília – DF, novembro de 2017.

AGUINALDO PEREIRA

***BRAZUCALIDADE E (IM) POLIDEZ: RESSIGNIFICAÇÃO  
IDENTITÁRIA EM INTERAÇÕES DE MIGRANTES EM BOSTON,  
E.U.A.***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Linguística, área de concentração Linguagem e Sociedade.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Doutora Cibele Brandão de Oliveira (Orientadora/Presidente)  
Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade de Brasília (PPGL/UnB)

---

Prof. Doutor Virgílio Pereira de Almeida (Membro Externo)  
Departamento de Línguas Estrangeiras (LET/UnB)

---

Prof<sup>a</sup>. Doutora Kazuê Monteiro de Barros (Membro Externo)  
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPE)

---

Prof. Doutor Rodrigo Albuquerque Pereira (Membro Interno)  
Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB)

---

Prof<sup>a</sup>. Doutora Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues (Membro Suplente)  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP/UnB)

A meus queridos filhos: Igor, Thiago, Cairo e Agnes.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria, primeiramente, de agradecer a Deus pela oportunidade de poder chegar até aqui. *Porque d'Ele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente* (Rm. 11:36).

Aos meus pais pelo carinho, compreensão e apoio durante todo processo deste trabalho.

Aos meus filhos: Igor, meu parceiro de UnB; Thiago e Cairo, que mesmo distantes vieram me visitar algumas vezes em Brasília; e a pequena Agnes, que surgiu após o trabalho de campo. Amo muito vocês!

Aos meus irmãos Alexis e Juninho, por todo gesto de carinho e amizade.

À minha companheira Thayla, que, antes mesmo do processo de seleção para o doutorado, já apoiava minha ideia e dizia que eu era capaz. Por me acompanhar em alguns congressos, por ter trancado o semestre da faculdade para me acompanhar no trabalho de campo, por cada gesto sincero de companheirismo.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cibele Brandão de Oliveira Borges, pela polidez com a qual orientou este trabalho, pela paciência, pela dedicação, pelos questionamentos, pela compreensão e pelo direcionamento teórico-analítico determinantes para a conclusão deste trabalho.

Aos professores Renato Cabral Rezende e Mariney Pereira Conceição, pelas considerações a respeito do meu trabalho no processo de qualificação.

Aos professores Kazuê Monteiro de Barros (PPGL/UFPE), Rodrigo Albuquerque (UnB), Virgílio Pereira (LET/UnB) e Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues (LIP/UnB), pelas considerações e contribuições a respeito do meu trabalho no processo de defesa.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGL – da Universidade de Brasília, que me deram subsídios para pensar, ler, refletir e produzir.

Aos colegas do curso em Linguística da UnB, pela vivência tanto em sala de aula quanto nos momentos mais informais, pelas conversas produtivas, pelos demorados debates a respeito de diferentes objetos, sobretudo pela compreensão e pela solidariedade.

Aos meus amigos Ewerton Gindri e Wagner Santos, pela leitura minuciosa do meu trabalho antes da qualificação e antes da defesa, contribuindo de forma singular para este trabalho.

A meu amigo Cido Borges, companheiro desde os tempos da faculdade, pelo apoio durante meu tempo de pesquisa de campo em Boston e pelas longas conversas a respeito da temática migratória. Obrigado por cada gesto de amizade.

Aos professores e amigos Dagoberto de Jesus (IFMT) e sua esposa Maria; e Aécio Vander dos Santos (IFNMG) e sua esposa Walkíria. Obrigado pela amizade que surgiu no *campus* Confresa e que hoje extrapola as fronteiras do *campus*.

A todos os colaboradores de minha pesquisa, pessoas lutadoras, que não se intimidaram e foram à luta por dias melhores, tendo que para isso abrir mão de viver em seu próprio país, junto dos seus amigos e familiares. Guerreiros *indocumentados* que buscam espaço além-mar.

Ao Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT – *campus* Confresa, pela concessão de licença para capacitação, que me permitiu dedicação integral aos estudos doutorais.

*A polidez nem sempre inspira a bondade, a equidade, a complacência, a gratidão; mas, pelo menos, dá-lhes a aparência e faz aparecer o homem por fora como deveria ser por dentro. (Jean de la Bruyère)*

## RESUMO

---

Este estudo trata sobre migração de brasileiros residentes em Boston (EUA). O objetivo desta investigação é revelar como a língua inglesa e a cultura americana afetam os modos de polidez/impolidez de brasileiros em contexto de interculturalidade. A pesquisa é etnográfica, e seus dados foram coletados durante cinco meses de participação do pesquisador em campo, onde foram utilizadas entrevistas, discussões em um grupo do aplicativo *whatsapp* e a observação do pesquisador durante o tempo de inserção em campo. O trabalho se ancora na Sociolinguística Interacional em interface com a Pragmática (GOFFMAN ([1964]2002; GUMPERZ, 1982 e TANNEN, 2005), mais especificamente nos estudos sobre polidez, inicialmente propostos por Brown & Levinson (1987 [1978]), que apresentam pontos-chave da teoria. Além de cotejar o trabalho com os fundadores dessa área da linguística, a pesquisa também se fundamenta em outros autores, como Leech (1983, 2014), que apresenta quadro mais completo da teoria, abordando, por exemplo, a impolidez como um quadro à parte, com máximas de (*im*)polidez, a partir da proposta de Grice (1967). Além desse, são apresentadas contribuições de outros autores, como Watts (2003), que contribui com a definição de polidez de dois ângulos: polidez<sub>1</sub> como noção popular do termo e polidez<sub>2</sub> como noção teórica; Kerbrat-Orecchioni (1992, 1997, 2000, 2006, 2010), que apresenta a proposta de Atos de Elogio a Face (AEF), entre outros mais. Para um quadro mais específico da impolidez, foram utilizadas algumas propostas de autores como Eelen (2001), Mills (2003) e Culpeper (1996, 2011), corroborando para a compreensão dessa importante área da interação social para o presente trabalho, na apresentação de um modelo descritivo e teórico sobre impolidez. Para a compreensão da resignificação identitária no deslocamento dos participantes, associaram-se os estudos sobre identidade aos de (*im*)polidez, o que foi feito a partir dos estudos sociais sobre identidade de Castells (1999), Hall (2006) e Bauman (2003, 2005), em que se buscou compreender a conexão existente entre o processo de identidade na comunidade pesquisada e o papel da (*im*)polidez no processo de resignificação das identidades em jogo. Ao processo de resignificação identitária, percebida nos colaboradores de minha pesquisa, nomeei de *brazucalidade*, e acontece na relação e comparação com o sujeito nacional (americano). Os resultados deste estudo indicam que a resignificação identitária dos participantes passa por um processo de busca e compreensão das novas formas de ser no ‘novo lugar’, revelado nas interações gravadas e nas interações de (*im*)polidez estudadas.

**Palavras-chave:** Migração. *Brazucalidade*. (*Im*) polidez. Resignificação Identitária.

## ABSTRACT

---

This study deals with the migration of Brazilians residents in Boston (USA). The purpose of this research is to reveal how the English language and American culture affect the politeness/impoliteness of Brazilians in the context of interculturality. The research is ethnographic, and its data was collected during five months of participation of the researcher in the field, where interviews were used, discussions in a group of *whatsapp* application and observation of the researcher during the time of insertion in the field. The work is anchored in Interactional Sociolinguistics in interface with Pragmatics (GOFFMAN ([1964] 2002, GUMPERZ, 1982 and TANNEN, 2005), more specifically in studies on politeness from Brown & Levinson (1987 [1978]), which present key points of the theory. In addition to comparing the work with the founders of this area of linguistics, the research is also based on other authors, such as Leech (1983, 2014), who presents a more complete picture of the theory, addressing, for example, impoliteness as a separate picture, with maxims of (*im*) politeness from Grice's (1967) proposal. In addition, contributions from other authors are presented, such as Watts (2003), who contributes to the definition of politeness from two angles; Kerbrat-Orecchioni (1992, 1997, 2000, 2010, 2006), which presents the proposal of *Face Flattering Acts* (FFA), among others. For a more specific picture of impoliteness, some proposals were used by authors such as Eelen (2001), Mills (2003) and Culpeper (1996, 2011), corroborating the understanding of this important area of social interaction for the present work, in the presentation of a descriptive and theoretical model on impoliteness. To understand the identity re-signification from the displacement of the respondents, studies on identity were associated with (*im*) politeness, which was done from the social studies on identity of Castells (1999), Hall (2006) and Bauman (2003, 2005), which sought to understand the connection between the process of identity in the community being researched and the role of (*im*) politeness in the process of re-signification of the identities at stake. To the process of identity re-signification perceived in the collaborators of my research I named *brazuca-ness*, and it happens in the relation and comparison with the national (American) subject. The results of this study indicate that the identity resignification of the respondents goes through a process of search and understanding of the new ways of being in the 'new place', revealed in the recorded interactions and in the interactions of (*im*) politeness studied.

**Keywords:** Migration. *Brazuca-ness*. (*Im*) politeness. Identity re-signification.

## RESUMEN

---

Este estudio trata sobre la migración de brasileños residentes en Boston (EEUU). El objetivo de esta investigación es revelar cómo la lengua inglesa y la cultura americana afectan los modos de cortesía/ descortesía de los brasileños en un contexto de interculturalidad. La investigación es etnográfica, y sus datos fueron recogidos durante cinco meses de participación del investigador en campo, donde fueron utilizadas entrevistas, discusiones en un grupo de la aplicación *whatsapp* y la observación del investigador durante el tiempo de inserción en campo. El trabajo se ancla en la Sociolingüística Interaccional en interfaz con la Pragmática (GOFFMAN (1964) 2002, GUMPERZ, 1982 y TANNEN, 2005), más específicamente en los estudios sobre la cortesía inicialmente propuestos por Brown & Levinson (1987 [1978]), que presentan puntos clave de la teoría. Además de cotejar el trabajo con los fundadores de esa área de la lingüística, la investigación también se fundamenta en otros autores, como Leech (1983, 2014), que presenta un cuadro más completo de la teoría, abordando, por ejemplo, la descortesía como un cuadro aparte con máximas de (*des*) cortesía a partir de la propuesta de Grice (1967). Además de eso, se presentan contribuciones de otros autores, como Watts (2003), que contribuye con la definición de cortesía de dos ángulos: *polidez*<sub>1</sub> como noción popular del término y *polidez*<sub>2</sub> como noción teórica; Kerbrat-Orecchioni (1992, 1997, 2000, 2010, 2006), que presenta la propuesta de Actos de Elogio a Cara (AEF), entre otros más. Para un cuadro más específico de la descortesía, se utilizaron algunas propuestas de autores como Eelen (2001), Mills (2003) y Culpeper (1996, 2011), corroborando para la comprensión de esta importante área de la interacción social para el presente trabajo, un modelo descriptivo y teórico sobre descortesía. Para la comprensión de la resignificación identitaria en el desplazamiento de los encuestados, se asociaron los estudios sobre identidad a los de (*des*) cortesía, lo que fue hecho a partir de los estudios sociales sobre identidad de Castells (1999), Hall (2006) y Bauman (2003, 2005), en la que se buscó comprender la conexión existente entre el proceso de identidad en la comunidad investigada y el papel de la (*des*) cortesía en el proceso de resignificación de las identidades en juego. Al proceso de resignificación identitaria percibida en los colaboradores de mi investigación nombró de *brazucalidad*, y sucede en la relación y comparación con el sujeto nacional (americano). Los resultados de este estudio indican que la resignificación identitaria de los investigadores pasa por un proceso de búsqueda y comprensión de las nuevas formas de ser en el nuevo lugar, revelado en las interacciones grabadas y en las interacciones de (*des*) cortesía estudiadas.

**Palabras clave:** Migración. *Brazucalidad*. (*Des*) Cortesía. Resignificación identitaria.

## SUMÁRIO

---

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	17
<b>CAPÍTULO I: MIGRAÇÃO BRASILEIRA E ALGUNS DESDOBRAMENTOS</b>	
1.1 MIGRAÇÃO.....	22
1.1.1 Migração brasileira .....	26
1.1.2 Migração brasileira para os Estados Unidos da América .....	30
1.1.3 Migração brasileira para Boston e arredores.....	33
1.1.4 Relação intercultural em contexto de migração e alguns desdobramentos.....	35
<b>CAPÍTULO II: FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS PARA O ESTUDO DA (IM) POLIDEZ</b>	
2.1 PRAGMÁTICA.....	39
2.1.1 Austin e os atos de fala .....	40
2.1.2 Searle e os desdobramentos da teoria .....	45
2.1.3 Grice e a implicatura conversacional .....	49
2.1.3.1 <i>O Princípio cooperativo</i> .....	52
2.1.3.2 <i>A teoria das máximas de Grice e o implícito no enunciado</i> .....	53
2.2 SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL .....	55
2.2.1 Contribuições de Gumperz.....	57
2.2.1.1 <i>Pistas de contextualização</i> .....	59
2.2.2 Contribuições de Lave e Wenger: comunidades de prática .....	64
2.2.3 Contribuições de Goffman .....	72
2.2.3.1 <i>Face</i> .....	73
2.2.3.2 <i>Enquadre</i> .....	75
2.2.3.3 <i>Alinhamento</i> .....	76
<b>CAPÍTULO III: TEORIA DA (IM) POLIDEZ</b>	
3.1 TEORIA DA POLIDEZ .....	79
3.1.1 Primeiras reflexões sobre polidez de Lakoff.....	80
3.1.2 Teoria da polidez de Brown & Levinson.....	83
3.1.3 Abordagem geral da teoria de Leech .....	87

3.1.4 Proposta de um novo modelo por Watts .....	94
3.1.5 Atos de Elogio a Face (AEF) de Kerbrat-Orecchioni .....	98
3.2 POLIDEZ: ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E LINGUÍSTICOS .....	101
3.3.1 Dimensões culturais da escolha linguística.....	106
3.3.2 Polidez em relação ao <i>code-switching</i> e ao <i>code-mixing</i> .....	108
3.4 IMPOLIDEZ .....	110
3.4.1 Revisando estudos sobre impolidez.....	116
3.4.2 Funções da impolidez.....	120
3.4.2.1 <i>Impolidez afetiva</i> .....	121
3.4.2.2 <i>Impolidez de entretenimento</i> .....	122
3.4.2.3 <i>Impolidez coercitiva</i> .....	128
3.5 IDENTIDADE E (IM) POLIDEZ.....	131

## **CAPÍTULO IV: O FAZER ETNOGRÁFICO E SEUS DESDOBRAMENTOS EM CAMPO**

4.1 ETNOGRAFIA .....	143
4.1.1 Interacionismo Simbólico .....	145
4.1.2 Observação participante/notas de campo .....	148
4.1.3 Entrevistas .....	152
4.1.4 Instrumentos e técnicas de coleta de dados em campo .....	154
4.1.5 Etnografia virtual .....	156
4.2 ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO.....	158
4.3 OS COLABORADORES DAS ENTREVISTAS .....	162
4.3.1 Hannah da Silva .....	162
4.3.2 Chloe dos Santos.....	162
4.3.3 Jennifer Pereira .....	163
4.3.4 Kimberly Oliveira .....	163
4.3.5 Katelyn de Souza .....	163
4.3.6 Andrew Almeida.....	164
4.3.7 John Gomes.....	164
4.3.8 Jordan Campos.....	165
4.3.9 Brandon Cardoso.....	165

4.3.10 Ryan Lima.....	165
4.4 COLABORADORES DO GRUPO DE <i>WHATSAPP</i> ‘BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS’ .....	166

**CAPÍTULO V: A (IM) POLIDEZ E ALGUNS DESDOBRAMENTOS: BRAZUCALIDADE**

5.1 ALGUMAS IMPRESSÕES DOS COLABORADORES DAS ENTREVISTAS ACERCA DA (IM) POLIDEZ.....	170
5.2 DEFINIÇÃO DE (IM) POLIDEZ NO CONTEXTO DA PESQUISA .....	175
5.3 SITUAÇÕES QUE FAVORECEM A ADOÇÃO DE IMPOLIDEZ.....	185
5.4 ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ DE BRAZUCAS <i>IN</i> E BRAZUCAS <i>OUT</i> .....	191
5.5 CONFLITOS NAS ESTRATÉGIAS DE (IM) POLIDEZ NA INTERCULTURALIDADE .....	195
5.6 MUDANÇA NOS PADRÕES DE POLIDEZ EM FUNÇÃO DO CONTEXTO .....	202
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	207
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	214
<b>APÊNDICE</b> .....	228
<b>ANEXOS</b> .....	230

## LISTA DE FIGURAS

---

<b>Figura 1</b> – Circunstâncias que determinam a escolha de estratégias .....	85
<b>Figura 2</b> – Estratégias de polidez, segundo Brown & Levinson (1987 [1978]) .....	87
<b>Figura 3</b> – Pragmática geral de Leech .....	88
<b>Figura 4</b> – Polidez pragmalinguística .....	93
<b>Figura 5</b> – Polidez sociopragmática.....	93
<b>Figura 6</b> – Conceito geral de polidez por Watts .....	97
<b>Figura 7</b> – Escala de polidez sociopragmática e de polidez pragmalinguística.....	104
<b>Figura 8</b> – Transferência pragmática .....	106
<b>Figura 9</b> – Trabalho relacional.....	118
<b>Figura 10</b> – Processo de resignificação.....	180
<b>Figura 11</b> – Transferência pragmática contextualizada .....	184
<b>Figura 12</b> – Polidez pragmalinguística contextualizada .....	199

## LISTA DE TABELAS

---

<b>Tabela 1</b> – Países da migração brasileira .....	27
<b>Tabela 2</b> – Migração de retorno .....	28
<b>Tabela 3</b> – Comunidade de fala e comunidade de prática.....	70
<b>Tabela 4</b> – Os componentes das máximas de <i>Estratégia Geral de Polidez</i> .....	90
<b>Tabela 5</b> – As categorias de violação de restrição das <i>Estratégia Geral de Impolidez</i> .....	112

## LISTA DE QUADROS

---

<b>Quadro 1</b> – Impressões em relação à polidez americana.....	175
<b>Quadro 2</b> – Proxêmica e cinésica como grau de maior polidez.....	177
<b>Quadro 3</b> – Afinando .....	178
<b>Quadro 4</b> – Pragmalinguística .....	181
<b>Quadro 5</b> – Neologismos e <i>code-mixing</i> .....	183
<b>Quadro 6</b> – Impolidez coercitiva 1 .....	186
<b>Quadro 7</b> – Impolidez coercitiva 2 .....	189
<b>Quadro 8</b> – Integração ao meio.....	193
<b>Quadro 9</b> – Abordagem ao cliente brasileiro.....	196
<b>Quadro 10</b> – Abordagem ao cliente americano (não brasileiro).....	196
<b>Quadro 11</b> – Polidez sociopragmática .....	200
<b>Quadro 12</b> – Polidez metapragmática.....	201
<b>Quadro 13</b> – (M1) dá alto valor ao desejo do outro (o) generosidade/tato.....	203
<b>Quadro 14</b> – (M2) dá baixo valor ao desejo do falante (s).....	204
<b>Quadro 15</b> – (M3) dá alto valor às qualidades do outro (o) .....	205
<b>Quadro 16</b> – (M4) dá baixo valor às qualidades do falante (s).....	206

## CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO<sup>1</sup>

Ocorrência	Sinais	Exemplificação
Nome dos participantes	<b>Negrito</b>	<b>Ryan Lima</b>
Citando fala de alguém	“ ”	“Eu não gosto que me toquem”
Entonação ascendente	↑ (seta simples para cima)	Nunca.↑
Entonação descendente forte	? (ponto de interrogação)	certeza?
Entonação descendente	↓ (seta simples para baixo)	né↓
Pausa preenchida	eh, ah, oh, ih, mhm, ahã,...	eh
Pausa curta, pausa média e pausa longa	(.) (..) (...)	(.) quando chega um americano perto (..)
Falas e/ou ações simultâneas	[ ] (dois colchetes)	... jamais toque ao falar com [[alguém ((sinal de desaprovação com a cabeça ))
Falas e/ou ações sobrepostas	[ (um colchete)	aí ele segurou a porta [porta
Fala sem interrupção	=	pobreza=o brasileiro é assim mesmo.
Auto-interrupção	-	e-então é necessário a mudança
Extensão do som curta, extensão de som média e extensão de som longa	: :: :::	eh: nã::o eh:::
Silabação	- (travessão)	e-du-ca-ção
Dúvida do transcritor ou discurso ininteligível	( ) (parênteses simples)	( )
Ênfase/aumento de volume	MAIÚSCULA	revoluÇÕES
Frase/palavra acelerada	(ac.) e sublinhado	<u>Como assim? I'm sorry</u> (ac.)
Frase/palavra sussurrada	(sus.) e sublinhado	<u>o Brasil continua neles</u> (sus.)
Transcrição parcial ou eliminação de trecho	/.../	/.../
Truncamento	/	num contexto da minha vida/ num contexto diferente
Comunicação não verbal	(( )) (parênteses duplo)	((acenando que sim para a filha))
Aceno positivo de cabeça	((+))	((+))
Aceno negativo de cabeça	((-))	((-))
Sorriso	((S))	((S))
Riso	((R))	((R))

<sup>1</sup> Fontes: Gumperz (1982) e Marcuschi (2007). Os exemplos são provenientes do *corpus* desta pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

---

Há algumas décadas, brasileiros têm deixado seu lugar de origem em busca de uma nova vida em outros países. As razões são as mais diversas possíveis, mas uma delas tem sido mais recorrente: a de ordem econômica. Segundo algumas pesquisas, houve queda significativa na emigração brasileira nos últimos anos, mas o número de brasileiros no exterior ainda é bastante grande. Somente nos EUA, há aproximadamente 1,3 milhão de residentes brasileiros, segundo dados do Itamaraty<sup>2</sup>. Além dos EUA, há grande número de brasileiros no Paraguai, na Bolívia, no Japão, na Espanha, em Portugal, na França, além de outros países que contam com números mais reduzidos.

Os números em relação à diáspora brasileira podem variar muito, dependendo da fonte pesquisada. Segundo o IBGE, por exemplo, o número de brasileiros nos EUA é de 117 mil<sup>3</sup>, número bastante reduzido em comparação com os dados do Ministério das Relações Exteriores. O próprio IBGE comenta essa provável discrepância das duas pesquisas, com a alegação de que não dispõe dos mesmos mecanismos de busca que o Ministério das Relações Exteriores. Fatores como a emigração de todos os membros de uma residência, o falecimento dos parentes que ficaram no Brasil, a desconsideração daqueles que imigraram rumo ao exterior há muito tempo, e a contagem dos filhos nascidos no exterior são possíveis números que podem ter sido omitidos na pesquisa do IBGE, segundo relatório da própria instituição. Por outro lado, o Ministério das Relações Exteriores também admite que suas estimativas talvez não representem exatamente a realidade, principalmente em relação aos brasileiros que vivem de forma ilegal no exterior e, por isso, não querem se expor. Dessa forma, o número poderia ser muito maior do que o de 1,3 milhão de imigrantes divulgado pelo Ministério das Relações Exteriores.

Já vivendo em novo contexto, a língua e a cultura de cada país anfitrião passarão pelos *filtros* interpretativos dos brasileiros, cunhando, assim, as mais diversas percepções possíveis, produzindo modos de interpretação para as diversas situações vivenciadas no “novo mundo”. Dos países mencionados anteriormente, o lugar mais procurado por pessoas de todo

---

<sup>2</sup> Fonte: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/> Acesso em 21 de fevereiro de 2016.

<sup>3</sup> Fonte: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Resultados\\_do\\_Universo/tabelas\\_pdf/tab2.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_do_Universo/tabelas_pdf/tab2.pdf) Acesso em 22 de fevereiro de 2016.

o mundo para residir ainda continua sendo os EUA (Cf. IBGE, 2010). Isso gera, nos brasileiros que vivem nos EUA, uma experiência intercultural bastante rica, porém não sem conflitos, dos quais os pautados na interação sociocultural serão primordiais na pesquisa que proponho estabelecer dentro desse contexto.

A respeito dos conflitos gerados pelo choque intercultural de brasileiros no contexto em discussão, acreditamos ser esse contexto muito produtivo para a pesquisa de discursos socioculturais, principalmente por se tratar de situações em que as reflexões linguístico-culturais acontecem com mais intensidade, visto que as diferenças são percebidas a todo tempo. Nesse âmbito, acreditamos que o processo de polidez/impolidez de brasileiros “sofre” com a interculturalidade e passa a se afirmar dentro de uma interpretação ora americana, ora brasileira para as questões de polidez/impolidez.

As afirmações anteriores são baseadas em experiência empírica e carecem de evidências científicas adequadas, o que é proposto aqui, com base na sociolinguística interacional, com incursões na análise do discurso, na pragmática, na psicologia social e nos estudos socioculturais.

Ainda baseado em fatos empíricos, o uso exagerado de formas de polidez, como: *I'm sorry/pardon/excuse-me* por brasileiros parece ir além das formas de polidez brasileira, ou seja, há projeção na cultura que é manifestada na língua, e que, por sua vez, é usada pelos falantes no português quando se relacionam com seus compatriotas. O mesmo parece se realizar com a impolidez, mas, quanto a esse aspecto, nos deteremos de forma mais precisa e detalhada no decorrer de nossa pesquisa. Segundo Eelen (2001) e Ide (1992), a polidez linguística representa aspecto da interação social e tem sido o foco de trabalhos empíricos, principalmente nos campos da pragmática intercultural.

Em relação à demanda de trabalhos realizados no campo proposto, ainda há muito a ser realizado. Em pesquisas realizadas pelo *site* de busca de trabalhos acadêmicos mais visitado da *web*, quase não se veem trabalhos interacionais com o envolvimento de brasileiros vivendo no exterior, o que nos impulsiona a investir na proposta de pesquisa aqui apresentada com mais afinco.

Os estudos sociolinguísticos no Brasil vêm explorando quantidade muito grande de temas nas últimas duas décadas, concentrando-se, especialmente, nos níveis fonético-fonológico e morfossintático. Contudo, o campo interacional, voltado para a teoria da polidez,

parece carecer de interesse maior por parte de estudiosos da sociolinguística, o que acredito poder contribuir com a atual pesquisa.

Como objetivo geral de minha pesquisa, pretendo investigar como a língua inglesa e a cultura americana afetam os modos de polidez/impolidez de brasileiros nesse contexto de interculturalidade.

Para atender à proposta da pesquisa, apresento, como diretrizes norteadoras da investigação, as seguintes questões, diluídas nelas os objetivos específicos para o meu trabalho:

1. Como definir (*im*) polidez nos contextos pesquisados? Que traços verbais, cinésicos, proxêmicos e situacionais caracterizam a (*im*) polidez no contexto intercultural pesquisado?
2. Que situações interacionais favorecem a adoção de traços de impolidez?
3. Há diferenças entre as estratégias de polidez adotadas por falantes brasileiros que participam de comunidades interculturais e aquelas adotadas pelos que não vivem inseridos nessas comunidades?
4. Como são as práticas de comunicação que os migrantes brasileiros residentes em Boston utilizam para construir suas vidas sociais? Há conflitos nas estratégias de (*im*) polidez no contexto de interculturalidade dessas práticas de comunicação?
5. Como os colaboradores da pesquisa se autoavaliam sobre a possível mudança nos padrões de polidez em função do contexto em que vivem (Boston e arredores)?

Com o intuito de discutir as teorias que irão embasar este estudo, articulando-as aos dados coletados durante a pesquisa, este trabalho é dividido em 05 capítulos, cada qual com seções e subseções necessárias para apresentar os eixos temáticos desenvolvidos.

O capítulo I apresenta o contexto em que se dá a pesquisa, no intuito de levar a saber as motivações para a migração do âmbito geral para o mais específico de interesse da pesquisa: a migração de brasileiros para a região de Boston. Além dessa apresentação, trata-se da relação intercultural em contexto de migração e de alguns de seus desdobramentos, segundo teóricos de áreas sociológicas e antropológicas, tais como Margolis (1994), Martes (1999), Martes & Fleischer (2003) e Jouët-Pastré & Braga (2008),

O capítulo II apresenta e discute as bases epistemológicas para o estudo de (*im*)

polidez, partindo de estudos iniciais da pragmática, como os *atos de fala* de Austin (1962), passando para os conceitos de divisão e classificação dos *atos ilocutórios* de Searle (1976), chegando à *teoria conversacional* de Grice (1975). Nessa retomada histórica, são introduzidos outros conceitos bases da sociolinguística interacional, como as noções de *pistas de contextualização* de Gumperz (1982) e *comunidade de prática* de Lave & Wenger (1991), além das contribuições de Goffman (1975 [1959], 2002, 1967, 1971, 1978, 1981), como as *noções de face, enquadre e alinhamento*. Todos esses conceitos serão essenciais para a compreensão do Princípio de Polidez, principalmente pelo caráter integrador que todos eles possuem na sustentação da sociolinguística interacional.

O capítulo III, por sua vez, apresenta o quadro teórico fundante da teoria da polidez, com a resenha da proposta inicial de Lakoff (1973) e Brown & Levinson (1987 [1978]), além do cotejamento com outras propostas teóricas, como as de Leech (1983, 2014), Watts (2003) e Kerbrat-Orecchioni (2006), que são fundamentais para a compreensão e a análise dos dados. Nesse mesmo capítulo, também introduzem-se as noções e as propostas do princípio da impolidez linguística, sugerida inicialmente por Eelen (2001) e Mills (2003), e retomada por Leech (*ibid.*) e Culpeper (2011). Trata-se, nesse mesmo capítulo, da proposta de três autores dos estudos sociais sobre identidade: Castells (1999), Bauman (2003, 2005) e Hall (2006) quando se busca compreender melhor a conexão existente entre a construção de identidades na comunidade pesquisada e o papel da (*im*) polidez no processo de ressignificação das identidades em jogo. Ao longo da construção do quadro teórico, proposto no capítulo III, os diferentes pontos de vista são apresentados não como concorrentes uns dos outros, mas como meio de compreensão e de ajustamento, vistos por diferentes perspectivas, todas com a função de explicar melhor o funcionamento da polidez, seja por uma ótica com viés mais voltado para a psicologia, para a sociologia ou para a pragmática, seja para a linguística.

O capítulo IV apresenta o detalhamento descritivo-narrativo de minha experiência no campo de pesquisa. Também é feita, nesse capítulo, a compilação dos autores que contribuíram para o fazer etnográfico desta pesquisa, tais como Blumer (1982), Emerson, Fretz & Shaw (1995), Schensul *et al.* (1999), Saville-Troike (2003), Angrosino (2009), Fetterman (2010), entre outros. A análise da conversação também é abordada nesse capítulo como área do conhecimento integradora da sociolinguística interacional para a transcrição de dados de fala. Nesse âmbito, são levadas em consideração as noções de conversação de Kerbrat-Orecchioni (2006), além das contribuições de Sacks, Schegloff & Jefferson (1974),

Levinson (1983), Hilgert (1989), Moreno-Fernández (1998) e Marcuschi (2006). Além disso, os colaboradores das entrevistas (uma das formas de coleta de dados) são apresentados em seção reservada a esse propósito.

O capítulo V, por fim, é dividido em cinco partes, pensadas para a realização da análise interpretativa dos dados gerados ao longo da pesquisa de campo, em que busco responder às questões que são levantadas no início deste trabalho. São trazidas, nesse capítulo, as evidências empíricas que amparam minha proposição sobre a proposta apresentada no início deste trabalho. Nas considerações finais, apresentam-se as sínteses das reflexões oriundas das análises realizadas, assim como se retomam as questões de investigação relacionadas aos objetivos específicos, tratando-se de cada uma delas na ordem em que foram apresentadas na introdução do trabalho. Nessa seção, trata-se também das contribuições deste estudo para pesquisas futuras em torno do assunto focalizado.

# CAPÍTULO I

## MIGRAÇÃO BRASILEIRA E ALGUNS DESDOBRAMENTOS

---

*Desde os primeiros Homo sapiens aos nossos dias, a migração, em suas diversas formas, manteve-se central para a história do mundo. (FISHER, M., 2013)*

*Migração como um fenômeno complexo implica protagonistas de diferentes origens e provoca repercussões em vários contextos, tanto nos países de acolhimento quanto nos de origem, e em dimensão muito diversas: cultura, política, família, emprego ou linguístico. (SANTIBÁÑEZ & MAIZTEGUI, 2006)*

### 1.1 MIGRAÇÃO

Neste capítulo, apresento alguns dados e informações recorrentes nos estudos sobre o processo migratório, com o interesse de contextualizar as questões relacionadas sobre os movimentos de deslocamento, partindo de uma visão geral (a migração no contexto mundial) para algo mais relacionado ao contexto de meu interesse: a migração de brasileiros em direção à região de Boston. Para a execução dessa tarefa, dividi o capítulo em quatro partes, de fundamental importância para a compreensão do Princípio de Polidez a ser investigado.

O interesse teórico nas questões de migração internacional recai sobre três tópicos principais: quais as causas que levam ao deslocamento; quais determinantes conferem estabilidade no país receptor; e como se dá a adaptação dos imigrantes à cultura/sociedade anfitriã. Os dois primeiros tópicos são, aqui, abordados de forma secundária, tão somente para a contextualização da tese proposta. Já o último, por sua vez, receberá atenção especial ao longo de toda a pesquisa, pois ressoa minha preocupação, enquanto pesquisador, referente às questões linguísticas no contexto intercultural.

A migração tem sido tema recorrente na mídia da atualidade, angustiando e dividindo as opiniões dos envolvidos diretamente na situação, ou seja, as pessoas que se deslocam de um lugar a outro, e também os que recebem esses que chegam à nova terra. Em 2015, passamos a ver, nos noticiários, a saga de povos, principalmente da África e do Oriente Médio, rumo ao continente europeu, atravessando o Mar Mediterrâneo em busca de dias melhores, fugindo da fome, da violência de guerras civis e da miséria generalizada. A emigração de pessoas do continente africano para a Europa é antiga, mas pode-se dizer que

chegou ao seu ápice no início do segundo semestre de 2015, preocupando muitos países e, até, levando outros não envolvidos (como o Brasil e os Estados Unidos, que já começaram a receber refugiados na intenção de colaborar com a resolução do problema) a se pronunciarem na busca de uma solução do que se denominou “a maior crise migratória da atualidade”.

Milênios atrás, o Egito Antigo experimentou processo inverso ao que acontece hoje, não somente na Europa, mas no resto do mundo: ficou isolado por mais de três mil anos, livre de guerras e invasões. A posição geográfica e a falta de tecnologia de exércitos estrangeiros foram dois pontos cruciais para que a civilização egípcia pudesse viver sem contato com inimigos. Esse isolamento, segundo historiadores, foi provavelmente um dos motivos que permitiu seu grande desenvolvimento. No entanto, não houve intercâmbios culturais significativos durante todo esse tempo, permitindo que a cultura egípcia antiga permanecesse como uma cultura quase homogênea.

Já nos dias de hoje, com o processo da globalização, vivemos constantes transformações, não somente na economia, mas também nas culturas e nas sociedades. Os meios de transportes, bem como toda a tecnologia moderna, aceleram e intensificam os processos migratórios contemporâneos. Afetamos e somos afetados culturalmente por esse fenômeno. O isolamento cultural, racial ou étnico, como ocorrido por tanto tempo na civilização egípcia, já não é mais possível.

O quadro migratório muda ao longo dos anos, e, como meio de se manterem, não isolados, mas protegidos de certas ameaças vindas de fora, os Estados criaram várias formas de proteção e controle de seus espaços geográficos. Fisher (2013, p. xii) oferece a seguinte visão geral da situação:

Ao longo dos séculos, os Estados criaram tecnologias que bloqueiam ou controlam as migrações. Os primeiros governantes construíram muralhas defensivas para manter outras pessoas de fora. Governos posteriores criaram fronteiras policiadas que exigem passaportes oficiais e outras formas de documentação de identidades coletivas. Hoje, praticamente toda parte da terra tem sido reivindicada por um ou mais dos quase duzentos governos nacionais do mundo.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Tradução minha para o seguinte trecho: *Over centuries, states have created technologies that block or control migrations. The earliest rulers built defensive walls to keep other people out. Later governments have created policed borders that require official passports and other forms of documentation of legal identities. Today, virtually all of the earth's land has been claimed by one or more of the world's nearly two hundred national governments.*

Estar separado por um extenso deserto, pelas profundas águas do Mar Mediterrâneo e separados pelas Cataratas do rio Nilo, como foi com o Egito Antigo, já não mais significa ter suas fronteiras protegidas da entrada de outras pessoas e/ou manter o isolamento cultural. Da mesma forma, mesmo com a construção de muros altíssimos, para delimitar fronteiras e impedir a entrada de migrantes, separada da África pelo mar Mediterrâneo, a Europa terá de enfrentar a crise, buscando soluções para o problema dos imigrantes.

Segundo relatório do *World Migration* (2008, p. 2), em 2005, havia mais de 191 milhões de migrantes no mundo todo, duas vezes e meia a quantidade existente em 1965. Como se pode inferir, a tendência é que, com o crescimento populacional e o barateamento do custo dos meios de transporte, a migração em tempos de crise tem se tornado cada vez mais uma opção (ou falta dela) para milhares de pessoas.

Apesar do barateamento dos meios de transporte, nem sempre é possível optar pela entrada de baixo custo em determinados Estados. Como noticiado na mídia<sup>5</sup>, no ano de 2015, o valor do transporte marítimo da Líbia até a ilha italiana de Lampedusa girava em torno de 5 mil dólares. A entrada pela fronteira sul dos Estados Unidos também não sai por menos, chegando ao montante exorbitante de até 10 mil dólares, dependendo dos intermediários de imigração contratados, conhecidos como *coiotes* ou *polleros*.

Além da crise financeira, como mencionado anteriormente, outros fatores impulsionam a migração na atualidade: problemas políticos, religiosos e étnicos também fazem parte dos motivos pelos quais as pessoas migram. Em trabalhos recentes sobre a imigração brasileira nos Estados Unidos, Jouët-Pastré & Braga (2008) apontam a imigração brasileira por motivos diversos, principalmente o econômico, mas nenhum deles em referência aos de ordem política, religiosa ou étnica, decorrente do grau de democracia alcançado pelo Brasil na atualidade. Deixarei, no entanto, para tratar mais especificamente da migração brasileira nas seções que sucedem.

Outro ponto importante para a compreensão da migração na atualidade são as redes sociais de migrantes. Essas redes representam papel importante para a manutenção no processo migratório, uma vez que os novos meios de comunicação viabilizam ainda mais a manutenção dessas redes sociais, intensificando o processo de migração dos amigos e dos

---

<sup>5</sup> <http://www.nytimes.com/2015/04/28/world/africa/libya-migrants-mediterranean.html>, acessado em 10 de maio de 2015.

parentes dos que ficaram na terra de origem. A facilidade em contatar um conhecido, parente ou amigo não somente facilita a migração, mas também diminui os impactos psicológicos e econômicos do deslocamento. Percebe-se, então, que a concentração de imigrantes em uma mesma região é decorrente dessas redes sociais.

Durante todo o tempo (cinco meses ao todo) em que estive em trabalho de campo em Boston, percebi o quanto são necessárias as redes sociais para o estabelecimento inicial do migrante, principalmente nos momentos que antecedem a viagem (com informações iniciais sobre documentos para o visto, passaporte, passagem); e o primeiro mês depois da chegada, com a primeira casa ou quarto, e também o primeiro emprego. Como mencionei anteriormente, os meios de comunicação (na atualidade, principalmente as mídias digitais) são fundamentais para a manutenção das redes sociais. O *whatsapp*, aplicativo de mensagens de texto e de voz para *smartphones*, tem sido uma das principais ferramentas para que os migrantes brasileiros deem manutenção ao processo das redes sociais.

Em relação a essas redes sociais de migrantes, Durham (1984, p. 138) aponta que os indivíduos são levados a migrar muito mais com base na

[...] proximidade das relações sociais do que na proximidade física [...], segue as rotas que foram traçadas por parentes e amigos antes dele. Vai com conhecidos, ou à procura de conhecidos, que sabe estar em tal ou qual lugar. Os lugares que ele conhece são os que fazem parte da experiência passada da sua comunidade e são as relações pessoais que servem de ponto de apoio à movimentação espacial. A não ser excepcionalmente, o emigrante não se aventura no desconhecido, mas se orienta por notícias, por informações, por relações.

Além das redes sociais de migração, outro aspecto levado em consideração nos estudos sobre migrações internacionais é o da cultura de emigração, apontado por Feuillye (2006, p. 93) da seguinte forma: “A mobilidade é difundida como opção de vida, não se limita aos mais necessitados e não se pode entender como uma resposta mecânica aos choques econômicos”.<sup>6</sup>

Nesse sentido, a migração não acontece aos modos como ocorre na Europa nos últimos anos, mas aos de alguns povos para os Estados Unidos, como os mexicanos, mencionados pela autora quando em sua afirmação no excerto citado. Segundo Marinucci (2009, p. 2), um dos fatores que mais incentiva essa cultura de emigração é o “atrativo

---

<sup>6</sup> Tradução minha para o texto: *La movilidad se ha generalizado como opción de vida, no se limita a los sectores más necesitados ni se puede entender como una respuesta mecánica a las crisis económicas.*

exercido pelo *American way of life*, difundido no mundo inteiro mediante os meios de comunicação social e, ainda mais, mediante a exportação de produtos americanos”.

A migração do Sul para o Norte do hemisfério nos modos da cultura de emigração não tem aspectos referentes à pobreza, visto que a maioria dos migrantes são pessoas de classe média e com grau de educação formal elevado. As buscas nesse modo de deslocamento são por padrões de vida e consumo mais elevados. Nesse aspecto, é preciso considerar, nos estudos sobre migrações internacionais, as forças políticas, históricas, econômicas, sociais e culturais tanto do país que envia quanto do país que recebe esses novos cidadãos.

Essa migração do Sul para o Norte, com propósitos de elevação do padrão de vida, seguindo o *American way of life*, é apontada ao longo dos trabalhos encontrados em Jouët-Pastré & Braga (2008), Martes & Fleischer (2003), Margolis (1994), e Martes (1999) como característica do movimento migratório de brasileiros, principalmente em países como Estados Unidos, Canadá, Japão, Portugal e Espanha. Posteriormente, nas próximas seções deste capítulo, discuto essa característica do processo migratório de brasileiros, com foco no interesse teórico para minha pesquisa, ou seja, como se dá a adaptação dos migrantes à cultura/sociedade, mais precisamente sobre as questões de pesquisa levantadas inicialmente na introdução deste trabalho.

### **1.1.1 Migração brasileira**

O fenômeno de migração ressurgiu no Brasil principalmente nas décadas de 1980 e 1990, em um cenário de crise do capitalismo mundial, que alavancou no Brasil uma inflação da moeda sem precedentes, impulsionando em muitos brasileiros a vontade de buscar, em outros países, uma alternativa ao que ocorria naquela época. Sales (1999) retratou, em seu estudo sobre a migração brasileira para os Estados Unidos, como ocorreu esse fenômeno de deslocamento em grandes proporções. Martes (1999) concentrou sua investigação sociológica nos brasileiros residentes no Estado americano de Massachusetts. Porém, apesar de ser o lugar preferido dos brasileiros que escolheram viver fora do país, os EUA não é o único país escolhido, como aponta o quadro dos vinte países de maior estimativa de brasileiros em 2007, do Ministério das Relações Exteriores, disposto a seguir.

---

**20 Países de maior estimativa de brasileiros – 2007**

<b>País</b>	<b>Maior estimativa</b>	<b>Menor Estimativa</b>	<b>Estimativa posta</b>	<b>[%total]</b>
Estados Unidos	1.490.000	843.505	<b>1.240.000</b>	40,73
Paraguai	515.517	204.890	<b>487.517</b>	16,01
Japão	310.751	310.000	<b>310.000</b>	10,18
Reino Unido	300.000	150.000	<b>150.000</b>	4,93
Portugal	160.000	69.518	<b>147.500</b>	4,84
Itália	132.000	110.000	<b>132.000</b>	4,34
Espanha	150.000	74.085	<b>110.000</b>	3,61
Suíça	60.000	22.861	<b>55.000</b>	1,81
Alemanha	59.338	21.211	<b>46.209</b>	1,52
Bélgica	43.638	3.625	<b>43.638</b>	1,43
Argentina	42.921	37.114	<b>38.500</b>	1,26
França	30.000	19.061	<b>30.000</b>	0,99
Canadá	20.850	11.210	<b>20.650</b>	0,68
Guiana Francesa	70.000	20.000	<b>20.000</b>	0,66
Uruguai	21.353	10.982	<b>18.848</b>	0,62
México	17.457	18.000	<b>18.000</b>	0,59
Holanda	25.000	13.964	<b>16.399</b>	0,54
Bolívia	46.600	13.774	<b>15.091</b>	0,50
Israel	15.000	15.000	<b>15.000</b>	0,49
Austrália	13.000	7.713	<b>12.000</b>	0,39
<b>Total dos 20</b>	<b>3.523.425</b>	<b>1.976.513</b>	<b>2.926.352</b>	<b>96,11</b>
<b>Total de Brasileiros</b>	<b>3.735.826</b>	<b>2.059.623</b>	<b>3.044.762</b>	<b>100,00</b>

---

**TABELA 1 – PAÍSES DA MIGRAÇÃO BRASILEIRA (Fonte: DAC/MRE)**

Apesar de muitos países da tabela anterior serem vizinhos do Brasil, como o Paraguai, a Argentina, a Guiana, o Uruguai e a Bolívia, observa-se também uma migração para países mais longínquos como Austrália, Japão e países europeus. Como já observado na seção anterior, o deslocamento na contemporaneidade conta com a colaboração de redes sociais de migração, o custo baixo dos meios de transporte e a flexibilidade do movimento contrário, ou seja, o retorno ao país de origem.

Sobre esse último, dados mais recentes apontam para o que se nomeia de imigração internacional de retorno, ou seja, a volta de residentes do exterior ao país de origem, impulsionados principalmente pela estabilidade econômica do país, além da crise enfrentada por países em que esses brasileiros viviam. Sobre esse retorno, o IBGE 2010 apontou o seguinte quadro:

**Brasil: Imigração internacional por imigrantes totais, estrangeiros e retornados e proporção de nascidos no Brasil e no estrangeiro, segundo os principais países de origem – 2010**

<b>País de origem</b>	<b>Imigrantes</b>	<b>Estrang.</b>	<b>Retornados</b>	<b>Nascidos no Brasil [%]</b>	<b>Estrang. [%]</b>
<b>TOTAL</b>	<b>268.486</b>	<b>93.889</b>	<b>174.597</b>	<b>65,0</b>	<b>35,0</b>
Estados Unidos	51.933	8.212	43.721	84,2	15,8
Japão	41.417	4.529	36.888	89,1	10,9
Paraguai	24.666	10.918	13.748	55,7	44,3
Portugal	21.376	4.916	16.460	77,0	23,0
Bolívia	15.753	11.798	3.954	25,1	74,9
Reino Unido	12.937	1.619	11.237	86,9	13,1
Espanha	11.566	2.477	9.088	78,6	21,4
Itália	10.691	3.125	7.566	70,8	29,2
Argentina	8.152	5.254	2.899	35,6	64,4
França	6.766	2.908	3.859	57,0	43,0
Alemanha	5.898	2.539	3.359	56,9	43,1
Outros Países	57.331	35.523	21.808	38,0	62,0

**TABELA 2 – MIGRAÇÃO DE RETORNO (Fonte: IBGE, Censo demográfico de 2010)**

As estimativas quanto ao número de brasileiros vivendo no exterior variam muito de uma fonte para outra. Mencionando apenas duas fontes, o Ministério das Relações Exteriores afirma que há entre 2 e 3,7 milhões de brasileiros vivendo no exterior; já a Organização Internacional para as Migrações (OIM) afirma que o número fica entre 1 e 3 milhões de emigrantes.

Por outro lado, na tentativa de incluir a migração brasileira em suas pesquisas, o IBGE (2010) passou a adotar um meio de contabilizar o número desses indivíduos, perguntando ao entrevistado se, em sua residência, havia algum familiar que residia no exterior, e, a partir dessa pergunta, investigava dados mais específicos, como local de residência, idade e período em que houve o deslocamento. Dessa forma, o IBGE 2010 chegou a números bastante menores dos apontados pelo Ministério das Relações Exteriores e da Organização Internacional para as Migrações.

Independentemente da real situação apresentada pelos números de migrantes brasileiros, o certo é que o Brasil busca se fortalecer por meio do discurso de que somos, hoje, o país da imigração, e que houve uma inversão no deslocamento ao longo dos últimos 15 anos, não somente com o retorno de boa parte dos brasileiros que antes viviam no exterior, mas também de outros povos que decidiram residir no Brasil. Todo o interesse em afirmações como essa pode ter raízes no interesse do governo em abrir o mercado internacional ao investimento do capital estrangeiro, o que alavanca o país economicamente.

Entretanto, pesquisas recentes, como a de Oliveira (2013, p. 208), apontam que nem o Brasil foi um país de emigração nas décadas de 1980 e 1990, nem o é na atualidade. O autor assim contrapõe: “as evidências sugerem que o Brasil não se constituiu como País de emigração nos anos 1980 e 1990, como também não se caracteriza como de imigração no início do século XXI”. O argumento usado por Oliveira (*ibid.*) para sustentação de sua ideia é justificado pelo pequeno número de pessoas que migraram nas décadas em discussão, o que tratava de um percentual bastante pequeno em relação a população brasileira daquela época.

Patarra (2012, p. 13) percebe o fenômeno de saída do brasileiro ou a entrada de estrangeiros da seguinte maneira:

De um modo geral, nem a saída de brasileiros nem a entrada de estrangeiros no Brasil atual assumem uma dimensão assustadora ou podem colocar em cheque os esforços de desenvolvimento do país; as questões e desafios que cercam os movimentos de emigração e imigração no país, hoje, são outros. Bem como não se pode falar do Brasil como país de imigração ou país de emigração.

A opinião de Patarra (2012) ganha força com os dados apontados pelo Censo Demográfico 2010, segundo o qual o Brasil teria recebido cerca de 268 mil pessoas na primeira década do século XXI e, deste montante, 174 mil seriam brasileiros que estariam voltando ao país, e o restante (apenas 94 mil) seriam imigrantes estrangeiros, num país de 200 milhões de habitantes.

De qualquer forma, os dados e os números da situação passada e atual sobre a (e) migração são trazidos ao foco somente como meio de apresentar a situação que envolve minha pesquisa vista pelo lado estatístico do problema. O interesse para meu trabalho, no entanto, não é em pesquisar questões numéricas da migração. Muito mais importante do que a quantidade, será investigar como se dá a adaptação dos migrantes à cultura/sociedade anfitriã. Interesse-me, sobretudo, pelas formas de (*im*) polidez verbais e não verbais observadas pelos

participantes da pesquisa em contexto intercultural, além de investigar o processo de ressignificação identitária a partir do que chamo de *brazucalidade*<sup>7</sup>.

Todavia, antes de enveredar pelo caminho dessa investigação, será necessário conhecer um pouco sobre o perfil dos protagonistas desta pesquisa, brasileiros que saíram de diversas partes do país (na maioria de Minas Gerais) rumo aos Estados Unidos. São eles de diversas classes e com diferentes graus de instrução, buscando sonhos que, segundo eles, não foram possíveis de realizar no Brasil.

### **1.1.2 Migração brasileira para os Estados Unidos da América**

Como visto no quadro sobre o fluxo migratório de brasileiros, na seção anterior, a emigração de brasileiros para os Estados Unidos apresenta-se como o principal fluxo de saída e também de retorno ao país de origem. Como aponta a OIM (2009), esse subsistema se formou na região Sudeste do Brasil como região de origem, sendo o Nordeste (New Jersey e Massachusetts), Sul (Flórida) e Oeste (Texas, Arizona e Califórnia) americano as principais áreas de destino de brasileiros.

Foi, principalmente, ao longo da década de 1980 que brasileiros, principalmente de Minas Gerais, Goiás e São Paulo, portando vistos de turistas, adentraram os Estados Unidos, permanecendo de forma irregular após o período permitido de seis meses. Na década de 1990, no entanto, o governo americano passou a endurecer as leis migratórias, principalmente pela entrada indiscriminada de mexicanos pela fronteira Sul, reduzindo momentaneamente o fluxo de entrada clandestina.

Contudo, a consolidação de redes sociais de migração colaborou para a intensificação dos fluxos de entrada clandestina nos Estados Unidos, atingindo o pico no ano de 2000. O *Department of Homeland Security* (DHS), nesse ano, registrou 54 mil detenções de brasileiros na travessia pela fronteira entre o México e os Estados Unidos. Já em 2005, após a reforma da política imigratória na fronteira dos Estados Unidos, o número de detenções caiu consideravelmente, chegando a 31 mil detenções. Em 2008, foram efetuadas apenas 977 prisões de brasileiros na travessia (DHS, 2009).

---

<sup>7</sup> Apresentarei e discutirei o termo *brazucalidade* a partir do capítulo III deste trabalho, na seção 3.5 IDENTIDADE E (IM) POLIDEZ.

Uma das características da migração brasileira internacional na contemporaneidade é, sem dúvida, a irregularidade nos deslocamentos e a permanência ilegal no país alvo. O endurecimento das leis de imigração ganhou força nos Estados Unidos, principalmente após os ataques terroristas acontecidos em 11 de setembro de 2001. As políticas de contenção dos fluxos migratórios ganham força na atualidade com a onda de migração irregular de pessoas saindo principalmente da África, da Síria e do Afeganistão, rumo aos países europeus. Alguns países já sinalizam o acolhimento de vítimas dos países africanos, apontando que o meio legal para a migração deveria ser a única forma para solucionar os problemas que surgem. Já no Brasil, recentemente foi noticiada na mídia a prisão, feita pela Polícia Federal, de uma quadrilha de agenciadores, responsáveis pelo deslocamento de brasileiros aos Estados Unidos via México, além da falsificação de documentos para a obtenção de vistos de entrada naquele país. Ao que parece, muitos ainda se aventuram na perigosa travessia rumo ao *American way of life*.

Segundo informações da OIM (2009), com base em outras pesquisas e também no Censo Demográfico, em suas últimas edições, o perfil da comunidade de brasileiros residentes nos Estados Unidos é bastante heterogênea, o que representa fluxos de diferentes regiões do Brasil. A OIM (*ibid.*, p. 41) assim resume:

[...] possuem instrução média e elevada (11 a 16 anos de estudo) e população majoritariamente masculina, mas com incremento da população feminina nos últimos anos, tendendo ao equilíbrio. Além disso, observa-se a tendência de reunificação familiar em território estadunidense, mesmo que tal fato ocorra sob o status da irregularidade migratória.

Durante o tempo em que tive a oportunidade de viver nos EUA (2003-2007), percebi que o motivo que levava grande parte dos brasileiros à saída rumo ao exterior refere-se a questões de ordem econômicas, com fortes apelos para questões de segurança e a qualidade de vida ora adquirida. No entanto, deve-se levar em consideração os estudos teóricos e empíricos sobre a migração internacional. Em tais estudos, não há uma teoria única, capaz de abordar e explicar esse fenômeno complexo e de natureza multifacetada, e, como explicam Massey *et al.* (1993, p. 432), tudo o que se vê é “apenas um conjunto fragmentado de teorias que se desenvolveram em grande parte isoladas uma das outras”.

O modelo teórico mais conhecido sobre os estudos migratórios é o chamado modelo de repulsão e atração (*push and pull theory*). Segundo essa teoria, as migrações são

impulsionadas por fatores diversos de **repulsão**, tais como desemprego, salários não atrativos, perseguição política, pobreza, entre outros fatores existentes no país de origem. Todas essas ocorrências são comparadas com as condições que outros países oferecem (**atração**), motivando pessoas a decidir pelo deslocamento geográfico (GEORGE, 1977; PORTES & BÖRÖCZ, 1998; MATEOS, 2004).

A teoria neoclássica, influenciada pelo modelo de repulsão e atração, por sua vez, aborda a questão por dois aspectos: a abordagem macroeconômica e a microeconômica. Na primeira, o deslocamento internacional de pessoas é influenciado pelo mercado de trabalho, considerando-se a diferença salarial entre os países. Na abordagem microeconômica, os sujeitos são percebidos como investidores em capital humano, pois, ao calcularem os custos e os benefícios causados pelo deslocamento, chegam ao raciocínio de que a expectativa de retorno causada na migração poderia render saldo positivo, normalmente financeiro (MASSEY *et al.*, 1993).

Martes (1999, p. 35), em referência aos pressupostos da teoria neoclássica relacionados ao seu trabalho com brasileiros de Massachusetts, afirma que

[...] o diferencial de salários é uma condição necessária, mas não suficiente para se compreender esse fenômeno nas suas várias dimensões. Quero dizer que, mesmo no nível macroeconômico, o modelo neoclássico é insuficiente porque, ao enfatizar o diferencial de rendimentos, desconsidera outras dimensões presentes na origem dos movimentos migratórios, tanto de ordem cultural quanto política, desconsiderando, ainda, o papel desempenhado pelas redes sociais na origem e na sustentação do fluxo [...].

Sobre a importância das redes sociais migratórias, já mencionadas anteriormente neste trabalho, Marques (2008, p. 93) aponta que essa “constitui uma fonte de capital social que pode ser utilizada na concretização de projetos migratórios específicos”. Segundo Portes (1999, p. 16), o capital social diz respeito à “capacidade dos indivíduos para mobilizar recursos escassos em virtude da sua pertença a redes ou a estruturas sociais mais amplas”.

Em trabalho sobre os migrantes da cidade de Jaraguá, no estado de Goiás, Freitas (2008), por exemplo, menciona que, assim como Criciúma, em Santa Catarina, e Governador Valadares, em Minas Gerais têm suas redes sociais nos Estados Unidos, Jaraguá também estabeleceu a sua, na cidade de Danbury, no estado americano de Connecticut. A pesquisadora menciona que um condicionante para os brasileiros participantes de sua pesquisa terem deixado o país provavelmente tenha sido a questão econômica. Mais uma vez o perfil

desse migrante se mostra diferente dos apresentados em países do Continente Africano e do Oriente Médio. Freitas (2008, p. 42) afirma que, entre eles, há um índice considerável de “(...) ex-proprietários de pequenos negócios no ramo de confecções e comércio de vestuário, que teriam optado por migrar em decorrência das desilusões advindas do fracasso dessas empresas”.

Criciúma também é foco de vários trabalhos sobre o processo migratório, que buscam compreender as causas que levaram determinados brasileiros a mudar para os Estados Unidos, e, neste caso, também para a Itália, país que recebe muitos moradores dessa cidade catarinense. Dentre esses trabalhos, destaco o de Assis (2003), que dá ênfase aos gêneros e aos rearranjos familiares após a chegada dos migrantes em terras estrangeiras; Fusco (2002), que trata sobre as redes sociais e sua importância para o processo migratório; e Cardoso (2011), que discute os impactos do processo da migração de retorno.

Tendo discutido alguns aspectos sociológicos e estatísticos do fluxo migratório de brasileiros em direção aos Estados Unidos, ainda que de forma bastante breve, passo a tratar sobre o local em que esta pesquisa será realizada: Boston e região metropolitana.

### 1.1.3 Migração brasileira para Boston e arredores

A segunda maior concentração de brasileiros nos Estados Unidos (atrás de Nova York/Nova Jersey), nos dias de hoje, é Boston. Não há muitas pesquisas a respeito dos brasileiros que ali vivem, e as que encontrei, na sua maioria, abordam o assunto por um viés psicológico, sociológico ou antropológico. As principais pesquisas que cataloguei, de qualquer forma, serviram de norte para a compreensão das especificidades do grupo de *brazucas*<sup>8</sup> residentes naquela região.

Segundo Martes (1999), seis eventos constituíram fatores que levaram a primeira formação das redes sociais para a migração a Boston: 1) Durante a II Guerra Mundial, engenheiros de Boston viajaram para Governador Valadares para trabalharem na extração de

---

<sup>8</sup> Segundo Bicalho (1989), *brazuca* foi o nome dado aos imigrantes brasileiros que chegaram aos EUA no final dos anos 1980. Os brasileiros adotaram esse estereótipo para distanciar-se dos imigrantes hispânicos, entrando no jogo já existente na sociedade americana. Para Vieira (2008, p. 81-82), *brazuca* inicialmente é o brasileiro indocumentado e em situação precária, juntamente com seu homólogo nacional, o folclórico *malandro*, que entra nos espaços transnacionais e desenvolve uma série de estratégias de sobrevivência fora de seu país. Como percebi o uso desse nome no meio dos brasileiros da região de Boston para referir-se uns aos outros, adoto, em partes deste trabalho, o nome *brazuca* em referência aos brasileiros da minha pesquisa. Ressalto que, em momento algum, esse tratamento será usado de forma depreciativa, mas como meio de diferenciar os ‘brasileiros’, segundo as falas dos meus colaboradores, em referência aos que vivem no Brasil.

minérios e na estrada de ferro que ligava Minas Gerais à costa brasileira. No retorno aos Estados Unidos, americanos levaram consigo as empregadas brasileiras. 2) Após a guerra, americanos originários de Boston passaram a viajar constantemente a Governador Valadares para comprar pedras semipreciosas. 3) Na década de 1960, jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo publicaram anúncios de empregos para mulheres interessadas em trabalhar como empregadas domésticas na região metropolitana de Boston. 4) Na mesma década, um empresário de Lowell, cidade de Massachusetts, contratou vinte jogadores de Belo Horizonte para formar um time de futebol. A maioria deles não só permaneceu nos Estados Unidos, como também levou membros de suas famílias para lá. 5) No final dessa mesma década, um grupo de amigos de Governador Valadares decidiu fazer uma viagem, ao que chamaram de “se aventurar pelo país dos sonhos”. Ao final da viagem, chegaram a Boston, fixaram residência lá e levaram familiares para também residir lá. 6) Finalmente, alguns brasileiros foram estudar em Boston e decidiram não retornar ao Brasil.

Como a própria pesquisadora afirma em seu trabalho, os dados levantados carecem de mais comprovações históricas, mas já são suficientes para um panorama da formação inicial do grupo de interesse desta pesquisa. Ademais, as informações ajudam a entender por que a maioria dos brasileiros que vive em Boston e região metropolitana tem em comum o mesmo Estado de origem: Minas Gerais, principalmente Governador Valadares e regiões próximas.

Apesar de não fazer parte dos principais pontos elencados por Martes (1999), acredito que a considerável comunidade de portugueses residentes naquela região também constituiu fator que contribuiu para a permanência dos brasileiros que ali vivem. Em minha própria experiência como migrante naquela região, pude perceber que muitos brasileiros procuram residir na mesma vizinhança que os portugueses, uma vez que a comunicação é facilitada quando o inglês não é uma opção. As padarias e outros comércios de propriedade de portugueses são sempre muito frequentados por brasileiros, na busca pela familiaridade que sempre falta quando se vive fora do Brasil.

Pesquisas sobre a primeira onda migratória de brasileiros a Boston (BICALHO, 1989) apontavam para um perfil de migração transitória, com expectativas de retorno, o que pode ser percebido na tabela da imigração de retorno do IBGE 2010, como mostrei na primeira seção deste capítulo. Já em Souza (2005), o discurso do migrante brasileiro passa de “cobrir

as necessidades básicas que o emprego representa” para um discurso que inclui “oportunidades educacionais não oferecidas no Brasil”.

Esse deslocamento no discurso dos participantes entre as pesquisas supracitadas poderá servir de subsídio na compreensão das interações dos brasileiros investigados em minha pesquisa. Além do mais, a forma como esse brasileiro vê a si mesmo e como esse vê os “donos” do país também poderá fornecer pistas para as questões de polidez sociocultural e linguística que aqui se busca. Haverá, é claro, uma diferença significativa nessa percepção entre os diferentes perfis de brasileiros residentes na região pesquisada, tendo em vista a camada heterogênea que nela reside. Essa heterogeneidade permite diferentes modos de aculturação, o que engloba aquisição em diferentes graus da língua inglesa e, principalmente, das regras pragmáticas que são desempenhadas para a comunicação em diferentes domínios sociais. Sobre esse encontro cultural e suas consequências, proporcionado pela aventura de se viver em terras estrangeiras, passo a discutir a seguir.

#### **1.1.4 Relação intercultural em contexto de migração e alguns desdobramentos**

Muitas pesquisas sobre a migração brasileira aos Estados Unidos, nas suas diversas abordagens, tratam da forma como a assimilação cultural ou aculturação acontece, com diferentes focos. Uma das que me chamou a atenção foi a de Debiaggi (2003), que trata sobre a relação entre o processo de aculturação e as relações de gênero entre marido e esposa, abordando como a relação marital é afetada no contexto intercultural ora pesquisado.

Berry *et al.* (1992) conceitua aculturação como sendo as mudanças psicológicas que ocorrem em um indivíduo, cujo grupo a que pertence está passando por novas experiências e mudanças culturais, podendo adaptar-se ao novo contexto inserido. Todo o processo de assimilação é mediado por vários fatores, em que tanto a cultura de origem quanto a hospedeira serão consideradas. Sendo assim, fatores como idade, escolaridade, sexo, motivos que levaram a emigrar, vínculos mantidos tanto no país de origem quanto no novo país são fatores que interferem no processo de adaptação.

Voltando à pesquisa de Debiaggi (2003, p. 176) sobre o contato intercultural de brasileiros nos EUA, essa autora identificou uma proporção de divórcios bastante acentuada nesse grupo, em que os colaboradores da pesquisa atribuíram à assimilação cultural das

brasileiras ao depararem com os novos modos de vida daquele país. Em excerto de um dos entrevistados da pesquisa, assim é descrito o novo cenário:

[...] o fato é que no Brasil as mulheres nunca demandaram este tipo de coisa... porque as mulheres mudam aqui. Eu acho que no Brasil, devido à situação financeira, elas eram mulheres, eram donas de casa. Elas cuidavam de tudo na casa, quando chega (*sic*) aqui elas exigem, elas querem sair porque estão ganhando dinheiro.

O número elevado de divórcios como desdobramento da assimilação cultural também foi identificado em outras pesquisas, como as de Queralt (1984), em relação aos cubanos; Staples & Mirande (1980), em relação aos *chicanos*; e Rogler, Cortes & Malgady (1991), em relação aos hispanos, indicando que a inserção da mulher no mercado de trabalho ocasiona mudanças nos papéis sociais de gênero familiar.

Para Debiaggi (2003, p. 177), a nova posição financeira ocupada pela mulher, bastante diferente daquela que ocupava no Brasil, além do ambiente propício à modernização do papel feminino, faz com que essa mulher passe a questionar os padrões outrora impostos, definidos a partir da comparação entre o paradigma antigo com o novo. A esse respeito, Mota (2008, p. 316)<sup>9</sup> expõe que encarar um novo paradigma cultural pode levar a perceber “diferenças e semelhanças nas formas de interpretar valores e atitudes, bem como tornar-se mais consciente do comportamento eficaz em contextos interculturais”. Do mesmo modo, Agar (1994, p. 20)<sup>10</sup> assim aponta:

Cultura não é somente algo que algum grupo possui, é o que acontece quando se encontram as diferenças, tornando-se consciente de algo em si mesmo, e trabalhando para descobrir porque essas diferenças acontecem. Cultura é a consciência que revela o que há de escondido em tal pessoa, que abre caminhos para outras maneiras de ser.

É possível perceber, nos resultados da pesquisa de Debiaggi (2003, p. 187), uma insatisfação bastante grande dos homens em relação à aculturação das mulheres, no que se refere às mudanças nos papéis de gêneros. No entanto, a amostra aponta que, quanto maior a aculturação masculina, menos tradicionais eles se mostram em relação aos papéis sociais de gênero.

<sup>9</sup> Tradução minha para o texto: [...] *differences and similarities in ways of interpreting values and attitudes, as well as become more conscious of effective behavior in intercultural settings.*

<sup>10</sup> Tradução minha para o texto: *Culture is no longer just what some group has, it is what happens to you when you encounter differences, become aware of something in yourself, and work to figure out the differences appeared. Culture is an awareness, a consciousness, one that reveals the hidden self and opens paths to other ways of being.*

Apesar de não haver relação assimétrica no processo de aculturação entre homens e mulheres, Debiaggi (2003, p. 186) registra que o maior grau de assimilação da língua inglesa cresce junto com a aculturação. Assim pontua a autora:

A aculturação dos brasileiros, incluindo a língua utilizada, mídia, tipos de comida preferida e identificação étnica (mais brasileiros e/ ou americano), mostrou aumentar à medida que a proficiência na língua inglesa aumentava. Portanto, quanto mais uma pessoa sabe inglês mais aculturada na cultura americana ela se encontra. Essa relação não aparece com o tempo de estada no novo país, ou seja, o grau de aculturação não apresentou nenhuma relação com o tempo vivido nos EUA. Estes resultados apontam para a importância da aquisição da segunda língua para um maior grau de mudanças culturais.

A observação feita por Debiaggi leva a outras questões, como as levantadas por Mota (2008), tais como: de que maneira o português e o inglês funcionam em relação aos padrões de aculturação dos imigrantes brasileiros? A resposta não é simples ou única, mas multifacetada e complexa. Segundo Mota (2008, p. 313), “o comportamento linguístico está relacionado às percepções de vida entre a vida passada no país de origem e os novos desafios enfrentados no país anfitrião”.

A resistência à assimilação linguística nunca foi vista como a melhor maneira para socialização em um país hospedeiro. No entanto, talvez pelo próprio grau de educação formal de alguns imigrantes, torna-se mais difícil a assimilação do idioma. Em imigrantes de primeira geração e com o primeiro contato com a cultura/língua já em idade adulta, como a maioria dos colaboradores desta pesquisa, esse fator passa a ser outro agravante.

No mês de setembro de 2015, um dos candidatos à prévia eleitoral americana, ao falar sobre o problema da imigração ilegal nos EUA, fez a seguinte declaração: “aqui é a América. Aqui se fala inglês”. Deixando de lado o caráter xenófobo do candidato, tal declaração faz refletir sobre a evolução histórica dos Estados Unidos e seu contínuo discurso sobre a preservação das tradições étnicas entre os grupos imigrantes.

Há de se ressaltar que muitos brasileiros fazem um esforço enorme para assimilação da língua inglesa, procurando tempo, no pouco que resta depois de todo o trabalho diário, para estudar em uma das muitas escolas de ESL (*English as Second Language*) que existem no país. Outros, talvez pelos objetivos da migração (ganhar o quanto de dinheiro for possível e retornar ao Brasil), procuram assimilar o menos possível da cultura/língua inglesa, porque,

segundo contam, quanto mais distanciados do modo de vida americano, mais chances de terem o seu plano de vida bem-sucedido.

A pesquisa de Mota (2008), em relação aos eventos de fala (imigrantes da segunda geração) da comunidade brasileira em Somerville, cidade metropolitana de Boston, aponta para padrões bastante parecidos com outros grupos étnicos de imigrantes nos EUA. No entanto, as reações dos pais ou envolvidos nos eventos de fala podem oferecer pistas sutis sobre as questões de polidez linguística. Um exemplo registrado por Mota trata da reação negativa de muitos pais pesquisados quando os filhos se dirigiam aos pais em inglês ou com manifestações de comportamento americano. Outra possível confusão se dá quando os pais enviam mensagens confusas ao trocar de um extremo ao outro sobre as opiniões e atitudes a respeito dos Estados Unidos e do Brasil. Isso acontece quando, na defesa do país de origem, os pais exacerbam aquilo que consideram qualidades no Brasil, por exemplo, valores morais e familiares, contrastando-os com os dos Estados Unidos. Por outro lado, em referência às questões de segurança, economia e educação nos Estados Unidos, por exemplo, esses mesmos pais se voltam contra o Brasil. A confusão se dá nessa ideia de saudade e distanciamento, o que acontece quase simultaneamente (Cf. MOTA, 2008).

Como se pode notar, a aculturação pode ser dolorosa e confusa, principalmente para a primeira geração de imigrantes. Para Martes (1999, p. 187), a partir do modelo de repulsão e atração (*push and pull theory*), que estabelece o migrante como um sujeito racional, que assume os custos e os benefícios de sua ida ou de sua volta, aponta-se para esse sujeito temeroso, mas racional, que está a todo o tempo adiando a sua volta, calculando os benefícios e os prejuízos desse retorno. Para outros, com nível de instrução mais elevado, planejam fazer do inglês e de outras instruções adquiridas nos Estados Unidos um aliado para o retorno ao Brasil.

Enfim, ao longo das discussões a respeito dos conflitos que marcam toda a trajetória do sujeito migrante no processo de diáspora, cabe aqui ressaltar que tal contexto favorece questões importantíssimas para a investigação sociolinguística, das quais focalizarei nas relações interculturais que propiciam os (*des*)encontros pragmáticos e linguísticos relacionados à teoria da (*im*) polidez, no intuito de responder às questões de pesquisa levantadas inicialmente neste trabalho, que serão tratadas a partir do próximo capítulo.

## CAPÍTULO II

### FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS PARA O ESTUDO DA (IM)POLIDEZ

---

*Para mim, polidez é condição sine qua non da civilização.* (Robert A. Heinlein)

#### 2.1 PRAGMÁTICA

As duas áreas da linguística que contribuíram para esta pesquisa têm, em suma, objetos de interesse semelhantes, apesar de orientações e métodos divergentes. A primeira a ser tratada nesta seção é a pragmática. Em outra seção, tratarei da sociolinguística interacional, abordando como essas duas áreas convergem, até confluir na polidez.

Thomas (1995, p. 1-2) aponta que uma definição nos livros de linguística, dos anos de 1980, sobre a pragmática era a de *significado em uso* ou *significado em contexto*, o que dá uma ideia bastante geral do objetivo dessa área de estudo da linguagem.

Inicialmente, os estudos em pragmática eram divididos em duas abordagens principais: os de interesse nos significados produzidos pelos falantes, e os de interesse nas interpretações dos enunciados. Uma explicação bastante clara dessas duas abordagens da pragmática é trazida por Thomas (1995, p. 2), a seguir:

O termo **significado do falante** tende a ser favorável a autores que têm uma visão amplamente **social** da disciplina; ele coloca o foco das atenções firmemente sobre **quem produz** a mensagem, mas ao mesmo tempo obscurece o fato de que o processo de interpretação que ouvimos envolve o movimento entre vários níveis de significado. (...) [**interpretação do enunciado**] é favorável por aqueles que seguem uma abordagem amplamente **cognitiva**, evita esta falha, mas à custa de se concentrar demais no **receptor** da mensagem, o que na prática significa em grande parte ignorar os constrangimentos sociais sobre a produção do enunciado<sup>11</sup> [Grifos do autor].

---

<sup>11</sup> Tradução minha para o texto: *The term **speaker meaning** tends to be favoured by writers who take a broadly **social** view of the discipline; it puts the focus of attention firmly on the **producer** of the message, but at the same time obscures the fact that process of interpretation what we hear involves moving between several levels of meaning. (...) [**utterance interpretation**] is favoured by those who take a broadly **cognitive** approach, avoids this fault, but at the cost of focusing too much on the **receiver** of the message, which in practice means largely ignoring the social constraints on utterance production.*

A abordagem que proponho para esta pesquisa não condiz com nenhuma das citadas anteriormente, mas outra: a de uma pragmática com significado na interação, como propõe Thomas (1995). Nesse sentido, o significado não é algo inerente somente às palavras, ou produzido pelo falante sozinho, ou pelo ouvinte sozinho. Nessa abordagem, como pontuou a autora (*ibid.*), o significado é construído de forma dinâmica, o que envolve a negociação do significado entre os interagentes da comunicação, além do contexto do enunciado (cognitivo, físico, social e linguístico). Resta, todavia, compreender outros processos essenciais da pragmática que serviram de base para a sociolinguística interacional.

### 2.1.1 Austin e os atos de fala

Para chegar ao meu destino/objetivo será preciso uma viagem por outras áreas do conhecimento, e acredito ser imprescindível a compreensão de algumas ideias que abriram caminho para a teoria da polidez. A primeira delas é a teoria dos atos de fala. As ideias de Austin foram organizadas a partir de palestras conferidas na Universidade de Oxford, entre os anos de 1952 e 1954, e uma versão dessas palestras na Universidade de Harvard, em 1955.

J. L. Austin é considerado o pai da pragmática. Apesar do título, Austin não era um linguista, e sim um filósofo. Foi professor na Universidade de Oxford, entre as décadas de 1940 e 1950. Segundo Thomas (1995, p. 28), trabalhos não tão diferentes como os de G. E. Moore e do Wittgenstein não tiveram o mesmo impacto que *How to do things with words*, obra de Austin publicada postumamente em 1962.

Para Mey (1993, p. 92), nos anos 60, com o impressionante sucesso dos trabalhos sobre a gramática transformacional, desenvolvidos nos trabalhos de Chomsky (1957, 1965), foi difícil para que outros trabalhos em linguística e ciências relacionadas pudessem ter atenção. Esse foi o caso dos filósofos da linguagem, que tinham seu interesse voltado exclusivamente para os aspectos semânticos da linguagem, negligenciando os aspectos sintáticos.

Segundo Thomas (1995), o impacto da obra de Austin em detrimento das de Moore e de Wittgenstein pode ser devido a quatro pontos cruciais: muito oportuna, coincidindo com a crescente frustração de linguistas sobre as limitações da *verdade semântica condicional*; clareza e acessibilidade da obra; sua obra continua sendo muito representativa, apesar das modificações das ideias ao longo dos anos; e por último, grande parte das ideias da obra de

Austin denuncia as grandes questões da pragmática nos dias de hoje. Mey (1993, p. 93) complementa, afirmando que um sério problema encontrado pela pragmática tradicional foi a limitação imposta ao pensamento linguístico de uma semântica baseada na *verdade semântica condicional*.

Como filósofo, Austin e seu grupo estavam interessados nas questões concernentes à linguagem e à filosofia. Suas ideias se baseiam em uma reação ao filósofo Bertrand Russell, segundo o qual a linguagem do dia a dia é de alguma forma deficiente ou defeituosa, cheia de ambiguidade, imprecisão e contradições. Segundo Thomas (1995, p. 29), o objetivo de Bertrand Russell era refinar a língua, remover as suas imperfeições, criando, assim, uma língua ideal.

Gottlob Frege (1978), Bertrand Russell (1905), Ludwig Wittgenstein (1999 [1952]) foram precursores da corrente filosófica chamada de *filosofia analítica*, ligada à tradição empirista anglo-saxônica, na qual abordavam os problemas filosóficos por meio da lógica formal, acreditando que, para se obter conhecimento relacionado ao mundo, era preciso passar pelas ciências físicas. Para essa corrente filosófica de linguagem, as propriedades de uma sentença só podem ser avaliadas em termos de *verdadeiro* ou *falso*. A linguística chamou essa área de *verdade semântica condicional*. Frege, Russell, e Wittgenstein são considerados responsáveis pela reorientação da filosofia, marcando significativamente a tradição filosófica, direcionando a filosofia para as questões linguísticas. Esse momento foi chamado de *linguistic turn*. Sobre esse marco na história do pensamento filosófico da linguagem, Margutti (2002, p. 126) comenta:

A partir deste momento, a nossa capacidade de expressar linguisticamente o ser ou o conhecimento do ser é colocada em questão. A pergunta fundamental a que os filósofos analíticos tentam responder não é mais sobre a natureza do ser ou do conhecimento, mas sobre a natureza da linguagem através da qual falamos sobre o ser e o conhecimento.

Na contramão do pensamento de Russell e da filosofia analítica, Austin e seu grupo acreditavam que pessoas comuns sabiam se comunicar efetivamente e relativamente sem nenhum problema. Para Austin (1962), ao invés do esforço de estudos colocados para livrar-se das imperfeições da língua, esses deveriam buscar entender como é que as pessoas lidam tão bem com os aparentes problemas de comunicação.

Para Austin (1962), há mais na língua do que o significado de palavras e frases. Segundo ele, nós não usamos a língua para *dizer* coisas, mas para *fazer* coisas. Tal pressuposto levou o estudioso a elaborar a teoria conhecida como *atos ilocucionários*. Os atos ilocucionários estudam quais tipos de coisas nós fazemos quando falamos, como fazemos essas coisas e como nossos atos talvez venham suceder ou falhar (*todo dizer é um fazer*). Segundo Austin (1962), dizer é transmitir informações, mas é também (e sobretudo) uma forma de agir sobre o interlocutor e sobre o mundo circundante. Como apontado anteriormente, até então, os linguistas e filósofos da linguagem, como Russell e Moore, pensavam que as afirmações serviam apenas para descrever um estado de coisas e, portanto, deviam ser consideradas verdadeiras ou falsas. Austin vai contra a visão descritiva da língua, mostrando que certas afirmações não servem para descrever nada, mas sim para realizar ações.

Os atos de fala são divididos em três: *ato locutório*, *ato ilocutório* e *ato perlocutório*. O primeiro corresponde ao ato de pronunciar um enunciado com uma mensagem que o interlocutor possa compreender, ou seja, é o que é dito. O segundo corresponde ao ato que o locutor realiza quando pronuncia um enunciado em determinadas condições comunicativas e com certas intenções, tais como ordenar, avisar, criticar, perguntar, convidar, ameaçar, etc. Dessa forma, em um ato ilocutório, a intenção comunicativa de execução vem atrelada ao significado de determinado enunciado, ou seja, é o que eu quero que o interlocutor faça. O último corresponde aos efeitos que dado ato ilocutório produz no alocutário (interlocutor). Verbos como convencer, persuadir ou assustar ocorrem nesse tipo de atos de fala, pois informam-nos do efeito causado no alocutário, ou seja, é o que o interlocutor faz. Retomarei mais detalhadamente os atos de fala logo adiante, mas, antes, é necessário explicar como se chegou a eles.

No processo de teorização de Austin, percebo uma reorientação ao longo de seus trabalhos. Apesar de abandonar parte de suas ideias durante o processo de teorização, é de suma importância olhar como o pensamento de Austin se desenvolveu até chegar a sua visão de *palavras como ação*.

No primeiro momento, Austin define e distingue proferimentos performativos (felizes/infelizes) dos constatativos (verdadeiros/falsos). Segundo ele, não se trata de um caso no qual há falta de sentido da sentença, mas sim de casos nos quais as sentenças nada relatam,

nem podem ser classificadas como verdadeiras ou falsas, e que ainda contenham um dos aspectos mais relevantes na sua categorização: no momento em que são proferidas realizam uma ação. Exemplos de proferimentos performativos seriam: “aceito”, “batizo”, “prometo”, etc. É perceptível que, ao proferir esses verbos, não fazemos constatações acerca de objetos ou situações, e sim realizamos uma ação, que só é de fato realizada no momento em que dizemos tais palavras.

Dessa forma, temos proferimentos constatativos (as sentenças declarativas e constatações acerca de objetos ou estados de coisas) e proferimentos performativos, que seriam as sentenças que, ao serem proferidas, realizam uma ação. Outra maneira como Austin difere os dois tipos de proferimentos é que as sentenças declarativas podem ser classificadas como verdadeiras ou falsas, enquanto que as sentenças performativas são felizes ou infelizes.

A respeito de como é estabelecida por Austin (1990, p. 26), a diferença entre as sentenças felizes e infelizes, segundo o autor é:

Sempre necessário que as circunstâncias em que as palavras forem proferidas sejam, de algum modo, apropriadas; frequentemente, é necessário que o próprio falante, ou outras pessoas, também realize determinadas ações de certo tipo, quer sejam ações *físicas* ou *mentais*, ou mesmo o proferimento de algumas palavras adicionais [Grifos do autor]

Para que algum proferimento seja feliz, é preciso não somente que as palavras sejam adequadas, mas também que os agentes envolvidos na ação ocupem as posições adequadas. Para melhor compreensão da diferença entre os proferimentos felizes e infelizes, destaco alguns exemplos: dizer para alguém “Prometo que irei a sua casa amanhã” e não cumprir com o que foi dito é um proferimento infeliz, denominado por Austin de *más execuções*. O autor estende os proferimentos felizes e infelizes além dos atos verbais, estendendo aos atos cerimoniais. Nesse caso, é infeliz o proferimento de alguém que não seja capacitado (padre, pastor, rabino) a dizer “eu os declaro marido e mulher” numa cerimônia de casamento.

A reorganização da teoria de Austin passa a acontecer quando esse busca estabelecer distinção entre os performativos e os constatativos. O estabelecimento de possíveis critérios surge a partir da constatação de que os dois tipos de proferimentos contêm as mesmas dimensões, como observado pelo autor (1990, p. 66) no excerto que segue:

Por haver sugerido que os performativos não são assim tão obviamente distintos dos constatativos – os primeiros felizes ou infelizes, os segundos verdadeiros ou falsos – passamos a considerar como definir mais claramente os performativos. A primeira

sugestão foi a de se encontrar um critério ou critérios gramaticais, ou de vocabulário, ou uma combinação de ambos. Destacamos o fato de que certamente não há nenhum critério absoluto desse tipo; e de que muito provavelmente não seria viável sequer fazer uma lista de todos os critérios possíveis. Além disso, tais critérios não serviriam para distinguir os performativos dos constataivos, uma vez que é muito comum que a mesma sentença seja usada, em diferentes ocasiões de proferimento, das duas formas, como performativo ou como constataivo.

Os pormenores da dicotomia, antes estabelecida por Austin como caracterizadora da distinção entre performativos e constataivos, passam a não mais serem suficientes para assegurar a solidez da teorização. Ao dizer: “eu declaro que a casa é azul”, estou realizando a ação de declarar algo sobre determinado estado de coisas. O mesmo acontece no proferimento insincero “prometo que irei à faculdade amanhã”, e não ir à faculdade. Meu proferimento será infeliz pela falta de sinceridade e também por não condizer com os fatos no proferimento.

Dessa forma, Austin constatou que, em alguns casos, a felicidade de um proferimento decorre da veracidade da declaração. Com essa avaliação, o autor atenta para a elaboração de verbos performativos. Todavia, Austin tem dificuldades em estabelecer critérios de reconhecimento desses verbos em decorrência dos mesmos problemas mencionados anteriormente. A partir daí, Austin começa a reorientar sua teorização. Como pontua Marcondes (2006, p. 224), Austin:

(...) propõe, portanto, que sua concepção do uso da linguagem como uma forma de agir seja estendida para toda a linguagem, considerando o ato de fala como a unidade básica da significação e, tomando-o, por sua vez, como constituído por três dimensões integradas ou articuladas: respectivamente os atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário.

Nessa mudança de perspectiva, Austin (1990) afirma que é preciso considerar o momento em que *dizer algo é fazer algo*. Dessa forma, iniciam-se os atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário, que podem ocorrer concomitantemente no proferimento da sentença.

O **ato locucionário** está relacionado à articulação de certos ruídos, identificáveis como palavras e sentenças pertencentes a determinada língua, em consenso com determinada gramática com um sentido e uma referência. O ato locucionário poderia ser dividido em três atos: o fonético, o fático e o rético. O ato fonético consistiria na simples emissão de um ruído (*phone*); o ato fático diz respeito ao proferimento de determinados ruídos que pertencem a

uma língua e estão em conformidade com uma gramática (*pheme*); e o ato rético, que é o ato de fala no qual se proferem determinadas palavras com um sentido e determinada referência.

O **ato ilocucionário** é o ato realizado ao se proferir uma determinada sentença (ou seja, um ato locucionário). Faz parte da classe dos proferimentos performativos, tendo as características essenciais desses. Em suma, é o ato pelo qual realizamos uma ação. Cabe aqui explicar que, para Austin, há diferença entre força ilocucionária e significado. A força ilocucionária é convencional e tem dimensão performativa; já o significado é o sentido e a referência da sentença.

Por fim, o **ato perlocucionário** é o efeito que o **ato locucionário** pode causar no interlocutor. Esse efeito pode ser um pensamento, sensação ou sentimento. Como exemplo, podemos pensar na seguinte situação: meu filho pede que eu o leve ao cinema no sábado à noite e eu digo a seguinte frase – “Gostaria muito de poder levar você ao cinema, mas tenho de cortar toda a grama sozinho no sábado, dessa forma, estarei muito cansado pela noite”. Minha intenção nesse ato é de que o meu filho se ofereça para ajudar a cortar a grama, tendo como recompensa que eu o leve ao cinema à noite. Nesse sentido, em algumas situações, ao dizer algo, esperamos que determinado efeito seja produzido em nosso interlocutor.

A separação dos três atos serve para explicar a característica de cada um deles, no entanto, eles podem acontecer ao mesmo tempo. Por exemplo: ao dizer —“Está quente aqui” (**ato locucionário**), significa que eu quero me sentir mais fresco (**ato ilocucionário**), sendo que o efeito **perlocucionário** seria que alguém ligasse o ar condicionado. Dessa forma, os três estão imbricados.

Todo o trabalho de Austin dá margem para outras discussões e perspectivas a respeito da linguagem, principalmente a partir de dois de seus alunos: Searle e Grice. Os desdobramentos teóricos desses dois serão, mais adiante, muito importantes para a compreensão de algumas ocupações da polidez linguística no quadro a esse respeito.

### 2.1.2 Searle e os desdobramentos da teoria

J. R. Searle foi aluno de Austin na Universidade de Oxford e procedeu a divisão e a consequente classificação dos **atos ilocutórios**. Em sua teoria dos atos ilocutórios, Searle (1976) parte do princípio de que, quando o locutor pronuncia determinado enunciado, num

contexto específico, esse executa, implícita ou explicitamente, atos como afirmar, avisar, ordenar, perguntar, pedir, prometer, criticar, entre outros.

Searle (*ibid.*) distinguiu o **conteúdo proposicional** da **força ilocutória**. Dessa forma, o alocutário deve interpretar o enunciado tendo em vista o conteúdo proposicional do ato proferido e também todos os marcadores da força ilocutória presentes na situação comunicativa.

O trabalho começado por Austin sobre os **atos de fala** também teve continuidade com Searle. Enquanto Austin buscava entender os atos de fala como um todo, encontrando dificuldades nessa busca, Searle buscou observá-los de forma separada, sanando o problema antes existente. Na reelaboração dos componentes da força ilocucionária, Searle apresenta um elemento completamente novo na teoria dos atos de fala: **os indiretivos**.

Searle (*ibid.*) dividiu os atos ilocutórios como: *assertivo, diretivo, compromissivo, expressivo, declarativo e declarativo assertivo*.

O *ato ilocutório assertivo* refere-se ao ato de fala realizado pelo locutor que implica certo comprometimento com o valor relativo de verdade/falsidade, e ocorre em locuções com verbos assertivos e expressões verbais. Nesse ato de fala, há uma representação do mundo no nível das palavras. Consiste em afirmar, negar, informar, descrever, responder, concordar, discordar, confessar.

(1) *Faz seis anos que Thiago foi para os EUA.*

(2) *Cairo está na aula de caratê da escola.*

*Atos ilocutórios diretivos* são atos de fala que têm por objetivo levar o alocutário a realizar ou dizer alguma coisa determinada no conteúdo proposicional do enunciado proferido pelo locutor. A esses atos estão associados verbos como convidar, pedir, requerer, ordenar. O ato ilocutório diretivo ocorre com mais frequência em frases imperativas, interrogativas, com verbos exortativos e de inquirição. Exemplos:

(3) *Abra a porta!*

(4) *Desligue a televisão!*

O *ato ilocutório compromissivo* é o ato de fala que o locutor realiza com o objetivo de se comprometer a fazer determinada ação futura. Apregoam a finalidade tomada pelo locutor

de vir a praticar uma ação futura. Há uma obrigação sob a forma de promessa (quando positiva) ou de ameaça (quando negativa) que envolve os interlocutores. Exemplos:

(5) *Transferirei o dinheiro assim que chegar à Cuiabá.*

(6) *Estarei no aeroporto na hora combinada.*

O ato ilocutório expressivo é o ato em que o locutor almeja demonstrar seus sentimentos ou emoções ante o acontecimento representado pelo conteúdo proposicional do enunciado dado, ou seja, consiste em exprimir o estado psicológico do locutor em relação à determinada situação ou realidade.

(7) *Que pena!*

(8) *Meus sentimentos!*

(9) *Obrigado pelo presente!*

O ato ilocutório declarativo é o ato de fala que institui ou muda um estado de coisas pelo simples fato de declarar a sua existência. Está relacionado a rituais, tais como casamento, batismo, abertura de conferências, julgamento, etc. O ato ilocutório declarativo precisa obedecer a certos preceitos linguísticos específicos da instituição a qual pertencem (igreja, tribunal, país) e os papéis sociais dos envolvidos (locutor e alocutário). Dessa forma não faz sentido dizer *está aberta a seção* na hora do almoço em família, ou uma mãe dizer ao filho e sua namorada *vos declaro marido e mulher*. Outros exemplos de atos ilocutórios declarativos são:

(10) *Declaro aberto o III Congresso Internacional de Linguística.*

(11) *Condeno o réu a 10 anos de reclusão.*

O ato ilocutório declarativo assertivo é o ato de fala em que o locutor tem autoridade específica, por exemplo, para excluir ou aceitar alguém em um concurso, declarar ou não alguém apto ao serviço militar, dizer ou não se alguém está apto a ter um visto de viagem, etc. Dessa forma, o ato ilocutório declarativo assertivo é assertivo e declarativo ao mesmo tempo.

Segundo Marcondes (2005, p. 23), a razão de Searle ampliar o estudo dos atos de fala, trazendo os atos ilocutórios de forma separada foi que “(...) Austin não forneceu princípios ou critérios suficientemente claros para a sua classificação dos atos”.

Searle (1976) busca apresentar a ideia de que mesmo na ausência de verbos performativos não há perda da força ilocucionária. No caso do *ato ilocutório declarativo*, por exemplo, quando um juiz diz “eu declaro aberta a sessão”, temos a presença do verbo performativo declarar. No entanto, se esse mesmo juiz, nas mesmas circunstâncias, disser: “está aberta a sessão”, não há alteração na realização do ato, mesmo havendo ausência do verbo *declarar*. No entanto, isso não é da língua, mas uma prerrogativa do campo social.

De qualquer forma, um dos principais deslocamentos do autor em relação aos trabalhos iniciais de Austin foi observar que, em diversas situações, os atos ocorrem sem a necessidade dos verbos performativos, sugerindo então os **atos de fala indiretos (indiretivos)**. Esses atos, segundo Searle (1975), possuem uma força ilocucionária obtida de forma indireta por meio de outro ato ilocucionário, ou seja, podem-se ter duas ou mais interpretações dentro de um mesmo ato de fala. Dessa forma, a depender do contexto do enunciado, esse pode ter várias interpretações ou apenas uma.

Em outras palavras, o *ato ilocutório indireto* é o ato de fala pelo qual o locutor diz algo diferente daquilo que expressa, na expectativa de que o alocutário possa compreender sua intenção no enunciado. Essa forma serve como atenuador discursivo e é longamente discutida na teoria da polidez. Exemplos:

(12) A: *Está muito quente aqui!*

B: *Vou ligar o ar condicionado.*

(13) A: *Sábado será a estreia de Star Wars VII*

B: *Preciso terminar um artigo para a aula de segunda-feira.*

No exemplo (12), o comentário de A, apesar de uma asserção, é interpretado de forma correta pelo alocutário, pois esse percebe a intenção de que se trata, na verdade, de um pedido para que o ar condicionado fosse acionado. Já no exemplo (13), no proferimento de A (explicitamente um declarativo, segundo a classificação dos atos de fala de Searle), temos implicitamente um convite, que é como o colega efetivamente compreende o enunciado, respondendo, por sua vez, também por meio de um constatativo, ou declarativo explícito, de modo a recusar o convite. Todavia, os performativos explícitos “Eu o convido...” e “Eu recuso o seu convite...”, em momento algum foram ditos, e, na verdade, isso sequer precisaria ocorrer.

Sobre essa questão, Marcondes (2006) questiona sobre a forma como os indiretivos são percebidos como possuindo a força ilocucionária, respectivamente, do convite e da recusa. Segundo o autor (*ibid.*, p. 228),

funcionam basicamente através de elementos contextuais e de pressupostos compartilhados por falante e ouvinte enquanto participantes do mesmo jogo de linguagem e, desse modo, familiarizados com as crenças, hábitos e práticas um do outro.

Atos de fala não podem ser plenamente compreendidos sem levar em consideração os interlocutores, bem como os locutores. Atos de fala são dirigidos a pessoas reais, cujas habilidades colocam limites no que os falantes podem fazer com seus enunciados.

O ato de fala indireto é uma estratégia de conversação amplamente utilizada. As pessoas tendem a usar indiretivos principalmente em conexão com a polidez, uma vez que, assim, atenuam a mensagem desagradável contida nos seus pedidos e ordens, por exemplo. Portanto, estratégias similares às de (12) e (13) são muitas vezes empregadas.

Os indiretivos são preferíveis para que os falantes não violem a *face* do ouvinte. Diretivos, muitas vezes, podem até parecer indelicados, como em “Você me empresta R\$ 100,00 reais?” ao invés de: “Você poderia me emprestar R\$ 100,00 reais?”. A primeira variante seria inaceitável em alguns contextos.

No entanto, a polidez não é a única motivação para o uso de indiretivos. As pessoas também usam essa estratégia quando querem fazer seu discurso mais interessante, quando querem alcançar objetivos diferentes dos de seus parceiros, ou quando querem aumentar a força da mensagem transmitida (THOMAS, 1995, p. 143).

Mesmo que a motivação para o uso dos indiretivos pareça óbvia, ainda há uma pergunta a ser esclarecida: como é possível que o interlocutor compreenda o que o locutor realmente quer dizer no seu enunciado? Essa questão pode ser compreendida a partir da compreensão da teoria da implicatura e do Princípio Cooperativo, de P. Grice, o que faço a seguir.

### **2.1.3 Grice e a implicatura conversacional**

Grice trabalhou com Austin na Universidade de Oxford entre as décadas de 1940 e 1950. Assim como Austin, Grice faz parte da chamada Escola de Oxford, grupo de filósofos

da *teoria da linguagem ordinária*. Em seu trabalho, publicado em 1975, o autor delineou a **teoria da implicatura**. Antes de começar a rever os principais pontos da teoria de Grice, faz-se necessário pontuar que Austin, em seu trabalho, faz distinção entre o que o falante diz e o que ele quer significar. Já Grice procura explicar como o ouvinte recebe a mensagem a partir do que é dito para o que se entende, ou seja, a partir do nível do significado expresso para o nível do significado implícito. Para entender melhor os desdobramentos da teoria de Grice, precisaremos rever, também, o que ele chamou de **Princípio Cooperativo** e **Máximas Conversacionais**. Antes, porém, concentrarei na implicatura conversacional, para isso, usarei os três exemplos abaixo:

(1) *A Presidente afirmou que o Executivo tem se esforçado para resolver o problema, mas não apresentou qualquer novidade sobre a paralisação.*

(2) A: *A conta de telefone tem ficado um pouco cara.*

B: *Tranquilo então, falo com você outra hora. Tenha uma boa noite.*

(3) A: *O que aconteceu com a minha camisa nova?* [pergunta o marido]

B: *Não percebi o quanto o ferro estava quente e acabei queimando ela.*

A: *Ótimo! Isso me deixa ainda mais feliz hoje.*

O exemplo (1) é manchete de uma revista na *internet* e refere-se à entrevista coletiva que a presidente concedeu à imprensa sobre uma greve de caminhoneiros no Brasil. É exatamente o que está escrito, nem mais nem menos. Já no exemplo (2 – *significado adicional*), durante uma ligação telefônica, uma das partes resolve por fim à conversa usando o comentário que a *conta de telefone tem ficado cara*. Por último, em (3 – *significado diferente*), o comentário do marido a respeito do que acontece com sua camisa quer dizer totalmente o oposto: de que aquilo não o deixou feliz.

Não há nada de incoerente com os exemplos acima. Às vezes, linguisticamente falando, dizemos uma coisa para significar outra, não sendo totalmente explícito. Outras vezes, vamos direto ao ponto, sendo mais explícitos em nossas colocações. Nessa perspectiva, Grice empenhou-se em explicar como os falantes de uma língua, por meio de regras ou convenções linguísticas, entendem uns aos outros nas diferentes nuances conversacionais.

Os significados adicionais – exemplo (2) – e os significados diferentes – exemplo (3) – segundo Grice, são transmitidos por meio de **implicatura**. Nesse sentido, há duas formas de implicatura: **implicatura convencional** e **implicatura conversacional**. Tanto a primeira

como a segunda têm algo em comum – carregam um nível adicional de significado, o que está além da semântica das palavras pronunciadas. A diferença entre as duas é que, na implicatura convencional, é sempre transmitida a mesma implicatura, independente do contexto. Já na implicatura conversacional, o que está implícito varia de acordo com o contexto.

O exemplo clássico usado por Grice (1975) para explicar a ideia de implicatura convencional é:

(4) *He is an Englishman; he is, therefore brave.* [Ele é um inglês, ele é, portanto, um corajoso].

Para Grice, o fato de ele ser corajoso é consequência do fato de ele ser inglês. Essa relação, que é produzida pelo *therefore*, no entanto, não foi dita explicitamente: o fato de que ser corajoso procede de ser inglês foi implicado. Poderíamos, então, dizer que (04) significa semanticamente:

(05) *Ele é inglês e ele é um corajoso.*

E o componente *therefore* desfecha a implicatura de que ser inglês leva a ser corajoso. Dessa forma, mesmo que argumentemos que (4) e (5) possuam as mesmas condições de verdade: *ele é inglês; ele é corajoso*, não podemos afirmar que (4) e (5) dizem a mesma coisa, ou seja, parece que (4) veicula algo a mais. Isso se deve ao fato de *therefore* (portanto) implicar uma relação de consequência. Assim, entendemos que a coragem dele é decorrência de ele ser inglês, devido ao item lexical *e*, mesmo assim, isso não é semântico, é uma implicatura convencional, porque as condições de verdade das sentenças em (4) e (5) são as mesmas.

Dessa forma, componentes como *still, but, therefore*, não contribuem para as condições de verdade em uma sentença. Segundo Grice (*ibid.*), o significado dessas palavras determinará o que é implicado, sendo elas as implicaturas convencionais.

A implicatura gerada no exemplo (4) contrasta com a do exemplo (3). Seria no mínimo absurdo pensar que toda vez que alguém dissesse “isso fez o meu dia” gerasse sempre a implicatura de que alguém estivesse furioso ou sendo irônico com determinada ação. Em outros contextos, esse enunciado poderia estar realmente referindo como alguém ficou contente com um fato, como a seguir:

(6) A: *Você sabia que amanhã começam minhas férias?*

B: *Sim, e também fiquei sabendo que você será promovido depois que voltar.*

A: ***Ótimo! Isso me deixa ainda mais feliz hoje.***

É preciso, antes de prosseguirmos, perceber as diferenças entre implicatura e inferência. No exemplo (2), quando (A) sugere indiretamente que quer finalizar a conversa telefônica, uma implicatura é gerada intencionalmente por (A) e poderá ser entendida por (B). Por outro lado, inferir é deduzir algo por meio de evidências, sendo que estas podem ser linguísticas, paralinguísticas ou não linguísticas.

Em suma, um falante pode implicar algo que ele/ela sabe ser falso e ouvintes podem entender exatamente o que um falante tem implicado, sem, de forma alguma, acreditar. A teoria de Grice tenta explicar como as pessoas vão do nível do significado expresso ao nível do significado implícito. Segundo Thomas (1995, p. 61), muitos mal-entendidos sobre o trabalho de Grice são gerados pelo fato de que as pessoas assumem que ele estava tentando explicar como é formada a inferência, em vez de como as implicaturas são geradas e interpretadas.

### ***2.1.3.1 Princípio Cooperativo***

Grice, em *Lógica e Conversação* (1975), introduz os mecanismos pelos quais as implicaturas conversacionais poderiam ser interpretadas, levando em conta quatro máximas conversacionais (MC) e o Princípio Cooperativo (PC).

Thomas (1995, p. 62) observa que alguns leitores desatentos à leitura de Grice julgaram que o autor estaria, no Princípio Cooperativo, dizendo como os falantes deveriam se comportar. No entanto, segundo observação de Thomas (1995), Grice está sugerindo que, em interações conversacionais, os falantes assumiam que havia certas regras que deviam ser seguidas, usando como analogia as regras de direção. Nelas, os motoristas operam segundo a mesma regulamentação. Casos como acidentes ou situações de descumprimento das regras de direção podem gerar problemas para os envolvidos. O mesmo aconteceria nas interações conversacionais.

Ainda segundo Thomas (1995), sobre o Princípio Cooperativo, Grice não sugere que as pessoas são sempre gentis, boas e cooperativas nas interações conversacionais, mas que o Princípio Cooperativo foi uma forma de notar/descrever que há determinada regulamentação

nas interações conversacionais, e que essas regulamentações são baseadas em determinados princípios. Quando há quebra no princípio cooperativo, será preciso, durante a interpretação, o estabelecimento de implicatura para compreensão da interação estabelecida. Para isso, Grice (1975, p. 45) propõe quatro **máximas conversacionais**. As máximas são formuladas do seguinte modo:

- (i) **Máxima de quantidade:** “Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto necessário”.
- (ii) **Máxima de qualidade:** “Não diga o que você acredita ser falso; não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência adequada”.
- (iii) **Máxima de relevância:** “Seja relevante”.
- (iv) **Máxima de modo:** “Seja claro: evite obscuridade de expressão, evite ambiguidades, seja breve, seja ordenado”.

Para Mey (1993, p. 82), essas quatro máximas de Grice, bem como o Princípio Cooperativo associado a elas, têm sido atacadas desde o início. Se, por um lado, a crítica se focaliza nos valores anexados às máximas, por outro, há mais valor anexado às máximas de qualidade do que às outras. No capítulo de análise dos dados de minha pesquisa, principalmente nos excertos de análise das conversas no grupo do aplicativo *whatsapp* pesquisado, será possível se ter uma melhor ideia do quanto as máximas se distanciam de interações reais de uso da língua, além de implicações com a teoria (algumas vertentes) da *(im)* polidez.

### ***2.1.3.2 A teoria das máximas de Grice e o implícito no enunciado***

Quando derivamos implicaturas do interlocutor em determinado enunciado, não é nas peculiaridades das expressões linguísticas que buscamos elementos para uma interpretação, mas no fato de que a interpretação literal do enunciado é inapropriada para a circunstância, o que sugere uma reinterpretação.

O reconhecimento das intenções é fundamental em uma interpretação. O caráter intencional da significação, que pode ser evidenciado no processo de inferências, exige do leitor um conhecimento do sentido literal das palavras, associando-o ao conhecimento de mundo para que se possa chegar ao sentido real.

As inferências, de acordo com Grice, podem ser geradas de maneiras diferentes: ao percebermos uma situação em que há obediência às máximas e outra em que há a violação proposital destas. Como exemplos de observação e não observação das máximas, podem-se apresentar os seguintes casos:

- (7) Filho: *Onde está o carregador do computador?*  
 Pai: *Ele está na gaveta do criado mudo, dentro do seu quarto.*
- (8) A: *O que você acha dos lobistas?*  
 B: *Um lobista é um lobista, uai!*

Em (7), o pai usou todas as máximas em sua resposta. Ele respondeu precisamente o que queria dizer, não gerando implicatura, sem nenhum nível entre o que ele disse e o que ele gostaria que significasse. Já em (8), B quebra com a máxima de quantidade e qualidade, talvez por falta de conhecimento do que seja um lobista, ou por considerar irrelevante opinar sobre um lobista.

Segundo Grice (1975), não há significado sem intenção do falante, pois temos a possibilidade de explicar o significado de uma expressão por meio do que os falantes de determinada língua querem dizer em uma situação conversacional. Em (8), por exemplo, podemos dizer que B, por não conhecer o referente, busca mesmo assim se significar, na tentativa de dizer o que seria um lobista. Se a pergunta fosse referente a algo ou alguém de maior abrangência e conhecimento, como uma caneta, e a resposta fosse do tipo *uma caneta é uma caneta*, o interlocutor estaria tentando dizer que aquilo era muito óbvio e não necessitava de explicação. O que o falante diz está relacionado a um significado convencional das palavras, e, assim, o que é dito é parte do significado verificável sob condições de verdade, existindo algo convencionalmente implicado.

As máximas podem ser violadas por vários motivos, e, segundo Grice (1975), isso ocorre pela necessidade do falante em levar o ouvinte a outro campo de significação, tal qual uma informação adicional. Como vimos, Grice chama essa informação adicional no processo de significação de implicatura conversacional, o que é gerado no desrespeito à máxima.

Se, por um lado, temos ocasiões nas quais as máximas são violadas de forma intencional, em muitas outras os falantes não têm o desejo de gerar determinada implicatura, mas outras.

Apesar do deslocamento demonstrado entre a teoria de Austin e a de Grice, alguns problemas são apontados pela crítica referente à abordagem informal de Grice. Algumas delas, citadas por Thomas (1995, p. 87), são listadas abaixo:

*Às vezes uma elocução tem uma série de possíveis interpretações. Como sabemos quando o falante está falhando na observação das máximas e conseqüentemente uma implicatura é pretendida?*

*Como podemos distinguir entre diferentes tipos de não observação (exemplo: distinguir violação de infringimento)?*

*As quatro máximas de Grice parecem ter naturezas diferentes. Quais as conseqüências disso?*

*Às vezes as máximas parecem sobrepor-se ou são difíceis de distinguir uma da outra.*

*Grice argumentou que deveria haver um mecanismo para calcular implicatura, mas nem sempre é claro como isto é operado.*

Não é meu propósito esgotar todas as possibilidades da teoria de Grice, mas contextualizar nosso estudo com um breve panorama de seus principais postulados, sendo estes de suma importância para que os linguistas passassem a pensar a língua de uma nova perspectiva. Sua teoria ainda serve de base para a maioria dos trabalhos em pragmática. Além do mais, são princípios linguísticos que possibilitaram a outros estudiosos e áreas do conhecimento compreenderem melhor os estudos da polidez, tópico também tratado no âmbito da sociolinguística interacional, que passo a discutir no tópico seguinte.

## **2.2 SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL**

Para a visão estruturalista, herdada de Saussure (2001[1916]), após a publicação do *Curso Geral de Linguística*, a linguagem é entendida como um sistema de classificação de regras abstratas. Já com Austin (1990), a linguagem passa a ser compreendida como forma de ação ou interação social, ou seja, há relação dialética entre as ações sociais e a linguagem. Nessa perspectiva, há sempre ação em curso. Por isso a importância de situar os estudos interacionais a partir dos pressupostos de Austin.

A sociolinguística interacional constitui campo de estudo híbrido, que recebe contribuições da antropologia, sociologia e da linguística. Surge nos anos 80, com Gumperz, que se propõe a descrever as ações humanas, levando em conta a comunicação verbal e a não verbal. Os fundamentos da sociolinguística interacional são: etnografia da comunicação,

etnometodologia, análise da conversão e pragmática. Segundo Schiffrin (1995), o antropólogo e linguista John Gumperz e o sociólogo Erving Goffman são os fundadores dessa área. Para Garcez (1997, p. 187), a sociolinguística interacional se ocupa da “ecologia local e situada que ocorre entre participantes engajados em interações face a face, constituindo experiência social e histórica”.

Há uma ligação bastante próxima entre a pragmática intercultural e a sociolinguística interacional, já que ambos os campos estão interessados no significado transmitido pela linguagem nas interações. Essas duas áreas também estão interessadas na dinâmica da linguagem, nos processos emergentes, resultantes da interação dos participantes. Tannen (2005, p. 205) pontua que a grande diferença entre esses dois campos da linguística se dá principalmente em relação aos tópicos de interesse. Enquanto os pontos elencados são focos constitutivos da pragmática intercultural, para a sociolinguística interacional, eles servem como heurística, ou seja, as pesquisas em sociolinguística interacional tendem a concentrar-se na interação intercultural, porque as maneiras pelas quais a linguagem funciona para criar significado na interação se destacam, principalmente, quando expectativas quanto a sua utilização não são compartilhadas. A interação intercultural fornece escopo de pesquisa em que tais expectativas não são tipicamente partilhadas.

Tannen (2005) também observa que a noção de expectativas e convenções sobre formas de sinalização e significado é culturalmente automática e culturalmente relativa, refletindo o objetivo principal da sociolinguística interacional: compreender o funcionamento da linguagem na negociação do significado na interação.

Dessa forma, a sociolinguística interacional se vale de métodos qualitativos interpretativistas para suas análises, abarcando outras ciências sociais. Esta se propõe a investigar apenas situações reais de linguagem, nunca com dados abstratos, o que vale acrescentar que não há como trabalhar com situações hipotéticas. O discurso passa a ser de suma importância para essa vertente da sociolinguística, em que a construção do significado acontece pelo processo dinâmico entre discurso, interação e sociedade.

Gumperz (1982) enfatizou a organização estrutural da interação, ou seja, as formas pelas quais as pessoas compartilham o conhecimento gramatical da linguagem ao contextualizar o que é dito. Seu trabalho demandou uma metodologia microanalítica capaz de conferir toda a dinâmica do processo interacional. A essência de seu trabalho é baseada no

pressuposto de que o significado, a estrutura e o uso da linguagem são determinados socioculturalmente. Nessa perspectiva, a linguagem é tida como um sistema simbólico que funciona em dois níveis: macro e microestrutural. O primeiro refere-se às identidades de grupos e às diferenças de *status*. Já o nível da microestrutura seria aquele em que os significados são contextualizados. Nessa perspectiva, Gumperz estabelece conceitos de grande importância para a análise da linguagem em uso (interação), como pistas de contextualização e envolvimento conversacional (SCHIFFRIN, 1994). Tratarei desses conceitos nas seções seguintes, de forma mais detalhada.

Goffman (1975 [1959], 2002, 1967, 1971, 1978, 1981) por sua vez, investigou as questões de ordem interacional. Esse estudioso pesquisou detalhadamente os processos e práticas pelos quais os sujeitos organizam e dinamizam seus encontros face a face no mundo cotidiano. Os conceitos de *face*, *footing* e *enquadre*, formulados inicialmente por Goffman, são fundamentais para a sociolinguística interacional (SCHIFFRIN, 1994).

Para a sociolinguística interacional, não há separação entre língua e contexto social, por isso os trabalhos microetnográficos levam em consideração as estratégias que permeiam o uso lexical, gramatical e sociolinguístico na produção e na contextualização das mensagens. Dessa forma, Gumperz (1982) postula as pistas de contextualização, que são os traços presentes no discurso que ajudam a sinalizar as pressuposições do contexto, e que servem tanto para os participantes da interação quanto para o analista/pesquisador saber se a intencionalidade da comunicação está sendo processada e interpretada na devida forma (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 147).

### 2.2.1 Contribuições de Gumperz

As contribuições de Gumperz, em diversas áreas do conhecimento, se devem à diversidade temática de seus trabalhos, contudo seu foco é a análise da interação humana, que o autor denomina de **análise sociolinguística interacional**.

Na perspectiva da sociolinguística interacional, Gumperz está interessado nas ecologias em que os atos interpretativos e a conversação inferencial dos participantes são negociados nos processos de interação humana em curso. Na perspectiva de Gumperz, a sociolinguística interacional leva em conta em suas análises o contexto dialógico ou

interacional, com base em estudos de ordem etnográfica do discurso da comunidade, em que seus membros são partes integrantes do trabalho.

A sociolinguística interacional que Gumperz desenvolve implica uma nova orientação para a interpretação sociolinguística. Essa é extremamente contrária aos métodos de correlação, porque esses são externos ao discurso e não podem explicar a relação entre fatos linguísticos e estrutura social. Dessa forma, a sociolinguística interacional pode ser compreendida como a análise sociolinguística do discurso e dos significados sociais exibidos na interação, levando em consideração o contexto sociocultural dos interagentes.

A tarefa de análise da sociolinguística interacional, em determinadas situações comunicativas, passa a ser o de reconstrução de métodos interativos por meio dos quais os interagentes usam recursos discursivos de seu conhecimento sociolinguístico (por exemplo, a escolha da língua, a mudança de código e a variação estilística) para a produção e interpretação do significado social pretendido.

Muitas foram as contribuições de Gumperz, as quais apontam para novas direções nos estudos sociolinguísticos. Alguns desses pontos importantes, e assinalados por Luzio (2003, p. 2), são:

- (i) difusão e limitação das variáveis linguísticas determinadas e exibidas na interação; (ii) percepções do falante ou definições de equivalência linguística ou diversidade não dependem da afiliação genética; (iii) as comunidades de fala não são linguisticamente homogêneas; (iv) variação linguística e alternância não são aleatórias ou arbitrárias, mas comunicativamente funcional e significativa.

Gumperz mostrou como o multilinguismo ou o multidialetalismo, bem como a variação de estilo, com seus aspectos dialéticos e dialógicos, representam paradigma prototípico ou condição da comunicação humana.

As concepções de Gumperz diferem veementemente da tradição estruturalista, principalmente no que tange a línguas idealizadas e homogêneas, e a comunidades de fala. De forma bastante sintética, para Gumperz, os membros de uma mesma comunidade de fala não necessariamente falam a mesma variedade linguística. Essa concepção cunhada por Gumperz é de suma importância para a sociolinguística interacional e áreas afins, e terá papel importantíssimo em minha pesquisa, principalmente por se tratar de uma pesquisa em que o contexto sociocultural abrange diferentes níveis de falantes brasileiros de língua inglesa e

diferentes níveis de falantes do português brasileiro. Dessa forma, têm-se diferentes variedades de L1 e L2<sup>12</sup> em uma mesma comunidade de prática.

### **2.2.1.1 Pistas de contextualização**

Segundo Gumperz (1982, p. 131), pistas de contextualização podem ser qualquer traço linguístico que contribua para sinalização de pressupostos contextuais. Para esse autor (*ibid.*), o processo de trocas (de código, dialeto ou estilo), fenômenos prosódicos, escolha lexical e sintática, expressões estereotipadas, abertura de conversação, estratégias de fechamento e sequência podem ter funções de contextualização similares. Embora tais pistas sinalizem informações, o significado é transmitido como parte do processo interacional. Ao contrário das palavras que podem ser discutidas fora do contexto, o significado das pistas de contextualização é implícito.

Por um lado, pistas de contextualização são os meios pelos quais os atores sociais recuperam pressupostos a fim de fazer sentido do que veem e ouvem em encontros interativos. Por outro lado, eles interagem com sinais simbólicos, totalmente codificados, lexicais e gramaticais nos processos de constituição de atividades de fala.

A conexão ou relação funcional entre o tipo de construção grupal e de deslocamento e variação linguística representa tema recorrente na pesquisa de Gumperz em muitos tipos diferentes de comunidades de fala. Gumperz (1982) pontua que não falhar na comunicação depende principalmente de noções como:

- (i) diferentes pressupostos culturais sobre a situação e a escolha do comportamento discursivo apropriado;
- (ii) diferentes formas de estruturação e desenvolvimento de informações e argumentos;
- (iii) diferentes maneiras em que pistas de contextualização são utilizadas e funcionalmente produzidas.

O que chama a atenção nesse ponto, mesmo que Gumperz não traga à tona no texto original em que o assunto é tratado<sup>13</sup>, é que, quando não se observam as pistas de

---

<sup>12</sup> L1 é o termo usado para a língua materna de qualquer pessoa, e L2 é qualquer língua aprendida depois da língua materna. Outro conceito que vem ganhando notoriedade é o de Língua Adicional (LA), mas não será explorado nesta pesquisa. Há outras concepções epistêmicas em relação aos termos L1 e L2, mas optei por essas.

<sup>13</sup> *Contextualization conventions* – publicado inicialmente no livro *Discourse Strategies* (1982).

contextualização, ou se faz uma interpretação diferente da devida, no contexto produzido, os efeitos dessas falhas podem gerar impolidez nessas interações. Apesar de não tratar especificamente de impolidez, Gumperz (1982, p. 132) afirma que “essas falhas não são identificadas como simples erros linguísticos”. De qualquer forma, não como falha na comunicação, como apontado por Gumperz nas três noções acima, mas como recurso sociolinguístico e pragmático, os colaboradores da minha pesquisa usam da impolidez (o que chamo de impolidez apropriada) como recurso para alinhamento dos novos membros na comunidade, ou seja, para ressignificação identitária<sup>14</sup>.

Fillmore (1976, p. 24-25) afirma que “uma grande parte da linguagem natural é pré-formulada, automática e ensaiada, ao invés de proposicional, criativa e de geração espontânea”. No entanto, Gumperz (1982) observa que o significado da linguagem descrita por Fillmore (*ibid.*) não pode ser descrito por glosas lexicais, mas como parte integrante do intercâmbio interacional. Dessa forma, quando a expectativa em relação ao objetivo a ser atingido é de alguma forma quebrada, posso afirmar que há uma relação com problemas na leitura das pistas conversacionais por uma das partes no jogo interacional.

Bastante importante para este trabalho, quanto às expressões pré-formuladas, é perceber as estratégias conversacionais indiretas que favorecem as condições para se estabelecer contato pessoal e negociar interpretações compartilhadas.

Gumperz (1982, p. 134) pontua a dificuldade real para uma análise empírica de estratégias de contextualização referente ao caminho indireto tomado pelas expressões pré-formuladas, mas também enfatiza a importância da etnografia, além do detalhamento dos aspectos fonéticos, prosódicos e interacionais na descrição dos dados a serem investigados. Ao final, as passagens devem ser analisadas interpretativamente em termos do que os falantes pretendem atingir e do que são capazes de perceber.

Outro aspecto bastante importante sobre as pistas de contextualização, e que terá seu papel na análise desta pesquisa, é o caráter não verbal da interação sociolinguística. Uma das razões que considero esse aspecto da linguagem pode ser mais bem compreendida com o que afirma Hall (1959, 1963, 1966), ao dizer que muitos mal-entendidos estão relacionados às variações na percepção e na interpretação dos movimentos faciais e gestuais.

---

<sup>14</sup> Essa discussão será aprofundada no capítulo III sobre impolidez, e na análise dos dados.

As considerações sobre a linguagem não verbal remontam aos estudos de Darwin (2000 [1872]), mais precisamente sobre as emoções e expressões do homem correlacionadas à biologia, discutidas no livro *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais*.

Depois do trabalho de Darwin, muitos outros surgiram, como o de Warner (1885), sobre expressões físicas; Rowell (1927), sobre o excepcional uso dos gestos; Davidson (1950), sobre a comunicação não verbal e o uso de gestos nos relacionamentos, no tráfego, no comércio, nos esportes, no contexto militar e em serviços religiosos; e também Franz Boas (1970), considerado o pai da antropologia, que estudou os índios *Kwakiutl*, dedicando parte desse longo trabalho etnográfico acerca do significado oculto nas danças desses índios.

No entanto, foi em 1979 que Birdwhistell (1979) cunhou o termo **cinésica**, para designar o estudo da comunicação não verbal, surgido na investigação antropológica e linguística, e agora parte importante da psicologia, da sociologia e dos estudos de comunicação. A palavra cinésica é derivada do grego *kinesis*, que significa movimento. Cinésica abarca mensagens de comunicação não verbais, como postura, gestos e expressões faciais, como método para transmitir informações e emoção. É preciso admitir, no entanto, que, quando Birdwhistell começou o estudo formal da comunicação não verbal, este já era um tema popular entre os antropólogos.

Segundo Birdwhistell (1970, p. 158), 70% das informações transferidas durante a conversação são não verbais, feitas por meio do movimento do corpo e de expressões faciais. O estudo sistemático dos aspectos visuais sensíveis na comunicação interpessoal não verbal é chamado, portanto, de cinésica. Nos dias atuais, a cinésica constitui área de interesse para antropólogos, linguistas, psicólogos, sociólogos e outros.

Birdwhistell (*ibid.*) criou um extenso sistema de classificação cinésica, identificando a menor unidade significativa do comportamento, a qual chamou de *cinemas*. Segundo o pesquisador, existem entre 50 e 60 *cinemas* culturalmente universais, mas com diferenças entre eles por haver variações culturais. Dessa forma, um mesmo gesto pode ser utilizado por diferentes culturas e ter significados diferentes para cada uma delas.

Os *cinemas* que não têm significado único são chamados de *cines* e são reconhecíveis nas diversas culturas. Segundo Birdwhistell (*ibid.*), a combinação de *cinemas* resulta nos *cinemorfos*, o que pode demonstrar maior ênfase no significado do que o uso de apenas um *cinema*. Como exemplo dessa combinação de *cinemas* (*cinemorfos*), ilustro com a inclinação

do corpo, o franzir das sobrancelhas e o balançar da cabeça como meio de demonstrar empatia a um amigo.

Outro estudo importante dentro da cinésica, para esta pesquisa, é a proxêmica. O termo foi cunhado pelo antropólogo Edward T. Hall (1963), e investiga a distância e o espaço interpessoal no meio social, ou o uso que o sujeito faz do espaço social enquanto produto cultural.

A proxêmica é dividida por Hall (*ibid.*) em três níveis, a saber: infracultural (relacionado ao comportamento enraizado no passado biológico do homem); pré-cultural (voltado para a fisiologia, relacionado ao funcionamento do corpo no momento presente); e microcultural (lugar em que as observações da proxêmica são realizadas).

A microcultura, lugar no qual a proxêmica é observada, é dividida em três aspectos, ainda segundo Hall (*ibid.*): caracteres fixos, semifixos e informais. Para o autor (1966), o homem criou extensões de territorialidade como forma de sinalizar pertencimento a um espaço. Dessa forma, como a territorialidade é um espaço relativamente fixo, foi chamada por ele de caracteres fixos. Segundo o autor (*ibid.*, p. 103), os caracteres fixos constituem

(...) um dos quadros fundamentais da atividade de indivíduos e grupos. Compreende aspectos materiais, ao mesmo tempo em que as estruturas ocultas e interiorizadas que regem as deslocções do homem no planeta. Os edifícios de construção humana são um exemplo de organização fixa.<sup>15</sup>

Os caracteres semifixos estão relacionados à distribuição do espaço público, referente à arquitetura e à formação de uma cidade, por exemplo, a formação de comércios ao redor de uma praça, ou mesmo o mobiliário público nos espaços abertos de uma cidade que tem a função de unir ou mesmo separar as pessoas. Este espaço é dividido em dois outros espaços: sociófugo (locais que mantêm os sujeitos estanques entre si); e sociopeto (locais que chamam ao convívio entre sujeitos).

Por sua vez, os caracteres informais referem-se ao distanciamento espacial entre os seres humanos, e como aqueles são transmissores de informações comportamentais do homem na cultura a qual pertence. Em outras palavras, o espaço informal é a distância que observamos nos nossos contatos com outros sujeitos. Para estes caracteres, Hall (1966)

---

<sup>15</sup> Tradução minha para o texto: (...) *one of the basic ways of organizing the activities of individuals and groups. It includes material manifestations as well as the hidden, internalized designs that govern behavior as man moves about on this earth. Buildings are one expression of fixed-feature patterns (...).*

classificou as distâncias entre os sujeitos e a interação que existe entre eles em quatro tipos: distância íntima, distância pessoal, distância social e distância pública. Cada uma delas é dividida em modo próximo e em modo afastado ou longínquo.

A **distância íntima** está relacionada ao abraçar, tocar ou sussurrar (15-45 cm). O modo próximo é a distância que compreende o ato sexual, uma luta, o reconforto e a proteção. Já o modo longínquo é a distância praticada normalmente por um casal de namorados em público quando andam de mãos dadas.

A **distância pessoal** está relacionada à interação com amigos próximos (45-120 cm). O modo próximo e longínquo são os espaços que geralmente deixamos a nossa volta para que não nos sintamos demasiadamente íntimos com um estranho, como se tivéssemos uma bolha à nossa volta.

A **distância social** é usada na interação entre conhecidos (1,2-3,5 m). O modo próximo refere-se à distância das negociações impessoais, praticada pelos sujeitos em grupo de amigos ou com colegas de trabalho mais chegados. O modo longínquo é praticado no trabalho com os nossos superiores. Essa distância atinge um grau mais formal.

A **distância pública** refere-se à distância que usamos para falar em público (acima de 3,5 m). O modo próximo é adotado quando um sujeito se sente ameaçado, ou seja, comportamento de fuga. Já seu modo afastado é praticado geralmente com figuras oficiais importantes, como o presidente da república ou o rei.

Em síntese, posso afirmar que, para o presente trabalho, a comunicação dos interagentes será considerada nos termos de Gumperz (1982, p. 141), “canalizada e restringida por um sistema multinível de sinais verbais e não verbais, que são adquiridos e, ao longo da vida, automaticamente produzidos e intimamente coordenados”.

No entanto, é preciso atentar para o fato de que os significados das pistas de contextualização são tácitos, não podendo ser referidos fora do contexto interacional. Dessa forma, o reconhecimento do subentendido entre os participantes é primordial para uma interação sem problemas, e faz parte da fluidez o reconhecimento das pistas de contextualização, tendo em vista a não divergência conversacional. Todavia, quando ocorre o contrário, Gumperz (1982, p. 132) ressalta que o falante passa como hostil, impertinente, rude, não cooperativo, ou incapaz de entender a situação comunicativa. Os casos de

desentonação interacional entre os participantes levam a julgamentos de impolidez, o que Gumperz (1982) reitera pontuando que não devem ser julgados como meros erros linguísticos.

Dessa forma, o contexto o qual proponho investigar propiciará várias nuances desse quadro interacional de prováveis desalinhamentos entre os participantes, visto tratar-se de um ambiente de diferentes *backgrounds* linguístico-culturais. De qualquer forma será preciso entender outra noção de suma importância dentro da sociolinguística interacional: a noção de comunidade de prática, que trato a seguir.

### **2.2.2 Contribuições de Lave e Wenger: comunidades de prática**

O conceito de comunidade de prática é recente e teve como base outro conceito preexistente, o de comunidade de fala. Acredito aqui ser necessária uma apresentação inicial para que se possa entender o porquê da escolha de um e não do outro, e também discutir suas implicações na pesquisa sociolinguística contemporânea.

A definição de comunidade de fala é bastante complexa, o que poderá ser facilmente percebido pelas várias maneiras como diversos autores buscam explicá-la ao longo de seus trabalhos. Além da diversidade conceitual dada pelos estudiosos, no decorrer das explanações, outro fato é a abrangência conceitual atribuída à comunidade de fala, fato que me pareceu desinteressante para o que se tem como agenda para a presente pesquisa.

Comunidade de fala, apesar de não ter sido um conceito cunhado por Labov (2008, [1972]), passou a ganhar empreendimentos conceituais e teóricos com a iniciativa do autor nos trabalhos pioneiros da sociolinguística, principalmente na pesquisa sobre a variação linguística desenvolvida em *Martha's Vineyard*. É preciso entender, inicialmente, que o objetivo de Labov, ao descrever comunidade de fala, serviu como escopo analítico de isolamento de variáveis, buscando encontrar uma uniformidade de padrões abstratos.

Labov (2008, [1972], p. 215) não somente propõe uma investigação da língua no contexto social, mas também propõe que uma abordagem linguística deve se concentrar na língua em uso em determinada comunidade de fala.

Esse passo do autor é fundamental para o rompimento com a concepção de língua da corrente estruturalista da linguística, a qual abordava a língua por um viés homogêneo, sendo possível o isolamento dos estudos da linguagem do contexto social. Afirmam Weinreich,

Labov e Herzog (2006 [1968], p. 87) que tanto Saussure quanto Chomsky ou Hermann têm posições que se chocam com a maioria dos linguistas por suas concepções simplistas do idioleto homogêneo, não oferecendo nenhuma forma para constituir uma comunidade de fala a partir de vários desses idioletos<sup>16</sup>.

A nova concepção a respeito dos estudos linguísticos, a partir de Labov (2008 [1972] p. 150), permitiu que a comunidade de fala fosse entendida por sua heterogeneidade constitutiva, o que assim é definida pelo autor:

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso.

Ao mencionar o trabalho de Lambert sobre os “falsos pares<sup>17</sup>,” Labov (*ibid*, p. 287) ressalta ser plausível a definição de comunidade de fala como “um grupo de falantes que compartilham um conjunto de atitudes sociais frente à língua”. Segundo o autor, “as atitudes sociais para com a língua são extremamente uniformes dentro de uma comunidade de fala”. Nesse modo de compreender a homogeneidade nas comunidades de fala, Labov (2008 [1972] p. 339-340) defende que não se deve entender comunidade de fala segundo a classe social.

Se a comunidade for diferenciada segundo a classe, poderíamos então identificar os grupos homogêneos que existem e descrever a língua deles. Como um primeiro passo, isso poderia ser prático, mas as complicações surgem quando descobrimos que existem outras estruturas sociais, como casta e grupo étnico, que se interseccionam com a classe socioeconômica.

Para Guy (2000, p. 18), a noção de comunidade de fala é definida nos moldes do seguinte esquema:

- características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela.
- densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele.

<sup>16</sup> A discussão em progresso aqui se deve à heterogeneidade constitutiva da língua e à mudança em progresso. O que Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) davam ênfase refere-se ao fato de que a visão psicológica de Hermann Paul, o enfoque social de Saussure, e a abordagem biológica de Chomsky, a variabilidade e sistematicidade se excluem mutuamente.

<sup>17</sup> Defini falsos pares na dissertação de meu mestrado da seguinte forma: (...) *método conhecido como **matched guise technique**, criado por Lambert na década de 1960. Esta técnica consistia em oferecer aos sujeitos (juizes) algumas gravações de conversas de falantes bilíngues, o que os fazia supor tratar-se de diferentes pessoas. O ‘juiz’ devia tentar classificar cada falante, segundo o status social e seus vestígios mais característicos.* (PEREIRA, 2013, p. 29)

- normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas.

Ao que parece, a conceituação de comunidade de fala, segundo o autor, fica estritamente relacionada aos aspectos linguísticos pertencentes a tal comunidade, não havendo sequer uma referência às questões de ordem social que pudessem caracterizá-la. Segundo Guy (2000, p. 18), o pertencimento como membro de determinada comunidade de fala pode ser definido em função do uso de determinados traços linguísticos, sendo que o não uso coloca o sujeito fora desse grupo. Aqui aparece uma das razões de minha escolha por não optar pelo conceito de comunidade de fala para esta pesquisa. É salutar também revelar que, tanto nas observações conceituais de Guy (2000) quanto nas de Labov (2008 [1972]), a terminologia e as definições e conceituações são justificáveis para o objeto a ser pesquisado, ou seja, a variação linguística.

Outra noção teórica que devo mencionar, ampliada da noção de comunidade de fala, aqui apresentada, é a de rede social. Segundo Wiedemer (2008, p. 28), “a análise baseada nas redes sociais propõe identificar a estrutura e as propriedades das redes de relacionamento dos indivíduos”.

Segundo Milroy & Llamas (2013, p. 409), rede social está diretamente agregada às relações contraídas com os outros, e uma análise de redes sociais examina as diferentes estruturas e propriedades desses relacionamentos. Em outras palavras, as redes sociais podem ser mais bem entendidas como formas de captar a dinâmica das ações interacionais dos falantes do que como categoria social fixa.

O conceito teórico de redes sociais tem sido usado desde a década de 1960, e análises que envolvem seus pressupostos são vistas como contextualizadas em determinada estrutura social. Segundo Milroy & Llamas (2013, p. 410), as razões para que as redes sociais sejam tomadas no nível macro são metodológicas, ou seja, para se “concentrarem em modos menos abstratos de análise, capaz de dar conta de forma mais imediata do comportamento variável dos indivíduos”<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Tradução minha para o texto: (...) *to focus on less abstract modes of analysis capable of accounting more immediately for the variable behavior of individuals.*

Uma ideia aparentemente simples, porém não equivocada sobre as redes sociais, é que as pessoas criam comunidades pessoais que fornecem uma estrutura significativa para resolver os problemas da vida cotidiana. Essas comunidades pessoais (redes) são constituídas por laços interpessoais de diferentes tipos e pontos fortes, e as relações estruturais entre as ligações podem variar.

Outra forma de entender as redes sociais, oferecida por Milroy & Llamas (2013), com particular relevância para a manutenção ou mudança linguística, é que as diferenças estruturais e de conteúdo entre as redes colidem criticamente sobre a forma como elas afetam diretamente o *ego*. O *ego* ou rede *ego* é como são chamadas as redes particulares. Se uma rede consiste principalmente de laços fortes, e esses laços são multiplex, ou de muitas cadeias, e se a rede também é relativamente densa, ou seja, muitos dos laços do *ego* estão ligados uns aos outros, então tal rede tem a capacidade de apoiar os seus membros em ambos os sentidos práticos e simbólicos.

Mas, atualmente, rede social é mais comumente associada com a interação que acontece via *internet*. Nesse contexto, rede social pode ser compreendida como uma teia infinita de laços que se estende através de uma comunidade virtual que liga as pessoas entre si, no entanto remotamente.

Assim como na conceituação de comunidade de fala, as redes sociais tomadas pela sociolinguística também dão bastante ênfase à manutenção e às mudanças linguísticas, ou seja, tanto uma como a outra servem aos propósitos teóricos metodológicos da vertente variacionista.

Todavia, uma pesquisa nos moldes da sociolinguística interacional tem seu foco na interação face a face e, normalmente, nos laços de primeira ordem da rede, ou seja, aquelas pessoas com as quais um indivíduo interage diretamente. Dessa forma, por questões conceituais e metodológicas, acredito que tanto uma quanto a outra deverão ser postas em modo de espera, a fim de que possam ser usadas segundo as necessidades da pesquisa. Resta, no entanto, dispor os motivos da escolha do conceito de comunidades de prática, em detrimento de comunidade de fala ou de redes sociais, além de discutir sua conceituação.

É necessário pontuar também que a escolha por comunidades de prática em detrimento de comunidades de fala ou redes sociais não é aleatória, mas também não deve ser interpretada como desmerecimento ou distanciamento desses conceitos, visto que, como

apontaram Holmes & Meyeroff (1999), os termos têm fortes semelhanças. O conceito de comunidade de fala, segundo essas autoras, provou ser ferramenta útil e produtiva para a investigação sobre a heterogeneidade ordenada da linguagem em seu ambiente social. Cabe agora mostrar como a concepção de comunidade de prática pode aproximar-se mais do objetivo de compreensão das interações face a face e, por conseguinte, da compreensão da polidez nas interações propostas para esta pesquisa.

Para Holmes & Meyeroff (1999, p. 174), a distinção entre identidades de intergrupo e interpessoal tem sido a base para a investigação social psicológica por mais de duas décadas. Portanto, é necessário demonstrar como a noção de comunidade de prática nos dá algo mais do que a identidade social faz, e como ela pode ajudar na compreensão das ações humanas e, particularmente, do comportamento linguístico.

Na pesquisa sobre linguagem, o termo comunidade de prática foi apresentado por Eckert & McConnell-Ginet (1992), mas surge via administração com Lave & Wenger (1991). Os primeiros autores definem comunidades de prática como

um conjunto de pessoas que se reúnem em torno de um engajamento mútuo para um esforço. Maneiras de fazer as coisas, maneiras de falar, crenças, valores, relações de poder - em suma, práticas - surgem no decorrer deste esforço mútuo. Assim como uma construção social, uma comunidade de prática é diferente da comunidade tradicional, principalmente porque é definida simultaneamente por seus membros e pela prática em que a adesão se envolve (1992, p. 464).<sup>19</sup>

A definição de comunidade de prática, segundo as autoras, é rica, dinâmica e complexa. Nesta, a noção de “prática” é primordial para a compreensão das diferenças entre “comunidade de fala” ou “rede social”.

Para Holmes & Meyeroff (1999), uma comunidade de prática é uma forma de focalizar o que os membros desta fazem, ou seja, a prática ou as atividades que indicam que eles pertencem a determinado grupo, o que normalmente envolve muitos aspectos interacionais, incluindo aspectos globais ou específicos de estrutura da linguagem, discurso e padrões de interação. Nesse sentido, esse olhar sobre as comunidades de prática oferece um quadro de definições para a sociolinguística interacional, a fim de examinar as maneiras pelas

---

<sup>19</sup> Tradução minha para o texto: *An aggregate of people who come together around mutual engagement in an endeavor. Ways of doing things, ways of talking, beliefs, values, power relations – in short, practices – emerge in the course of this mutual endeavor. As a social construct, a **community of practices** is different from the traditional community, primarily because it is defined simultaneously by its membership and by the practice in which that membership engages.*

quais é possível tornar-se membro de dada comunidade de prática. Nessa, o processo de controle para tornar-se membro da comunidade requer adesão às atitudes, moldando as ações linguísticas e sociais para se adequar a determinada comunidade.

Sobre as dimensões da comunidade de fala, Wenger (1998, p. 76) identifica três aspectos essenciais: "engajamento mútuo; empreendimento negociado em conjunto; e repertório compartilhado de recursos negociáveis acumulados ao longo do tempo".

Com base nas definições de Wenger (1998) e Holmes & Meyeroff (1999), a primeira dimensão envolve a interação regular. É a base para as relações que torna as comunidades de prática possíveis. No caso desta pesquisa, referem-se às relações no comércio local entre os brasileiros; os mais próximos, como entre os membros familiares; entre os de uma comunidade religiosa; e os com fins de aproximação, como os participantes de festivais. Dessa forma, a primeira dimensão envolve interações das mais gerais às mais específicas.

Segundo Wenger (1998, p. 80), "empreendimento negociado em conjunto" refere-se aos relacionamentos complexos de responsabilização mútua que se tornam parte da prática da comunidade. Em outras palavras, os processos de engajamento mútuo que os membros da comunidade assumem continuamente para a construção de um empreendimento maior. Todo processo de negociações é filtrado pelos membros da comunidade na compreensão de seus papéis dentro da comunidade.

Por último, *repertório compartilhado* são recursos usados na negociação do significado, incluindo os recursos linguísticos, como o uso de alguns jargões especializados, além do uso de imagens, refeições regulares, ou gestos que se tornam parte da comunidade de prática. Como a natureza da comunidade de prática é progressiva, a adesão individual será diferente entre os membros. Um grupo de pessoas serão membros do núcleo, enquanto outros serão membros periféricos da comunidade de prática. No contexto de minha pesquisa, acredito que a variação se dará principalmente na forma como cada pessoa adquiriu o repertório da comunidade ao longo de sua trajetória. Nesse mesmo raciocínio, Wenger (1998, p. 130-131) propõe características específicas para as definições de comunidades de prática, das quais destaco algumas que acredito serem fundamentais para o objeto deste estudo, por seus aspectos mais voltados às questões sociolinguísticas. São elas:

- Relações mútuas sustentadas - harmoniosas ou conflituosas.
- Formas compartilhadas de engajar-se em fazer as coisas juntos.

- Rápido fluxo de informações e propagação de inovação.
- Ausência de preâmbulos introdutórios, como se conversas e interações fossem apenas a continuação de um processo contínuo.
- Configuração muito rápida de um problema a ser discutido.
- Saber o que os outros sabem, o que podem fazer e como eles podem contribuir a um empreendimento.
- Definição de identidades mutuamente.
- Conhecimento local, histórias compartilhadas, piadas internas, humor local.
- Jargão e atalhos para a comunicação, bem como a facilidade de produção de outros tais.
- Alguns estilos reconhecidos como de exibição à filiação.
- Discurso compartilhado que reflete certa perspectiva sobre o mundo.

Como mencionado no início desta seção, minha escolha por comunidades de prática em vez de comunidades de fala ou redes sociais se dá por questões metodológicas e de interesse desta pesquisa, principalmente porque esses dois últimos conceitos têm filiação histórica com a vertente variacionista da sociolinguística, a qual busca entender a variação linguística por meio da frequência de determinados usos linguísticos, o que não é o caso aqui proposto. O quadro a seguir pode mostrar os diferentes focos entre pesquisas com base nas comunidades de fala e comunidades de prática, clareando ainda mais as razões pela escolha de uma e não da outra para pesquisas de interação face a face propostas pela sociolinguística interacional.

**TABELA 3 – COMUNIDADE DE FALA E COMUNIDADE DE PRÁTICA**

<b>COMUNIDADE DE FALA</b>	<b>COMUNIDADE DE PRÁTICA</b>
Normas compartilhadas e avaliação de normas são necessárias	Práticas compartilhadas são obrigatórias
Filiação compartilhada pode ser definida externamente	A adesão é internamente construída
Nada a dizer sobre o relacionamento entre um grupo de um indivíduo e identidades pessoais	Dependência pessoal e de identidades de grupo ativamente construída
Não teleológica	Meta social ou instrumental compartilhadas
Nada a dizer sobre a manutenção ou (des) construção de fronteiras entre categorias	Os limites são mantidos, mas não necessariamente definido em contrastes com grupos de fora
Aquisição de normas	Processo social de aprendizagem

Adaptado da tabela 1, de Holmes e Meyeroff (1999) p. 179

Em síntese, posso dizer que os três tipos de ‘comunidades’ aqui apresentados – comunidades de fala, comunidades de prática e redes sociais – podem ser distinguidos a partir das definições dadas por Vanin (2009, p. 151), na qual

(...) os membros de uma comunidade de fala não precisam, necessariamente, se conhecerem, enquanto os de uma rede social certamente sim, já que estão ligados por diferentes graus de laços de interação, interessando o que as pessoas são. Mas, para uma comunidade de prática, essa conexão não basta; é necessário, nesse caso, que os indivíduos tenham um engajamento em comum, levando-se em conta as suas ocupações: pessoas que se relacionam por causa de uma determinada atividade costumam participar de uma mesma comunidade de prática. Dessa forma, elas compartilham práticas culturais distintas, o que se reflete nas suas trocas linguísticas.

Com base na síntese apresentada no parágrafo anterior, bem como em toda a discussão realizada ao longo desta seção, posso concluir que há uma espécie de afunilamento na concepção do objeto de estudo da sociolinguística, o que é apresentado inicialmente com a conceituação de comunidade de fala, na qual um grupo de falantes compartilha de comportamentos linguísticos comuns, sendo falantes de uma mesma língua. Dessa forma, conforme a preferência de muitos autores (Cf. LAVE & WENGER, 1991; ECKERT & MCCONNELL-GINET, 1992; WENGER, 1998; MEYERHOFF, 1999; HOLMES & MEYEROFF, 1999; EHRLICH, 1999; ECKERT & WENGER, 2005; DAVIES, 2005), atualmente o conceito de comunidade de fala vem sendo substituído em pesquisas de cunho interacional/ discursivo pelo de comunidade de prática, que envolve um grupo de indivíduos unidos para desempenhar práticas compartilhadas em torno de um esforço comum.

O grupo de migrantes pesquisados, bem como o de possíveis migrantes, como os participantes do grupo interessados na mudança para os Estados Unidos, envolve sujeitos unidos em desempenhar práticas compartilhadas em torno de um esforço comum, o que confere ao grupo características para que se afirme tratar-se de uma comunidade de prática. De qualquer modo, não se pode descartar que tal comunidade se beneficia e se mantém nas redes sociais. Mais do que nunca, com o apoio da tecnologia, principalmente de redes sociais virtuais, a comunidade se fortalece e a manutenção da rede serve também de gatilho para inserção de novos membros no meio dessa comunidade.

### 2.2.3 Contribuições de Goffman

Em 1959, Irving Goffman publicou o livro *The presentation of self in everyday life*. Nesse, o autor usa o teatro como metáfora para tratar da importância do ser humano e da ação social na interação. Segundo Goffman (*ibid.*), a interação social pode ser comparada à dramaturgia, e as pessoas na vida cotidiana com atores em um palco, cada qual encenando papéis variados. Em certo trecho do livro, Goffman (1975 [1959], p. 25) observa como os interagentes agem como numa peça teatral:

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser.

Outras metáforas do teatro são abordadas por Goffman nesse trabalho, tais como cenário, aparência, modo, frente do palco, bastidores e outros. Na interação social, como nos espetáculos de teatro, há o lugar principal de encenação da peça, ou seja, o palco onde os atores ficam diante da plateia. Há também os bastidores, onde os indivíduos podem ser eles mesmos e se livrar de sua função ou de suas personagens de atuação quando estão na frente do público.

De forma ainda embrionária, **a representação do eu na vida cotidiana** parece adiantar algumas ideias sobre o trabalho de Goffman em interação. É, contudo, em Goffman (1967), que o autor dá sua grande contribuição para os estudos interacionais, ao apresentar suas ideias no ensaio sobre o comportamento face a face. É, então, a partir das noções de *face*, cunhadas por Goffman, que vários outros teóricos se enveredaram por ideias a respeito da comunicação face a face, sendo elas de orientação sociolinguística, pragmática, antropológica, sociológica, psicológica, ou qualquer outra, motivadas pelas ideias desse autor.

Além das noções de face, aqui, também, reservo espaço para apresentar outros dois conceitos-chave propostos por Goffman, e que contribuem para a compreensão da teoria da polidez: a noção de alinhamento e de enquadre<sup>20</sup>, o que será discutido nas próximas páginas deste trabalho.

---

<sup>20</sup> Alguns autores brasileiros mantêm os termos originais [*footing*] e [*frame*], mas por uma questão de cooperação com meus leitores e, também, por haver uma tradução consagrada para os termos, preferi mantê-los em português.

### 2.2.3.1 Face

O conceito de face é elemento primordial para a compreensão da teoria de polidez, não somente em Brown & Levinson (1987 [1978]), mas também em Lakoff (1973), Leech (1983, 2014), Watts (2003), entre outros. Mecanismos ou estratégias de manutenção da face são descritos, respectivamente, como estratégias de polidez (BROWN & LEVINSON, 1987 [1978]), regras de polidez (LAKOFF, 1973) e máxima de tato (LEECH, 1983).

Para Goffman (1967, p. 5), a face é o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma pela linha que outros supõem que ele tomou durante determinado contato. Essa imagem é delineada de si em termos de atributos sociais aprovados. Outros conceitos de Goffman (1967, p. 79-82) relacionados à face são mencionados no trabalho de Souza (2008, p. 15), descritos abaixo:

**Face social:** “embora a face social de uma pessoa possa ser o que ela possui de mais pessoal, o centro de sua segurança e prazer, trata-se apenas de um empréstimo que lhe foi feito pela sociedade: poderá ser-lhe retirada caso não se comporte de modo a merecê-la” (p. 80-81).

**Manter a face:** manter a face hoje implica ter adotado uma determinada linha coerente com a anterior (ex.: se a pessoa aceitou ser humilhada, os outros não terão consideração com seus sentimentos, no presente).

**Estar na face errada:** “uma pessoa está na face errada quando surge uma informação acerca de seu valor social que não pode ser integrada, mesmo com esforço, à face que está sendo sustentada” (p. 79).

**Estar na face errada/fora da face:** produz sentimentos (justificados ou não) de vergonha, inferioridade, embaraço. A pessoa teme perder sua reputação e isso constitui uma ameaça à face e aos sentimentos ligados à mesma. A expressão “perder a face” significa estar fora da face, estar na face errada, estar envergonhado (perder o prestígio; desacreditar-se).

**Estar em face/estar na face certa:** produz confiança e segurança ou quando não está, mas os outros não deixam isto transparecer.

**Salvar a face:** refere-se ao processo pelo qual a pessoa sustenta para os outros a impressão de não ter perdido a face (salvar as aparências).

**Trabalhos de face/elaboração da face:** pretende designar “as ações através das quais uma pessoa é capaz de tornar qualquer coisa que esteja fazendo consistente com a face” (p. 82).

Em diferentes situações, a face de uma única pessoa será construída de forma diferente. Por exemplo, quando um sujeito está engajado em uma conversa com sua família, ele espera, no geral, ser tratado com termos carinhosos, predominando a linguagem informal; em uma reunião de negócios, por outro lado, espera-se uma abordagem mais formal, com tratamento mais cerimonioso pelos interagentes. A face também pode mudar durante uma mesma interação, por exemplo, quando, ao finalizar uma reunião, uma pessoa se dirige aos colegas a fim de discutir sobre algum fato corriqueiro, como uma crise política local, ou sobre o campeonato de futebol nacional.

Para Goffman (1967, p. 12), a manutenção da face é condição para a interação, e não o seu objetivo. Objetivos seriam ganhar a face para si mesmo, dar livre expressão para as crenças de alguém, apresentar informações depreciativas a respeito de alguém, resolver problemas e executar tarefas. Todos esses objetivos são conduzidos de tal maneira que seja consistente com a manutenção da face. Brown & Levinson (1987 [1978], p. 61) consideram face um conceito universal, mas culturalmente relativo, e definem face do seguinte modo:

Nossa noção de ‘face’ é derivada de Goffman e do termo popular do inglês *losing face* (quebrar a cara), entre outras noções similares, como ser envergonhado ou humilhado. Dessa forma, o valor de face é algo emocionalmente investido, e esta só pode ser perdida ou mantida, devendo ser reforçada constantemente durante o jogo interacional.

A partir da reformulação do conceito de face por Brown & Levinson (1987 [1978]), esses estendem a compreensão do termo para **face positiva** e **face negativa**. A face positiva está relacionada aos desejos da pessoa em ser aprovada e apoiada por outras pessoas quando apropriado. Por sua vez, a **face negativa** diz respeito aos desejos desse sujeito, quando apropriado, de livrar-se de imposições, dívidas sociais/materiais ou obrigações. Em outras palavras, a **face positiva** refere-se à autoimagem positiva consistente ou *personalidade* (incluindo o desejo crucial de que esta autoimagem seja apreciada e aprovada) reivindicada pelos interagentes. Por sua vez, a **face negativa** é a reivindicação básica de territórios, preservação pessoal, direito a não alheação, ou seja, a liberdade de ação e liberdade de imposição (BROWN & LEVINSON 1987 [1978], p. 61).

Pode-se perceber que todos os trabalhos que envolvem a teoria da polidez tratam a questão da face como primordial para a compreensão dos processos demandados nessa área da sociolinguística. No entanto, vejo que é preciso levar também em consideração a *face* e sua relação com trabalhos investidos na teoria da impolidez, visto se tratar de um campo de pesquisa tão importante quanto o da polidez. De qualquer forma, procurarei fazer essas reflexões no capítulo seguinte, no tópico referente aos estudos da impolidez, no qual tratarei dessa importante área teórica para a compreensão do trabalho aqui desenvolvido.

### **2.2.3.2 Enquadre**

O termo *frame* ou *framing* foi inicialmente apresentado por Bateson (1972 [1955]), e, nos estudos do discurso, permitiu mostrar como o que se diz ou o que se faz ganha significado. Nesse sentido, o termo *frame* ou enquadre, como vem sendo usado na literatura linguística brasileira, integra o discurso para que os interagentes possam compreender um enunciado, em que tanto o locutor quanto o interlocutor devem ter consciência do enquadre no qual o enunciado e o participante estão inseridos. Há maior possibilidade de acontecer desentendimentos e interpretações errôneas durante a interação quando não há o compartilhamento do mesmo enquadre. Além de Bateson, Gumperz (1982), Goffman (1981) e Tannen & Wallat (1987) também analisaram como acontece o enquadre nas interações, visto por uma ótica voltada para suas áreas.

Para Gumperz (1982), o interesse a respeito dos enquadres se dá em relação a como eles são interpretados e como a falha em dar certa resposta ou dizer algo, que é geralmente esperado, pode resultar das diferenças de conhecimento sociocultural entre os participantes. Enquadre também pode incluir as expectativas dos interagentes a respeito da estrutura da conversação, como abertura e fechamento, e como o outro deve responder a determinado enunciado dentro de uma conversa.

Segundo Goffman (1981), ao longo das interações, as pessoas constroem múltiplos enquadres para dar sentido aos eventos de fala. Os envolvidos nas interações incluem seus próprios enquadres durante os eventos de fala, o que Goffman denominou de *framework*. *Framework* é a adaptação dos envolvidos na interação, como falar, ouvir e interagir, na compreensão de seu próprio envolvimento e do envolvimento dos outros no encontro de fala.

Tannen & Wallat (1987), a partir do pressuposto segundo o qual enquadre e esquema seriam termos relacionados e poderiam ser entendidos como “estruturas de expectativa”, sugerem que há dois tipos distintos de estruturas de expectativa. Segundo as autoras (*ibid.*), enquadre refere-se às noções antropológica e sociológica de enquadres interativos de interpretação, e esquema refere-se à noção psicológica cognitiva e de inteligência artificial de esquemas de conhecimento.

Na perspectiva de Tannen & Wallat sobre enquadre (*ibid.*), as autoras combinam pontos de vista da psicologia social e da linguística para examinar os detalhes da conversa em interação em um ambiente específico (idiossincrática), o que proporciona base para a compreensão da conversação em termos de deslocamento/mudança dos enquadres.

Os enquadres, para Goffman (1981), orientam a maneira como os participantes de determinada situação interacional percebem sua realidade social e representam a si mesmos e aos outros nessa realidade. Na visão de Goffman (*ibid.*), os enquadres não são conscientemente criados, mas inconscientemente adotados e/ou desenvolvidos por partes para uma interação durante a comunicação.

### **2.2.3.3 Alinhamento**

A partir das noções iniciais de enquadre postuladas por Bateson e, posteriormente, ampliadas por outros autores mencionados anteriormente, Goffman (1981) introduz o conceito de *alinhamento*. Alinhamento, segundo o autor (1981, p. 128), “é o que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes (na interação), expresso na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução”.

Em outras palavras, quando falamos com determinadas pessoas, fazemos escolhas linguísticas com base em nosso relacionamento com elas. Em uma conversa, os participantes mudam de alinhamento uns com os outros, com base em pistas linguísticas e contextuais sinalizadas nos enunciados.

O conceito de alinhamento apresentado por Goffman é desdobramento do conceito de enquadre. Com esse desdobramento, segundo Ribeiro e Garcez (2013, p. 107), alinhamento passa a “caracterizar o aspecto dinâmico dos enquadres e, sobretudo, a sua natureza discursiva”. Dessa forma, nas interações face a face, os alinhamentos dos interagentes “são

sinalizados na maneira como eles gerenciam a produção ou a recepção das elocuições” (2013, p. 107).

Goffman (1981) ilustra mudança de alinhamento com um exemplo que ocorreu entre o presidente Nixon e uma repórter presente na assinatura de um projeto de lei na Casa Branca. Após a cerimônia no Salão Oval, o presidente brincou com a repórter por estar vestindo calças. Sua brincadeira resultou em uma mudança de alinhamento com a repórter. Goffman considera essa mudança de alinhamento notável porque demonstra o poder de um presidente ao forçar uma mulher a abandonar seu papel como profissional, para atuar em um contexto sexualizado e doméstico, o que implica na definição social de que as mulheres precisam estar prontas para receber comentários sobre sua aparência e, além disso, que elas devem aprovar esse tipo de mudança de atenção, mesmo em contexto profissional.

Goffman (*ibid.*), ao tratar de alinhamento, também propõe que a díade falante/ouvinte é muito simples para descrever o discurso interativo real, pois essas posições não são fixas, mas intercambiáveis nas interações. Além disso, elas privilegiam somente o canal vocal. A fim de descrever completamente como ocorrem mudanças no alinhamento, o autor amplia a díade falante/ouvinte para abarcar diferentes tipos de participantes. Os participantes ouvintes da conversa podem ser ratificados, o que significa que eles têm acesso ao encontro, ou não ratificado, ou seja, podem ter acesso ao encontro, mas não de um lugar oficial. Goffman também define três diferentes papéis para o falante: **principal**, **autor** e **animador**. O primeiro refere-se à pessoa que é responsável pela mensagem; o autor dá origem ao conteúdo e à forma do enunciado; o animador é a pessoa que realmente produz um enunciado. Os falantes podem cumprir todos os três papéis, mas os papéis acontecem simultaneamente.

Gumperz (1982) observa que na conversação parece haver uma fase introdutória, em que as relações interpessoais são negociadas e os participantes procuram informações sobre experiências comuns ou perspectivas partilhadas. Quando obtido sucesso, os participantes da interação provavelmente irão cooperar e produzir uma sequência bem coordenada nas trocas. A observação de Gumperz (*ibid.*) e a conceituação de alinhamento de Goffman (*ibid.*), descritas previamente nesta seção, fazem-me refletir sobre as possibilidades de investigação sobre polidez linguística no contexto proposto para esse trabalho. Se, por um lado, os participantes da conversa compartilham do mesmo alinhamento, ou seja, estão no mesmo *footing*, provavelmente a conversa será vista como bem-sucedida pelos envolvidos, com

nenhum ou poucos traços de impolidez. Caso contrário, a probabilidade de compreensão de impolidez no encontro de fala se torna maior.

Enfim, as contribuições de Gumperz sobre pistas de contextualização e envolvimento conversacional, além das contribuições de Goffman sobre face, enquadre e alinhamento, serão essenciais para minha compreensão e investigação sobre (*im*) polidez dos brasileiros que vivem em Boston e arredores, principalmente pelo caráter integrador que todos esses conceitos possuem na sustentação da sociolinguística interacional.

Gestos de polidez, como resposta para gestos de impolidez nas interações dos participantes do grupo investigado, podem representar o interesse de inserção e adaptação ao grupo, o que Goffman chamou inicialmente de enquadre. Nesse, os participantes do grupo são orientados pela maneira como percebem a realidade social, representando a si mesmos e aos outros nessa realidade. Posteriormente, Goffman passou a tratar essa realização de alinhamento, o que acredito ser mais propício para a questão. No alinhamento que acontece entre os participantes da minha pesquisa, não somente as escolhas linguísticas baseadas no contexto interacional são por mim analisadas, mas a forma de polidez e impolidez apropriada ao contexto sob análise.

## CAPÍTULO III

### TEORIA DA (IM) POLIDEZ

---

*Polidez é inteligência; conseqüentemente, impolidez é parvoíce. Criar inimigos por impolidez, de maneira desnecessária e caprichosa, é tão demente quanto colocar fogo na própria casa. [Arthur Schopenhauer]*

#### 3.1 TEORIA DA POLIDEZ

Um erro bastante comum, principalmente entre pessoas não estudiosas da linguagem, é limitar a linguagem somente a uma troca de informações. Apesar de bastante genérica, essa concepção não é de todo errada. A teoria da polidez leva também em consideração o aspecto relacional da linguagem, responsável por moldar as relações interpessoais. Em relação a isso, Coulmas (2005, p. 84) pontua que “entre as muitas escolhas que fazem [os falantes] durante a conversa, o nível de polidez de seus discursos é um dos mais visíveis, e é onde as reservas sociais são mais perceptíveis”.

Há muitas propostas para a definição de polidez, desde Brown & Levinson (1987 [1978]), com modificações e intervenções a partir do quadro teórico dos autores supracitados. Compreendo a teoria inicial de Brown & Levinson (1987 [1978]) como bastante limitada, além de não cumprir com a proposta de universalidade do modelo, como já foi observado por autores como Leech (2014), Watts (2003), Kerbrat-Orecchioni (2010), entre outros. De qualquer forma, esse quadro teórico levanta muitos outros questionamentos bastante plausíveis, fundamentais para a linguística.

Nas próximas páginas, irei apresentar a proposta de Brown & Levinson (1987 [1978]), e também de outros autores mais recentes, como Leech (1983, 2014), que proporciona quadro mais completo da teoria, abordando, por exemplo, a impolidez como um quadro à parte, com máximas de (*im*) polidez a partir da proposta de Grice. Além desse autor, apresento contribuições de outros autores, como Watts (*ibid.*), que fornece definição de polidez a partir de dois ângulos, o que foi nomeado pelo autor como polidez<sub>1</sub> e polidez<sub>2</sub>; e Kerbrat-Orecchioni (2010), que sugere alguns ajustes para o

modelo proposto por Brown & Levinson (1987 [1978]), contribuindo com o que chamou de ‘atos de elogio a face’ em contraponto ao AAF (*atos de ameaça à face*)<sup>21</sup> desses autores. É preciso adiantar que o uso do termo ‘(im) polidez’, tal como aparece no título deste trabalho e ao longo de seu curso, deve ser compreendido como minha posição de estar assumindo que os princípios de polidez e impolidez serão analisados concomitantemente ao longo da pesquisa, e a discussão em separado se dará somente quando necessário para fins metodológicos. Essa decisão também pode ser considerada uma afiliação teórica, e, ao assumi-la, estou me inserindo na ideia de que polidez e impolidez devem ser pesquisadas não como distintas uma da outra nos processos interacionais, mas como facetas de um mesmo problema teórico.

Reservo também três outras seções fundamentais para completar o quadro teórico da pesquisa: uma proposta de impolidez a partir de Culpeper (2011), Mills (2003), Eelen (2001), e Leech (2014), dos quais Leech (*ibid.*) apresenta um quadro para análise desse tópico; uma abordagem da polidez vista em perspectiva sociocultural, a partir de Leech (1983, 2014) e Thomas (1983); além do processo de polidez como acontecimento linguístico, a partir de Leech (1983, 2014), Kasper (1992), Kasper & Blum-Kulka (1993), e Coulmas (2005).

Ao longo da construção do quadro teórico, acomodo as propostas não como concorrentes umas das outras, mas como meio de compreensão e ajustamento, visto por diferentes perspectivas, todas com a função de explicar o funcionamento da (im) polidez, seja por uma ótica com viés mais da psicologia, da sociologia, da pragmática, seja da linguística.

### **3.1.1 Primeiras reflexões sobre polidez de Lakoff**

Apesar de o Princípio de Cooperação não elucidar o Princípio de Polidez diretamente, esse serviu de referência para a origem e formulação do trabalho teórico e empírico fundador para o Princípio de Polidez, com as regras de polidez de Lakoff (1973), apresentadas no trabalho *The logic of Politeness; or, Mindig your P's and Q's*. Tais regras (1973) são integradas às Máximas da Conversação de Grice com sua própria taxonomia, que consistia em duas regras: “seja claro” e “seja polido”. Apesar de Lakoff

---

<sup>21</sup> Esta questão será abordada com mais afinco na seção 3.1.2 deste capítulo.

adotar o quadro de Grice (1967 [1975])<sup>22</sup>, a autora observa que as máximas de Grice são muito gerais e não têm uma explicação clara para os termos “pertinência” e “quantidade de informações”. Seguindo Grice (*ibid.*), Lakoff (1973, p. 296) sugeriu que, se alguém quer ter sucesso na comunicação, a mensagem deve ser transmitida de forma clara, “de modo que não haja dúvidas sobre a intenção da pessoa”.

Lakoff (1973) resumiu as máximas de Grice em sua primeira regra e propôs três estratégias (ou sub-regras) a partir de sua segunda regra, ou seja, “seja polido”. As estratégias de polidez são assim apresentadas:

- 1) Não imponha
- 2) Dê opções
- 3) Faça o outro sentir-se bem – seja amigável

A primeira estratégia, segundo Lakoff (1977), refere-se à “distância e formalidade”, a segunda estratégia refere-se à “hesitação”, e a terceira, à “igualdade”. Lakoff (1973) estabelece que falantes empreguem as estratégias mencionadas tanto para expressar polidez quanto para evitar ofensa, como consequência de indicação do *status* do falante/destinatário.

A **Estratégia 1 (não imponha)** é realizada uma vez que o senso de distância é criado entre falante e ouvinte, por meio do falante. A realização da estratégia 1, segundo Lakoff (1977, p. 296), “assegura que as distinções de *status* sejam respeitadas, que nenhuma informalidade se desenvolva e que a relação permaneça puramente formal”. A autora exemplifica essa estratégia com o uso, em certas culturas, de um título mais o sobrenome como forma de endereçamento a determinadas pessoas, ou a preferência pela voz ativa, bem como a utilização de termos técnicos para evitar o que Lakoff chama de “impronunciáveis” em situações como consultas médicas, reunião de negócio, questões legais e ambientes acadêmicos, exemplos da aplicação desta regra.

Quanto à **estratégia 2 (dê opções)**, ou como no termo usado por Lakoff (*ibid.*), “regra de hesitação”, o falante dá opções ao destinatário para expressar incerteza sobre o

---

<sup>22</sup> Apesar do trabalho de Grice *Logic and Conversation* ser amplamente divulgado nos trabalhos acadêmicos datado de 1975, Lakoff atribui a publicação ao ano de 1967, provavelmente referente à palestra que esse autor ministrou na série conhecida como *William James Lectures*, promovidas pelo departamento de filosofia e psicologia da Harvard University, e que recebeu o título de *Logic and Conversation*.

ato de fala que ele, ou seja, o falante está realizando. Lakoff afirma que, percebendo a estratégia 2, “o falante sabe o que quer, sabe que ele tem o direito de esperar do destinatário, e o destinatário também o sabe” (LAKOFF, 1977). A estratégia 2 também é usada como sinal de polidez verdadeira<sup>23</sup>, como aponta Lakoff (1973, p. 300), ao dizer que “o falante sabe o que quer, mas sinceramente não deseja forçar o interlocutor a tomar uma decisão”. O uso de “por favor”, partículas como “bem”, “er”, e “ah” eufemismos, atenuadores como “levemente”, “de um jeito” e “francamente falando” podem ser considerados como algumas realizações linguísticas da regra dois (2).

A **Estratégia 3 (faça o outro sentir-se bem)** é relacionada com “a regra de igualdade”, ao expressar que, apesar de o falante ser superior ou igual em *status* ao destinatário, o falante e o destinatário têm o mesmo objetivo, ou seja, de fazer o outro se sentir bem. Este sentimento de camaradagem ou solidariedade pode ser verbalmente expresso pelo uso de nomes ou apelidos que dão impressão de um relacionamento informal entre o falante e destinatário; partículas, tais como “quero dizer”, “como” e “eu sei”, permitem ao falante mostrar seus sentimentos sobre o que está sendo falado (LAKOFF, 1977). A manifestação linguística da regra 3 pode ser conseguida por meio do uso de elogios e de termos explícitos para expressar tabus linguísticos.

De forma bastante geral, a noção de polidez proposta por Lakoff (1973, 1977, 1990) prevê uma conversação livre dos conflitos entre os interlocutores, capaz de satisfazer as necessidades e interesses dos envolvidos, por meio do emprego de estratégias que preservam a harmonia e a coesão durante a interação social.

A falta de evidência empírica suficiente para estratégias interculturais de polidez tem sido uma das críticas à noção de polidez de Lakoff. A autora também não distinguiu claramente a ação polida da ação apropriada. Segundo Félix-Brasdefer (2008, p. 15), “o que é considerado adequado durante a interação social (por exemplo, cumprimento, despedidas, e outras fórmulas de rotina) nem sempre pode ser interpretado como comportamento polido”. De qualquer forma, é dado a Lakoff o legado dos estudos sobre polidez, abrindo caminho para tantos outros estudiosos dessa área.

---

<sup>23</sup> A esse respeito, ver discussão sobre *altruísmo comunicativo* e *altruísmo genuíno* na seção 3.4 **Impolidez** (p. 111) deste capítulo.

### 3.1.2 Teoria da polidez de Brown & Levinson

A teoria da polidez de Brown & Levinson (1987 [1978]) tem sido muito influente na pragmática, mas também em outras áreas dos estudos linguísticos, como sociolinguística interacional e estudos do discurso, bem como em outras áreas das ciências sociais e humanas. Apesar da importância da obra de Brown & Levinson, muitos outros trabalhos surgiram após esse, dando suporte ou rejeitando alguns pontos propostos pelos autores. Dos que contestam o caráter universal da polidez defendido pelos autores, muitos rejeitam a teoria a partir de uma ampla gama de culturas específicas, principalmente em trabalhos sobre a cultura japonesa (Cf. MATSUMOTO, 1988, 1989). Outros questionamentos serão discutidos em seções separadas, como *abordagem geral da teoria por Leech* (3.1.3), e *proposta de um novo modelo de Watts* (3.1.4), porém, aqui, me deterei aos principais pontos resenhados a partir de *Politeness – some universals in language usage* (BROWN & LEVINSON, 1987 [1978]).

Já no início do livro, Brown & Levinson (*ibid*) discorrem sobre a importância das pesquisas em polidez com foco nas funções sociais da linguagem, tanto para a sociolinguística quanto para a pragmática. Assim eles se manifestam:

No caso da sociolinguística, a teoria defende uma mudança na ênfase da preocupação atual com a identidade do falante, para focalizar nos padrões diádicos de interação verbal como expressão de relacionamentos sociais; e da ênfase no uso de formas linguísticas, para ênfase na relação entre forma e inferência complexa (...). No caso da pragmática linguística grande parte do descompasso entre o que é 'dito' e o que é 'implicado' pode ser atribuído à polidez, para que as preocupações com as 'funções' de apresentação da língua devem ser complementadas com a atenção para as 'funções sociais' da linguagem, que parecem motivar muitos detalhes linguísticos (BROWN & LEVINSON, 1987 [1978], p. 2-3).<sup>24</sup>

Como visto, há motivos suficientes para investigações nessa área, tanto pelo viés da sociolinguística quanto pelo olhar da pragmática. Aqui, proponho investigação sob esses dois ângulos, além das outras áreas já mencionadas no início desse trabalho, as

---

<sup>24</sup> Tradução minha para o trecho: *In the case of sociolinguistics, the theory argues for a shift in emphasis from the current preoccupation with speaker-identity, to a focus on dyadic patterns of verbal interaction as the expression of social relationships; and from emphasis on the usage of linguistic forms, to an emphasis on the relation between form and complex inference....In the case of linguistic pragmatics a great deal of the mismatch between what is 'said' and what is 'implicated' can be attributed to politeness, so that concerns with the 'presentational functions' of language should be supplemented with attention to the 'social functions' of language, which seem to motivate much linguistic detail.* (grifos dos autores)

quais convergem para melhor explicar os aspectos que abarcam as questões relacionadas à polidez.

Acredito que um dos pontos chave da teoria de Brown & Levinson (1987 [1978]) seja a noção abstrata de uma Pessoa Modelo (*Model Person* [MP]), que “consiste em um falante fluente intencional de determinado idioma natural, dotado de duas propriedades especiais — racionalidade e face” (1987 [1978], p. 58)<sup>25</sup>. Os conceitos abstratos de **racionalidade** e **face** são adotados a partir dos trabalhos de Goffman (1967).

Brown & Levinson (1987 [1978], p. 56), para a tese da universalidade da polidez linguística, buscam demonstrar o papel da racionalidade e sua ascensão mútua pelos participantes, mostrando que a derivação de inferências vai além do significado inicial das palavras, dos tons e dos gestos. Segundo os autores (*ibid.*), somente o uso racional ou lógico das estratégias fornece explicação única de tais diversidades cinésica, prosódica e de usos linguísticos. Para o escopo da teoria, alguns termos foram tomados por empréstimo, com o propósito de explicar os pressupostos da teoria como um todo, como o conceito de *face*, já apresentado anteriormente neste capítulo.

As pessoas modelo podem alcançar esses objetivos através de escolhas racionais, mas devo observar que existe dependência mútua na satisfação ou não da *face*, numa relação de reciprocidade para atingir tais objetivos. Atos de fala, tais como pedidos, desculpas, reclamações, elogios, etc., que acontecem em uma conversa entre interagentes, são analisados em termos dos seus efeitos sobre a respectiva *face* dos envolvidos (MPs).

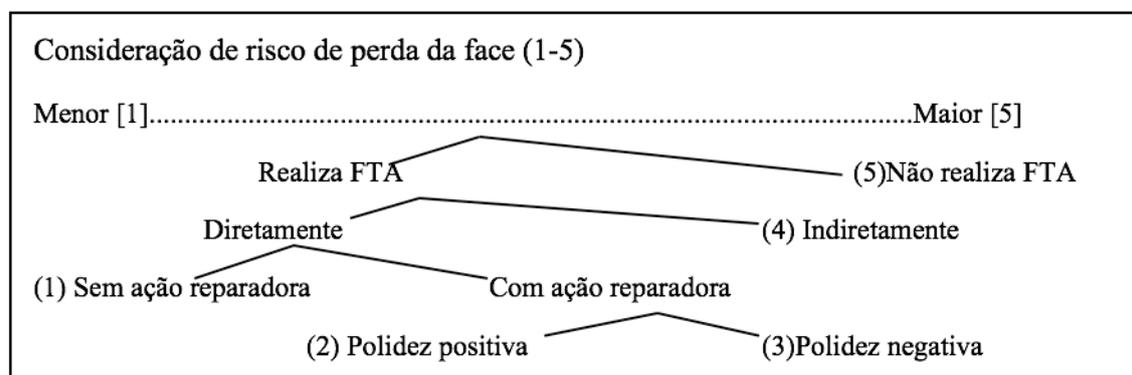
Outro ponto chave na teoria de Brown & Levinson (1987 [1978], p. 60) é a noção de *face-threatening acts* (AAF – Atos de ameaça à face). Quando uma pessoa se encontra numa situação em que um AAF é necessário, ela usa de sua racionalidade para avaliar a situação e, em seguida, decide se quer ou não executar um AAF. Essa avaliação exige que o falante (S) administre o querer pela máxima de eficiência de execução com o querer preservar a face do falante (S) ou do ouvinte (H) a qualquer

---

<sup>25</sup> Tradução minha a partir do texto: *Consists in is a wilful fluent speaker of a natural Language, further endowed with two special properties – rationality and face.*

grau. Minimizar a ameaça à face do outro requer que o interessado seja (S), (H)<sup>26</sup>, ou ambos, procure por meio de escolhas de diversas estratégias e diferentes graus de risco de ameaça para a execução da tarefa.

FIGURA 1 – CIRCUNSTÂNCIAS QUE DETERMINAM A ESCOLHA DE ESTRATÉGIAS<sup>27</sup>



Brown & Levinson (1987 [1978], p. 60) com adaptações e tradução feitas por mim

Com base na figura anterior (1987, p. 60), numerada de acordo com a estratégia e peso do AAF a ser realizado, aplicado à fórmula proposta pelos autores, posso entender melhor como a seleção de estratégias pode diminuir ou aumentar a ameaça na interação. No caso em que um ato de fala não tem (ou tem pouco) peso, ele pode ser produzido sem perífrases, na interlocução, sem nenhuma ação compensadora. Esta seria seguida pelas máximas de Grice para alcançar a comunicação eficiente; ou seja, qualidade (procure afirmar coisas verdadeiras), quantidade (não diga nem mais, nem menos do que o necessário), relevância, e modo (seja claro) (GRICE, 1975). Um AAF mais denso, no entanto, justificaria o desvio dessas máximas, a fim de satisfazer o querer da *face*.

Nesse sentido, a polidez positiva seria uma ação corretora projetada para proteger a face positiva; semelhantemente, a polidez negativa diz respeito à *face* negativa. Um AAF mais pesado justificaria fazer um AAF sem ação reparadora, através de implicaturas conversacionais, como sugerido anteriormente. Para cada estratégia, tal

<sup>26</sup> As siglas (S) Speaker – [Falante], (H) Hearer – [ouvinte] são mantidas em coerência com os quadros teóricos dos autores que sucedem neste trabalho.

<sup>27</sup> Tradução minha para o quadro (da esquerda para a direita/de cima para baixo): circumstances determining choice of strategy; estimation of risk of face loss; greater; lesser; do the FTA; 5. don't do the FTA; on record; 4. off record; 1. without redressive action, baldly; with redressive action; 2. positive politeness; 3. negative politeness.

como mostrado na Figura 1, consiste em uma série de procedimentos ainda mais específicos. Em outras palavras, polidez positiva busca dar ênfase ao conjunto comum de proximidade social e cultural entre os interagentes. Já a polidez negativa dá ênfase na autonomia e soberania do interlocutor.

Na busca por sintetizar a teoria da polidez proposta por Brown & Levinson (1987 [1978]) apresentada até este ponto, poderíamos afirmar que ela é definida como uma ação cooperativa, com objetivos estratégicos de desempenho, que utiliza a aplicação de estratégias de cooperação ou negociação, em que os interlocutores (S/H – nos termos dos autores) evitam colapso/conflitos na comunicação. A polidez linguística, dessa forma, poderia ser vista como um desvio da superfície linguística do comportamento claro e racional. A partir de uma visão do ângulo pragmático, a polidez é vital porque a falta de comunicação de atitudes polidas, geralmente, é vista não apenas como a ausência de tal atitude, mas como expressão de uma atitude agressiva. O grau de polidez está, portanto, intimamente ligado ao contexto e a cultura.

Brown & Levinson (1987 [1978]) enumeram uma série de estratégias de polidez relacionadas sistematicamente ao grau de ameaça implícita à face (AAF), no sentido do maior para o menor risco ameaçador na interação entre S-H, em que a opção de maior polidez como estratégia de menor risco é quase sempre selecionada.

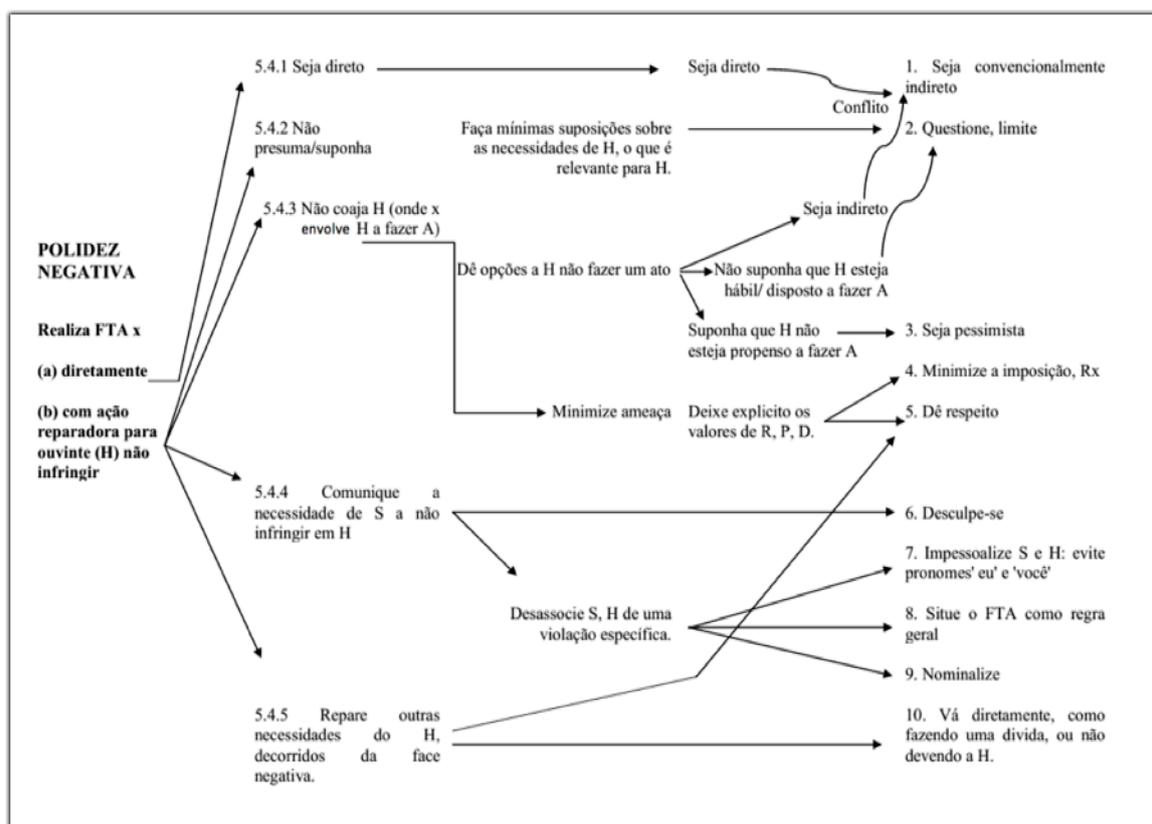
A seleção de estratégia e nível de polidez é determinada por um número de determinantes contextuais: O poder (P) relativo de (S) sobre (H), a distância (D) entre (S) e (H) e a avaliação de sobrecarga do S/H (R), tudo levado em consideração com os riscos de ameaça à face (AAF). Esses fatores estão associados com os papéis individuais que todos os MPs possuem na situação e na sociedade inseridos. Podem-se definir diferentes sistemas de polidez para situações diferentes de comunicação, dependendo do P, D e S/H (R).

O que é interessante em uma análise interacional de comunicação intercultural com foco na polidez é o que se chama de ação linguística e sociopragmática, visto que existem diferenças culturais na percepção de um AAF, ou seja, as ações das pessoas (migrantes brasileiros) têm direito especial de proteção à *face*, visto que o nível de polidez é afetado pelos fatores P, D e R.

O foco do presente trabalho não dará ênfase somente à dimensão **simétrica**, que geralmente envolve ações “polidas” no registro selecionado, controladas principalmente pelas **estratégias de polidez negativa**, mas também na dimensão assimétrica, em virtude das **estratégias de polidez positiva**, porém voltada para a proposta apresentada por Culpeper (2011), apresentada ao final deste capítulo.

Para uma visão mais ampliada sobre como acontece a polidez negativa, segundo Brown & Levinson (*ibid*), disponho o quadro de estratégias proposto pelos autores, com adaptações para o idioma utilizado neste trabalho.

FIGURA 2 – ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ, SEGUNDO BROWN & LEVINSON (1987 [1978])



### 3.1.3 Abordagem geral da teoria de Leech

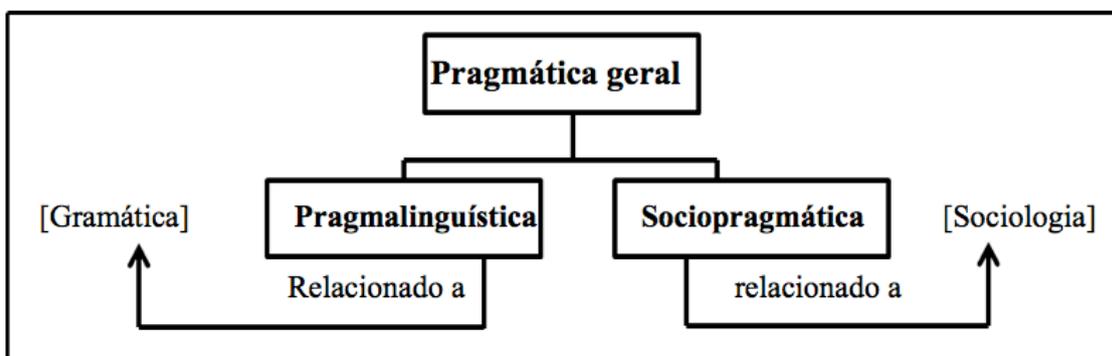
Procurarei discutir, nesta seção, as principais contribuições de Leech, concernentes à teoria da polidez e, mesmo havendo diferenças ontológicas em relação à teoria apresentada aqui, pelos principais autores que abordei, há também pontos comuns entre eles, e tanto os pontos comuns quanto os pontos divergentes serão fundamentais para o que proponho investigar. Como mencionado por Leech (2014, p. 43), o que

parece muitas vezes serem diferenças de opinião constituem, na verdade, diferenças de ênfase ou perspectiva.

Para estabelecer uma discussão sobre a polidez, Leech (2014) parte da pragmática de Grice, ou seja, do **Princípio Cooperativo**. Segundo Leech (*ibid.*), diferentemente da gramática, que é orientada por regras, a pragmática é orientada por princípios. Segundo o referido autor (*ibid.*, p. 34), a polidez pragmática postula que interagentes, no geral, preferem expressar ou implicar atos de polidez ao invés de impolidez.

Antes de apresentar o **Princípio de Polidez** na forma de máximas, postuladas por Leech, acredito ser necessário distinguir alguns pontos primordiais da teoria para minha pesquisa, no que concerne à distinção entre pragmática geral, **pragmalinguística** e **sociopragmática**, o que é apresentado no quadro abaixo.

FIGURA 3 – PRAGMÁTICA GERAL DE LEECH



(LEECH, 1983, p. 11) traduzida por mim

A distinção entre esses termos foi inicialmente proposta por Thomas (1983), e é definida por Leech (1983, p. 10-11) como: Pragmática geral: “A condição geral de uso comunicativo da linguagem”; Sociopragmática: “condições mais específicas (local) de uso da linguagem”; e Pragmalinguística: “os recursos específicos que determinada língua fornece para a comunicação de determinadas ilocuções”<sup>28</sup>.

Pragmalinguística e sociopragmática são áreas complementares de estudo dentro da pragmática como um todo, e o meu interesse, para o trabalho aqui desenvolvido,

<sup>28</sup> Tradução minha para o texto: General pragmatics: *the general conditions of the communicative use of language* [...]; Sociopragmatics: *more specific 'local' conditions on language use* [...]; Pragmalinguistics: *the particular resources which a given language provides for conveying particular illocutions*.

recai principalmente sobre a sociopragmática, a qual se preocupa com a relação entre linguagem e cultura, ou seja, a confluência entre linguagem e relações interculturais. No entanto, não deixarei de tratar/discutir sobre a pragmalinguística, mesmo porque Leech (2014) e Thomas (1983) definem sociopragmática e pragmalinguística como duas facetas de uma mesma moeda.

Outra distinção importante entre as duas áreas da pragmática, aqui discutidas, é apontada por Thomas (1983, p. 99), no trabalho em que a autora versa sobre a falha pragmática nas relações interculturais:

Falha pragmalinguística é basicamente um problema linguístico, causado por diferenças na codificação linguística da força pragmática, falha sociopragmática deriva das **diferentes percepções interculturais do que constitui comportamento linguístico adequado**<sup>29</sup> [grifos meu].

Outra razão para o foco da minha pesquisa posicionar-se na perspectiva sociopragmática se deve ao fato de a polidez situar-se nessa área da pragmática, como apontou Leech (2014, p. 104), ao dizer que pesquisas nessa área se preocupam em “explicar o comportamento comunicativo”.

Já outros autores/trabalhos se debruçaram não somente para explicar o comportamento linguístico adequado, mas o inadequado, ou seja, a impolidez e a grosseria, como fizeram Culpeper (2011), Eelen (2001), e Mills (2003), que serão tratados adiante, em seção reservada para esse fim. Também a sociopragmática e a pragmalinguística serão apresentadas e discutidas separadamente, procurando se dividir (por questões teóricas e metodológicas) os aspectos socioculturais dos linguísticos da polidez.

A teoria da polidez proposta por Leech (1983) adiciona algumas máximas às propostas por Grice. Após o trabalho seminal de Grice (1967), que gerou debate na comunidade linguística, tem-se, posteriormente, a adição de mais máximas no intuito de aperfeiçoar as já existentes, como visto no trabalho de Searle (1975).

Nesse mesmo sentido, Leech (1983) argumenta que o Princípio Cooperativo lida com as informações. A máxima da quantidade está relacionada à quantidade de

---

<sup>29</sup> Tradução minha para o texto: *Pragmalinguistic failure is basically a linguistic problem, caused by differences in the linguistic encoding of pragmatic force, sociopragmatic failure stems from cross-culturally different perceptions of what constitutes appropriate linguistic behaviour.*

informações; a máxima de qualidade está relacionada à veracidade; a máxima de relevância está relacionada à sua consistência; e a máxima de modo está relacionada à clareza e à organização na informação da mensagem. Isso levou Leech (1983) a desenvolver o que chamou de *retórica interpessoal* e *máxima textual*.

Já a proposta apresentada por Leech (1983), nomeada de princípio de polidez [PP], está sob a égide da função interpessoal, nos termos de Halliday (1985), o que abrange a linguagem como meio para expressar relações sociais e pessoais, além da participação dos interagentes na comunicação para aprovar, desaprovar, expressar crença, opinião, etc. O PP consiste nas máximas que seguem:

- 1 – Máxima do tato (a) minimizar o custo para outro [(b) maximizar o benefício para outro];
- 2 – Máxima da generosidade (a) Minimizar benefício para si [(b) Maximizar custo para si];
- 3 – Máxima da aprovação (a) Minimizar a censura do outro [(b) Maximizar elogios do outro];
- 4 – Máxima da modéstia (a) Minimizar o elogio de si próprio [(b) Maximizar a crítica de si próprio];
- 5 – Máxima de concordância (a) Minimizar desacordo entre o eu e o outro [(b) Maximizar acordo entre o eu e o outro];
- 6 – Máxima da simpatia (a) Minimizar antipatia entre o eu e o outro [(b) Maximizar a simpatia entre o eu e o outro].

Em seu último livro, Leech (2014) revisa sua teoria, adicionando e fazendo reflexões sobre seu ponto de vista e o de outros teóricos a respeito da polidez. Uma das revisões feitas por ele concerne no que chamou de *Estratégia Geral de Polidez*, um novo quadro para as seis máximas propostas. Disponho a referida tabela a seguir.

**TABELA 4 – OS COMPONENTES DAS MÁXIMAS DE ESTRATÉGIA GERAL DE POLIDEZ**

MÁXIMAS (EXPRESSA EM MODO IMPERATIVO)	PAR DE MÁXIMAS RELACIONADAS	RÓTULO PARA A MÁXIMA	TÍPICO MODELO DE ATO DE FALA
(M1) <b>Dá valor alto ao desejo de</b>	Generosidade/tato	Generosidade	Comissivos

<b>outro (O)</b>			
<b>(M2) Dá valor baixo ao desejo do falante (S)</b>		Tato	Diretivos
<b>(M3) Dá valor alto às qualidades de outro (O)</b>	Aprovação/modéstia	Aprovação	Cumprimentos
<b>(M4) Dá valor baixo às qualidades do falante (S)</b>		Modéstia	Autodesvalorização
<b>(M5) Dá valor alto às obrigações do falante (S) a outro (O)</b>	Obrigação	Obrigação (de <i>S</i> a <i>O</i> )	Desculpando, agradecendo
<b>(M6) Dá valor baixo às obrigações de outro (O) ao falante (S)</b>		Obrigação (de <i>O</i> a <i>S</i> )	Respostas a agradecimento e desculpas
<b>(M7) Dá valor alto às opiniões de outro (O)</b>	Opinião	Acordo	Concordando, discordando
<b>(M8) Dá valor baixo às opiniões do falante (S)</b>		Opinião reticente	Dando opinião
<b>(M9) Dá valor alto aos sentimentos de outro (O)</b>	Sentimento	Simpatia	Felicitando, lamentando.
<b>(M10) Dá valor baixo aos sentimentos do falante (S)</b>		Sentimento reticente	Suprindo sentimentos

Nota: S= speaker; O= other (s), tipicamente o destinatário. Formulado a partir da proposta por Leech (2014, p. 91) com tradução de minha responsabilidade.

Em suma, o PP de Leech (1983) é parecido com o PC de Grice, em que é observada na interação a restrição que nos influencia a evitar discórdia comunicativa ou ofensa, o que mantém ou aumenta a concordância ou a polidez. O que Leech (*ibid.*) chama de discórdia comunicativa pode ser mais bem compreendido através do seguinte exemplo: duas pessoas, A e B, com base em suas intenções comunicativas, têm seus objetivos incompatíveis. Nesse caso, o interlocutor A tem determinado objetivo, que podemos chamar de X, e o interlocutor B tem determinado objetivo, que podemos chamar de não-X. Leech (2014) pressupõe que, nesse sentido, a polidez é entendida de forma escalar, em que concordar estaria no extremo de um polo, e discordar no outro extremo.

Dessa forma, Leech (*ibid.*, p. 87-88) conclui que a polidez é caracterizada por aspectos de conduta orientada por metas, em que, ao dizer que A está sendo polido por pronunciar determinado enunciado, é dizer que o objetivo de A, ao escolher esse

enunciado, é, em algum grau, transmitir impressão de polidez para com B. Todavia, o interesse da polidez é evitar a discórdia e promover a concórdia, somente na medida em que esses se manifestam através da comunicação, especialmente através dos significados expressos ou implicados.

As escalas de polidez analisadas por Leech (1983, 2014) são vistas de duas formas: pela *pragmalinguística* e pela *sociopragmática*.

Na escala da *polidez pragmalinguística* pode-se dispor enunciados na escala de polidez mantendo o contexto invariável. Dessa forma, pode-se julgar mais polido o uso de “Você poderia emprestar sua câmera?” do que “Empresta sua câmera?”. A razão para essa afirmação seria pelo maior número de opção dado ao interlocutor. Outro exemplo seria entre *Muito obrigado* e *Obrigado*, dado seu caráter intensificador ao expressar gratidão em vez de usar sua forma mínima. Leech (2014, p. 88)<sup>30</sup> afirma que “esta escala é unidirecional e de graus de registros de polidez em termos da forma léxico gramatical e de interpretação semântica do enunciado”.

Por sua vez, a escala da *polidez sociopragmática* é relacionada às normas sociais de determinada sociedade, grupo ou situação. Diferentemente da anterior, esta é sensível ao contexto e tem escala bidirecional. Dessa forma, é possível que o que é considerado mais polido na escala da polidez pragmalinguística possa ser considerado menos polido relacionado às normas da situação. Leech (2014, p. 88) exemplifica do seguinte modo: *Eu poderia interrompê-lo?* poderia ser interpretado como “demasiadamente polido”, se fosse usado entre uma conversa familiar, poderia ser interpretado como sarcasmo e, conseqüentemente, como ofensa, ou seja, passaria de polido a impolido. Leech propõe que a escala da polidez sociopragmática tenha registros de “excesso de polidez”, “falta de polidez”, e “polidez apropriada para a situação”. Dessa forma poderíamos entender os dois tipos de polidez propostos por Leech (1983, 2014), ilustrados com as figuras que seguem:

---

<sup>30</sup> Tradução minha para o texto: *This scale is unidirectional and registers degrees of politeness in terms of the lexicogrammatical form and semantic interpretation of the utterance.*

FIGURA 4 – POLIDEZ PRAGMALINGUÍSTICA

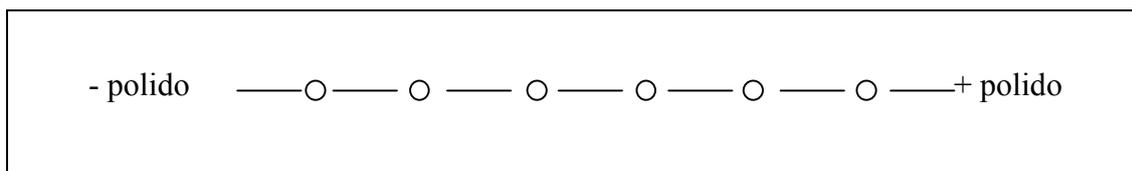
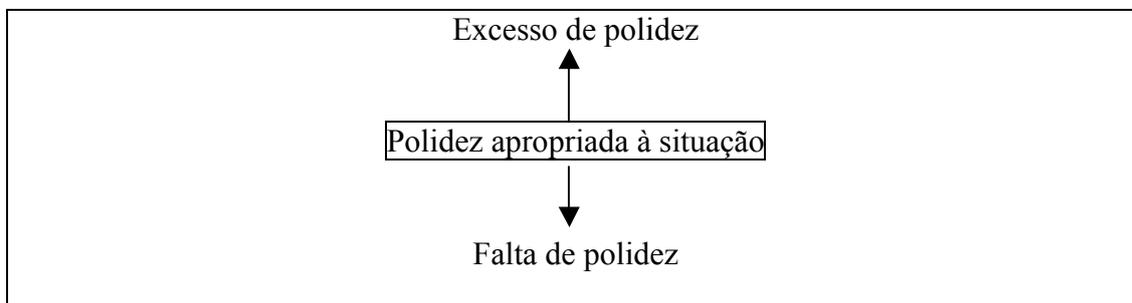


FIGURA 5 – POLIDEZ SOCIOPRAGMÁTICA



Como o uso da polidez na comunicação depende dos dois domínios descritos nas figuras acima, o primeiro pela relação linguística, e o segundo pelo caráter sociocultural, optei não separar para fins de análise dos dados da tese. Tanto a faceta pragmalinguística da polidez, codificada por meio das diferenças morfológicas, sintáticas e lexicais dos dados analisados, quanto a faceta sociopragmática da polidez, determinada através dos valores a serem comunicados, variam segundo as normas de cada cultura, como sugere a figura 5. Leech (2014, p. 106) apontou esse fato como variação *quantitativa* (em grau ou posição na escala), e *qualitativa* (no conteúdo real das próprias escalas).

Para Leech (2014, p. 106) (o que será fundamental para a análise desta pesquisa), a diferença *quantitativa* apresentada em outros modelos teóricos deve ser provisória, o que não acontece com o modelo apresentado pelo autor, em que o quadro com as máximas de polidez (*Estratégia Geral de Polidez*) permite apontar hipóteses tais como: a *modéstia* tem uma classificação mais elevada em português ou espanhol do que nas sociedades anglo-saxônicas, por exemplo.

Por fim, as noções de pragmática da interlíngua (*interlanguage pragmatics*), doravante PDI, aplicada aos estudos de falantes não nativos na aquisição da competência pragmática na língua alvo, auxiliarão no processo de investigação que envolve o ambiente de constante aprendizado/adequação de polidez (e em alguns casos de impolidez) na língua/cultura de adequação.

A PDI é usada em pesquisas que envolvem investigações tanto em contexto de aprendizado de segunda língua (L2), quanto nas relações interculturais. Para Thomas (1983), a natureza do aprendizado pragmático de línguas é diferente do aprendizado gramatical. A autora sugere que seria mais viável, em contexto de interação entre falantes nativos e não nativos, não responsabilizar somente o não nativo sobre o descumprimento das regras pragmáticas, mais precisamente sobre o que é considerado erro pragmático na transmissão do grau de polidez adequado, mas a responsabilidade deveria recair sobre ambos os lados. A esse respeito, Leech (2014, p. 262) sugere que, ao fazer referência ao *déficit* de realização de um falante não nativo, o termo não deveria ser *erro pragmático*, mas *falha pragmática*, e que, nesse caso, o *déficit* poderia ser esperado de ambos os lados.

Adicionada à PDI, é importante também salientar o conceito de *transferência pragmática*<sup>31</sup> (KASPER 1992; KASPER e BLUM KULKA 1993), que concerne ao fenômeno de transferência das características da L1 para a L2, empregadas pelo falante não nativo. Nesse sentido, focalizarei na transferência do português (L1) para o inglês (L2) referentemente às falhas e acertos das regras de polidez entre essas duas línguas/culturas. Nesse sentido, não desassocio língua de cultura, pois a investigação recairá, como mencionado anteriormente, tanto no viés pragmalinguístico quanto no sociopragmático, aferido pela *Estratégia Geral de Polidez*.

### 3.1.4 Proposta de um novo modelo por Watts

Como proposta de um novo modelo teórico de polidez, Watts (2003) esclarece que um novo modelo envolve a quebra com o paradigma de pesquisa dominante no campo, no qual Watts refere-se especificamente ao modelo de polidez criado por Brown & Levinson (1987 [1978]). Apesar de propor um novo olhar para a polidez, introduzindo termos técnicos para a pesquisa, Watts também busca em outros autores alguns conceitos para a formulação de sua proposta, como o conceito de polidez<sub>1</sub> e polidez<sub>2</sub>, resgatados da proposta de Eelen (2001). Segundo tal proposta, a polidez deve ser abordada a partir de dois ângulos: polidez de primeira ordem (ou polidez<sub>1</sub>), e polidez de segunda ordem (ou polidez<sub>2</sub>).

---

<sup>31</sup> Retomarei o conceito de *transferência pragmática* em 3.6

A polidez<sub>1</sub> é referente à noção comum do termo, a forma dicionarizada que traz a polidez como manifestação ou ato de ser polido, como sinônimo de civilidade. A Polidez<sub>1</sub> refere-se às expectativas a respeito do comportamento do outro. Essas expectativas são altamente contestadas e controversas, porque se baseiam na noção do que é polidez pelos sujeitos, o que Watts (2003) chama de *interpretação popular*<sup>32</sup>. É na polidez de primeira ordem que Watts (*ibid.*) pontua que se deveria focalizar em um modelo de (*im*) polidez linguística, principalmente pelo fato de o tema ter se tornado central nas abordagens de estudos linguísticos em sociolinguística e pragmática. Por outro lado, o autor denuncia o que ele chama de *inconveniência*, quando o conceito de polidez de primeira ordem é levado à condição de termo técnico, no que se conhece como *Teoria da Polidez*, o que é ostensivamente argumentado pelo autor. Para Watts (*ibid.*), a sugestão é que a pesquisa em torno da (*im*) polidez seria melhor analisada se houvesse clara distinção do que sugeriu Eelen (2001) sobre as duas ordens da (*im*) polidez, o que levaria à construção de fundamentação teórica mais sólida dessa área dos estudos interacionais. Nas palavras de Eelen 2001, p.31),

se a distinção não é propriamente feita e a polidez<sub>1</sub> e a polidez<sub>2</sub> são simplesmente igualadas, o *status* epistemológico da análise teórica torna-se obscuro. (...), e faz com que a análise oscile (possivelmente ao acaso) entre ambas perspectivas epistemológicas. (...) A relação entre ambas as noções deveria ser cuidadosamente monitorada através de todo processo analítico.

Nessa perspectiva, Eelen (2001), e confirmado em Watts (2003), divide a polidez em três tipos: polidez expressiva, polidez classificatória e polidez metapragmática.

A primeira é alusiva à polidez manifestada nas intenções do falante e em termos específicos de endereçamento, nas formas de tratamento e nas expressões convencionalizadas, como *me desculpe, com licença*. Este modo de polidez é entendido como forma de suavizar a força ilocucionária de um pedido, e até mesmo de reduzir os efeitos negativos de uma resposta negativa.

A polidez classificatória, como indica o nome, é compreendida como ferramenta e refere-se ao julgamento dado pelo interlocutor sobre a polidez ou impolidez de

---

<sup>32</sup> Watts (2003) usa o termo *folk interpretations*.

determinado locutor, ou seja, a forma como o interlocutor classifica as pessoas com base em seus julgamentos.

O terceiro tipo de polidez é a metapragmática e refere-se à forma como as pessoas abordam o assunto polidez como conceito interacional, e como a polidez é percebida nas diferentes práticas interacionais.

Já a Polidez<sub>2</sub> refere-se às afirmações sobre os universais da polidez. Watts sustenta que essas afirmações são imprecisas porque a polidez é construída na interação social e se manifesta, portanto, de forma diferente entre as culturas. Watts (2003) se refere ao comportamento na polidez<sub>2</sub> como sendo *político* visto como sendo socialmente apropriado. Por outro lado, o *comportamento polido* se baseia na polidez<sub>1</sub>, e é utilizado para melhorar a visão dos outros sobre si mesmo. O autor (2003) argumenta que o *comportamento político* é construído porque é apropriado para a conversa. Embora as pessoas desenvolvam expectativas sobre o que elas almejam quanto ao *comportamento político*, esse é sempre negociável durante a conversa. Watts considera a polidez como o conceito mais amplo da interação social e do *trabalho relacional*. Por *trabalho relacional* Watts refere-se ao esforço que os interlocutores devem investir na negociação de suas relações com os outros em uma conversa (LOCHER & WATTS, 2005). Portanto, o autor considera a necessidade de investigar a polidez em relação a outros aspectos do *trabalho relacional*.

A proposta de Watts (2003) leva em consideração a polidez tanto como conceito social quanto cognitivo, que é desenvolvida nas interações sociais e se incorpora aos nossos processos cognitivos. Nesse sentido, as pessoas adquirem a polidez em situações de interação social. Ao analisar as interações de encontros interculturais, o que é proposto para esta pesquisa, Watts sugere que é possível ver onde as pessoas se desviam do que é considerado polido ou impolido, e como esses desvios são caracterizados.

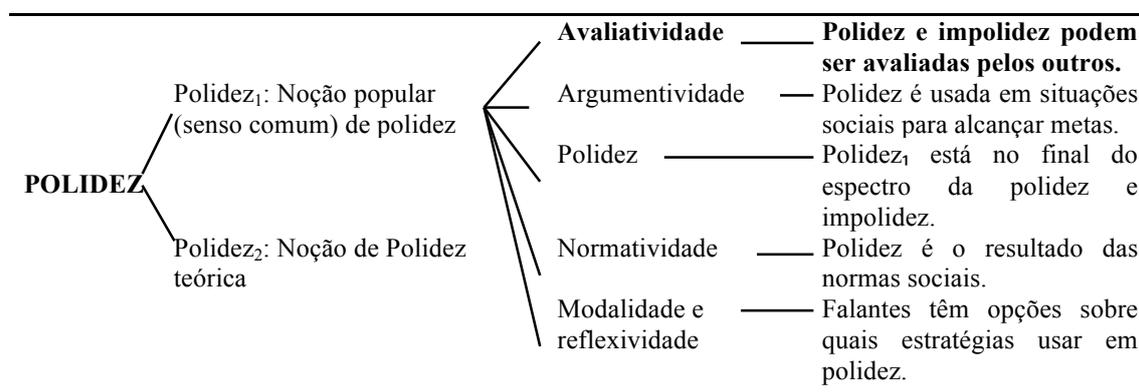
Para Watts (2003), o comportamento polido (polidez) é visto como sendo apropriado para determinado contexto social, enquanto a impolidez é vista como uma violação a essas expectativas. No entanto, de acordo com o autor, "polidez e impolidez" não são, necessariamente, opostas e não há limites claros para o que constitui polidez ou impolidez. Quanto a essa distinção, Watts critica Lakoff (1973) e Leech (2014), ao afirmar que esses autores colocam a polidez e a impolidez como opostas,

principalmente quando essas se evidenciam através das abordagens das máximas sociais, como as regras de polidez de Lakoff, e o Princípio de Polidez de Leech (2014).

Watts (2003) e Locher & Watts (2005) acreditam que não há diferença entre o comportamento *não polido* (mas ainda assim um comportamento político apropriado), e comportamento político apropriado/polido. A única distinção, segundo o autor, se dá então entre *comportamento político* e *comportamento polido*, já mencionado anteriormente.

Em síntese, o conceito de polidez de Watts (2003) poderia ser representado pela seguinte figura explicativa:

FIGURA 6 – CONCEITO GERAL DE POLIDEZ POR WATTS



Para a proposta de trabalho que assumo nesta pesquisa, bem como o quadro teórico desenhado a partir das propostas apresentadas pelos teóricos aqui trazidos, Watts assumirá papel secundário na tarefa de dar suporte ao que é pretendido. Justifico essa afirmativa por tratar-se de um arcabouço muito mais preocupado com a sustentação de uma teoria nova, a partir de críticas severas ao modelo proposto por Brown & Levinson (1987 [1978]) e também ao de Leech (1983, 2014), do que soluções para o que o autor chama de problemas teóricos.

No entanto, alguns pontos, como a distinção entre os dois níveis de polidez (polidez<sub>1</sub> e polidez<sub>2</sub>), apresentadas nesta seção, poderão guiar melhor o rumo da pesquisa de campo e a análise dos dados que dão suporte a este estudo. Além disso, outra contribuição de Watts recai sobre o olhar do pesquisador. Segundo o autor, um estudo das interações sociais significa que o pesquisador deveria estar habilitado, de

alguma forma, a transcender na participação na qual está envolvido e a observar os participantes enquanto participantes, e não como um falante ou ouvinte qualquer.

Outros teóricos tiveram papéis também importantes na forma como a teoria da polidez se constitui na atualidade. Reservei a próxima seção para discutir uma dessas contribuições, que servirá para o desenvolvimento de minha pesquisa.

### 3.1.5 Atos de Elogio a Face (AEF) de Kerbrat-Orecchioni

A contribuição teórica feita por Kerbrat-Orecchioni a respeito das discussões sobre o Princípio de Polidez tem contribuído para os estudos dessa área. Embora a autora admita a importância do Princípio Geral da Polidez de Brown & Levinson, principalmente como trabalho fundador dessa área de pesquisa, Kerbrat-Orecchioni (2010) sugere alguns ajustes para o modelo desses autores, a fim de torná-lo mais eficiente. Passarei a discutir principalmente sobre as contribuições dessa autora para a pesquisa que aqui proponho.

Até onde avancei em minha pesquisa, ousou afirmar que a inserção da noção de *Face Flattering Acts*, em paralelo às noções de *Atos de Ameaça à Face* (AAF), de Kerbrat-Orecchioni (2010), têm sido a maior contribuição dessa autora para os estudos interacionais sobre o Princípio de Polidez. Como a própria autora (2010, p. 37)<sup>33</sup> afirma a respeito de seu aporte teórico ao qual chamou de *face-saving view*, isso levou à adição de uma pequena pedra a um grande edifício. (KERBRAT-ORECCHIONI 1992, 1997, 2000, 2006, 2010).

Talvez alguém pudesse questionar acerca das outras discussões da autora, como as que Kerbrat-Orecchioni (2010) chamou de introdução de conceitos além da dicotomia existente entre polidez/impolidez. No entanto, acredito que a apresentação dos conceitos “hyperpolitesse”, “non-politesse” e “polirudesse”<sup>34</sup> já são contemplados em outros autores como em Leech (1983, 2014), Eelen (2001), Culpeper (1996, 2011), Mills (2003) e Watts (2003), e deveriam complementar a ideia proposta pela autora. De

<sup>33</sup> A autora neste excerto estava relatando sobre sua contribuição em relação à teoria de Brown & Levinson, como disposto no original: *Tout en adoptant le principe de la face-saving view, j'ai moi-même ajouté ma petite pierre à l'édifice [Kerbrat-Orecchioni 1992, 1997, 2006], que je vais d'abord rappeler rapidement.*

<sup>34</sup> Os conceitos "hyperpolitesse", "non-politesse" e "polirudesse" são propostas muito próximas aos de autores como Leech, Eelen, Culpeper, Mills e Watts, o que compreendo como renomeação para conceitos já consagrados. Os termos em português equivalem a (*hiper*) polidez, não polidez e *Polirruidez* (combinação de polidez com impolidez).

qualquer forma, ao afirmar que essas categorias não podem ser definidas sem simultaneamente tomar em conta o conteúdo do enunciado, sua formulação, e as expectativas normativas vigentes em uma dada situação, a autora garante um deslocamento teórico significativo entre as outras propostas.

Tomando como base o modelo padrão de Brown & Levinson, mais precisamente o conceito teórico (AAF), Kerbrat-Orecchioni (2010, p. 37) afirma tratar-se de uma visão excessivamente pessimista, e até mesmo “paranoica” polirudesse de interação e interagentes. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2010), na proposta de Brown & Levinson a interação é concebida como um campo minado por todos os tipos de AAF, e devemos constantemente procurar desativá-los. Já os interagentes são descritos como obcecados por essas constantes ameaças a seus territórios e a suas faces.

Se, por um lado, Kerbrat-Orecchioni (2010) acredita que o AAF, da forma como se apresenta, é um pouco paranoico, por outro a autora defende ser a polidez também, de forma mais positiva, capaz de produzir “antiameaças” para manter o desejo da face (*face-want*) não somente protegida, mas possivelmente aumentada. Mesmo sendo a maioria dos atos de fala potencialmente ameaçadores às faces dos interagentes, esses são também bastante significativos para essas mesmas faces, tais como o agradecimento, o voto, ou o elogio.

Se Brown & Levinson, segundo Kerbrat-Orecchioni (*ibid.*), tratam como um AAF puro a face negativa do receptor, então esta é, antes de tudo, um ato de “elogio” para a face positiva desse mesmo destinatário. Nessa linha de pensamento, a autora afirma que é desejável e até mesmo necessário conferir o modelo que batizou de FFA (*Face Flattering Acts – Atos de Elogio à Face* [AEF])<sup>35</sup>, o que seria um “anti-AAFs”.

Ao inserir, no quadro dos pressupostos teóricos da polidez, o AEF, Kerbrat-Orecchioni (*ibid.*) pressupõe que qualquer enunciado possa ser descrito como um AAF ou um AEF, ou um complexo desses dois componentes. Essa apresentação de Kerbrat-Orecchioni sobre a noção de AEF, a meu ver, torna sua compreensão mais abrangente

---

<sup>35</sup> Outros autores trazem com termos próprios essa ideia, tais como: *Face Enhancing Act*, *Face Supportive Act* ou *Face Giving Act*. Apesar de a autora tratar, ao longo de sua discussão, do conceito de *Face Flattering Acts* usando o termo em inglês, irei, por questão de colaboração com meus leitores, traduzi-lo para o português como *Atos de Elogio à Face* (AEF).

do que o quadro padrão que distingue as duas formas de polidez: polidez negativa x polidez negativa.

Para Kerbrat-Orecchioni (1992; 2000; 2010), polidez negativa é usada tanto para evitar a realização de um AAF, quanto para suavizar tal processo. Já a polidez positiva no AEF é a realização desses de forma reforçada, o curso de uma interação aparece como um equilíbrio sutil entre um AEF e um AAF, e a polidez é redefinida como um conjunto de estratégias de cautela, e também como valorização da face do outro (sem colocar em risco sua própria face) para preservar a “ordem da interação”, como havia proposto Goffman (1975 [1959]). Os aspectos da interação relacionados a polidez, como aponta Kerbrat-Orecchioni (1992, p. 163), servem para manter a harmonia no relacionamento interpessoal.

Uma das críticas relacionadas a essa nova proposta de Kerbrat-Orecchioni (1992, 2000, 2010) vem de Taavitsainen & Jucker (2008) que, apesar de concordarem com a totalidade da proposta, sugerem o termo *Face Enhancing Acts – Atos de Reforço da Face* (ARF), pois afirmam ter esse uma conotação mais neutra. Elogio (*Flattering*), afirmam os autores (2008, p. 197), implica bajulação excessiva e insincera, sugerindo “um termo mais neutro para referir-se aos atos de fala que inerentemente adicionam à face positiva ou negativa do destinatário ou do falante”.

Para sustentar o argumento de comprometimento que o termo usado por Kerbrat-Orecchioni tem, Taavitsainen & Jucker (2008) citam Holmes (1988, 1995), a qual afirma que as mulheres tendem a ser mais polidas linguisticamente do que homens e conectam esse comportamento com polidez positiva, construindo solidariedade e simpatia. Segundo Holmes (2006), os elogios são mais comuns entre as mulheres, que recebem mais elogios, principalmente de outras mulheres, de modo que os elogios podem ser considerados índice de polidez positiva e estratégias femininas, como foi mostrado em pesquisa na Nova Zelândia (HOLMES, 2006, p. 97).

De igual modo, Eckert (2003, p. 386) pontua que, na cultura americana, o elogio é parte essencial das normas de comportamento das mulheres. Elogiar é uma atividade verbal marcada nas garotas americanas, principalmente durante o estágio de desenvolvimento. Não somente a polidez positiva, mas também elogios sarcásticos

desempenham uma parte essencial nesse processo, lançando dúvida sobre a maioria das interpretações em que os elogios pertenceriam à polidez positiva.

Mesmo concordando com Taavitsainen & Jucker (2008) sobre a necessidade de um termo mais neutro para a expressão proposta por Kerbrat-Orecchioni (1992, 2000, 2010), a contribuição da autora traz luz a essa importante área dos estudos interacionais, e servirá para ajustar ainda mais a lente teórica de minha pesquisa, principalmente por meu interesse nos estudos interculturais propostos aqui.

### 3.2 POLIDEZ: ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E LINGUÍSTICOS

Como já mencionado anteriormente neste capítulo, nesta seção me ocuparei em discutir a polidez por um viés linguístico-culturais. Segundo Leech (1983, 2014) e Thomas (1983), a polidez situa-se nas dimensões sociocultural e linguística, mas divididas em dois subdomínios, os quais os autores denominaram de *pragmalinguístico* e *sociopragmático*. A distinção entre essas duas facetas da polidez também poderia ser nomeada de *forma e função*, termos mais conhecidos pela comunidade de estudiosos da linguagem.

Leech (2014), ao discutir a polidez em seu aspecto sociocultural – *sociopragmática* –, leva em conta as várias escalas de valor que fazem o grau de polidez ser apropriado ou não para determinada sociedade. Para o autor (2014, p. 15)<sup>36</sup>, “a sociopragmática não está tão preocupada com os recursos linguísticos utilizados para expressar polidez, mas com a escala de valores que leva determinada cultura a atribuir maior importância social para certas situações do que outras”.

O modelo teórico apresentado por Leech (1983, 2014), adotado em boa parte no quadro teórico deste trabalho, sugere escalas para averiguar o grau apropriado de polidez sociopragmática. O autor (2014, p. 103) apresenta cinco escalas de grau sociopragmático de polidez como as mais importantes. São elas:

---

<sup>36</sup> Tradução minha para o texto: (...) *sociopragmatics is concerned not so much with the resources of language used to express politeness, as with the scales of value that cause a culture to assign more social importance to certain transactions than to others.*

- a) *Distância vertical* entre S e O (em termos de status, poder, papel, idade, etc.).
- b) *Distância horizontal* entre S e O (íntimo, familiar, conhecido, estranho).
- c) *Custo/benefício*: o tamanho do benefício, do custo, do favor, da obrigação, etc.
- d) *Força* dos direitos e obrigações socialmente definidos (Ex.: obrigação do professor ao aluno, obrigação de um anfitrião ao convidado, obrigação de provedores de serviços a clientes, etc.).
- e) *Território próprio e território de outros* (dentro do grupo de pertencimento vs. fora do grupo). Há graus de filiação no *território próprio e território de outros*.

Noto, nesse ponto, que Leech (2014), ao propor cinco dimensões para a sociopragmática, sugere dois novos parâmetros para a polidez. Os três primeiros (a, b, c) correspondem ao P, D e R de Brown & Levinson (1987 [1978])<sup>37</sup>. As duas dimensões adicionadas esclarecem ainda mais as pesquisas com viés intercultural, como a aqui proposta, principalmente por abordar relações de fronteiras entre grupos, pois, como observa Leech (2014, p. 105), é provável que as escalas sejam relativamente gerais nas sociedades, o que não se aplica aos valores considerados normais de uma cultura a outra. Nesse sentido, para investigar a polidez de brasileiros inseridos em uma nova cultura, com o objetivo de responder a questões também de cunho pragmatolinguístico, será necessário levar em consideração a faceta sociopragmática da polidez durante a pesquisa, pois é por ela que se poderá entender como alguns prováveis desentendimentos acontecem na transferência do português para o inglês.

Um bom exemplo relacionado ao parâmetro (d) é relatado no trabalho de Tanaka (1991). A pesquisa da autora compara pedidos de desculpas entre japoneses e australianos. Segundo seu relato, logo que chegou ao país, Tanaka foi a certa loja trocar uma lâmpada que comprou queimada. A surpresa dela foi com a resposta do vendedor – *Entendo. Você quer trocar?* – em vez de um profuso e envergonhado pedido de desculpas que normalmente aconteceria no Japão. Nesse sentido, compreender a língua do outro não é suficiente para uma boa comunicação.

---

<sup>37</sup> A esse respeito ver página 86.

As reações em relação a como os membros de uma cultura avaliam a cultura do outro, no sentido de demonstrar choque/surpresa, também são variáveis. Concernente a essa questão, Martes (1999, p. 153), ao pesquisar os brasileiros de Massachusetts, observou que nossos conterrâneos avaliam a sociedade americana com um olhar brasileiro. Dessa forma, a autora afirma: “Não por acaso, vários aspectos considerados positivos nos Estados Unidos são justamente aqueles considerados negativos no Brasil, e vice-versa”.

Para Martes (1999), mesmo não dominando bem a língua inglesa, vivendo como indocumentados<sup>38</sup> e exercendo funções de pouco valor e esvaziadas de prestígio, é por contraste que os brasileiros constroem as percepções em relação aos americanos, dando assim novos significados para a vida em constante contato intercultural e avaliando de forma positiva a sociedade americana.

Enfim, todos os parâmetros oferecidos na proposta teórica de Leech (1983, 2014), para a averiguação da polidez sociopragmática, serão fundamentais para investigar como os colaboradores desta pesquisa percebem a polidez no contexto intercultural previsto. Resta entender a polidez do ponto de vista linguístico, e como essa é afetada pela sociopragmática.

A polidez linguística é compreendida pela dimensão pragmalinguística nos termos de Leech (1983, 2014). A partir do contexto de interesse da tese aqui proposta, principalmente sobre a confluência dos participantes da pesquisa e o contato desses com a língua/cultura americana, é necessário discutir os modos como essa inserção sociocultural acontece em termos de compreensão linguística segundo o quadro teórico proposto, posteriormente contrastado com a investigação empírica.

De qualquer forma, cabe aqui apontar alguns modos como a polidez linguística no contexto da interculturalidade possivelmente acontece com base, principalmente, em outras pesquisas e nos modos apontados por alguns teóricos. Um quadro esclarecedor

---

<sup>38</sup> Indocumentados [*undocumented*] passou a ser o termo recorrente na mídia americana para referir-se aos imigrantes ilegais que vivem nos EUA. O termo “illegal alien” [estrangeiros ilegais] ou “illegal immigrants” [imigrantes ilegais] passou a ser entendido, principalmente pelos movimentos de defesa aos imigrantes, como não aceitável, por ser compreendido como depreciativo. Jose Antônio Vargas, vencedor do Prêmio Pulitzer de jornalismo, argumenta que o termo “imigrante ilegal” deve ser substituído por indocumentados, afirmando que o primeiro termo é ofensivo e impreciso porque criminaliza as pessoas, em vez de suas ações. (Muitas violações de imigração são civis, em vez de infrações penais). Fonte: [http://www.huffingtonpost.com/2012/09/27/jose-antonio-vargas-illegal-undocumented\\_n\\_1918631.html](http://www.huffingtonpost.com/2012/09/27/jose-antonio-vargas-illegal-undocumented_n_1918631.html) Acessado em 30 de março de 2016.



Um exemplo de transferência negativa de falantes do português brasileiro na comunicação em língua inglesa (ainda em processo de aprendizagem) refere-se à ordem dos constituintes frasais. A língua inglesa possui como característica a rígida ordem canônica SVO. Por outro lado, o português brasileiro, mesmo admitindo a ordem canônica SVO, não possui a mesma rigidez quanto ao seu uso, sendo flexível para a alteração na ordem dos constituintes da frase. Apesar das transferências negativas que podem ser geradas por essa relativa liberdade no português, não acredito que isso possa ter qualquer interferência no que tange à polidez linguística.

O mesmo não acontece, no entanto, com outros processos de transferência, como no uso dos modais da língua inglesa para fazer pedidos, por exemplo. Nesse sentido, pedir uma caneta emprestada, mesmo que seja polido em português, pode soar menos polido na escala pragmalinguística quando passa pelo processo de transferência pragmática para o inglês. Dessa forma, a transferência de (a) *empresta-me sua caneta?* para o inglês, equivale a (b) *lend me your pen?* pode soar menos polido pela falta do *would/ could you*, por exemplo.

O que chama a atenção na observação anterior sobre a transferência de um pedido do português para o que seria seu equivalente em inglês, refere-se ao marcador de polidez ‘por favor’ [*please*]. Para Leech (2014, p. 161-162), esse marcador é indispensável na polidez do dia a dia. Porém, o que observo no português brasileiro é que esse marcador não somente pode ser dispensado, como também substituído por expressões faciais de demonstração de polidez. Dessa forma, a sociopragmática do português pode ficar comprometida no processo de transferência linguística.

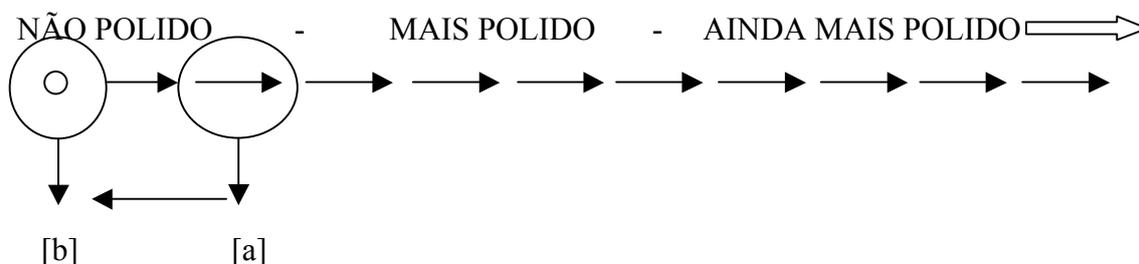
É claro que isso acontece ainda no processo inicial de aprendizado da língua inglesa, e a partir do momento em que há compreensão nos outros modos de pedido na escala pragmalinguística, como (c) *could I borrow your pen, please?* ou (d) *I wonder if I could just borrow your pen for a moment?*, o falante brasileiro de inglês como L2 passa a estabelecer novos critérios de transferência entre a L1 e a L2.

### 3.3.1 Dimensões culturais da escolha linguística

Agir de forma adequada socialmente depende da observação de algumas normas e regras que regulamentam determinada sociedade, o que implica também observação de normas linguísticas de polidez que se refletem nas relações interpessoais.

Pesquisas a respeito de expressões linguísticas e sobre os graus de polidez têm sido examinadas ao longo das últimas décadas. Nessas, atribuem-se graus diferentes para formas de comunicação com mais ou menos intensidade na polidez, como os exemplos (b), (c) e (d), da seção anterior. O que se observa, todavia, é que, a partir do processo de transferência pragmática sugerido por Kasper (1992) e Kasper & Blum-Kulka (1993), (a) migraria de **polido** para (b) **não polido**, como mostra o desenho seguinte:

FIGURA 8 – TRANSFÊNCIA PRAGMÁTICA



Quanto a isso, Coulmas (2005, p. 87) concorda que o emprego de critérios normativos em expressões não é o mesmo nas diferentes comunidades de fala, e que os graus de polidez também são orientados de diferentes formas entre os sistemas linguísticos. Uma observação que o autor faz (2005) relaciona-se em especial com a proposição que apontei anteriormente, ao que afirma:

É difícil ser polido se você não tem o registro de expressão polida, mas em algumas línguas isso é mais difícil do que em outras, porque algumas línguas fornecem codificação lexical e gramatical mais rica de polidez do que outras. Isso faz da polidez verbal algo de grande preocupação para a sociolinguística, porque, a fim de fazer escolhas adequadas os falantes devem reunir os meios linguísticos e as normas sociais de conduta apropriada.<sup>39</sup>

<sup>39</sup> Tradução minha para o texto: *It is hard to be polite if you lack the polite register of speech, but in some languages this is harder than in others, because some languages provide richer lexical and grammatical encoding of politeness*

Outro questionamento de Coulmas (2005), que remete ao processo de transferência pragmática apresentado anteriormente, é relacionado aos pronomes de tratamento, ao que o autor apresenta diferentes línguas europeias em comparação com o inglês. Nessas, todas apresentam duas formas pronominais de tratamento, e o inglês apenas uma [*you*]. A suposição inicial após tal comparação poderia levar à falsa ideia de que a língua inglesa seria menos polida. Coulmas (2005, p. 88) questiona: “Isso significa que respeito, intimidade, distância social e diferenças de poder não podem ser expressos em inglês?”. A resposta para tal questionamento não poderia ser outra a não ser a negativa.

Todavia Coulmas (*ibid.*) lembra que as relações sociais são geralmente expressas por outros recursos menos abertos e sistematicamente codificados, o que observei como informações cinésicas de polidez para o exemplo dado anteriormente na transferência de (a) para (b). Isso pode justificar a escolha de transferência do exemplo em discussão, mas, de qualquer forma o pedido em (b) pode ser recebido/interpretado como impolido pelo interlocutor.

Os brasileiros inseridos no contexto desta pesquisa são, em boa parte, oriundos de regiões do interior do Brasil, com escolaridade variada, mas que em sua maioria tiveram o primeiro contato com a língua inglesa em território americano, como observou Martes (1999, p. 153). Tudo isso corrobora para caracterizar alguns colaboradores desta pesquisa como membros não totalmente inseridos linguisticamente na comunidade de prática a qual pertencem atualmente, principalmente porque alguns desses ainda se comunicam de forma bastante imprecisa na língua inglesa.

Sobre as características de um membro competente inserido em determinada comunidade de fala, Coulmas (2005) cita, como exemplo, saber distinguir enunciados linguísticos marcados e não marcados, relacionados às situações cotidianas, além da compreensão de enunciados diretivos e indiretivos. Resta agora tratar de outro aspecto de interesse desta investigação que também é parte da escolha linguística do falante: o *code-switching* e o *code-mixing* e sua relação com a polidez linguística.

---

*than others. This makes verbal politeness an important concern of sociolinguistics, because in order to make adequate choices speakers must bring together the linguistic means and the social norms of appropriate conduct.*

### 3.3.2 Polidez em relação ao *code-switching* e ao *code-mixing*

Antes de alinhar a polidez em relação ao *code-switching*, ou tentar perceber como isso acontece no contexto proposto para minha pesquisa, é preciso apresentar algumas ideias básicas acerca da expressão *code-switching*.

Em comunidades bilíngues, é bastante comum a alternância linguística, conhecida como *code-switching*, aqui abordada na sua forma original consagrada por Blom & Gumperz (2013 [1972]). Coulmas (2005, p. 109) assim descreve o cenário dessa situação de contato linguístico:

Indivíduos bilíngues vivendo em comunidades bilíngues são regularmente confrontados com a questão sobre qual língua usar. Em muitos casos, a resposta não é que eles escolhem uma língua ou a outra, mas ao invés disso eles selecionam partes de uma e adicionam na outra, alternando em um vai e vem.

O *code-switching* não é usado por todos de uma comunidade bilíngue, mas serve como estratégia do locutor para aproximar-se ou distanciar-se do(s) seus interagente(s). Nesse sentido, o objetivo da escolha pelo *code-switching* nas interações pode tanto ter como estratégia a polidez positiva como a polidez negativa. Dessa forma, o uso desse recurso linguístico pelos falantes tem o propósito de atingir determinados objetivos, sejam eles o de se fazer melhor entendido, o de aproximar-se do interlocutor, mostrar-se pertencente a determinado grupo, ou até mesmo exibir conhecimento linguístico em outro idioma, principalmente quando se trata de uma língua de prestígio social e ainda para atender a função expressiva na comunicação.

Segundo Stockwell (2002), “(...) a escolha pelo código é determinada pelo domínio que os falantes percebem se encontrarem. Isso significa que a escolha pelo código em si é comunicativamente significativa, assim como o teor real do que é dito”.<sup>40</sup> Porém, basta uma visita a um amigo que mora em país estrangeiro, para perceber que o *code-switching* extrapola tal domínio, e, mesmo entre falantes de uma mesma língua, no caso de falantes brasileiros, ainda assim noto o uso do *code-switching*

---

<sup>40</sup> Tradução minha para o texto: (...) *the choice of code is determined by the domain in which speakers perceive themselves to be. This means that the choice of code itself is communicatively meaningful, as well as the actual content of what is said.*

quando não há a presença de falantes de outros idiomas, com fins de conferir mais expressividade ao enunciado.

Outra situação recorrente em comunidades bilíngues é o *code-mixing*. Nesse caso, o locutor mistura palavras ou estruturas linguísticas de uma língua em outra. Geralmente o *code-mixing* é estudado juntamente com o *code-switching*, apresentando-se sempre juntos na literatura. Para Holmes (2001), esses dois recursos são equivalentes, não os distinguindo para efeitos de estudo.

Todavia, apesar de acontecerem muitas vezes concomitantemente, o *code-mixing* não exige conhecimento pleno de uma segunda língua, e pode ser percebido entre aprendizes de L2 já no primeiro contato com a língua-alvo. Por outro lado, não posso dizer o mesmo do *code-switching*, que exige um domínio maior de uma L2. Sendo assim, acredito que distinguir um caso do outro por razões de abordagem metodológica poderá deixar mais claros os objetivos aqui propostos.

Holmes (2001) pontua que o *code-switching* ao pontuar que esse pode aparecer como marcador de solidariedade entre membros de grupos étnicos minoritários. Portanto, os falantes mudam de código para aproximar a relação entre os interlocutores.

A função apontada pelo referido autor possui emprego semelhante às estratégias de polidez positiva, quando essas são usadas pelos interagentes para manter a relação entre eles, para obter aproximação e, também, para compartilhar os mesmos objetivos na interação.

Dessa forma, compreender como o *code-switching* é visto pelos colaboradores desta pesquisa também poderá fornecer algumas pistas sobre como a polidez é vista através da alternância ou mistura de códigos na comunidade brasileira. Como sugerem algumas pesquisas (Cf. BLOM & GUMPERZ, 2013 [1972], GARDNER-CHLOROS, 2003), o *code-switching* pode ser concebido como dispositivo de manutenção de limite, ou uma forma de manter a solidariedade entre o grupo, mas também maneira de ser impolido com o interlocutor quando implicado que tanto uma quanto a outra variedade são igualmente adequadas.

Os participantes da minha pesquisa, tanto os colaboradores das entrevistas quanto os participantes do grupo de *whatsapp* (ao menos os participantes ativos), eram

falantes com conhecimento ainda em desenvolvimento da língua inglesa, ou falantes de nível intermediário. Dessa forma, em momento algum presenciei o uso do *code-switching*. O *code-mixing*, por outro lado, era usado por quase todos os colaboradores, principalmente em palavras que não eram de uso regular na língua materna, como casos de *aspirador de pó*, *estacionar*, *micro-ondas*, *porão*, as quais sempre eram referidas em inglês. Outra possível razão para o uso do *code-mixing* se deve à projeção do sujeito no ambiente e na cultura local, como forma de pertencimento à comunidade. Mesmo não tendo pleno domínio no idioma local, o fato de ter conhecimento de alguns vocábulos tornaria o sujeito, ao menos no imaginário, pertencente àquele grupo.

Além do uso do *code-mixing*, os neologismos reforçam ainda mais essa ideia, os quais são de conhecimento quase que exclusivo do grupo de brasileiros da comunidade. *To park* se torna *parquear*, *to save* se torna *salvar*, *to twist* se torna *tuistar*, além de tantos outros neologismos que pude adicionar em um inventário durante o trabalho de campo. Faz parte do engajamento com a comunidade a adição pelos novos membros desses neologismos no repertório linguístico, além do uso regular do *code-mixing* ao longo das conversações. Respeitar esse processo pode ser considerado um gesto de polidez, pois serve como sinal de pertencimento à comunidade, como poderá ser visto no capítulo de análise, tanto nas entrevistas quanto nos dados do grupo de *whatsapp*.

### 3.4 IMPOLIDEZ

Há vasta literatura para a discussão sobre os Princípios de Polidez, propostos inicialmente por Brown & Levinson (1987 [1978]). Mais recentemente, outro estudo surge a partir desse e legitima-se com base na proposta de alguns autores: o de impolidez. Segundo Eelen (2001) e Mills (2003), investigações sobre impolidez deveriam ser estudadas segundo seus próprios termos, em vez de vinculadas aos termos da teoria da polidez. No entanto, para Leech (2014, p. 219)<sup>41</sup>, “a melhor maneira de começar a teorizar sobre impolidez é construir uma teoria da polidez, o que constitui claramente fenômenos intimamente relacionados, em razão daquela ser o polo oposto de polidez”.

---

<sup>41</sup> Tradução minha para o texto: (...) *the best way to start theorizing about impoliteness is to build on a theory of politeness, which is clearly a closely related phenomenon, in fact the polar opposite of politeness.*

Craig *et al.* (1986), Fraser (1990, 1999), Kasper (1990) e Tracy (1990) argumentam que um modelo de comunicação interpessoal da polidez deve considerar tanto a comunicação cooperativa quanto a comunicação hostil, e que o comportamento hostil deve ser considerado complementar à polidez. Aqui, o *modelo de comunicação da polidez* se refere ao que Watts (2003) veio a denominar mais adiante de *trabalho interacional*, modelo que passou a ser aceito pela maioria dos estudiosos.

A meu ver, Culpeper (2011) é quem melhor descreve o modelo de impolidez, contribuindo para a compreensão dessa importante área da interação social, o que ele faz ao desenvolver modelo descritivo e teórico, propondo definição abrangente e robusta sobre o tópico em discussão. Para o autor (*ibid.*)<sup>42</sup>, impolidez envolve:

- (a) uma atitude composta de crenças avaliativas negativas sobre determinados comportamentos em contextos sociais específicos, e (b) a ativação dessa atitude por esses comportamentos específicos no contexto.

Segundo Eelen (2001, p. 245)<sup>43</sup>, a necessidade de uma teoria de impolidez se justifica pela “incapacidade de explicar adequadamente a impolidez pelos mesmos conceitos que explicam a polidez”, o que, para mim, ficou bastante claro ao longo das discussões dos dados desta pesquisa.

Muitas são as razões para investigações em situações de impolidez, seja no meio político, como nas trocas de ofensas entre deputados e entre senadores, seja nas discussões ideológicas, travadas nas mídias televisivas e na internet, ou no contexto da presente pesquisa. Segundo Leech (2014, p. 220), não é conclusiva a consideração de que a polidez e a cooperação constituem a norma num sentido muito geral, contra a ideia do comportamento não cooperativo e impolido considerados como excepcionais.

A razão apontada por Leech (2014) para acreditar nessa inconclusa consideração sobre a polidez e a impolidez talvez recaia na relação assimétrica que o autor dá entre o *altruísmo comunicativo* e o *altruísmo genuíno*. Desse modo, não há forma de saber sobre as motivações sinceras que levam os falantes a escolher a polidez.

---

<sup>42</sup> Tradução minha para o trecho: *Impoliteness involves (a) an attitude comprised of negative evaluative beliefs about particular behaviours in particular social contexts, and (b) the activation of that attitude by those particular incontext-behaviours.*

<sup>43</sup> Tradução minha para o trecho: *The inability to adequately account for impoliteness by the same concepts that explain politeness*

*Altruísmo comunicativo*, também conhecido como *cooperação*, está relacionado à força funcional em grupo, envolvendo não somente o *homo sapiens*, mas também outras espécies. Compreendo-o como a ação pela qual as pessoas agem conjuntamente para alcançar metas comuns. Por outro lado, o *altruísmo genuíno* refere-se ao ato de beneficiar o outro sem a intenção de receber nada em troca.

No entanto, o que Culpeper (2011) não menciona, algo observado durante o trabalho de campo desta pesquisa e confirmado na análise dos dados, é que o *altruísmo comunicativo* não está somente na polidez, mas também na impolidez. Ampliarei essa discussão mais à frente, bem como na análise dos dados, quando a teoria da impolidez fará parte na interlocução com os dados da pesquisa.

Para Culpeper (2011), a impolidez pode ser definida da seguinte forma:

- (a) O falante comunica o ataque à face intencionalmente, ou
- (b) O ouvinte percebe e/ou constrói comportamento de ataque intencional a face, ou
- (c) a combinação de (a) e (b)<sup>44</sup>.

Em trabalho anterior, Culpeper (1996, p. 358) propõe o reverso do *Princípio de Polidez* apresentado por Leech (1983) como modelo de impolidez a ser seguido. O quadro com o modelo é apresentado a seguir:

**TABELA 5 – AS CATEGORIAS DE VIOLAÇÃO DE RESTRIÇÃO DA ESTRATÉGIA GERAL DE IMPOLIDEZ**

VIOLAÇÃO DA MÁXIMA (EXPRESSA EM MODO IMPERATIVO)	PAR DE MÁXIMAS RELACIONADAS	RÓTULO PARA A MÁXIMA VIOLADA	TÍPICO MODELO DE ATO DE FALA
(M1) Dá valor desfavorável ao desejo de outros(s) (S)	Generosidade/tato	Generosidade	Rejeição, ameaça
(M2) Dá valor favorável ao desejo do falante (S)		Tato	Ordenação, exigência
(M3) Dá valor desfavorável às qualidades de outro(s) (O)	Aprovação/modéstia	Aprovação	Insulto, reclamação, desaprovação
(M4) Dá valor alto/favorável às qualidades do falante (S)		Modéstia	Vangloriar, ser complacente

<sup>44</sup> Tradução minha para o texto: (a) *the speaker communicates face attack intentionally*, or (b) *the hearer perceives and/or constructs behavior as intentionally face-attacking*, or (c) *a combination of (a) and (b)*

<b>(M5) Dá valor baixo/desfavorável às obrigações do falante (S) a outro(s) (O)</b>	Obrigação	Obrigação (a O)	Retenção de "obrigados" e desculpas
<b>(M6) Dá valor alto/favorável às obrigações de outro(s) (O) ao falante (S)</b>		Obrigação (a S)	Exigência de "obrigados" e desculpas
<b>(M7) Dá valor baixo/desfavorável às opiniões de outro(s) (O)</b>	Opinião	Acordo	Discordância, contradição
<b>(M8) dá valor alto/favorável às opiniões do falante (S)</b>		Opinião reticente	Sendo opinativo
<b>(M9) Dá valor baixo/desfavorável aos sentimentos de outro(s) (O)</b>	Sentimento	Simpatia	Expressando antipatia a O
<b>(M10) Dá valor alto/favorável aos sentimentos do falante (S)</b>		Sentimento reticente	Resmungando, reclamando

Nota: S= speaker; O= other (s), tipicamente o destinatário. Tabela formulada a partir da proposta por Leech (2014, p. 221) com tradução de minha responsabilidade.

Para Leech (2014), uma investigação sobre polidez deve incluir tanto as perspectivas do locutor (L) quanto às do locutário (I). Nesse sentido, as atribuições de polidez de um enunciado podem significar tanto o que (L) projeta que seja polido, ou o que (I) interpreta como polido, ou a combinação dos dois. A partir dessa ideia, Culpeper (2011) apresenta definição de impolidez que dialoga tanto com a intenção de (L) quanto com a interpretação de (I), ou com a combinação dos dois.

A violação das máximas apresentadas por Leech na tabela 2, como forma de entender o processo inverso da polidez, proposta pelo autor, apresenta-se muito útil para a compreensão e a consequente análise das interações em que a impolidez acontece, como algumas que serão apresentadas no capítulo de análise dos dados. Essas violações podem acontecer de forma a não colocar em risco a *face* de algumas pessoas, *atos de ameaça à face* (AAF) nos termos de Brown & Levinson.

A partir da definição de impolidez vigente na literatura acadêmica, na área da linguística e também na da psicologia social, noto que há certo consenso em relação à definição desse termo. O mesmo parece acontecer com sua definição em dicionários, o que, a meu ver, abordam o assunto a partir da definição da impolidez como ação. Ao que parece, o problema é o mesmo proposto por Watts (2003) em relação à distinção

necessária entre  $polidez_1$  e  $polidez_2$  ( $polidez$  de primeira e segunda ordem). Antes de continuar com essa linha de raciocínio, apresento algumas das principais definições de  $impolidez$  para dar suporte a essa discussão:

*Particularidade, natureza ou característica de impolido (sem polidez); qualidade do que não possui cortesia; descortesia.*<sup>45</sup>

*Qualidade de impolido; falta de polidez, de delicadeza, de cortesia. [Sin., p. us.: despolidez.]*<sup>46</sup>

*Qualidade de impolido; falta de polidez; descortesia, indelicadeza, rispidez.*<sup>47</sup>

Como já mencionei, as definições supracitadas têm, em comum, a investidura na relação de sentido do que vem a ser  $impolidez$ . Dessa forma, as acepções acima não têm a tarefa de teorizar a  $impolidez$ , ficando no primeiro plano da  $impolidez$  ( $impolidez_1$ ). É preciso, no entanto, uma apresentação e uma discussão da  $impolidez_2$ , assim como proposto por Watts (2003), como forma de diferenciar tais concepções da *interpretação popular*, nos termos do autor. Gostaria de salientar que, para fins de pesquisa, tanto a  $impolidez_1$  quanto a  $impolidez_2$  devem ser tratadas paralelamente. A separação se deve somente por questões teórico-metodológicas. Como a primeira trata do plano de definições populares e dicionarizadas do termo, é imprescindível que essas noções estejam no bojo da análise e da discussão dos dados, o que levaria em consideração a visão imediata dos participantes envolvidos na pesquisa. A segunda, por sua vez, servirá de guia ao pesquisador, como meio de nortear as discussões teóricas, não deixando que a discussão incida em análises minimalistas ou restritas ao senso comum.

Na sequência, transcrevo algumas definições<sup>48</sup> de  $impolidez_2$ , sob o ponto de vista dos principais teóricos sobre o assunto, como meio de inserir mais combustível na discussão que segue:

<sup>45</sup> Definição do **Dicionário Online de Português**, acessado em 20 de agosto de 2016: <https://www.dicio.com.br/impolidez/>

<sup>46</sup> Definição do **Dicionário Aurélio**, acessado em 21 de agosto de 2016: <https://contas.tcu.gov.br/dicionario/home.asp>

<sup>47</sup> Definição do Dicionário Michaelis, acessado em 21 de agosto de 2016: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=impolidez>

<sup>48</sup> As definições apresentadas, bem como outras questões relacionadas a teoria da  $impolidez$ , encontram-se no site da Universidade de Lancaster: <http://www.lancaster.ac.uk/fass/projects/impoliteness/definitions.htm> Acessado em 30 de agosto de 2016.

*Impolidez é comportamento de agravante da face em um contexto específico.* (Locher & Bousfield, 2008, p. 3)

*[Comportamento grosseiro] não utiliza estratégias de polidez onde esta é esperada, de tal forma que a elocução pode somente ser plausivelmente interpretada como intencional e negativamente conflituosa.* (Lakoff, 1989, p. 103)

*[...] grosseria é definida como Atos de Ameaça a Face (AAF - ou características de um AAF, tais como entonação – o que viola uma norma interacional socialmente sancionada do contexto social em que ocorre.* (Beebe, 1995, p. 159)

*[...] impolidez, estratégias de comunicação projetadas para atacar a face, e, assim, causar conflito social e desarmonia. [...]* (Culpeper et al., 2003, p. 1546)

*Impolidez ocorre quando: (1) o falante comunica o ataque a face intencionalmente, ou (2) o ouvinte percebe e/ou constrói comportamento de ataque a face intencional, ou uma combinação de (1) e (2).* (Culpeper, 2005, p. 38)

*[ ... ] Grosseria marcada ou grosseria adequada ocorre quando a expressão utilizada não está convencionalizada ao contexto de ocorrência; após o reconhecimento da intenção de ameaça à face do falante pelo ouvinte, a grosseria marcada ameaça à face do destinatário [...] impolidez ocorre quando a expressão utilizada não está convencionalizada ao contexto de ocorrência; ameaça à face do destinatário [... ], mas nenhuma ameaça intencional a face é atribuída ao falante pelo ouvinte.* (Terkourafi, 2008, p. 70)

*[...] Impolidez constitui a comunicação de atos verbais intencionalmente gratuitos e conflituosos de ameaça a face (AAF) que são propositadamente entregues: (1) não mitigados, em contextos em que é necessário a mitigação, e/ou, (2) com a agressão deliberada, isto é, com ameaça a face acerbada, “impulsionado”, ou maximizado de alguma forma para aumentar o dano infligido a face.* (Bousfield, 2008a, p. 72)

*[...] Impolidez verbal [é] o comportamento linguístico avaliado pelo ouvinte como uma ameaça a ele, a sua face, ou sua identidade social, e viola as*

*normas de comportamento apropriado que prevalecem em contexto específico e entre interlocutores específicos, intencionalmente ou não. (Holmes et al., 2008, p. 196)*

*Grosseria é um tipo de comportamento comunicativo prototipicamente não cooperativo ou competitivo que desestabiliza as relações pessoais dos indivíduos que interagem [...] cria e mantém uma atmosfera emocional de reverência e antipatia mútua, que serve principalmente os interesses egocêntricos [...] (Kienpointner, 1997, p. 259)*

No contexto da minha pesquisa, impolidez pode ganhar novas roupagens, e precisa ser interpretada dentro da comunidade, como será melhor compreendida no capítulo de análise, a partir dos argumentos que teço com os dados coletados. Na busca por afastamento com a identidade brasileira e aproximação com a identidade forjada na nova cultura, os colaboradores de minha pesquisa passam a ressignificar não somente os gestos de polidez, mas também os de impolidez. Como será visto, algumas ações tipicamente brasileiras, como o toque no ombro durante as interações, passam a ganhar novos olhares dos colaboradores a partir do contato com a língua/cultura dos norte-americanos.

### **3.4.1 Revisando estudos sobre impolidez**

Watts, Ehlich & Ide (1992) e Eelen (2001) foram os primeiros a fazer distinção entre primeira e segunda ordem da (*im*) polidez, ou (*im*) polidez<sub>1</sub> e (*im*) polidez<sub>2</sub> para a investigação teórica de trabalhos nessa área, como já previamente discutido na seção 3.1.4. É preciso, no entanto, esclarecer alguns pontos chave para a compreensão das principais diferenças de abordagem nessa área.

Segundo os autores referidos, o conceito de primeira ordem está relacionado a julgamentos a respeito das ações de sujeitos, tais como *impolido*, *grosseiro*, *polido*, *educado*, feitas pelos próprios atores sociais. Esses chegam a tais julgamentos segundo as normas de suas práticas discursivas específicas. Já a segunda ordem da impolidez lida com a compreensão dos atores sociais sobre os conceitos destacados anteriormente, considerando esses em nível teórico. Para tanto, não são ignoradas as noções da

primeira ordem, como, de fato, é argumentado pelos teóricos que a abordagem de segunda ordem usa os conceitos da primeira ordem e a considera na formulação de seu nível teórico, ou seja, as noções de primeira ordem são necessárias para a compreensão da segunda, e vice-versa.

Para muitos teóricos da impolidez, não deveria haver separação das áreas, pois eles veem de um ponto de vista dicotômico (polidez e impolidez). Bousfield (2008a) chega a se manifestar favorável a algumas circunstâncias da discussão, como a explicitada por Culpeper (1996, p. 357), ao afirmar que a impolidez pode ser realizada por meio da ausência da ação polida em que esta é esperada. Por exemplo, deixar de agradecer alguém por um presente pode ser tomado como impolidez deliberada (CULPEPER 2005, p. 42). Nesse sentido, é possível afirmar que, na ausência da polidez, se encontra a impolidez, e vice-versa, criando a impressão de verdade dicotômica entre essas duas áreas de estudo.

Estudiosos, como Locher & Watts (2005); Holmes, Marra & Schnurr (2008), com a proposta do conceito de *trabalho relacional*, afirmam que nesse há mais do que apenas comportamento polido ou impolido.

Como *trabalho relacional*, o que compreendo simplesmente como abordagens interacionais, é um conceito que já vem sendo adotado por boa parte dos estudiosos da teoria da (*im*) polidez, descrito por Watts (2005, p. 9) como sendo o *trabalho* que pessoas investem em relações de negociação com os outros, o que inclui ações impolidas, bem como a polida ou meramente apropriada. Trata-se de conceito útil para ajudar a investigação no debate discursivo sobre polidez.<sup>49</sup>

O argumento de Watts (2005) para a compreensão da (*im*) polidez a partir do *trabalho relacional* se sustenta na crítica ao modelo de Brown & Levinson (1987 [1978]), segundo o qual se trata não de uma teoria da polidez, mas de uma teoria da face, que lida somente com mitigação de atos de ameaça à face.

Os argumentos de Watts (*ibid.*) passam a ganhar mais força com a proposta do

---

<sup>49</sup> We propose that relational work, the “work” individuals invest in negotiating relationships with others, which includes impolite as well as polite or merely appropriate behavior, is a useful concept to help investigate the discursive struggle over politeness.

estudo da polidez como uma das partes (pequena parte) do trabalho relacional, o que deve ser compreendido juntamente com outros tipos de significação interpessoal. Dessa forma, a polidez, para Watts (2005, p. 10), é definida como: “(...) conceito discursivo decorrente das percepções e julgamento do comportamento verbal próprio e também dos outros”.

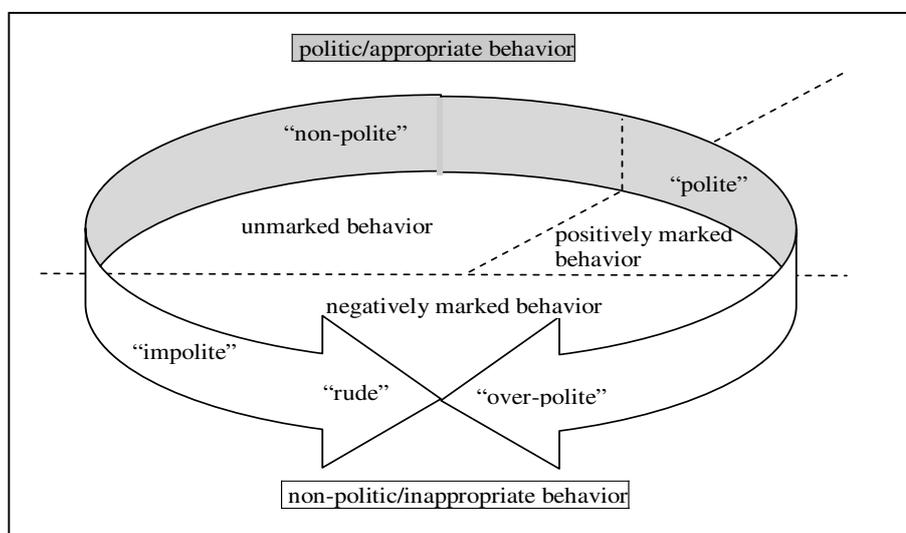
Trabalho relacional refere-se ao empenho (*trabalho*) que determinada pessoa investe no relacionamento discursivo com os outros, na orientação necessária para a realização de determinado objetivo. Sendo assim, polidez e impolidez, além de outros termos relacionados, estão sob o mesmo escopo teórico.

Convém ressaltar que Watts não acredita em um *trabalho relacional* orientado sempre no sentido de manutenção da harmonia, cooperação e equilíbrio social, como podemos ver no seguinte trecho:

Trabalho relacional compreende todo o *continuum* do comportamento verbal na interação direta, impolida, rude ou agressiva por meio da interação polida, englobando tanto formas apropriadas como inapropriadas de comportamento social (Locher 2004, p.51). Comportamento impolido é tão significativo na definição de relacionamentos como apropriado/político ou polido. Neste sentido o trabalho relacional pode ser entendido como equivalente ao nível interpessoal da comunicação de Halliday (1978), em que o significado interpessoal, em vez de significado ideacional, é negociado (WATTS, 2005, p.11).

A seguir, reproduzo diagrama, oferecido por Watts, que serve como mapa do *trabalho relacional*, em que o comportamento é compreendido como marcado ou não.

FIGURA 9 – TRABALHO RELACIONAL



Watts, 2005.

Os termos **marcado** e **não marcado** podem ser compreendidos da seguinte forma: quando o comportamento for inapropriado, esse será **marcado**, o qual será também mais notado; **não marcado**, para Watts, refere-se ao comportamento político. Segundo o autor, “o comportamento linguístico percebido vai além do que é esperado, a exemplo o comportamento acentuado, deve ser chamado de polido ou impolido, dependendo se o comportamento em si tende na direção negativa ou positiva do espectro de polidez” Watts (2003, p. 19). Por sua vez, a polidez é o comportamento positivamente marcado.

Para melhor explicar, tomo como exemplos os usados por Watts, com adaptações para o português, mantendo os equivalentes itálicos do original:

- (1) A: Você gostaria de mais café?  
B: Sim, *por favor*.
- (2) M: *Olá, senhor João. Como o senhor tem passado?*  
S: *Olá Davi. Bem, obrigado. E você, como está?*
- (3) A: Você gostaria de mais café?  
B: Sim, *por favor, seria muito gentil de sua parte. Café seria maravilhoso.*
- (4) M: *Olá, senhor João. Que bom vê-lo novamente. Sentimos sua falta. Como você está?*  
S: *Olá, Davi! Eu estou bem, obrigado. Também é muito bom revê-lo. Como você está?*

Culpeper (2008, p. 23) aponta que alguns pesquisadores (Cf. MEIER, 1995) veem a polidez como uma questão de fazer o que é apropriado, enquanto, para Watts, segundo Culpeper, referindo-se à noção de *trabalho relacional*, está correto apontar que as pessoas frequentemente fazem mais daquilo que é esperado delas.

Não há dúvida, ao menos para a maioria dos pesquisadores, da importância da noção de *trabalho interacional* proposto por Watts, do qual irei valer-me como escopo teórico e metodológico para a pesquisa em voga. Adiante, no entanto, deter-me-ei na parte esquerda da figura, a partir de reflexões teóricas mais recentes sobre a impolidez.

Entretanto, se, por um lado, já se sabe que a impolidez deve ser compreendida dentro do *trabalho relacional*, a partir de conceitos próprios, muito bem aceitos por uma parcela dos teóricos dessa área, por outro, outras questões precisam ser elucidadas a partir desse ponto, para a tessitura completa desse emaranhado teórico. Para tanto, é preciso compreender e discutir as funções da impolidez, bem como os eventos

principais em que essa encontra lugar dentro das interações sociolinguísticas. Aproveitarei também para lançar luz sobre alguns padrões do discurso associados a eventos impolidos.

### 3.4.2 Funções da impolidez

Segundo Culpeper (2011), eventos de impolidez podem consistir em um único ou em vários enunciados estabelecidos para fins específicos. Nesse sentido, a impolidez em voga é a que Beebe (1995, p. 154) chama de *instrumental*, que serve de algum objetivo instrumental. A noção de *impolidez instrumental* é baseada na noção de grosseria instrumental, proposta inicialmente por Buss (1961, p. 2-4), e revisada por Kasper (1990), que propõe três motivações para a grosseria: (1) *grosseria devido à falta de controle afetivo*, (2) *grosseria estratégica* e (3) *grosseria irônica*.

Para Beebe (1995), há somente duas funções principais para a impolidez instrumental: (1) *obter poder* e (2) *manifestar sentimentos negativos*. Culpeper (2011, p. 220) acredita que a grosseria instrumental, proposta por Kasper, tem a ver com poder, e a terceira categoria (*grosseria irônica*) é subcategoria da segunda (*grosseria estratégica*). Para o autor, há muita sobreposição entre esses dois esquemas, em que ambos se identificam como expressão de sentimentos negativos e estratégias de poder. Culpeper (*idem*) lembra também que, embora Kasper (1990, p. 211) mencione brevemente brincadeiras e solidariedade na discussão sobre *grosseria irônica*, nem Kasper nem Beebe discutem as funções positivas que as estratégias da impolidez abarcam por alguns participantes no jogo interacional.

A partir do quadro exposto, organizarei minha compreensão de impolidez com base em três aspectos sugeridos em Culpeper (2011), discutindo a função de cada uma das categorias propostas, sendo elas *a impolidez afetiva*, *a impolidez de entretenimento* e *a impolidez coercitiva*. As duas primeiras serão introduzidas no sentido de despertar a curiosidade para trabalhos futuros nessa área, e a última será tratada com mais afinco, pois dará norte à análise dos dados desta pesquisa. De qualquer modo, os três tipos têm igual importância como função da impolidez, e podem ocorrer simultaneamente durante as interações sociolinguísticas.

### 3.4.2.1 *Impolidez afetiva*

O monitoramento contextual, explicado por Goffman (1978) no exemplo em relação a xingamentos, ressalta que um homem que enuncia *merda!*<sup>50</sup>, ao tropeçar num alicerce, provavelmente evitaria o palavrão se a mesma situação ocorresse numa creche. Não há dúvida de que o monitoramento linguístico em relação às escolhas lexicais nos xingamentos está condicionado ao contexto da situação, o que leva, segundo Culpeper (2011), à conclusão de Kasper (1990, p. 209-210) sobre *impolidez afetiva*, que envolve expressões de emoção descontrolada nas quais não há licença para tais xingamentos. Para Culpeper (2011), há normas prescritivas sobre a adequação de demonstrações emocionais em situações específicas.

Jay (2000, p. 57) faz a seguinte reflexão sobre agressão verbal:

A agressão verbal atende a mais de uma finalidade. Geralmente, leva uma das duas formas: agressão hostil ou agressão instrumental. Na agressão verbal hostil, o objetivo do xingamento é prejudicar a pessoa que prejudicou o falante ou danificou sua autoestima. Na agressão verbal instrumental, o objetivo do xingamento é obter alguma recompensa através do uso do discurso agressivo. Xingamento instrumental pode resultar na obtenção da admiração de seus pares para o falante, ou quando é usado para intimidar ou ameaçar, pode resultar na obtenção de alguma recompensa a partir do alvo do xingamento. Xingamentos hostis e instrumentais são estratégicos, não automáticos ou reflexivos.

Culpeper (2011) observa que Jay (2000) vê o xingamento mais estreitamente associado à emoção da raiva, mas aponta que raiva pode ser vista como existindo ao longo de um *continuum* de respostas reflexivas e automáticas a expressões estratégicas e controladas (JAY, 2000, p. 55). O que chama atenção nas reflexões de Jay no ponto mencionado é que tanto a *agressão hostil* quanto a *agressão instrumental* são usadas na busca de um objetivo específico.

Jay (1992, p. 107) ressalta que “represália ou retaliação é um componente funcional necessário da comunicação humana, pois informa a malfeitores quem, o quê, onde e quando de seus atos ofensivos” (ênfase no original). *Impolidez afetiva* é o alvo mirado da emoção intensificada, normalmente raiva, com a implicação de que o

---

<sup>50</sup> Goffman usa a palavra *fuck*.

objetivo é a culpa para produzir estado emocional negativo. Quanto menor for o alvo da *impolidez afetiva*, menos instrumental a *impolidez* será (CULPEPER, 2011).

Podemos entender a *impolidez afetiva* manifestada na exposição de raiva em direção do interlocutor e, por conseguinte, essa ação gera emoção negativa entre os participantes da interação, como no exemplo que apresento na sequência, excerto dos dados da minha pesquisa:

- (5) A: *Não existe isso ... alguns brasileiros trouxeram a safadeza e exploração na bagagem.*

No dado anterior, em resposta a uma mulher que busca, por meio das pessoas de um grupo de rede social, vender uma vaga de serviço, o interlocutor usa da afirmação em (5) para expressar sua indignação com a situação, por ele e por outros, entendida como inexplicável, deplorável e outros adjetivos equivalentes. Como se trata de um lugar onde muitas pessoas estão envolvidas no jogo interacional, algum participante poderia usar a ocasião para manifestações menos sérias (*impolidez de entretenimento*) e brincar com a situação, como dizer que isso faz parte da brasilidade, enquanto outro poderia usar a *impolidez* coercitiva para persuadir com a ideia de transformação a partir da oportunidade de contato com novas culturas, o que é verdade entre quase todos do grupo. A situação também poderia ocorrer apenas entre dois participantes do grupo, em que a reação do interlocutor pudesse transitar nos três tipos de *impolidez*.

#### **3.4.2.2 *Impolidez de entretenimento***

A segunda função da *impolidez*, segundo Culpeper (2011), é a de *entretenimento*. Antes de discutir sobre essa função da *impolidez*, todavia, devemos adentrar em outra discussão: *impolidez genuína* e *impolidez simulada*.

Para tanto, é preciso olhar nas fórmulas convencionalizadas de *impolidez* usadas em contextos nos quais as expectativas contextuais de *polidez* são muito fortes. Culpeper (*ibid.*) dá exemplo de filhos que, ao se despedirem da mãe com um beijo de bom dia, chamam-na de *biscate*, enquanto a mãe retribui o beijo e diz *caiam fora daqui!*

Essa situação exemplifica muito bem a situação em que termos de uso para o insulto, em alguns lugares usados entre as mulheres<sup>51</sup>, funcionam como impolidez simulada.

*Impolidez simulada* é o oposto da *impolidez genuína*. Leech (1983) chama a impolidez simulada de *gozação* ou *brincadeira*, termo mais popular, bastante comum nas piadas. Dentro desse tipo de impolidez, ao menos na maior parte das vezes, os efeitos negativos de se dirigir a um interlocutor são cancelados. Leech (1983, p. 144) assim descreve o que ele chama de *Princípio da Brincadeira*:

A fim de demonstrar solidariedade com O, dizer algo que é (i) obviamente falso, e (ii), obviamente impolido a O ‘[e o Princípio da Brincadeira expressado vai dar origem a uma interpretação de tal forma que]’ a impolidez que o F usa para O é claramente falsa. Portanto, o que F realmente significa para O é polido e verdadeiro.

Culpeper (2011) aponta que o fato de a brincadeira ser obviamente impolida é essencial para sinalizar a diferença entre *fórmula impolida* e *impolidez simulada*. Leech (1983) reforça seu pensamento ao afirmar que a brincadeira envolve dizer algo que é “obviamente falso”.

Os casos de brincadeiras geralmente acontecem entre pessoas próximas, com certo grau de intimidade necessário para o envolvimento da *impolidez simulada*. No caso de alguém chamar outro de *filho da puta*, por exemplo, sendo esse um amigo ao qual se admira e respeita vai contra a Máxima de Qualidade, tanto no caso de que se tome o termo em sua literalidade ou na sua forma figurativa.

Segundo Culpeper (2011), podemos pensar em *impolidez simulada* em termos teóricos como envolvendo o cancelamento dos efeitos perlocucionários (impolidez) que flui da fórmula *impolidez convencionalizada* quando uma óbvia incompatibilidade emerge no contexto em que ela é usada (Cf. TERKOURAFI, 2001).

(6) A: 99% do Brasil é corrupto.

B: E aquele 1% é vagabundo

No dado (6), (B) entra na brincadeira possivelmente porque entendeu que, apesar da generalização feita por (A), não havia direcionamento para ofendê-lo, dentro do

---

<sup>51</sup> O termo usado no original é *bitch*.

contexto em que aconteceram os enunciados. Apesar de as fórmulas convencionalizadas de impolidez (*corrupto*, *vagabundo*) aparecerem tanto em A quanto em B, a incompatibilidade de verdade cancela os efeitos perlocucionários nos enunciados. No entanto, pode haver diferentes efeitos em outros envolvidos/participantes no mesmo contexto, como podemos ver na continuação do excerto:

- (7) C: Ladrão 100% corrupto.  
 D: Você é ladrão e 100% corrupto?  
 C: Eu sou não, irmão.

A discussão iniciou a partir do envio de uma imagem da família do então presidente dos EUA, Barak Obama, em que se dizia que tudo que a família do presidente consumia na Casa Branca era cobrado, com o intuito de comparar aos privilégios de alguns políticos afastados do poder no Brasil por questões judiciais, como a de investigação de crimes que ocorria naquele momento. Em (C), percebo que o enunciador continua no mesmo jogo que (A) e (B), no mesmo enquadre, usando a mesma brincadeira de porcentagem para chegar a uma possível “conclusão”. Porém, (D) visivelmente se manifesta descontente com o que estava sendo enunciado pelos outros participantes, direcionando uma pergunta em tom agressivo a (C): *Você é ladrão e 100% corrupto?* Entendendo o não alinhamento de (D), (C) responde com um atenuador, *Eu sou não, irmão*, compreendendo que (D) possivelmente não entendeu que tudo não passava de brincadeira.

Leech (1983) argumenta que uma brincadeira reflete e promove intimidade social (relativa igualdade em termos de autoridade e de proximidade em termos de distância social): quanto mais íntima uma relação for, menos necessário e importante é a polidez, e, portanto, a impolidez pode ser associada, nesse caso, com intimidade. Para Holmes (2000, p. 174),

(...) insultos entre aqueles que conhecem bem uns aos outros também é sinal de solidariedade e pertencimento grupal (...) humor codifica o julgamento ou insulto de forma aceitável; insultos podem ser considerados exemplos de ‘fazer amizade’ entre aqueles que trabalham próximos.

Estabelecidas as diferenças entre a *impolidez genuína* e a *impolidez simulada*, podemos passar para a *impolidez de entretenimento*. Segundo Culpeper (2011, p. 233), essa função da impolidez envolve a exploração do entretenimento à custa da impolidez.

Como já acontece com as outras duas funções da impolidez discutidas, essa também envolve uma vítima, ou ao menos uma em potencial. O alvo, no entanto, nem sempre está ciente da impolidez, ou os participantes entretidos estão sempre cientes de quem é o alvo, ou mesmo que o alvo seja uma pessoa ‘real’.

Para que a impolidez seja divertida e cumpra a função de entretenimento nessa função, no entanto, faz-se necessária a compreensão dos envolvidos nesse processo interacional. Mas, sendo a impolidez algo desagradável e que pode trazer conflito entre os envolvidos, o que leva a impolidez a ser divertida e a cumprir função de entretenimento?

Para Culpeper (2011), assim como é comum em pesquisas na área da pragmática, a díade falante/ouvinte, por exemplo, na *impolidez de entretenimento* também poderia ser entendida como uma díade *produtor/alvo*, o que, segundo o autor, pode gerar problema interpretativo, pois concentra as discussões em quadro interativo estritamente definido. Sobre esse modo da *impolidez de entretenimento*, Culpeper (2011, p. 234) assim se manifesta,

(...) pode ser designada tanto para os expectadores como para o alvo dirigido, para a diversão do público. O fato de que pessoas se divirtam com violações simbólicas às identidades e aos direitos sociais através da impolidez, não surpreende quando nos lembramos que pessoas eram entretidas por espetáculos de gladiadores e ainda hoje são entretidas por lutas de boxe e jogos de rúgbi.

Na atualidade, a *impolidez de entretenimento* ganha força nas mídias televisivas e redes sociais. Há muitos programas na televisão que têm como principal meio de audiência a violência verbal. No Brasil, somente na televisão aberta, há inúmeros programas que têm como principal *ingrediente* esse tipo de impolidez, como “Casos de família”, “Pânico na TV”, “CQC”, e tantos outros mais. Segundo Chory (2010, p. 182),

(...) há uma imensa quantidade de materiais lidando com conflitos agressivos envolvendo exército, guardas de trânsito, seguranças de boate, policiais, inspetores de hotéis, e assim por diante. Na verdade, de acordo com a ideia de que a impolidez pode ser divertida, hoje o gênero TV com a maior agressão verbal são comédias/seriados.

Segundo Myers (2001, p. 183), analisando programas televisivos, como os mencionados anteriormente, o prazer está no potencial de violência existente neles, não

necessariamente deve haver agressão física, ou seja, “(...) a mera sugestão de socos pode causar emoção”. Em decorrência desse cenário, ainda que a censura proíba violência física de programas em determinados horários, eles não terão menor audiência por conter “apenas” sugestões de violência, como a agressão verbal.

Alguém poderia acusar a *impolidez de entretenimento* como sendo improdutiva, mas Culpeper (2011) oportunamente afirma que muitas ações de impolidez possuem elementos de criatividade, principalmente pelo caráter competitivo que nela há, como nas respostas no mesmo nível ou em nível superior que os atacados dão aos que os atacam. Para conseguir um ataque superior, reitera Culpeper (2011), são requeridas do atacado habilidades criativas.

Uma última característica da *impolidez de entretenimento*, brevemente apresentada por Culpeper (2011, p. 235), trata-se da impolidez como fonte de prazer, o que ele chama de *o prazer de ser superior*. Culpeper (2011) busca na Teoria da Superioridade, proposta por Bergson (1911 [1900]), articular a ideia de que há certo prazer reflexivo na observação de alguém em pior estado do que o próprio. Culpeper (2011) não articula de forma veemente a discussão sobre *o prazer de ser superior*, mas podemos fazer algumas inferências a partir do ponto por ele apresentado. Para tanto, parto de excerto dos dados de minha pesquisa, transcritos na sequência.

- (8)           A: Meu marido está vendendo um contato de pintura, interessados entrar em contato no [\*\*\*\*]  
                   B: Desculpe a minha ignorância, mas o que é isso? Vender contato?  
                   C: Tem alguém precisando de um pintor, o marido dela sabe quem precisa.  
                   D: Caracas tão passando fome... Falam que no EUA ganham tão bem. Será que é isso mesmo???

Para entendimento da situação do excerto transcrito, são necessárias informações adicionais, que muitos dos participantes do grupo têm, mas que outros, como (B) e provavelmente (D) não possuem. O que (A) está oferecendo é uma prática comum entre os brasileiros que vivem nos EUA, principalmente os envolvidos em trabalhos de construção civil ou limpeza. O que (A) chama de *contato* seria melhor compreendido fora do grupo por oferta de contrato de prestação de serviço. Na verdade, informação privilegiada como essas são comumente valorizadas e vendidas a todo tempo na comunidade dos brasileiros em Massachusetts.

O participante (B) parece, ao longo do período em que participei do grupo, ser recém-chegado aos EUA, enquanto (D) ainda vive no Brasil, mas, como muitos outros, está usando o grupo para estabelecer aproximação e criar uma rede social que o ajudaria em provável mudança para aquele país.

Observo que, na manifestação de (D) sobre a oferta de (A), seguida da explicação de (B) sobre do que se tratava a oferta de *contato*, a reação é de superioridade em relação à posição de alguém que ele acreditaria estar num país melhor, em uma situação melhor, como retratado em muitas passagens ao longo de outras discussões do grupo.

- (9) *Contexto:* [Alguém posta um vídeo, originário de uma brasileira na Europa, falando sobre o cerco das autoridades aos imigrantes, a partir da criação e endurecimento das leis]  
 A: Hahaha, por nada não, mas as leis, concordei com todas informadas no vídeo obs: concordei, pois sei que muitas coisas ruins acontecem nos EUA por causa de estrangeiro ilegal  
 B: Sabe porra nenhuma, seu lixo.

Nesse outro excerto, a situação não é muito recorrente dentro do grupo, haja vista que a intenção é ajudar as pessoas que vivem ou pretendem viver em Massachusetts (EUA), ficando implícito que o participante (A) está usando o espaço para zombar dos participantes, e, em situações como essa, ele logo é excluído pelos moderadores/administradores do grupo. De qualquer forma, a situação da ilegalidade é algo bastante constrangedor para muitos imigrantes, o que sempre leva o tema para discussões calorosas e de muita polêmica. O vídeo, em si, não chocaria ou levaria a discussão para contextos de impolidez, mas a manifestação de (A), colocando-se a favor dos procedimentos legais e contra o estrangeiro ilegal, provavelmente acontece pelo lugar de onde o participante se vê. Talvez por ser um imigrante já legalizado, ou mesmo por não viver nos EUA.

Minhas observações anteriores podem ser confirmadas nas entrevistas que realizei durante a pesquisa de campo, com imigrantes brasileiros, que se queixavam a respeito de brasileiros já legalizados e que, em grande parte, tomam posições que desfavorecem os ilegais, tais como posição política mais conservadora, entre outras medidas que, segundo alguns entrevistados, mostram o esquecimento de alguns do lugar em que outrora haviam estado. Tanto em 8 (D) quanto em 9 (A), a posição de

superioridade em relação à situação é manifestada na interação entre os participantes. Todavia, nem sempre haverá reação linguística, como em casos de espectador de *shows* na TV, ou mesmo como espectador de interação nos grupos sociais.

### 3.4.2.3 *Impolidez coercitiva*

Culpeper (2011) propõe a *impolidez coercitiva* a partir de reflexões referentes à noção de poder, proposta por Fairclough (1989), entre a distinção de *poder no discurso* e *poder por trás do discurso*. Nessas, a primeira tem seu exercício na linguagem, enquanto a segunda na constituição de instituições sociais e sociedades por meio das relações de poder. Culpeper (2011, p. 255) lembra que, em Brown & Levinson e em pesquisas que seguem as orientações teóricas dos autores, há mais preocupação com aspectos do *poder por trás do discurso*.

No entanto, Locher (2004, p. 31) observa que pessoas com *status* elevado podem abster-se de exercer poder, enquanto interagentes com *status* baixo podem exercer poder sobre pessoas de maior *status*. Dessa forma, podemos entender que não há correspondência tão simples entre as duas formas de poder propostas por Fairclough, nas interações envolvendo (*im*) polidez. Locher (*ibid.*) propõe uma lista que acomoda o exercício de poder na linguagem, como pode ser notado, a seguir:

- Poder é (muitas vezes) expresso através da linguagem.
- Poder não pode ser explicado sem contextualização.
- Poder é relacional, dinâmico e contestável.
- Interligação entre linguagem e sociedade pode ser vista no poder.
- Liberdade de ação é necessária para o exercício de poder.
- Restrição do ambiente de ação de um interlocutor geralmente leva ao exercício de poder.
- Exercício do poder envolve um conflito latente e choque de interesses, que podem ser obscurecidos por causa das ideologias de uma sociedade.
- Exercício do poder é frequentemente acompanhado de exibições de trabalho relacional não marcado ou positivamente marcado para manter o equilíbrio social e negociar identidades.

Watts (1991, p. 56-60) lembra que a noção de poder baseada em *status* não é muito útil para a análise de exercício de poder na interação face a face, principalmente na ausência de evidentes diferenças de *status* institucionalizados. O autor propõe a ideia

de restrição da *liberdade de ação* para complementar a noção de *status*, sendo seguido por Locher (2004) e também por outros, como van Dijk (1989) e Wartenberg (1990). Watts (idem) reitera que “o significado central de poder certamente envolve conflito de interesses, ao invés de um consenso”.

Nesse contexto, Culpeper (2011, p. 226) define a *impolidez coercitiva* como aquela

(...) que busca um realinhamento de valores entre o *produtor* e o *alvo*, de tal maneira que o *produtor* tenha seus benefícios atuais reforçados ou protegidos (os termos *produtor* e *alvo* não precisam necessariamente se referir a indivíduos, mas podem se referir a grupos ou instituições). Trata-se de uma ação coercitiva, que não é do interesse do *alvo* e, portanto, envolve tanto a restrição de ambiente de ação da pessoa quanto um conflito de interesses. Isto, naturalmente, levanta a questão sobre o que é uma ação coercitiva.

Além de Culpeper (2011), Tedeschi & Felson (1994) também definem a ação coercitiva como movimento para além do consenso comportamental, o que inclui a imposição de danos sociais. Os danos à identidade social dos alvos referem-se à redução de poder e/ou *status*. Os autores assim os sintetizam como

(...) uma medida tomada com a intenção de impor dano a outra pessoa ou forçando sua realização. Atores envolvidos em ações coercitivas almejam que suas atuações possam prejudicar o alvo ou os levar ao consenso. O valor que eles atribuem a ação ou dano ao alvo decorre de suas crenças sobre a relação causal entre a ação ou danos e os valores finais. Há muitos valores que podem ser seguidos através de meios coercitivos. Por exemplo, os atores podem avaliar o dano ao alvo porque eles acreditam que irá resultar em justiça, ou eles podem valorizar a realização da ação pelo alvo porque acreditam que isso vai levar a benefícios tangíveis (TEDESCHI & FELSON, 1994, p. 168).

Culpeper (2011) conclui que a realização da *impolidez coercitiva* pode levar a benefícios imediatos (muitas vezes materiais), enquanto dano social está relacionado com benefícios simbólicos (podendo, também, levar a benefícios materiais). Beebe (1995, p. 159-163, *apud* CULPEPER, 2011) argumenta que o uso da *impolidez* para obter poder possui as seguintes finalidades:

- (1) Para parecer superior. Inclui ‘insultos’ e ‘humilhações’.
- (2) Para obter poder sobre ações (fazer com que alguém faça alguma coisa ou evitar de se fazer algo). Inclui ‘sarcasmo’ e ‘polidez insistente’ usada para levar as pessoas a fazer algo, bem como as tentativas de levar as pessoas a ‘sair, nos deixar sozinhos ou terminar uma tarefa de forma mais rápida’.
- (3) Para obter poder na conversação (ou seja, ter o controle na interação) (para fazer o interlocutor falar, parar de falar, dar forma no que ele diz, ou ter o turno da interação). Inclui o uso de ‘psiu!’ e interrupções rudes.

O autor (2011, p. 227) também observa que há estreita relação entre poder e face negativa, dada a definição de Brown & Levinson (1987 [1978], p. 61): “liberdade de ação e liberdade de imposição”. Para ele, o quesito (1) da lista de Beebe (1995) está relacionada com deferência, conceito que recebe tratamento muito categórico em Brown & Levinson. Por sua vez, a *impolidez coercitiva*, demonstrada em algumas pesquisas, ocorre com mais frequência em ambientes onde há desequilíbrio de poder social. A razão se dá, segundo Culpeper (2011), pela liberdade de investidas de atos de impolidez pelos participantes, visto que há menos riscos de retaliação, e de ameaça de retaliação mais grave, caso o participante com menos poder de reação resolva revidar. Além de minha pesquisa, que se insere dentro da impolidez como meio de coerção, outras de igual modo, anteriores a esta, propuseram estudos nesse campo (Cf. LAKOFF 1989; PENMAN 1990); (CULPEPER 1996; BOUSFIELD 2008b); (KASSING e SANDERSON 2010); (CULPEPER 2005).

A seguir, transcrevo excerto dos meus dados para ilustrar a *impolidez coercitiva*.

(10) Administrador: POLÍTICA DO GRUPO:

1 – Segunda a sábado;

Ficam limitadas as postagens de mensagens ligadas à Compra, Venda e Troca de bens; bem como, e não menos importante, Ofertas de Empregos aos membros deste GRUPO.

2 – Aos Domingos, fica LIBERADO assuntos e conteúdos variados, lembrando-se SEMPRE de respeitar as opiniões dos participantes do GRUPO. – Para bate papo informal dentro grupo. Usem o PARTICULAR.

A: Tô com medo desse grupo. Tem muitos mal-amados que implicam com tudo.

B: Ju, advinha com quem eu estou?

C: Com a Jéssica e o marido

D: Já q o Coringão ganhou e só comemorar

E: Kkkkkkkkkk

Administrador: Tem gente que sai do Brasil e o Brasil não sai dele, falta de educação, se não gosta de seguir regras esse não é o lugar ... é melhor voltar pro Brasil onde as regras são feitas para ser descumpridas.

No excerto em análise (10), há exemplo da tentativa do administrador em alinhar os participantes em relação aos objetivos do grupo, tendo em vista as mensagens enviadas diariamente ou, às vezes, sempre que o assunto passa a se diferenciar do alvo proposto na sua criação. Na manifestação dos membros do grupo, alguns comentam

sobre o tempo em que vivem nos EUA, se falam ou não inglês, se são ou não legais no país, se possuem negócio próprio, entre outros tópicos que denotam poder, ou a falta dele. Nesse caso específico, ser um dos administradores do grupo é sinal de poder, pois são eles que excluem e adicionam participantes, o que é feito constantemente.

Contudo, como se pode ver nas entradas de (A), (B), (C), (D) e (E), alguns estão dispostos ao desafio, talvez por não se sentirem mais pertencentes ao grupo, ou mesmo pelo simples gosto da provocação. O *administrador*, no fecho da discussão, é bastante duro, e responde a provocação em tom ameaçador. A resposta tem função de alinhar os participantes para sua inserção em novo lugar, o que é proposto a partir da ideia de deixar para trás (*sai do Brasil e o Brasil não sai dele*) as ideias e costumes antigos, e, como consequência para o não alinhamento à proposta, sugere: *é melhor voltar pro Brasil*. Ademais, danos à identidade dos alvos ocorre intencionalmente ao longo de todo o trecho, finalizado com uma associação entre viver no Brasil (brasileiro) e não cumprir com regras. E o contrário é proposto na impolidez coercitiva, com a ideia (implícita) de que viver fora do Brasil (viver nos EUA) é igual a cumprir com regras.

Mais será tratado sobre essa discussão no capítulo de análise dos dados. Para isso, porém, precisarei adentrar em um assunto a esse relacionado, para melhor compreensão da pesquisa como um todo: polidez e identidade, o que faço na próxima seção deste capítulo.

### **3.5 IDENTIDADE E (IM) POLIDEZ**

A partir da leitura de consagrados autores da sociolinguística interacional, tais como Goffman (1975 [1959], 2002, 1967, 1971, 1978, 1981) Blom & Gumperz ([1972] 2013), Garfinkel (1976), Gumperz (1982) e Tannen (2005), acredito que esses estudos também devem levar em consideração a inclusão dos estudos sobre identidades. No modelo sociolinguístico clássico de Labov, no cânone variacionista, identidades são associadas com variáveis linguísticas com base em características sociais fixas, como no exemplo do estudo do vernáculo inglês (1972), focalizadas na análise de como a variação de certos sons eram pronunciadas correlacionadas à classe social.

Posteriormente, estudos discursivos continuaram a associar identidades com formas de falar baseadas em características fixas, ou seja, ainda sem interesse na

negociação e na variabilidade ocorridas durante as interações. Exemplos de pesquisas nesse âmbito são as que envolvem a diferença de gênero, como atestam trabalhos sobre as diferentes formas de falar do homem e da mulher.

No entanto, foi a partir do final dos anos 90 que sociolinguistas passaram a questionar tais pressupostos, pontuando a necessidade de se estar ciente da diversidade e variabilidade nos grupos e em comunidades de fala, em vez de assumir a homogeneidade nesses, como apontado por Blommaert (2005). Segundo De Fina (2006), esse novo foco tem ajudado a transformar a atenção na direção de estudos de orientação etnográfica de ações linguísticas em práticas e em contextos sociais específicos. Não pretendo trazer um relato exaustivo da vasta literatura sobre identidade, mas gostaria de me concentrar em algumas noções fundamentais para estudos que são significativos para a análise nas interações cotidianas.

Como foi inicialmente proposto no capítulo I, buscarei compreender a ressignificação identitária a partir do deslocamento geográfico dos colaboradores. Para tanto, é preciso correlacionar identidade com (*im*) polidez. A discussão sobre identidade, ou identidades, como iremos ver, ganhou força principalmente na sociologia e na antropologia, mas é hoje estudada em muitas outras áreas das ciências sociais e humanas, ganhando também espaço em diferentes disciplinas da linguística. Para tanto, irei valer-me da proposta de três importantes nomes dos estudos sociais sobre identidade: Castells (1999), Hall (2006) e Bauman (2003, 2005), na tentativa de buscar compreender melhor a conexão existente entre o processo de identidade na comunidade pesquisada e o papel da (*im*) polidez no processo de ressignificação das identidades em jogo.

Castells (1999), ao longo de seu trabalho, busca mostrar os efeitos das transformações tecnológicas, especialmente com o advento na área da comunicação, ocorrido nos últimos anos. O autor descreve o impacto que essas mudanças trouxeram sobre as culturas, apresentando o conceito de *sociedade em rede* como característica da situação contemporânea do mundo globalizado. Essa transformação é apresentada pelo autor da seguinte maneira:

A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em

rede; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão-de-obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes (CASTELLS, 1999, p. 17).

Para Castells (*ibid.*), o termo identidade devia ser substituído por identidades, pois estas constituem núcleos que resistem à homogeneização, marcadas pela história de cada grupo, bem como pelas instituições existentes, pelos aparatos de poder e pelas crenças religiosas. Essas diferentes formas de manifestações identitárias nem sempre desenvolvem práticas renovadoras e, segundo Castells, algumas se traduzem em resistência à mudança e outras, em projetos de futuro. Importante aqui salientar que a construção das identidades se desenvolve em contextos marcados pelas relações de poder, como nas negociações e nas imposições presentes nos dados previamente apresentados na minha pesquisa.

Para Castells (1999, p. 22), a construção das identidades passa pelo processo de construção de significado baseado em atributos culturais, ou no conjunto de atributos culturais inter-relacionados. Para o autor (*ibid.*), as identidades são múltiplas, o que pode ocasionar tensão e contradição tanto na auto-apresentação quanto na ação social. Para isso, Castells (1999) julga necessário estabelecer distinção entre identidade e papéis.

Os papéis podem ser, por exemplo, de trabalhador, de esportista, de membro de determinada igreja e fumante ao mesmo tempo, e, conforme aponta Castells (1999, p. 23), serem “definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade”. Para o autor (*ibid.*), a importância dos papéis na influência sobre o comportamento das pessoas vai depender das negociações entre os indivíduos e as instituições/organizações.

Por sua vez, identidades são “fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação.” Frisa o autor, porém, que identidades também podem ser formadas a partir de instituições dominantes. Sobre as diferenças entre identidades e papéis, Castells (1999, p. 23), em termos genéricos, ensina que “(...) identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções. Defino significado como a identificação simbólica, por parte de um

ator social, da definição da ação praticada por tal ator”.

O que parece ser unânime entre os sociólogos aqui selecionados para a discussão sobre identidade é a ideia de que toda e qualquer identidade é construída socialmente, restando, todavia, outras questões a serem respondidas, tais como de que forma são construídas, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece. Para Castells (1999, p. 23), a construção da identidade passa por diferentes lugares para sua construção, como propõe o autor:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas, e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço.

Nesse ponto, Castells (1999, p. 24) elenca questões fundamentais para a construção das bases de discussão sobre identidades. As questões são: quem constrói a identidade coletiva e para que elas são criadas? Por acontecer sempre em contexto marcado por relações de poder, a origem e a construção de identidades passa, segundo o autor, por três lugares: *identidade legitimadora*, *identidade de resistência* e *identidade de projeto*. A primeira, “introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais, tema este que está no cerne da teoria de autoridade e dominação de Sennett (...)”. Já a segunda é “criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade (...)”. A terceira, por sua vez, acontece quando

(...) atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. Esse é o caso, por exemplo, do feminismo que abandona as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo à família patriarcal e, assim, a toda a estrutura de produção, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabeleceram.

Nesse sentido, concordo com a posição de Arndt e Janney (1993, p. 38) e a ressalto, ao argumentar que uma investigação sobre (im) polidez deve ser compreendida e investigada a partir da identidade cultural dos participantes da investigação, em suas

diversas manifestações linguísticas e, ao invés de discutir sobre os universais de polidez, começar a trabalhar maneiras de lidar com suas próprias limitações (culturais) como observadores e intérpretes, e, ao lidar com a variação cultural em geral, fazer das abordagens algo mais flexível. Seria, para não dizer impossível, ao menos muito difícil a compreensão do processo de construção de identidades se não houvesse um olhar para dentro da estrutura social a qual se pretende investigar. O mesmo poderia se dizer de uma investigação sobre (im) polidez.

A construção de identidades percebidas ao longo dos dados em minha pesquisa são processos interacionais dinâmicos, em que os significados e as intenções são negociados progressivamente entre os sujeitos envolvidos nas interações. Linell (2001, p. 160), em relação a esse processo interacional, observa que

(...) quando analiticamente olhamos de forma mais atenta sobre a prática de interação real entre pessoas reais é que tanto as pessoas quanto as situações em que elas interagem nunca são totalmente determinadas. Elas estão continuamente em produção, em construção (...)

Como forma de exemplificar o processo dinâmico da construção do significado e das identidades, disponho a seguir de um excerto dos dados da pesquisa:

JOHNNY: “Bom, meu nome é Abdul da Silva. Gostaria de pedir sua opinião, passei 5 anos na África e retornei agora ao Brasil. Qual o melhor dia e horário para perturbar vc?” Rsrtrs

Olha o que o cidadão me passou.

JOHNNY: É só eu colocar o celular pra carregar e tudo acontece.

JOHNNY: Falta de respeito hein. É tão simples né. Respeitar, só isso!

ABDUL DA SILVA: Oi Johnny, sempre tive uma grande consideração por vc, respeitei a regra do grupo e chamei vc no privado, seguindo suas orientações de ser uma pessoa atenciosa. Vc não deveria expor uma conversa no privado para todos. Me desculpe se lhe ofendi de alguma maneira, não foi minha intenção. Apenas queria trocar ideias com uma pessoa que acho sensata e direta. Usei a palavra perturbar (por saber que vc trabalha e não queria lhe incomodar e não ser importuno). Mais uma vez peço desculpas e isso não vai se repetir.

JOHNNY: Maus entendidos acontecem. E isso é o correto a se fazer. Esclarecer. Sem problemas

ABDUL DA SILVA: Se o Moderador quiser exclui-me, ou achar que desrespeitei algo. Não ficarei chateado, apenas vou compreender.

JOHNNY: Eu só achei estranho por eu não te conhecer e você falar daquele jeito. Mas sendo assim, segue o respeito e o carinho.

A construção de sentido é realizada ao longo da interação no excerto acima, bem como o processo de (im) polidez que incide ao longo dela. Para Hall (2006, p. 7), “as

velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno (...). Percebe-se com isso a crise de identidade, ao mesmo tempo em que se busca uma ressignificação identitária nesse complexo emaranhado em que se vive. Resta compreender como tudo isso afeta o sujeito no deslocamento, o *brazuca*, nessa difícil tarefa de se encontrar.

A crise, o que é compartilhado entre os sociólogos aqui discutidos, surge a partir da modernidade tardia e da globalização. Para Marx e Engels (1973, p. 70, *apud* Hall, 2006, p. 14), modernidade é:

(...) o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos (...) Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar (...)

Para Hall (2006, p. 10-12), a compreensão das identidades leva a distinção de três sujeitos: *sujeito do Iluminismo*, *sujeito sociológico* e *sujeito pós-moderno*. O sujeito do Iluminismo se constrói baseado na concepção do sujeito “totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia, e com ele se desenvolvia”.

O sujeito sociológico reflete a complexidade do mundo moderno, ou seja, “a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele”. Essas pessoas “mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.” É, segundo Hall (2006), nessa concepção que a identidade preenche o espaço entre o mundo pessoal e o mundo público, ou seja, nos projetamos nessas identidades culturais, “ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural”. É nesse contexto que o sujeito se unifica à estrutura cultural, ou nos termos de Hall (*ibid.*), sutura-se a estrutura, o que torna esse sujeito fragmentado, composto não mais de uma única, mas de múltiplas identidades, às vezes contraditórias, ou não resolvidas.

É nesse processo do sujeito sociológico, conceitualizado como não tendo identidade fixa ou permanente, que se produz o sujeito pós-moderno. Nessa concepção, o sujeito é transformado “continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13). Para Hall, a sensação que o sujeito experimenta de coerência na identidade, no sentido de afirmações de ser o mesmo durante toda a vida, são fantasias cômodas de narrativas do eu. Dessa forma, o sujeito pós-moderno assume diferentes identidades, definidas historicamente, das quais são empurradas em diferentes direções, muitas vezes contraditórias. Segundo Hall (2006, p. 13), “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”.

Para efeitos da investigação sobre (*im*) polidez, essa mudança teórica nos estudos de identidade pelo movimento social construcionista sugere como esse novo paradigma promove mudança na perspectiva da identidade como objeto de categorias sociais fixas à identidade como emergente e construída em contextos sociais concretos. Para De Fina (2006, p. 205), tal mudança “(...) implica forte ligação entre os estudos de identidade e pragmática interpessoal desde que identidades são vistas como altamente negociáveis na interação, emergentes e em grande parte coconstruídas”.

As diferentes direções que o sujeito pós-moderno toma podem ser facilmente notadas ao longo das entrevistas e dados da minha pesquisa. O mesmo sujeito que, em certo momento, defende e exalta o povo brasileiro e suas qualidades, tratando com deferência aqueles com quem interage, em outro momento pode ser grosseiro e intimidador. Nesse sentido, concordo com a diferenciação proposta por Brandão (2016) entre (*im*) polidez e (*des*) cortesia<sup>52</sup>, pois a primeira é própria da identidade contraditória do sujeito pós-moderno, podendo ser negociada na interação, quando alguém ora é polido, ora impolido, algo inerente às múltiplas identidades tratadas por Hall. Já a (*des*)

---

<sup>52</sup> Autores como Briz (2004, 2008), por exemplo, de países de língua espanhola, usam o termo (*des*) cortesia como equivalente ao termo (*im*) polidez, pelo fato de o primeiro termo ser o mais corrente em sua língua. O mesmo pode-se dizer da literatura produzida em Portugal, como nos trabalhos de Seara (2014) e Almeida (2013), por exemplo. Já na maioria da literatura produzida no Brasil, o termo mais recorrente é o de (*im*) polidez, do qual faz parte este trabalho.

cortesia, como argumenta Brandão (2016, p. 639), “se define pela subjetividade, como atributo natural da pessoa, relacionado ao caráter”.

O contexto em que os participantes de minha pesquisa se encontram (comunidade) é chamado por Bauman (2005) de *comunidade de destino*, o que, na fórmula de Siegfried Kracauer (1977), estão “fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios”. Nos preceitos de Bauman (*ibid.*), a primeira comunidade (de vida) é negada aos que vivem na segunda, o que os leva a pensar com mais afinco sobre identidade na exposição com a segunda, o que possivelmente não ocorreria caso ainda se estivesse vivendo na primeira. As questões da brasilidade, por exemplo, não são tão nítidas pelos brasileiros enquanto vivendo no Brasil, mas ganham maior significado quando expostos a outra cultura.

No encadeamento da discussão de Bauman (*ibid.*), ele usa do próprio exemplo para tratar do caso de sua identidade, o que levaria alguns a dizer que não é o caso dos brasileiros que vivem nos EUA, ou de tantos outros que deixaram o Brasil, os quais não deixaram o país por perseguição política, problemas com guerra civil ou qualquer outra força similar. No entanto, ao entrevistar os envolvidos, ou ao longo das conversas no grupo de *whatsapp* analisado, percebi que o sentimento de rejeição e abandono pela pátria é tão forte quanto se tivessem migrados pelas razões citadas. Na exposição com essa segunda comunidade (a de destino), Bauman (2005, p. 17) afirma que

tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’ (Grifos do autor).

O pertencimento, assim como a reflexão sobre a identidade, constitui conflitos muito marcantes nas comunidades de migrantes. Nas entrevistas com meus colaboradores (mesmo que não apresentado diretamente nas questões elencadas) sempre se falava como é ser brasileiro fora do Brasil, da dificuldade na aceitação (própria e na dos outros) para o sentimento de pertença. Para a colaboradora **Hannah**, por exemplo, a maior dificuldade era a aceitação da própria comunidade, e não a dos americanos. Segundo essa participante, “os brasileiros são os que mais aborrecem com ideias de que se vive na casa do outro, em terras alheias”. Já para **Ryan**, como afirma o colaborador,

“não me sinto americano, pois não nasci aqui, falo inglês com sotaque, tenho uma aparência latina, porém não me vejo mais vivendo no Brasil, e mesmo sendo brasileiro de nascimento, não me comporto mais como tal”.

Nem todos pensam da mesma forma. O que notei é que a assimilação exige tempo, além de outros fatores. **Kimberly**, por exemplo, diz que já não vem ao Brasil com tanta frequência, e quando vem sempre se sente em terra estrangeira. A colaboradora elenca razões de se sentir americana, todas elas comparadas à corrupção na política brasileira, à violência mostrada nos noticiários e à falta de oportunidades existentes no Brasil, ou seja, não se sente brasileira porque não aprova o que ela chama de “caráter da maioria dos brasileiros, principalmente os que detêm o poder”. Para Bauman (2005, p. 20), “pode-se até começar a sentir-se *chez soi*, em casa, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa”.

E o preço a pagar parece que realmente é cobrado de todos. Mesmo para os mais otimistas, os que dizem querer voltar ao Brasil “algum dia”, percebo o sentimento de falta daquilo não experimentado no Brasil, próprio da confusão identitária observada no grupo investigado. Para Bauman (2005, p. 21-22), a identidade deve ser inventada, e não descoberta, algo a ser perseguido, “como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais”. O autor (*ibid.*) conclui que, para que essa luta seja vitoriosa, “a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta”.

A identidade cultural como algo a ser inventado, no sentido posto por Bauman (*ibid.*) anteriormente, dá ainda mais sustentação ao argumento que teço sobre ressignificação identitária na comunidade investigada, visto nos dados da pesquisa, por meio do uso de (*im*) polidez. A identidade cultural, com o movimento migratório já abordado no capítulo I deste trabalho, já não pode ser mais vista como ligada unicamente ao que é nacional, pois sofre com os fluxos constantes de informações, de pessoas e culturas. A partir de minhas reflexões sobre os brasileiros da região de Boston, a comunidade investigada me direciona a alguns questionamentos em torno do sentido de pertencimento na significação que o conceito de *brasilidade* detém. Segundo

o dicionário *Priberam*, a definição de **brasilidade** é “qualidade própria do que é brasileiro; caráter específico da cultura ou da história do Brasil; sentimento de amor ou de grande afeição pelo Brasil”. Já o dicionário *Dicio* define como “sentimento de simpatia e amor pelo Brasil”.

A partir das entrevistas e da observação participante durante o trabalho de campo, compreendo que os sentimentos em relação ao Brasil passam a sofrer com o processo migratório dos envolvidos em minha pesquisa. Percebo que o diálogo com o novo gera situações e sentimentos conflituosos entre os membros da comunidade, criando, principalmente em relação as questões ideológicas tidas como inerentes ao ser brasileiro, um sentimento de não mais pertencer a certos padrões que são vinculados ao ser brasileiro, ou seja, à *brasilidade*.

Ao buscar legitimidade nos espaços que ocupam, a *brasilidade* passa a sofrer questionamentos pela forma como veio a ser representada. Os marcos de pertencimento, ligados ao que é nacional, ruem gradativamente no contato com o outro. Ao mesmo tempo, busca-se, por meio de ações percebidas durante as interações, forjar a ideia de uma nova identidade, própria daqueles que buscaram construir suas vidas fora do território brasileiro. A essa ressignificação identitária chamo de *brazucalidade*, própria do *brazuca*, no esforço de criação e invenção de elementos necessários para a aceitação e para a inserção no país anfitrião. Hall (2006) aponta que a decadência das identidades nacionais é própria da globalização, e faz surgir identidades híbridas, próprias de laços com outras culturas. Segundo o autor (*ibid.*, p. 87)

[...] a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizador sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas.

Em outras palavras, *brazucalidade* também pode ser compreendida nas observações feitas por Freitas (2000) sobre o viver em outro país:

Viver em um outro país significa uma outra vida, fazer novas representações e dar significados diferentes a coisas que já eram familiares; é renunciar ao estabelecido; atentar para comportamentos comuns e corriqueiros que podem ser considerados inadequados, bizarros ou ofensivos; é procurar enxergar o mundo com olhos do outro para compreender como é ser visto por ele (FREITAS, 2000, p. 4).

A ressignificação identitária (*brazucalidade*) percebida nos colaboradores de minha pesquisa se dá principalmente nos processos de polidez e impolidez investigados ao longo do meu trabalho. A construção da ressignificação é efetivada no processo de relação e comparação com o sujeito nacional (americano). A reestruturação da identidade no novo lugar leva o migrante à incessante busca por sentidos, inquirindo a aceitação, ao mesmo tempo em que procura negociar com sua identidade brasileira.

Ao tentar responder às questões de pesquisa levantadas e apresentadas no início deste trabalho, acredito que será possível, a partir dos dados analisados no capítulo V, elucidar melhor como esse processo de ressignificação identitária que cogito tem refletido nas relações interacionais a partir dos processos de (*im*) polidez.

## CAPÍTULO IV

### O FAZER ETNOGRÁFICO E SEUS DESDOBRAMENTOS EM CAMPO

---

*Os desafios enfrentados pelos brasileiros no exterior não são apenas econômicos. Eles se deparam com a necessidade de redefinir quem são eles próprios, perante um novo cenário de personagens, demandas, valores, etc. (MARTES & FLEISCHER, 2003, p. 23)*

Após discutir, no capítulo anterior, os diversos caminhos seguidos pela teoria da polidez e pela teoria da impolidez, posicionado meu trabalho no campo teórico adequado para a pesquisa, inicio, neste capítulo, detalhamento descritivo-narrativo de minha experiência no campo de pesquisa. Para tal investidura, valer-me-ei dos apontamentos feitos por mim não somente durante os cinco meses em que estive vivendo em Boston, envolvido com a pesquisa efetivamente etnográfica, como também aqueles feitos durante todos os meses desde que comecei a me debruçar sobre a presente pesquisa. Os dados, tanto das entrevistas quanto das conversas do grupo no aplicativo *whatsapp*, foram disponibilizados desde o terceiro capítulo, com a função não apenas de ilustrar o referencial teórico proposto, mas também de situar o leitor no empreendimento da pesquisa e de sua articulação no quadro teórico-metodológico proposto.

Antes do trabalho de campo, o semestre dedicado a essa ação foi minuciosamente planejado, quando busquei antecipar as possibilidades de erros e acertos, pois sabia que não teria outra oportunidade para a coleta de dados. Além do curto tempo de afastamento para a coleta de dados (cinco meses), também havia o investimento em viver em um país estrangeiro com todas as despesas que isso implica, o que não me possibilitaria uma segunda chance para a realização do trabalho como pretendido.

Nesse sentido, busquei compilar os autores que contribuiriam com minha experiência etnográfica, proporcionando melhor aproveitamento possível durante minha pesquisa na região de Boston, nos Estados Unidos. Como minha

pesquisa foi conduzida pelo viés de cunho etnográfico, dividi este capítulo em quatro partes, a fim de discutir a sintonia existente entre o quadro metodológico e o teórico desta pesquisa. Inicialmente, apresentarei a realização da pesquisa etnográfica (seção 4.1), para, em seguida, tratar da Análise da Conversação (seção 4.2); apresentação dos participantes das entrevistas (seção 4.3); e, por fim, o grupo do aplicativo *whatsapp* analisado – *Brasileiros nos Estados Unidos* (seção 4.4).

#### 4.1 ETNOGRAFIA

Durante a expansão do território britânico, pesquisadores ingleses desenvolveram a pesquisa etnográfica em sua forma inicial, o que ficou conhecido mais tarde como antropologia social. A *Escola Britânica* teve, como principais nomes, A. R. Radcliffe-Brown e Bronislaw Malinowski. Já nos Estados Unidos, antropólogos estudavam os modos de vida tradicionais de índios norte-americanos. O nome que veio a ser mais conhecido entre os antropólogos da *Escola de Chicago*<sup>53</sup> (americana) foi o de Franz Boas, que, segundo Angrosino (2009, p. 16), “treinou toda uma geração de estudiosos americanos, entre eles Alfred Kroeber, Ruth Benedict, Margaret Mead e Robert Lowie”.

A etnografia surge com a antropologia, em fins do século XIX e início do XX. Segundo Angrosino (2009, p. 16), “começaram a utilizar o método etnográfico para estudo dos grupos humanos, a partir da convicção de que as especulações acadêmicas dos filósofos sociais eram inadequadas para entender como viviam as pessoas reais”. Posteriormente, a partir da década de 1920, sociólogos americanos adaptaram os métodos da pesquisa etnográfica dos antropólogos, influenciados pela *Escola de Chicago*.

A etnografia constitui metodologia qualitativa de pesquisa de estudo e crenças, interações sociais e ações de pequenas sociedades e grupos. Envolve participação e observação durante certo período e, por fim, interpretação dos dados gerados. Nesse

---

<sup>53</sup> Esse nome foi dado a um grupo de professores e pesquisadores da **Universidade de Chicago**, que surgiu nos Estados Unidos nos anos de 1920 e durante algumas décadas do início de século XX, trazendo uma série de contribuições à sociologia, à psicologia social e às ciências da comunicação. Na sociologia, a **Escola de Chicago** refere-se à primeira importante tentativa de estudo dos centros urbanos combinando conceitos teóricos e pesquisa de campo de caráter etnográfico.

sentido, a etnografia busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos de pesquisa em relação aos seus costumes, cultura, língua, ações etc.

Segundo Saville-Troike (2003), a etnografia constitui campo de estudo que se ocupa principalmente da descrição e da análise da cultura, e a linguística é um campo envolvido, entre outras coisas, com a descrição e análise de códigos de linguagem. Como tem caráter qualitativo de investigação, a etnografia busca a inserção no contexto natural da pesquisa para acessar as experiências, as ações, as interações e também os documentos, como forma de compreender a dinâmica do grupo investigado.

Diferentemente de muitas pesquisas que dispõem de vasto material bibliográfico, e requerem do pesquisador a capacidade de testar os dados com o material levantado na coleta de dados, boa parte das pesquisas com métodos etnográficos (bem como a sociolinguística interacional *per se*) tem como característica a impossibilidade/inadequação de formulação de hipóteses. Em relação a esse tipo de pesquisa, Angrosino (2009, p. 38-39) destaca que *são* “mais amorfos e precisam ser estudados em campo, por assim dizer, antes que se possam formar hipóteses apropriadas”. Em outras palavras, a pesquisa etnográfica é utilizada para definir “um problema que não pode ser imediatamente expresso em termos de ‘se x, então y’, e que parece resultar em comportamentos que não teriam sido previstos pela literatura existente”.

No sentido apresentado anteriormente, o levantamento de hipóteses na minha pesquisa, principalmente as que fizeram parte da formulação do projeto de pesquisa apresentado ao Comitê de Ética da Universidade de Brasília, deu-se necessariamente para o cumprimento das exigências dessa instituição, mas não refletem características propostas pela sociolinguística interacional. São as pesquisas quantitativas que se baseiam na ideia de que os problemas podem ser mais bem estudados se puderem ser enunciados em termos de um levantamento previsível. No entanto, pelo menos em tese, os problemas da vida real são difíceis de encaixar-se em formato testável.

A etnografia, como método de pesquisa, segundo Angrosino (2009, p. 31), é baseada na **pesquisa de campo**, ou seja, conduz o pesquisador ao local onde vivem os

colaboradores; é **personalizada**<sup>54</sup>, pois conduz o pesquisador para interações face a face, envolvendo as pessoas ora estudadas; é **multifatorial**, o que requer o uso de duas ou mais técnicas de coleta de dados como meio de triangular os achados/resultados, fortalecendo múltiplas vias de acesso aos dados; requer **compromisso a longo prazo**, variando de meses a um ano ou mais; é **indutiva**, conduzida de modo a usar o acúmulo indutivo-descritivo de detalhes para construir modelos holísticos ou teorias explicativas, e não para testar hipóteses derivadas de teorias ou modelos existentes; **dialógica**, podendo ser discutida com os participantes; e **holística**, realizada para revelar a representação mais completa possível do grupo investigado.

A influência da *Escola de Chicago* levou a etnografia a abranger várias áreas do conhecimento, como educação, negócios, saúde pública, enfermagem e comunicação. Esse modo de investigação ficou associado a uma ampla variedade de orientações teóricas, como o funcionalismo, o interacionismo simbólico, o feminismo, o marxismo, a etnometodologia, a teoria crítica, os estudos culturais e o pós-modernismo, entre os quais destacarei a de maior proximidade com a pesquisa ora desenvolvida: o interacionismo simbólico.

#### 4.1.1 Interacionismo Simbólico

Acredito que uma boa forma de conceituar inicialmente o interacionismo simbólico é começar a defini-lo pelo que ele não é. Diferentemente do funcionalismo, que vê a sociedade como um conjunto de instituições entrelaçadas, os interacionistas veem a sociedade como “um caleidoscópio em constante mutação de indivíduos interagindo uns com os outros” (ANGROSINO, 2009, p. 20). Nesse mesmo sentido, o interacionismo simbólico se diferencia das ciências sociais que, em certa medida, dão ênfase demasiada ao papel da cultura na formatação das ações humanas. Para os interacionistas, as pessoas são vistas como “agentes ativos e não como partes permutáveis de um grande organismo” (*ibid.*, p. 20).

---

<sup>54</sup> Aqui, ao menos inicialmente, parece que Angrosino (2009) concorda com etnógrafos mais ortodoxos, que acreditam que a etnografia só pode ser realizada via contatos face a face, em que o pesquisador é quem vai a campo. No entanto, o autor dedica parte do seu livro (*Etnografia e Observação Participante*) dando suporte para a etnografia *on-line*. Além de Angrosino, outros teóricos irão concordar com essa nova forma de etnografia, o que discuto na seção 4.1.5 deste capítulo.

Angrosino (2009, p. 20) enfatiza a eficácia da abordagem interacionista, que se dá principalmente porque à medida que muda a natureza das interações, a sociedade também muda, ou seja, é “uma abordagem mais dinâmica do que estática no estudo da vida social”. Para esse autor, independentemente da variedade do interacionismo simbólico adotado, há alguns pressupostos que são igualmente compartilhados:

- As pessoas vivem em um mundo de significados aprendidos que são codificados como símbolos e que são compartilhados através de interações em um grupo social específico;
- Símbolos são motivos que impelem as pessoas a desempenhar suas atividades;
- A própria mente humana cresce e muda em resposta à qualidade e à extensão das interações nas quais os indivíduos se envolvem;
- O *self* é uma construção social – nossa noção de quem somos desenvolve-se apenas no curso da interação com os outros.

Na tradição interacionista, a pesquisa de campo etnográfica busca compreender os significados que os atores sociais atribuem às suas ações. Dessa forma, implica também que o pesquisador necessariamente faça uma imersão no mundo dos sujeitos investigados, não se tornando parte neutra das atividades realizadas pelos colaboradores, mas precisa tornar-se um deles. Nas palavras de Angrosino (2009, p. 21), “a chave para a etnografia interacionista é descobrir o sistema de símbolos que dá significado ao que as pessoas pensam e fazem”.

Para Blumer (1982, p. 2), amparado nas ideias teóricas iniciais de Mead ([1934] 1982), o significado constitui produto social, em que a criação deriva das ações dos sujeitos à medida que estes interagem. Conforme explica, a natureza do interacionismo simbólico tem como pressuposto a análise de três premissas:

A primeira é que o ser humano orienta seus atos em direção às coisas em função do que estas significam para ele (...). A segunda é que o significado destas coisas surge como consequência da interação social que cada qual mantém com seu próximo. A terceira é que os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao defrontar-se com as coisas que vai encontrando em seu caminho.

O grande expoente no interacionismo simbólico é Erving Goffman, sociólogo que desenvolveu abordagem de base *dramatúrgica* no estudo das interações. Não irei me deter na apresentação desse autor, pois, no capítulo II, já tratei sobre o papel

fundamental de Goffman para a sociolinguística interacional, cujas teorias desse sociólogo servem de fundamento epistemológico para as bases dessa corrente da linguística, principalmente com suas contribuições sobre a interação face a face. Outra contribuição de suma importância desse autor são as descrições sobre como as pessoas constroem suas *apresentações de self* e depois as representam na frente dos outros. Segundo Angrosino (2009, p. 21), “Goffman sugeriu que há intencionalidade por trás dessas performances onde os sujeitos atuam visando a passar a melhor impressão possível (tal como o ator a entende) perante seus outros significados”.

Outro papel de suma importância desenvolvido pelos interacionistas para trabalhos etnográficos se deu justamente pelo interesse na natureza das interações, pela preocupação com o trabalho de campo etnográfico. Nas palavras de Angrosino (2009, p. 21), “eles foram levados a conduzir uma etnografia do fazer etnográfico”. Dentro do fazer etnográfico, os papéis interativos tomam diferentes perspectivas em relação ao papel do pesquisador, somando quatro ao todo, mas aqui levarei em consideração somente o que conduziu a minha pesquisa: “o participante-como-observador (o pesquisador está imerso na comunidade, mas sabe-se que ele faz pesquisa e tem permissão para fazê-la).”

Para Blumer (1982), na perspectiva do interacionismo simbólico, o pesquisador deve interagir ativamente com as pessoas da comunidade alvo, de modo a enxergar as coisas do ponto de vista dessas e no seu contexto natural. Ao mesmo tempo, compreender que, ao adotar a abordagem interacionista, o pesquisador precisa estar ativamente engajado no mundo em estudo e empreender uma análise de suas partes fundamentais, para o que ele propõe as técnicas de exploração e inspeção como métodos apropriados de pesquisa, conforme segue:

O estudo exploratório é o meio (...) para conseguir um conhecimento extenso e profundo da esfera da vida social e de desenvolver e acentuar a sua investigação (...). Por seu caráter reflexivo, não está sujeito a nenhum conjunto de técnicas em particular, pode recorrer à observação direta, entrevistar pessoas, obter informações sobre a vida real, utilizar cartas e diários, consultar documentos públicos e organizar discussões de grupo. A finalidade da investigação exploratória é traçar um quadro em estudo, tão completo e preciso quanto permitem as condições vigentes (p. 29) (...) A inspeção consiste em examinar o elemento analítico dado, considerando-o de diferentes ângulos, estabelecendo diversas perguntas e examinando novamente à luz das mesmas; em outras palavras, um exame detido e profundo (...). A exploração e a inspeção representam a descrição e a análise e correspondem ao que se denomina investigação naturalista, um processo

destinado a abordar o mundo empírico em seu caráter natural e contínuo, em lugar de se limitar a uma simulação do mesmo, uma abstração ou a sua substituição por uma imagem pré-estabelecida (BLUMER, 1982, p. 33).

Certamente, é possível realizar pesquisa com técnicas da etnografia sem a inserção do pesquisador no campo, como o envio de questões aos participantes, solicitação para que escrevam relatos biográficos, que gravem, entre outros meios de investigação a distancia, mas optei pela investigação *in loco*, por acreditar que muito se perde sem a observação participante.

#### **4.1.2 Observação participante/notas de campo**

Com base em minha experiência de cinco meses na comunidade brasileira de *Massachusetts/EUA*, posso afirmar que uma palavra-chave para a observação participante é ‘negociação’. Mesmo tendo vivido nessa comunidade por pouco mais de quatro anos, entre os anos de 2003 e 2007, precisei ser novamente aceito, dessa vez como pesquisador. A negociação tem sempre mais chance de êxito quando é chancelada por alguém de confiança na comunidade, o que fiz logo que cheguei a Boston, com a fundamental ajuda de um amigo na comunidade.

Além da rejeição de alguns possíveis colaboradores (membros da comunidade brasileira), em razão da falta de alguém para ratificar minha presença como pesquisador, visto que meu amigo/guia nem sempre estava comigo, também enfrentei outros problemas, como a falta de tempo dos membros da comunidade para participar da pesquisa, o confinamento de alguns devido ao inverno rigoroso na região, além de eventual desinteresse às questões relacionadas a minha pesquisa. Na observação participante, é necessário que os membros da comunidade estudada concordem “com a presença do pesquisador entre eles como um vizinho e um amigo que também é, casualmente, um pesquisador”, como afirma Angrosino (2009, p. 33).

Para que minha negociação pudesse ser exitosa, passei a frequentar as comunidades religiosas locais, as padarias aos sábados e domingos – como é de praxe para muitos da comunidade –, os restaurantes e as lojas com produtos brasileiros, e o lugar que mais ajudou no contato com membros da comunidade: o local de trabalho, principalmente as construções civis. Novamente, ressalto a importância da ajuda de um

membro da comunidade como guia para que eu tivesse acesso aos colaboradores deste estudo.

Depois da minha aproximação com alguns grupos familiares, passei então a observar alguns costumes rotineiros que cercavam as vidas dos migrantes brasileiros em Boston. Mesmo apresentando o meu propósito de trabalho para eles, parecia que a ideia de passar um tempo nos EUA e retornar ao Brasil para o cumprimento de um doutorado não fazia muito sentido para alguns da comunidade. Por um lado, isso me ajudou a não ter holofotes sobre mim, deixando-me à vontade durante a observação, além da pouca curiosidade dos colaboradores sobre mim durante as entrevistas. Já por outro lado, percebi que algumas negociações entre os membros da comunidade “falharam” justamente por não acreditarem que minha intenção era realmente a de um pesquisador acadêmico.

Coloquei “falharam” em destaque justamente porque, na observação participante, é preciso flexibilidade do pesquisador no sentido de não almejar ter o controle de tudo ou, como propõe Angrosino (2009), “ir com a maré”. A observação participante, muito bem pontuada pelo autor, “não é, por si mesma, um método de pesquisa – ela é um contexto comportamental a partir do qual um etnógrafo usa técnicas específicas para coletar dados”. (2009, p. 34). No sentido apontado pelo autor, podemos concluir que a observação participante é a forma adotada pelo pesquisador para ser aceito pela comunidade de interesse, para, depois de aceito por seus membros, poder usar as técnicas de coleta de dados, como as que utilizei neste trabalho.

Para Schensul *et al.* (1999, p. 91), a observação participante é “um processo de aprendizagem por exposição ou por desenvolvimento nas atividades cotidianas ou rotineiras de quem participa do cenário da pesquisa”. Para isso, precisei tomar muitos cafés, chocolates quentes e chás com membros da comunidade, na intenção de aproximar-me dos possíveis colaboradores. Angrosino (2009, p. 43) assegura que a “verdadeira etnografia depende da capacidade de um pesquisador de observar e interagir com as pessoas enquanto elas essencialmente executam suas rotinas do dia a dia”.

É na observação participante que o pesquisador irá reconhecer os padrões – condutas ou ações que se repetem para que posteriormente possam ser identificadas como típicas dos investigados. Dessa forma, a inserção do pesquisador no campo de

pesquisa etnográfica assegura a autenticidade dos dados para a triangulação na análise. Outra peculiaridade da pesquisa etnográfica em que o pesquisador toma frente no campo se refere à técnica de observação das relações espaciais, conhecida como proxêmica, já abordada no capítulo II<sup>55</sup>, e também a observação da linguagem corporal, conhecida como cinésica. Para Angrosino (2009, p. 57), “observação cuidadosa e razoavelmente discretas de comportamento proxêmico e cinésico podem nos dizer muito sobre suposições não ditas das culturas”.

Para uma investigação das relações espaciais do grupo de meu interesse, previamente mencionado, passei a observar a comunidade nos locais públicos e privados, como nos pontos de ônibus e metrô, nas padarias, nos restaurantes, nas lojas, nos *shopping centers*, nas igrejas e nos locais de trabalho a que tive acesso. Nas observações iniciais, não sabia o que buscava, mas logo comecei a reconhecer padrões, o que mais uma vez apontava para uma ressignificação identitária: a *brazucalidade*.

Resta mencionar, mesmo que antecipadamente, que as observações da cinésica e da proxêmica na comunidade de Boston e em região dos arredores me guiaram para o entendimento de que os membros tendem a ser bastante distantes e reservados em termos de espaço interpessoal, com poucos abraços, mãos dadas e outras formas de expressão emocional em público entre os observados.

Quanto a tomar notas, como participante, nem sempre era possível transcrever para o caderno ou registrar no computador os dados no mesmo instante em que os fatos eram observados. Por essa razão, quando possível, gravava comentários no celular, como meio de registro de detalhes importantes sobre algum evento que chamava atenção. Quando se tratava de um evento social, como um churrasco ou um jantar, por exemplo, procurava reconstruir minhas observações assim que chegava à casa. Esse hábito sistemático me ajudou a manter registrado todo o processo de trabalho de campo, como é exigido de um pesquisador etnográfico.

Para Emerson, Fretz & Shaw (1995, p. 356), o fazer etnográfico e a observação participante colocam o pesquisador não somente como espectador, mas também como participante das vidas que pesquisam. Os autores assim sumarizam:

---

<sup>55</sup> Ver seção 2.2.1.1, página 59.

Através da imersão, o pesquisador de campo vê, de dentro, como as pessoas conduzem suas vidas, como elas desempenham seus afazeres cotidianos, o que consideram significativo e como o fazem. A imersão na pesquisa etnográfica, conseqüentemente, confere ao pesquisador acesso à fluidez da vida de terceiros e melhora sua sensibilidade para processos e interações.

A pesquisa de campo, depois do período de ‘adequação’, que provavelmente varia de acordo com o perfil de cada pesquisador, durou cerca de quatro semanas no meu caso, quando passei a me sentir mais confiante e também mais confiável no meio da comunidade brasileira de migrantes que viviam em Boston. Dessa forma, o registro (ou notas de campo) da pesquisa passou logo a ser feito ao final do dia, usando como resgate dos acontecimentos as fotografias, as gravações e as anotações possibilitadas ao longo do dia. Para desempenhar a tarefa de tomar notas ao longo da pesquisa de campo, levei em consideração alguns pontos elencados por Angrosino (2009, p. 60):

- Anotar cabeçalhos com data, lugar e hora da observação;
- Registrar ao máximo as trocas verbais, principalmente as próprias palavras dos colaboradores;
- Preservar anonimato e sigilo dos colaboradores através de pseudônimos;
- Registrar os eventos em sequência;
- Manter todas as descrições de pessoas e objetos materiais em nível objetivo.

Nenhuma das referências que consultei para a pesquisa etnográfica trata sobre aplicativos de computador ou celular como ferramenta no auxílio da pesquisa de campo. No entanto, busquei saber se havia alguma já disponível, o que encontrei, mesmo com certa dificuldade. Ao que parece, alguns desenvolvedores de *software* criaram algumas plataformas de auxílio para o trabalho etnográfico. A maioria dos trabalhos encontrados não são gratuitos. Por questões econômicas, optei pelo uso de um gratuito, mesmo não sendo de uso específico para o trabalho de campo. Essa ferramenta, conhecida como *evernote*, mostrou-se muito útil na organização de minhas observações diárias, meu registro de fotos e minhas gravações de áudio. De qualquer modo, mesmo com o uso do *evernote* como ferramenta no auxílio da organização das notas de campo, em momento algum me afastei do diário de campo, pois com o celular eu corria o risco de ficar sem bateria.

Houve outro momento da pesquisa em que o celular se mostrou muito útil como ferramenta: nas entrevistas. Diferentemente das primeiras entrevistas etnográficas,

quando os recursos tecnológicos ainda não haviam alcançado o padrão nanotecnológico, hoje é possível gravar uma entrevista com menor embaraço, o que antes era difícil devido a toda a parafernália de equipamentos de gravação necessária. A esse respeito, bem como todo o processo das entrevistas, trato na seção seguinte.

#### **4.1.3 Entrevistas**

Para Fetterman (2010, p. 40), a entrevista é a mais importante técnica de coleta de dados etnográficos. Isso porque as entrevistas explicam o que o pesquisador vê e vivencia no trabalho de campo. Os diferentes tipos de entrevistas servem como propósitos específicos ao pesquisador. No meu caso, optei pela entrevista semiestruturada. O propósito dessa escolha foi justamente a de comparar as respostas dos colaboradores e, também, de procurar manter a discussão dentro do campo de interesse da pesquisa o máximo possível, mas sempre deixando que o colaborador pudesse falar sobre outras impressões e experiências durante a entrevista.

Outra característica da entrevista semiestruturada que mantive na minha coleta de dados, e que se mostrou muito eficaz, foi o caráter casual das conversas que precediam as entrevistas em si, diferentemente da agenda das entrevistas formais e estruturadas, que não abrem espaço para quaisquer outros tipos de assuntos.

Entretanto, a entrevista semiestruturada exige muito mais tempo e paciência do pesquisador. Houve vários momentos em que precisei retomá-las no dia seguinte, ou num outro momento, justamente porque ela não acontecia no primeiro momento, pois o colaborador acabava levando a entrevista para outra direção, falando de suas impressões a respeito das diferentes culturas existentes no contexto em que vivia, por exemplo. Esse fato, todavia, não era de todo ruim. Às vezes, era preciso fazer um arranjo na agenda, pois fazia-se necessário esperar o tempo certo do colaborador. Para Fetterman (2010, p. 41), esse tipo de entrevista oferece situações mais naturais, o que corrobora para um grau menor de contaminação da pesquisa, como nos casos de simulação das respostas.

Angrosino (2009, p. 61) afirma que entrevistar “é um processo que consiste em dirigir a conversação de forma a colher informações relevantes”. Como o papel do pesquisador na etnografia é o de gerar informações substanciais, a partir da observação

critérioria, “as entrevistas são uma extensão lógica da observação”. O autor também pontua que a entrevista etnográfica é de natureza aberta, podendo, na sua fluidez, abrir novas rotas de investigação, não pensadas inicialmente pelo pesquisador. A esse respeito, tive alguns *insights* sobre outros tópicos de pesquisa linguística ao longo das entrevistas e da observação participante, que possivelmente serão analisados em trabalhos futuros.

Ao longo dos cinco meses de pesquisa de campo, entrevistei dez membros da comunidade de brasileiros vivendo em Boston, sendo cinco deles do gênero feminino e cinco do masculino. Com todos os envolvidos, como mencionei anteriormente, houve um envolvimento social inicial, constituído de um encontro num almoço de fim de semana e um café num sábado em uma padaria brasileira, em que todos os colaboradores foram apresentados por um amigo da comunidade, tendo este sido meu guia local, morador há mais de quinze anos naquela região.

Importante também ressaltar que levei como base para as entrevistas o “protocolo” geral de condução de uma entrevista, conforme sugere Angrosino (2009, p. 63-65), adaptado por mim a seguir:

- Tentar evitar interferir demais na narrativa, ou seja, durante o momento em que o entrevistado estiver falando sobre as questões levantadas;
- Manter contato visual durante a entrevista;
- Controlar e evitar sinais não verbais indesejáveis (expressão facial de nojo ou reprovação);
- Disponibilizar tempo para um bate papo ou quebra gelo;
- Aceitar hospitalidade quando oferecida;
- Não sobrecarregar o entrevistado com longas horas de entrevista;
- Ter conhecimento sobre fatos importantes da comunidade antes das entrevistas, para não passar a impressão de descompromissado ou desinteressado relativamente a questões que cercam a comunidade;
- Personalizar as entrevistas com fotos, recortes e outras lembranças.

Fetterman (2010, p. 46) inclui outros “protocolos” para a pesquisa etnográfica, dos quais incluí um para o rol seguido na minha pesquisa. Para o autor, “o respeito à cultura do grupo estudado e à sensibilidade nas normas é fundamental para o

acolhimento da comunidade”. O pesquisador, segundo Fetterman (*ibid*), deve então manifestar essa sensibilidade na aparência, na linguagem e no comportamento durante o tempo de imersão na comunidade.

Outra questão relevante que gostaria de salientar é sobre o tamanho da amostragem. Em pesquisas quantitativas essa questão pode ser bastante rígida em relação à quantidade de dados a ser testados, diferentemente do que ocorre na pesquisa qualitativa. Ademais, a limitação de tempo e de recursos, além do objetivo levantado inicialmente, foram os critérios adotados para fixar o número de entrevistados, suficiente para abarcar o que era esperado.

Por fim, os dez colaboradores desta parte da pesquisa de campo refletem a heterogeneidade do grupo investigado. Além do equilíbrio do grupo entre os gêneros, também foram escolhidos participantes de diferentes graus de instrução, tempo na comunidade e perspectiva em relação ao retorno ao país de origem.

Para o registro das gravações das entrevistas, usei o aplicativo *Dictaphone*<sup>56</sup>, desenvolvido pela *Alon Software* e, posteriormente, para auxiliar na transcrição dos dados, utilizei o aplicativo *Dragon Dictation*<sup>57</sup>, desenvolvido pela *Nuance Communications*.

#### **4.1.4 Instrumentos e técnicas de coleta de dados em campo**

Para Fetterman (2010, p. 34), um dos benefícios do trabalho de campo é que ele fornece perspectiva de senso comum aos dados. O pesquisador usa uma variedade de métodos e técnicas para assegurar a integridade desses dados. Para o autor, os métodos e as técnicas da pesquisa etnográfica objetivam e padronizam as percepções do pesquisador. No entanto, o etnógrafo deve adaptar cada um dos métodos e técnicas ao ambiente local.

Para Angrosino (2009, p. 72), as técnicas de coleta de dados etnográficos requerem três habilidades principais: observação, entrevistas e análises de materiais de arquivo. Já Fetterman (2010), além dessas habilidades, inclui outras técnicas que ele

---

<sup>56</sup> Fonte: <https://itunes.apple.com/br/app/dictaphone-gravador-de-som/id595361888?mt=8> Acessado em 15 de dezembro de 2015.

<sup>57</sup> Fonte: <https://itunes.apple.com/br/app/dragon-dictation/id341446764?mt=8> Acessado em 16 de dezembro de 2015.

chama de secundárias, como técnicas projetivas, que são técnicas empregadas para obter informações culturais e psicológicas dos membros do grupo estudado. Para o autor, as interpretações das respostas nesses testes podem revelar necessidades individuais, medo, inclinação e visão de mundo dos participantes.

Fetterman (*ibid.*) também adiciona outras técnicas, o que é chamado de dispositivos de resposta, como é o caso da técnica do diferencial semântico, instrumento de avaliação psicológica criado por Osgood (1964).

Outros autores acrescentam diversos instrumentos e técnicas diferentes durante o trabalho etnográfico, mas mantive na minha pesquisa somente a observação participante, as entrevistas semiestruturadas, além de incluir uma investigação no contexto virtual do grupo de interesse, ou seja, uma etnografia *online*, o que apresento, com mais detalhes, na seção 4.1.5 deste capítulo. A razão para não incluir métodos de avaliação psicológica se dá principalmente por não se tratar de uma pesquisa de cunho mentalista, e também acredito que as técnicas usadas são suficientes para o propósito levantado inicialmente.

Eu havia incluído a técnica de grupo focal como parte integrante da metodologia de minha pesquisa de campo, o que foi relacionado até mesmo no projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética da Universidade de Brasília. Entretanto, o uso dessa técnica acabou não acontecendo na prática, pois houve bastante resistência dos participantes quanto à reunião em grupo para a discussão do tema proposto.

Desisti de incluir a referida técnica quando, no único momento que consegui reunir um grupo de oito pessoas para essa finalidade, percebi que nas reuniões familiares e com amigos não havia espaço para nada além do prazer da confraternização e das conversas informais nos poucos momentos possíveis ante a vida agitada que levavam os membros da comunidade de brasileiros vivendo em Boston e arredores.

Diferentemente das entrevistas, concebidas pelos colaboradores durante a semana, após o expediente, o grupo focal exige a reunião de uma certa quantidade de pessoas (variando entre cinco e doze pessoas) com disposição para discutir um certo tema, em vez de falar sobre o cotidiano. Posso assegurar, todavia, que ter abandonado a técnica do grupo focal logo no início do processo da pesquisa foi muito mais fértil para o trabalho etnográfico, pois pude, na observação participante, durante os momentos de

reuniões familiares e de encontro de amigos, perceber as atividades e inter-relações das pessoas em cenário de campo mais íntimo e mais espontâneo.

#### 4.1.5 Etnografia virtual

Como minha pesquisa se realizou em dois espaços diferentes, comumente divididos entre ambiente real e virtual, acredito que é preciso apresentar algumas observações em relação às diferenças nos termos usados para fazer referência à etnografia no ciberespaço. A partir da década de 1990, alguns termos passaram a implicar a pesquisa nesse ambiente, ora sendo tratados como sinônimos, ora como termos específicos. Para tal fim, transcrevo a seguir como Fragoso, Recuero & Amaral (2011) descrevem as principais terminologias para esse novo modo de fazer etnográfico:

- Netnografia: Neologismo criado no final dos anos 90 (net + etnografia) para demarcar as adaptações do método etnográfico em relação tanto à coleta e análise de dados, quanto à ética de pesquisa. Relacionado aos estudos de comunicação com abordagens referentes ao consumo, marketing e aos estudos das comunidades de fãs. (...)
- Etnografia digital: Explorar e expandir as possibilidades da etnografia virtual através do constante uso das redes digitais, postando o material coletado. Outro objetivo é a criação de narrativas audiovisuais colaborativas em uma linguagem que sirva como material de estudo, mas atinja também um público extra-acadêmico.
- Webnografia: Alguns autores o utilizam enquanto um termo relacionado à pesquisa aplicada de marketing na internet, relacionado à questão das métricas e audiências dos sites, principalmente em ambientes de discussão (...). Assim como netnografia, webnografia também é utilizada tanto para pesquisas acadêmicas quanto mercadológicas.
- Ciberantropologia: (...) Baseia-se nos conceitos da antropologia ciborgue de Donna Haraway para examinar a reconstrução tecnológica do homem e preparar o etnógrafo para lidar com uma categoria mais ampla de “ser humano” em suas reconfigurações (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011, p. 198-201).

Para Polivanov (2013, p. 65), é preciso levantar duas questões em relação às discussões sobre os termos apresentados. A primeira é se podemos “considerar o ciberespaço efetivamente um lugar”. A outra, é se podemos “falar mesmo em etnografia quando se trata de ambientes digitais, nos quais há sempre a mediação tecnológica entre o pesquisador e o pesquisado”.

Segundo Fragoso, Recuero & Amaral (2011), alguns antropólogos e sociólogos mais ortodoxos poderão defender que a etnografia não pode acontecer no espaço digital, pois a necessidade de estar presente no campo e a vivência com os colaboradores são fundamentais para o olhar investigativo do pesquisador. Por outro lado, Angrosino

(2009, p. 120) afirma que “é possível ‘observar’ o que se passa em uma sala de bate-papo quase da mesma maneira que se poderia observar os acontecimentos em um ‘lugar’ tradicional”. Para o referido autor, “os etnógrafos podem se libertar do ‘lugar’ por meio da internet” (*ibid.*).

Termos como ‘netnografia’ ou ‘etnografia virtual’ são usados para demarcar as especificidades da pesquisa em detrimento à etnografia tradicional. Para Rocha & Montardo (2005, p. 9), por exemplo, é concebida a ideia do ciberespaço como um “não-lugar”, por sua “natureza desterritorializada”. Dessa forma, sob essa premissa, as autoras questionam os modos de realizar uma etnografia nesse lugar desterritorializado, onde a observação dos acontecimentos e o contato com os colaboradores acontece à distância. No sentido trazido pelas autoras, a presença face a face do pesquisador no campo constitui premissa básica para a etnografia. Sendo assim, elas propõem o conceito de netnografia para delimitar a diferença de realização do modo etnográfico no ciberespaço.

Percebo que realmente há diferentes posições acerca dos termos que fazem referência ao fazer etnográfico no ambiente virtual, o que é discutido cuidadosamente em alguns trabalhos, como o de Polivanov (2013). A posição que assumo para meu trabalho é a mesma tomada por Polivanov (*ibid.*, p. 61), resumido da seguinte forma:

Ainda que haja especificidades da comunicação mediada por computador quanto à interação e linguagens em pesquisas na internet e “fora” dela, elas se dão em ambientes que não devem mais ser tratados como não-lugares ou em termos de real versus virtual como sugerem alguns conceitos.

É importante também ressaltar que, comumente, pesquisas de cunho etnográfico na *internet* (netnografia) são feitas em conjunto com outros métodos de pesquisa, conforme o que Kozinets (2010) chama de “multimétodos”. Como se viu em Angrosino (2009), o método etnográfico vai requerer complementação de outros aportes teórico-metodológicos, entendendo que a combinação de múltiplas técnicas e materiais de pesquisa pode ser uma estratégia para enriquecer e aprofundar determinada investigação científica.

Ademais, minha investigação a essa comunidade virtual se dá concomitantemente à investigação em ambiente não virtual, como forma de triangulação dos dados de pesquisa. Ao assumir essa tarefa, a etnografia proposta na

minha pesquisa vai além da maioria dos trabalhos ditos tradicionais, porque investigo tanto o espaço real quanto o virtual da comunidade estudada, avocando aqui que tanto o primeiro quanto o segundo espaço são reais, onde os sujeitos deles também o são.

## 4.2 ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

A análise da conversação constitui área do conhecimento integradora da sociolinguística interacional para a transcrição de dados de fala. Por essa razão, ela será integrada à minha pesquisa. Para tanto, levarei em consideração as noções de conversação de Kerbrat-Orecchioni (2006), além das contribuições de Sacks, Schegloff & Jefferson (1974), Levinson (1983), Hilgert (1989), Moreno-Fernández (1998) e Marcuschi (2006).

Kerbrat-Orecchioni (2006) divide as noções de conversação em três tipos: diversidade das interações comunicativas, as interações verbais e não verbais, e os diferentes tipos de interações verbais e não verbais.

A primeira consiste em apontar as diversas formas em que as atividades comunicativas podem acontecer, o que a autora exemplifica com o fluxo de veículos numa cidade, onde os motoristas, que, neste caso, são os interlocutores dessa interação, “negociam” de forma pacífica ou conflituosa seus turnos na “fala”.

Por conseguinte, nas “interações verbais e não verbais”, temos as danças, a circulação, os esportes coletivos, etc. Nesse sentido, é importante deixar claro o caráter misto de grande parte dessas interações, tanto as verbais quanto as não verbais. Quanto aos “diferentes tipos de interações verbais”, a autora aponta para um inventário e tipologia como papel da análise da conversação, a partir dos seguintes critérios: lugar espaciotemporal, número e natureza dos participantes, objetivo da interação e grau de formalidade e estilo (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 13).

Há muitas concepções para o termo conversação. Podemos encontrar autores que a definem como qualquer interação verbal, distinguindo apenas a conversação formal da informal. Levinson (1983) considera a conversação como fala espontânea, sem planejamento antecedente.

Para Moreno-Fernández (1998), a conversação é comunicação falada que se

caracteriza pela perspectiva dialógica em oposição à monológica, enquanto Hilgert (1989, p. 82) compreende a conversação como atividade prática e cotidiana, e seu desenvolvimento depende da auto-organização dada interacionalmente pelos interagentes. No sentido apontado pelos autores, os participantes da conversação (interlocutores) são seus sujeitos por meio da interação. Dessa forma, durante a interação, “um sistema de práticas, convenções, regras de comportamento é empregado”. (GOFFMAN, 1967, p. 10)

Como disciplina, a análise da conversação é o estudo da interação verbal e não verbal em situações rotineiras. Inspirada pela etnometodologia, a partir dos trabalhos de Garfinkel (1967), foi desenvolvida principalmente por Sacks, Schegloff & Jefferson (1974), iniciadores dessa área de estudo. A etnometodologia, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 20), é a descrição de métodos, “(procedimentos, saberes e técnicas) que os membros de uma dada sociedade utilizam para gerir como convém o conjunto de problemas comunicativos que eles têm de resolver na vida cotidiana”. Etnometodologia é a combinação de *etno*, referente ao saber comum que cada indivíduo possui sobre a sociedade, e metodologia, que diz respeito às atividades cotidianas, práticas sociais e de conhecimento comuns.

É importante salientar que a análise da conversação focaliza dados empíricos, de aspecto qualitativo, indutivo, baseando-se em conversações naturais. Marcuschi (2006, p. 15) esclarece que o objeto da análise da conversação são os processos conversacionais, focalizados na prática do dia a dia das pessoas. Para ele, a conversação é “uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum”.

Os sociólogos da etnometodologia propuseram ponto de vista qualitativo para o processo interacional com a análise da conversação, em que essa tem como eixo orientador a pesquisa com dados empíricos, sendo também transdisciplinar por origem.

A inclusão da análise da conversação na metodologia de pesquisa do meu trabalho se dá principalmente porque nessa as análises geralmente estão voltadas para explicar as estratégias e as ações de interação realizadas pelos interlocutores. Segundo Modesto (2011, p. 27),

evidenciam-se nas análises as estruturas, o funcionamento e o mecanismo conversacional, tentando apontar as regularidades, que, por sua vez, exibem mecanismos singulares de atividades sociais. A conversação passa, então, a ser analisada como um processo de cooperação entre agentes sociais, dando espaço às preocupações com a ação e interação sobre a linguagem.

Uma noção importante no processo analítico em minha pesquisa é em relação aos papéis interacionais. Na análise da conversação institucional, esses têm como característica a estabilidade ao longo da troca, como exemplo a relação médico/paciente, professor/aluno, vendedor/cliente, etc., que são relações institucionais. Devemos ressaltar que os exemplos, como aponta Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 32), referem-se a papéis complementares, enquanto nas conversações, “todos os participantes desempenham, em princípio, o mesmo papel: a interação é simétrica”. É preciso, no entanto, haver distinção entre o papel (interacional) e o estatuto (social).

O material de interesse na análise da conversação pode ser sintetizado em material verbal, paraverbal e não verbal. O primeiro é referente às unidades fonológicas, lexicais e morfossintáticas. O material paraverbal trata dos elementos prosódicos e vocais. Em relação ao material não verbal, são transmitidos pelo canal visual, diferentemente dos dois primeiros. Nesse sentido, o material não verbal é dividido em: signos estáticos, os cinéticos lentos e os cinéticos rápidos.

Também é de suma importância, para esta pesquisa, o sistema de turnos de fala. Para a análise da conversação, essas são condutas ordenadas, que obedecem a regras e procedimentos. O sistema de alternância obedece a um sistema de regras preestabelecidas, que, no entanto, não são rígidas. Elas têm um caráter probabilístico. As regras possuem um funcionamento bastante sutil, pressupondo permanentes negociações.

Nessa perspectiva, a pesquisa procurará responder às questões de pesquisa propostas neste trabalho, buscando elucidar não somente os pontos levantados inicialmente, mas outros que surgirem ao longo do trabalho.

Outro ponto importante da análise da conversação é como a quantidade de dados gerados são transcritos. Para Myers (2002, p. 275), a transcrição é muito discutida entre linguistas e outros pesquisadores em ciência social. Ochs (1979), por exemplo, trata a transcrição como uma teoria. Segundo ela, citada por Hutchby & Wooffitt (1998, p. 76),

a transcrição é um “processo seletivo que reflete objetivos e definições teóricas”.

Sharrock & Anderson (1987) defendem transcrição completa e detalhada dos dados, o que pode incluir clímax, sonoridade, ritmo, respirações audíveis e cronometragem.

Duranti (1997, p. 161), por sua vez, define com nitidez o papel da transcrição para a análise da conversa e, para a pesquisa nessa área,

a transcrição de uma conversa não é exatamente como a conversa, assim como uma gravação em áudio ou vídeo de uma interação não é exatamente como a interação. Entretanto, uma inscrição sistemática das dimensões espaço-temporais, verbais e gestuais da interação podem abrir novas perspectivas para o entendimento de como as pessoas usam a fala e outros instrumentos nas suas interações cotidianas.

Duranti (1997, p. 161) também defende alguns princípios, ratificados em Garcez (2002, p. 84), que devem reger um trabalho de transcrição, também adotados na minha pesquisa. Esses princípios teóricos e metodológicos representam atitude reflexiva do pesquisador em relação aos seus dados e às suas escolhas no processo de transcrição. Dessa forma, ele afirma que: (i) a transcrição é um processo seletivo, cujo formato deve variar de acordo com os objetivos de investigação; (ii) não há transcrição que consiga reproduzir a situação interacional original; (iii) não há transcrição final, mas apenas diferentes versões, ou seja, “produtos analíticos” que devem ser sempre atualizados; e (iv) as escolhas para a representação da transcrição devem ser claras e conscientes das implicações teóricas, políticas e éticas para a pesquisa final.

Também segui as orientações de Myers (2002), que sugere planejamento desde o início, reservando tempo suficiente para todo o processo que, segundo o autor, pode variar entre cinco e vinte horas de transcrição para cada hora de gravação. Quanto às convenções de transcrição<sup>58</sup>, segui a proposta de Gumperz (1982) e Marcuschi (2007), pois acredito que, para o propósito da minha pesquisa, é suficiente para a apresentação analítica das entrevistas.

---

<sup>58</sup>O quadro de convenção da transcrição está disposto no início do trabalho.

### 4.3 OS COLABORADORES DAS ENTREVISTAS<sup>59</sup>

#### 4.3.1 Hannah da Silva

**Hannah da Silva**, 32 anos, sexo feminino, capixaba, mudou-se para *Medford* aos 4 anos de idade. Na adolescência, voltou ao Brasil e cursou faculdade de moda. Os pais vivem no Brasil, mas já haviam vivido nos Estados Unidos em missão diplomática. Apesar da formação em moda, **Hannah** era garçonne em um restaurante brasileiro na cidade de *Somerville* e, ao ser questionada sobre sua ocupação, ela informou que estava bastante satisfeita com o que fazia, apontando várias razões do porquê não viver no Brasil, sendo os principais motivos as questões econômicas.

Apesar de trabalhar em restaurante brasileiro, **Hannah** afirmou que fora do trabalho preferia não se relacionar com brasileiros. Por ser casada com um americano, ela justificou o não relacionamento com brasileiros, preferindo conviver com a família do marido, com a qual ela dizia estar o tempo todo em convivência. Outra razão, segundo **Hannah**, era pela distância que vivia da comunidade brasileira, pelo fato de brasileiros “serem pessoas muito complicadas fora do Brasil, grosserias e de pouca fineza”.

#### 4.3.2 Chloe dos Santos

**Chloe dos Santos**, 44 anos, sexo feminino, mineira, residia em *Medford* há cerca de 20 anos. Terminou o ensino médio no Brasil e se mudou para os Estados Unidos por influência dos familiares. Nos Estados Unidos, **Chloe** trabalhava como atendente na padaria do irmão pela manhã, e, à tarde, exercia a função de faxineira, com alguns contratos informais de faxina em casas.

**Chloe**, com a ajuda do irmão, já havia conseguido obter a cidadania americana, o que garante vindas ao Brasil. Em determinado momento, a colaboradora relatou que só viria ao Brasil porque ainda restavam alguns familiares em Minas Gerais, mas que já

---

<sup>59</sup> Os nomes fictícios dos colaboradores das entrevistas, primeiramente apresentados aqui, foi idealizado a partir da noção que apresento no trabalho sobre a resignificação identitária dos membros da comunidade brasileira em Massachusetts, a qual nomeio de *brazucalidade*. No sentido apresentado, a pessoa agrega elementos sociolinguísticos e culturais do país anfitrião, passando a se apresentar ora pertencente aquela cultura, ora se afastando dela. Dessa forma, os nomes dos colaboradores são formados pela junção de prenome tipicamente americano e sobrenome tipicamente brasileiro. Ressalto também que, ao usar nomes fictícios, preservo as identidades dos colaboradores de meu trabalho, como nas recomendações éticas da pesquisa acadêmica.

não sentia falta do Brasil. Registrou seu relato sobre as precauções tomadas ao vir ao Brasil, no uso da roupa mais simples possível e de chinelo do tipo *havaianas*, o que ela justificava pela alta criminalidade na sua região de Minas Gerais (Governador Valadares).

#### 4.3.3 Jennifer Pereira

**Jennifer Pereira**, 42 anos, sexo feminino, carioca, ensino médio incompleto, residia em *Cambridge* desde os 18 anos, idade ao chegar ao Estado de *Massachusetts*. Como muitas brasileiras, **Jennifer** já foi casada com um americano, e dessa relação teve dois filhos. Também como tantos outros brasileiros, **Jennifer** precisava de dois empregos, um de manicure no salão de beleza brasileiro onde havia sido entrevistada, e outro de *house cleaner*, como prefere ser chamada.

A entrevistada não chegou a terminar o ensino médio no Brasil, e mudou-se para os Estados Unidos impulsionada pela família, cujos membros foram todos de uma só vez, alegando turismo para a aquisição do visto, assim como tantos outros migrantes brasileiros. Apesar de não querer mais viver no Brasil, **Jennifer** vai ao Brasil sempre que entra de férias, e, mesmo podendo viajar para outros países, o Brasil continua sendo o destino preferido dela.

#### 4.3.4 Kimberly Oliveira

**Kimberly Oliveira**, 36 anos, sexo feminino, mineira, ensino médio completo, residia em *Allston*. Mudou-se para os Estados Unidos aos 24 anos, após a separação do primeiro casamento. A entrevistada não possuía parentes nos Estados Unidos, então, ainda não tinha a documentação para poder vir ao Brasil, aguardando o *green card* após o casamento com um cidadão americano.

#### 4.3.5 Katelyn de Souza

**Katelyn de Souza**, 30 anos, sexo feminino, mato-grossense, ensino médio completo, residente em *Everett*. Vivia nos Estados Unidos com o marido e as três filhas, todas nascidas em Boston. Diferentemente das anteriores, **Katelyn** e sua família pretendiam voltar a residir no Brasil, após um período que, segundo ela, dependeria de

alguns fatores, todos relacionados à economia e à troca entre as moedas americana e brasileira, pois todo o dinheiro que ganhavam era investido no Brasil.

Também diferentemente das demais entrevistadas, **Katelyn**, apesar do tempo em que vivia nos Estados Unidos, 7 anos, quase não falava inglês, não trabalhava fora e passava o maior tempo somente com a família ou com as ocupações da comunidade religiosa que frequentava. A maioria dos amigos eram pessoas da mesma cidade mato-grossense de origem, por volta de 30 pessoas.

#### 4.3.6 Andrew Almeida

**Andrew Almeida**, 42 anos, sexo masculino, curso superior, paulista, residente em *Lowel*. Vivia nos Estados Unidos há 15 anos. Logo após concluir um curso de licenciatura, migrou para *Massachusetts*, sozinho, na busca por uma vida com melhor estabilidade financeira, o que não era possível no Brasil, segundo ele. Para **Andrew**, o melhor oferecido pelos Estados Unidos havia sido a experiência profissional e, apesar de fazer parte da classe trabalhadora daquela comunidade, ele ainda conseguia tempo para o hábito adquirido na faculdade: a leitura de livros existencialistas e filosóficos.

O colaborador trabalhava na construção civil, na qual atuava como eletricista. Ao ser questionado sobre a possibilidade de voltar a viver no Brasil, **Andrew** relatou que era possível que isso acontecesse, mas preferia não perder tempo pensando sobre o assunto. O momento, segundo ele, era de trabalhar e buscar aprender o inglês. Apesar do tempo que possuía no país, **Andrew** ainda tinha dificuldades com o idioma, tendo, segundo ele mesmo afirmou, um conhecimento intermediário da língua, atribuído principalmente à dificuldade no uso de conectivos durante a conversação.

#### 4.3.7 John Gomes

**John Gomes**, 54 anos, sexo masculino, catarinense, curso superior, residente em *Somerville*. Vivia nos Estados Unidos há cerca de 22 anos. Migrou para esse país por influência dos irmãos e irmãs, todos morando em *Massachusetts*, então. Como afirmado por ele, “após tantos anos aqui me sinto um cidadão americano, apesar de ainda ser ilegal”. Para **John**, isso ocorria porque já não pensava como um brasileiro, e, depois de tanto tempo morando por lá, as interpelações culturais o haviam moldado no jeito de ser

americano.

#### 4.3.8 Jordan Campos

**Jordan Campos**, 28 anos, sexo masculino, mineiro, curso superior, residente em *Medford* há cerca de 3 anos. Diferentemente da maioria dos brasileiros que migravam para os Estados Unidos, **Jordan** havia se mudado por ter sido admitido em um curso de doutorado naquele país. Ele tinha planos de fixar residência lá após a conclusão do curso. Suas experiências, da mesma forma, eram bastante diferentes daquelas dos que, em sua maioria, precisavam trabalhar na construção civil ou na limpeza. Com bolsa de estudos e visto de estudante, **Jordan** fazia viagens para outros países para apresentação de trabalhos acadêmicos e visitava a família no Brasil com frequência.

#### 4.3.9 Brandon Cardoso

**Brandon Cardoso**, 28 anos, sexo masculino, mato-grossense, curso superior, residente em Everett há cerca de 6 meses. Assim como grande parte dos migrantes brasileiros com quem tive contato, Brandon, apesar de ainda não ter familiares vivendo nos Estados Unidos, conseguiu migrar para lá através da rede de amigos que viviam naquela região. É assim que muitos se aventuram ao desconhecido, na promessa de um emprego e também no que chamam de *help*, período de hospedagem que é cedido até que o migrante consiga pagar o aluguel de um apartamento ou um quarto.

O entrevistado, pelo pouco tempo de vivência na comunidade, além do fato de ainda não falar inglês, considerou parte das questões da entrevista bastante difíceis de responder. Ele informou que construía a relação de trabalho com o patrão através de mímica, o que, às vezes, parecia ser bem engraçado, quando havia disposição e tempo e, por outro lado, às vezes, parecia faltar paciência, o que, segundo ele, devia-se à urgência de alguma tarefa no serviço.

#### 4.3.10 Ryan Lima

**Ryan Lima**, 52 anos, sexo masculino, paranaense, curso superior, residente em *Woburn*, vivia nos Estados Unidos há cerca de 16 anos. Também sem familiares nos Estados Unidos, **Ryan** se dizia em casa, não tendo vontade de voltar ao Brasil. Suas

impressões sobre os brasileiros e os americanos mudou em relação à maioria dos entrevistados. Segundo **Ryan**, sua opinião devia-se ao conhecimento real sobre o que eram os americanos e os brasileiros que viviam na comunidade de Boston.

#### **4.4 COLABORADORES DO GRUPO DE *WHATSAPP* ‘BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS’**

Depois da interação face a face, a *internet* constitui o maior sistema de comunicação já inventado pela humanidade. Passamos, com esse advento, para novo modo de produção e divulgação do conhecimento, bem como para nova forma de interação. Mais recentemente, essa nova forma de comunicação passou a ter novo aliado: os *smartphones*. Com esses, ligado a uma rede de *internet*, é possível ter acesso a praticamente tudo que antes era feito somente com um computador pessoal. Assim, define Firmino (2005, p. 39) que

o advento da Comunicação Mediada por Computador (CMC) não veio aniquilar o desejo comunicativo do ser humano, outrossim, apenas vem reforçando, colocando num patamar diverso do tradicional, o hábito milenar de conversar, conquanto tenhamos encarnado no meio eletrônico a faceta mais notória e livre da conversação: o bate-papo.

Para Angrosino (2009, p. 120), “os etnógrafos podem se libertar do ‘lugar’ por meio da internet”. Isso se dá justamente porque as comunidades virtuais são comuns, não necessariamente comunidades que têm como características a proximidade geográfica ou longa herança em comum, mas comunidades de interesse. O autor (*ibid.*, p. 120) pontua que essas comunidades são efêmeras por natureza, “surgem e desaparecem conforme mudam os interesses dos participantes”.

Segundo Brait (1993, p. 193), os pressupostos para uma análise conversacional no ambiente virtual incluem a observação de características intrínsecas ao processo interativo, como a situação, as características dos envolvidos e as estratégias de interação.

Angrosino (2009, p. 120) lembra que não há dúvidas sobre ser possível fazer etnografia *online*. Segundo o autor, “é possível ‘observar’ o que se passa em uma sala de bate-papo na internet quase da mesma maneira que se poderia observar os acontecimentos em um ‘lugar’ tradicional”. Para o autor (*ibid.*), há algumas precauções

que devem ser tomadas na pesquisa do ciberespaço, o que me fez refletir muito sobre a confiabilidade em meu trabalho. Angrosino (2009, p. 121) aponta três pontos principais:

- A comunicação eletrônica se baseia quase que exclusivamente na palavra escrita ou em imagens escolhidas a dedo. O etnógrafo acostumado a ‘ler’ o comportamento através de nuances de gestos, expressão facial e tom de voz está, portanto, em certa desvantagem.
- É muito fácil para as pessoas on-line esconder suas identidades – algumas vezes, tudo que interessa na participação de um grupo on-line é assumir uma identidade inteiramente nova.
- Se você estiver fazendo o tipo de pesquisa que depende da ‘exatidão’ dos ‘fatos’, então será necessário desenvolver um senso crítico, para avaliar cuidadosamente as fontes virtuais e evitar fazer afirmações que não poderão ser confirmadas por outros meios.

Incluí a investigação do ciberespaço na minha pesquisa para que os aspectos não alcançados nos dados das entrevistas e na observação participante pudessem ser contemplados, além de que, no ambiente virtual, há mais espontaneidade do sujeito ao opinar, visto que não há a mesma preocupação com a imagem existente nas interações face a face.

A etnografia virtual do meu trabalho ocorreu durante quatro meses, com início um mês após minha chegada aos EUA para a pesquisa de campo. O grupo virtual era constituído de brasileiros residentes no Estado de *Massachusetts* e, também, de brasileiros com interesse em migrar para aquele lugar.

O grupo era administrado por quatro pessoas e tinha como objetivo divulgar empregos e também apontar oportunidades de moradia na região de Boston. No entanto, surgiam vários debates sobre política, educação, economia, tanto referentes aos EUA quanto ao Brasil.

O aplicativo usado para o bate-papo foi o *whatsapp*, que permite não somente mensagens de texto como também de voz e vídeo, além do envio de imagens. Durante os quatro meses em que participei do grupo, foi possível catalogar quantidade considerável de conversas, com gravação permitida por meio de recurso disponível no próprio aplicativo, o *backup* de mensagens. O histórico das conversas foi exportado e enviado como anexo para meu e-mail. No entanto, vídeos e áudios não são exportados, pois se trata de arquivo em formato de texto, sendo necessário sua visualização no aplicativo quando era necessário. Ao final, somente em texto pude contabilizar mais de quinhentas páginas em troca de mensagens do grupo.

Considerarei, para questões de análise, os eventos interacionais de polidez e impolidez dos participantes do grupo, além das entradas em que os envolvidos traçavam caminho para uma ressignificação identitária, processo nomeado por mim de *brazucalidade*. Em um trabalho como este, do qual proponho analisar como os interlocutores constroem o discurso e o manipulam no contexto virtual, as pistas de contextualização contribuem para a sinalização de pressupostos contextuais.

Segundo Gumperz (1982, p. 131), essas pistas podem aparecer sob várias manifestações linguísticas e/ou não linguísticas. No caso da etnografia virtual, em minha pesquisa, as pistas consideradas foram:

- Abreviações/ ou o não uso delas;
- *Emoticons*, *emojis*, imagens e vídeos;
- Alternância entre caixa alta e caixa baixa;
- Repetição de letras;
- Pausas, sinais, reticências e outras referências gráficas;
- Seleção lexical;

Há que salientar, todavia, sobre o sujeito que não reage às pistas, ou não tem conhecimento de suas funções no contexto virtual, o que pode causar mal-entendidos. Para Gumperz (1982, p. 152), quando isso acontece há uma tendência a reações em termos de uma postura ou atitude. “Dizemos que o falante é antipático, impertinente, grosseiro, não cooperativo, ou que não está entendendo”. Para a maioria dos integrantes do grupo, esses acontecimentos no contexto de interação virtual são considerados gafes ou falta de compreensão.

O grupo investigado era formado, durante o período em que dele participei, sempre do número máximo de participantes (256) permitido pelo aplicativo. Havia, no entanto, certa rotatividade. Alguns saíam sem se manifestar; e outros eram excluídos por quebra de alguma das regras propostas pelos administradores, como o envio de pornografia, notícias ou vídeos de violência ou, em alguns casos, a confrontação com algum dos administradores.

Para fins de análise, assim como no caso dos entrevistados, usei pseudônimos para identificação dos participantes do grupo de *whatsapp*, como orienta Angrosino

(2009, p. 121). Segundo o autor, “normas éticas de consentimento informado e proteção de privacidade e sigilo continuam sendo importantes, embora estejamos lidando com pessoas que não vemos face a face”. Mesmo sendo a *internet* um espaço público, parto da premissa, ora abordada na seção 4.1.5, na compreensão do espaço virtual como um espaço real, de sujeitos reais. Dessa forma, as pessoas que “habitam” o espaço virtual possuem os mesmos direitos que aqueles em lugares mais convencionais.

Como meio de guiar o fazer etnográfico no grupo de *whatsapp* sob princípios éticos, sustentei a observação e a coleta de dados em quatro princípios sugeridos por Angrosino (2009, p. 121-122) para a etnografia virtual, dispostos a seguir:

- A pesquisa baseada na análise de conteúdo de um *website* público não precisa apresentar um problema ético e é provavelmente aceitável citar mensagens enviadas para páginas de mensagem públicas, desde que as citações não sejam atribuídas a pessoas identificáveis.
- Os membros de uma comunidade *on-line* devem ser informados se um etnógrafo também estiver *on-line* ‘observando’ suas atividades para fins de pesquisa.
- Os membros de uma comunidade virtual sob observação devem ter a garantia de que o pesquisador não usará nomes reais, endereços de *e-mail*, ou qualquer outra marca de identificação em qualquer publicação baseado na pesquisa.
- Se o grupo *on-line* tiver definido suas regras de entrada e participação no grupo, essas normas devem ser respeitadas pelo pesquisador, da mesma forma como seriam respeitadas os valores e expectativas de qualquer outra comunidade na qual ele ou ela pretendessem fazer observação participante.

Por fim, o “novo *locus*” de sociabilidade oferecido pela *internet* parece naturalizar com mais rapidez as mudanças pelas quais os migrantes outrora passavam. É possível, ao que pude constatar, a antecipação de situações (mesmo que hipotéticas) a partir da participação no grupo de “candidatos” a futuros moradores na região de Boston. Nesse mesmo sentido, os modos e as ações dos já residentes, e também dos candidatos a imigrantes, são revelados ao longo das discussões no grupo de *whatsapp*, o que antes dessa tecnologia só era transmitido via boca a boca. No que pude constatar, há intensificação na compreensão dos modos de assimilar a cultura do outro, mediada pelas redes sociais, percebida por meio do uso do aplicativo *whatsapp*, analisado no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO V

### A (IM) POLIDEZ E ALGUNS DESDOBRAMENTOS: *BRAZUCALIDADE*

---

*Todo caso de construção nacional precisa, para sua legitimação, inventar uma falsa ruptura com um passado que, ao mesmo tempo, permanece no imaginário como motivo de orgulho e coesão social (MACIEL, 2010, p. 570).*

#### 5.1 ALGUMAS IMPRESSÕES DOS COLABORADORES DAS ENTREVISTAS ACERCA DA (IM) POLIDEZ

A colaboradora **Hannah da Silva**, ao longo da entrevista, buscou pontuar com veemência sua integração com a comunidade americana, seu compromisso com o crescimento do país, além de sua mudança para adequar-se à cultura local, deixando para trás os costumes que interferiam na relação com o país acolhedor. Segundo a colaboradora, o descompromisso do migrante com essas mudanças era a principal causa de tensão entre as culturas, o que poderia causar conflitos no trabalho, nos relacionamentos, etc.

Ao ser questionada sobre a polidez/impolidez tanto do brasileiro quanto do americano, **Hannah** revelou sua percepção sobre a extrema grosseria dos brasileiros, principalmente dos que viviam no Brasil. Para a colaboradora, o principal fato que a levava a essa conclusão se dava pela falta de limite dos brasileiros com as questões íntimas de seus interlocutores, na falta de bom senso durante as conversas com pessoas recém conhecidas. Para isso, a colaboradora traçou um argumento de comparação com o americano, principalmente a partir de sua relação com o marido. Segundo **Hannah**, não havia como não notar as diferentes formas de polidez entre americanos e brasileiros.

Já a colaboradora **Chloe dos Santos**, ao ser indagada sobre os brasileiros em Massachusetts, relatou que os migrantes da época de sua chegada ao país eram muito mais compromissados do que os então recentes, que esses se pareciam muito mais com turistas, não querendo mais fazer o serviço “duro” e não se sujeitando mais aos salários mais baixos da classe trabalhadora. Para a entrevistada, ainda havia muito para os

brasileiros aprenderem com os americanos, como o simples gesto de segurar a porta para que o outro entrasse. Para a colaboradora, a polidez/impolidez está estritamente ligada ao que ela chama de “berço”, explicado por ela como princípios educacionais implantados na educação familiar e, também, inerentes à cultura.

Outros exemplos de polidez/impolidez observados pela colaboradora entre a comunidade brasileira e a americana eram: o uso de som alto entre os brasileiros, principalmente os recém-chegados aos Estados Unidos; o modo como as festas brasileiras e americanas terminavam – as brasileiras com muita sujeira, já as festas americanas com respeito às pessoas que irão fazer a limpeza no pós-festa; a prontidão dos americanos em se desculpar ao esbarrar numa pessoa em relação ao desprezo dos brasileiros ao acontecer o mesmo.

Ao ser questionada sobre suas impressões a respeito da comunidade brasileira em Boston e, também, sobre sua relação com os americanos, **Jennifer Pereira**, assim como tantos outros brasileiros, traçou linha comparativa entre os dois povos. Em suas próprias palavras, “não tem como comparar os americanos com os brasileiros. Eles (americanos) são sinceros e honestos. Já os brasileiros, bem, você já sabe né. Não precisa de muito comentário”.

Ademais, **Jennifer** vê diferença nos modos de polidez do americano relativamente às mesmas ações realizadas pelos brasileiros, como no caso de cumprimentos a uma pessoa. Para ela, o *hi* ou o *good morning* do americano soa muito mais intencional e verdadeiro do que o “oi” ou o “bom dia” do brasileiro, avaliado pela colaboradora como sem graça.

Segundo **Kimberly Oliveira**, que era sócia de outra brasileira em uma loja de confecções que vendia artigos trazidos do Brasil, como calças de marcas brasileiras, camisetas de times, livros e outros produtos brasileiros, era preciso total imersão na cultura americana para poder compreender as diferentes nuances culturais, sendo somente após essa troca cultural possível falar a respeito das reais diferenças entre brasileiros e americanos no que tange à polidez/impolidez, ou quaisquer outros aspectos que se pretendesse descobrir.

Para a colaboradora, muitas impressões de brasileiros acerca dos americanos eram apenas preconceitos gerados na comunidade, mas que não havia compromisso

com a realidade, visto se tratar do olhar de mero observador por parte daqueles que não conseguiam integrar-se com a comunidade americana, pois a barreira linguística ainda não havia sido quebrada. Dessa forma, **Kimberly** insistia com a ideia de que somente após certo tempo inserido na comunidade é que se podia realmente levantar reais impressões sobre as diferenças em relação aos modos de polidez/impolidez entre os dois povos, e isso associado a uma real imersão dos brasileiros na cultura e língua dos americanos.

A respeito das questões sobre polidez/impolidez dos brasileiros e americanos, **Katelyn de Souza**, durante a entrevista, falou principalmente da presteza do americano em ajudar os brasileiros, o que ela sugeriu ser sinônimo de polidez. Ao mesmo tempo, a impolidez foi apontada na falta de presteza do brasileiro que vivia nos Estados Unidos, o que, segundo **Katelyn**, se dava principalmente pelo interesse próprio e pela ganância pelo dinheiro daqueles que migravam para Boston.

Sobre sua opinião acerca da polidez/impolidez na comunidade brasileira, bem como dos americanos, **Andrew Almeida** acreditava que realmente havia certa diferença entre os dois povos, mas que essa diferença não acontecia por acaso, mas era motivação oriunda de cada povo, responsável por certos atos considerados polidos ou impolidos. Para justificar sua afirmação, **Andrew** apontou algumas opiniões populares que circulavam na comunidade local, além de outras veiculadas nas mídias locais, para comparar com suas observações. Por exemplo, a crença segundo a qual o americano era mais polido do que o brasileiro por parar o veículo para um pedestre passar, era assentada no desconhecimento das razões desse americano para tal ação, afirmando que isso se dava somente por educação. Na verdade, aponta **Andrew**, um atropelamento nos Estados Unidos pode gerar prejuízo muito grande ao “bolso” daquele que atropela, o que, segundo ele, era a maior motivação desse tipo de “polidez”.

Outra observação feita por **Andrew** acerca da polidez dos americanos foi quanto à formalidade estadunidense. Segundo ele, o americano passa por mais polido que o brasileiro, por não buscar se intrometer na vida de uma pessoa recém-conhecida. No entanto, observa **Andrew**, isso acontecia porque os americanos mantinham distância para não se envolver com o problema do outro, e isso não tinha muito a ver com polidez.

Segundo o colaborador, os brasileiros que viviam nos Estados Unidos também eram tidos como mais polidos a partir da experiência cultural. No entanto, para ele, isso era somente reflexo do cumprimento de algumas leis e normas sociais locais, e a única motivação para tanto era poder ser aceito no novo meio.

O imaginário de apropriação e imersão cultural também foi notado em outros entrevistados, além dos participantes do grupo do aplicativo *Whatsapp*. Segundo eles, a impossibilidade de voltar a viver no Brasil, por exemplo, se dava justamente porque já não pensavam, agiam ou viviam como um brasileiro. Para reforçar essa ideia, **John** utilizou o argumento de que o americano não era um povo que migrava para outros lugares.

Para **John Gomes**, o americano era mais polido do que o brasileiro – exemplos como o de segurar a porta e parar o veículo na faixa de pedestre também eram usados pelo entrevistado. Segundo ele, o brasileiro que chegava aos Estados Unidos nem sempre mudava de comportamento, continuando a agir como antes, quando vivia no Brasil, “sem respeito às normas mais civilizadas”, como aponta em suas palavras. Como exemplos, **John** citou os churrascos de verão feitos pelos brasileiros que, segundo ele, eram sempre com música alta, com número excessivo de pessoas, sem respeito aos vizinhos.

Por tratar-se de colaborador que vivia maior parte do tempo com colegas universitários, jovens de diferentes partes do mundo ou, na sua maioria, americanos, **Jordan Campos** compreendia a polidez/impolidez na comunidade brasileira ou entre as pessoas do mundo acadêmico a partir do grau de educação formal das pessoas. Segundo o colaborador, o nível de polidez/impolidez estava estritamente ligado à formação educacional. Para Jordan, o americano era tido como mais polido, segundo os brasileiros da comunidade, justamente por Boston ser região de muitos acadêmicos, onde o nível de escolaridade era alto. Segundo ele, por outro lado, boa parte dos brasileiros que migravam para a região de Boston, ou para qualquer outro lugar dos Estados Unidos, era constituída de pessoas de baixa escolaridade, mesmo que se encontrassem alguns com formação universitária.

Nas respostas às questões propostas na entrevista, foi possível perceber a relação que **Jordan** fazia entre o nível de formação educacional com a polidez/impolidez das

peessoas. No entanto, o colaborador informou que ainda havia muito a se aprender com o tempo, que ainda não estava na comunidade tempo suficiente para afirmações sensatas, e que seu envolvimento na maior parte do tempo com os americanos poderia ofuscar seu olhar em relação aos modos de vida da comunidade brasileira, na qual sua convivência se resumia a frequentar a mesma padaria e o mesmo restaurante desde que havia chegado à região.

Ao ser questionado sobre seus conterrâneos e as diferenças entre as relações anteriores, no Brasil, e a de então, em terras estrangeiras, **Brandon Cardoso** considerou bastante solícita a maioria dos brasileiros da comunidade em Boston, apontando como exemplo o período de *help* que teve durante quarenta dias, sem precisar pagar por isso. Além do mais, a impressão que tinha era a de que o brasileiro passava a absorver as boas maneiras dos americanos, passando a ser pessoas mais polidas no dia a dia.

O colaborador apontou a infraestrutura estadunidense como sinônimo de educação e civilidade. Em suas palavras: “não é possível que com tanto dinheiro possa haver espaço para impolidez. O nosso problema, o que nos leva à grosseria é, principalmente, a falta de recursos, que nos faz chucro como somos, além de que não temos o mesmo nível de educação que eles, quero dizer, educação formal”.

Para **Ryan Lima**, boa parte dos americanos era extremamente grosseira, o que ele exemplificava através de suas experiências ante as abordagens policiais de rotina, na qual relatou a forma como os oficiais usavam para criar uma situação de constrangimento ao abordado. Para ele, a forma como populares brasileiros interpretavam os americanos não passava de uma compreensão errônea. “Na verdade, [afirma **Ryan**] o que os brasileiros chamam de educado ou polido não passa de *proforma*. O cumprimento de obrigações com o Estado não devia ser chamado de polidez, mas, como somos tão incivilizados no Brasil, passamos a enxergar coisas como parar o veículo para o pedestre ou, simplesmente, segurar uma porta como um ato de gentileza”.

O colaborador também observou que não havia profundas mudanças nos brasileiros que viviam na região de Boston. Para ele, “boa parte dos brasileiros que migra para os Estados Unidos é feita de pessoas de pouca escolaridade, que ao contato com o poder econômico, ficam piores do que eram antes”. **Ryan**, no entanto,

modalizou, dizendo que ainda assim havia muitas pessoas de boa índole, que mereciam respeito. Apesar da opinião crítica em relação às pessoas à sua volta, para **Ryan**, não havia chance de voltar a viver no Brasil, devido à situação econômica e política atual do Brasil.

## 5.2 DEFINIÇÃO DE (IM) POLIDEZ NO CONTEXTO DA PESQUISA

No intuito de avaliar os dados gerados durante a pesquisa de campo, em vez de dividir a análise entre as partes que compuseram o fazer etnográfico, optei por mantê-las juntas, pois acredito que a triangulação dos dados será melhor explicada dessa forma. Sendo assim, os dados das entrevistas, das conversas do grupo no aplicativo *whatsapp* e da observação participante serão examinados conjuntamente. Gumperz (1982) reconhece dificuldade real na análise empírica de estratégias de contextualização, mas o autor enfatiza a importância da etnografia na descrição dos dados a serem investigados interpretativamente.

A (*im*) polidez, no contexto a que me propus pesquisar, perpassa por dois lugares distintos. O primeiro se dá na experiência vivenciada pelo migrante brasileiro antes de chegar aos Estados Unidos, ainda em terras brasileiras. A bagagem cultural carregada para o hemisfério norte em comparação às ações de (*im*) polidez percebidas nos que ali eram encontrados levou os brasileiros a compararem suas ações culturais às ações dos americanos. A fim de elucidar melhor essa questão, disponho a seguir de trechos das respostas da questão 2<sup>60</sup> das entrevistas dos dez colaboradores nessa parte da coleta de dados.

### QUADRO 1 – IMPRESSÕES EM RELAÇÃO À POLIDEZ AMERICANA

<i>((+)) Eles são muito mais ↑ educados, muito mais ↑ polidos, menos polêmicos.</i>	<b>Hannah da Silva</b>
<i>Eles têm mais berço que os brasileiros. Até para segurar ↑ uma porta pra você, o americano segura pra você passar ((S)). Se esbarram ↑ em você já ... já pedem desculpa, já ... entendeu?</i>	<b>Chloe dos Santos</b>

<sup>60</sup> 2) *Quais são suas principais impressões em relação aos americanos? Você os vê como pessoas muito diferentes dos brasileiros? São eles mais educados/polidos, ou não? Poderia dar alguns exemplos?* – Todas as questões da entrevista estão disponíveis, em anexo, ao final do trabalho.

<i>Eles são mais sinceros. Tem honestidade e sinceridade neles.</i>	<b>Jennifer Pereira</b>
<i>Eu acho que são mais educados, são mais manos.</i>	<b>Kimberly Oliveira</b>
<i>São mais prestativos, porque quando um americano quer↑ te ajudar, ele quer te ajudar de verdade, não é por interesse [...]</i>	<b>Katelyn de Souza</b>
<i>[...] há sim diferença entre o jeito que o americano age e o jeito que o brasileiro age. E eu não acho que é uma questão de ser mais↑ polido ou menos↑ polido, mas somente uma questão de ponto de vista, de cultura↑.</i>	<b>Andrew Almeida</b>
<i>Eles são mais educados que a gente, muito mais. ((+))</i>	<b>John Gomes</b>
<i>A diferença que eu vejo éh: aqui eles têm mais uma educação éh: do que a média dos brasileiros, desculpa, a média dos americanos, é um pessoal mais↑ educado de escola, mesmo do que a média dos brasileiros. Com isso é que você encontra mais↑ americanos polidos do que brasileiros polidos. ((apontando para pessoas que passam pela janela))</i>	<b>Jordan Campos</b>
<i>[...] depende das várias situações, mas eu vejo que eles são bem-educados, assim, às vezes até mais que os brasileiros.</i>	<b>Brandon Cardoso</b>
<i>[...] ((-)) eles não são mais educados e nem são mais polidos. Eles são res-peí-ta-do-res da lei, das leis, tá.</i>	<b>Ryan Lima</b>

O quadro 1 não exprime de forma unânime a ideia acerca da polidez do americano pelos brasileiros entrevistados, mas a maioria dos entrevistados apresenta ter a mesma impressão sobre as ações de polidez dos norte-americanos: trata-se de um povo mais polido do que os brasileiros. Mas o que leva os entrevistados a essa conclusão? Qual o parâmetro para esse julgamento? O que está sendo compreendido como polidez? Para chegar a alguns pontos sobre as respostas, é preciso observar o ponto de vista dos colaboradores. Nesse sentido, teremos uma análise participativa, negociando interpretações compartilhadas com os envolvidos na pesquisa.

O caráter não verbal da interação sociolinguística sobre as pistas de contextualização pode nos responder preliminarmente às questões levantadas sobre a impressão dos brasileiros entrevistados em relação aos americanos. Como pontua Hall (1959, 1963, 1966), muitos mal-entendidos estão relacionados às variações na percepção e na interpretação dos movimentos faciais e gestuais.

Para endossar minha afirmação anterior sobre a proxêmica e a cinésica percebidas pelos brasileiros e interpretada como maior nível de polidez, o quadro seguinte (2) traz a percepção que os colaboradores da pesquisa fazem desses aspectos com a polidez, principalmente sobre o nível microcultural, como sugerido por Hall (1963)<sup>61</sup>.

**QUADRO 2 – PROXÊMICA E CINÉSICA COMO GRAU DE MAIOR POLIDEZ**

[...] eles respeitam o seu direito. (...) nunca↓ te tocam.	<b>Jennifer Pereira</b>
Eles querem o espaço deles↑, e eles te dão o seu espaço. E eu gosto bastante do jeito↑ deles.	<b>Kimberly Oliveira</b>
O americano, eu vejo ele que (...) pra nossa cultura (..) ele tem certo distanciamento. Na minha opinião, isso não é um distanciamento (...) é ele te deixando↑ à vontade, pra você ser o que você quer ser [...].	<b>Andrew Almeida</b>
Americano não deixa tocar. Se tocar neles, eles acham ruim. Brasileiro tem a mania↑ de tá tocando,↑ né, toca aqui↑, toca ali. Americano, não.	<b>John Gomes</b>
Contato físico no Brasil é muito maior. O primeiro contato aqui é um aperto de mão. No Brasil, (.) às vezes↓ você abraça, dá um tapinha nas costas. Isso aqui não tem muito.	<b>Jordan Campos.</b>
Você não abraça, você não põe a mão no ombro. O único contato que eles gostam de ter é o vi-su-al. Olho no oLHO.	<b>Ryan Lima</b>

O contexto de pesquisa propicia várias nuances de discordâncias dos participantes, visto tratar-se de ambiente de diferentes *backgrounds* linguístico-culturais. **Jennifer**, no quadro 2, compreende o “não tocar” como sinal de respeito. Nesse caso, o distanciamento físico, cultivado pelos americanos, passa a ser encarado como a forma mais apropriada de agir pelos brasileiros. Como também é atinado por **Jordan**, a proximidade física é típica de brasileiros que estão no Brasil, já nos dando uma ideia de que os brasileiros que vivem nos Estados Unidos passam a ter um comportamento próprio, forjado para a adaptação e para a convivência com os novos modos de interação. Ao tratar sobre as questões espaciais, Hall (*ibid.*) não levou em consideração as questões específicas que cada cultura possui em seu interior. Distância

<sup>61</sup> Ver página 62 sobre essa questão.

social pode ser algo bem diferente entre americanos e brasileiros. A proxêmica, como sugerida por Hall (1966), já apresentada e discutida no capítulo II, deveria ser abordada em seus diferentes lugares de observação, e não como padrão único, principalmente em relação à categoria *informal* dentro da *microcultura*, como já discutido.

De acordo com dados deste estudo, tanto através das entrevistas quanto pela observação participante, a proxêmica e a cinésica abrem caminho para a discussão das primeiras impressões sobre as diferenças de (*im*) polidez percebidas pelos migrantes brasileiros em relação aos americanos. **John**, por exemplo, a partir da analogia estabelecida entre as duas culturas, chega à conclusão de que tocar é “mania”, coisa de brasileiro, e brasileiro aqui deve ser lido como aquele que vive no Brasil. De acordo com a percepção dos migrantes brasileiros que vivem nos EUA, os brasileiros que decidiram viver nos Estados Unidos, *brazucas* para alguns, precisam se adaptar aos novos modos ali exigidos. Essa exigência de adaptação fica ainda mais evidente nos dados das conversações do grupo de *whatsapp*, como pode ser visto a seguir:

#### QUADRO 3 – AFINANDO

<b>3A:</b> 14:26:31: <i>Meu marido está vendendo um contato<sup>62</sup> de pintura, interessados entrar em contato no *** **</i>
<b>3B:</b> 14:27:37: <i>Ôxe, como assim?</i>
<b>3C:</b> 14:31:22: <i>Vendendo contato?! Como assim?</i>
<b>3D:</b> 14:32:34: <i>Desculpe a minha ignorância, mas o q é isso? Vender contato?</i>
<b>3E:</b> 14:36:24: <i>Não existe isso ... alguns brasileiros trouxeram a safadeza e exploração na bagagem.</i>

Ao longo das conversas no grupo de *whatsapp* analisado, muitos outros momentos foram dedicados a discussão sobre como alguns modos brasileiros deviam ser ‘deixados’ no Brasil. O jeitinho brasileiro, dentro da discussão no grupo, é encarado como um sério problema a ser combatido na “nova vida”. No entanto, o recurso usado

<sup>62</sup> O que os brasileiros da comunidade de Boston chamam de **contato**, principalmente quando estão falando da venda de algo, geralmente se trata da venda de informações comerciais, de ponto de prestação de serviços ou coisa desse gênero. A prática é comum há muitos anos, e segundo as pessoas mais antigas na comunidade, sempre funcionou da forma como é.

durante as discussões em grupo são os da impolidez linguística, como pode ser visto em **3E**, num gesto explícito de agressão à face, quando o colaborador afirma que “alguns brasileiros trouxeram a safadeza e exploração na bagagem”, em referência à pessoa que oferecia um “contato de pintura”.

Se, por um lado, temos colaboradores que reconhecem serem os americanos mais polidos por respeitarem o espaço do outro, não tocando, abraçando sem conhecimento íntimo ou não pondo a mão no ombro de um recém conhecido, por outro lado têm-se colaboradores (às vezes, os mesmos mencionados anteriormente) que usam da impolidez linguística (agressão verbal) para a imposição de supostas regras existentes na comunidade. Por essa razão a comunidade brasileira de Boston, nas perspectivas da minha pesquisa, pode ser considerada como comunidade de prática, justamente porque há o envolvimento de pessoas unidas para desempenhar práticas compartilhadas em torno de um efetivo comum. Nesse sentido, a ressignificação identitária irá perpassar por “novos modos de polidez”, bem como pelo alinhamento discursivo do que é permitido e do que não é. De forma antagônica, ao assumir posição de que há mudanças em curso, em razão de se estar vivendo em um novo país, alguns passam a agir com impolidez/grosseria em relação aos modos de imigrantes ainda não adaptados na nova casa, visto principalmente nas conversas dos colaboradores do grupo *whatsapp* pesquisado.

A polidez, no contexto pesquisado, é assumida pelos colaboradores da pesquisa na comparação da impolidez brasileira (ou aquilo que se passou a compreender como impolidez) com a polidez americana. Em [...] *eles respeitam o seu direito*. [...] *nunca te tocam*, por exemplo, o ato de tocar, próprio de muitos brasileiros durante os processos interacionais é encarado como desrespeito pela participante. Não tocar como sendo algo polido, no entanto, só é assim definido após o contato com a cultura americana, com a redefinição do entendimento do que é considerado polidez pelos envolvidos na pesquisa. Sendo assim, aquilo que não era percebido como um *ato de ameaça à face* (AAF) por brasileiros passa a sê-lo dentro da comunidade pesquisada.

Porém, durante a observação participante, pude notar o contrário da situação anteriormente discutida, pois determinada ocorrência considerada impolida no Brasil passa a não ter o mesmo efeito na comunidade investigada. Trata-se do ato de arrotar

em público, sucedido sempre de um *excuse-me*. Questionei algumas pessoas da referida comunidade a respeito do que achavam dessa situação, como a viam anteriormente, e se alguma coisa havia motivado a mudança de opinião deles após a migração para o exterior. Alguns disseram que continuavam achando arrotar em público ou entre amigos e familiares algo impolido, que isso deveria ser evitado, mas a maioria já não via problema algum nessa situação, sugerindo que havia naturalidade no ato de arrotar, e que não deveria haver constrangimento ou imposição de regras de polidez para essa ação.

Percebo, por meio das observações feitas anteriormente, que a definição de polidez no contexto de minha pesquisa passa por transformações, ganhando novos sentidos por meio do contato com diferentes modelos de polidez. De qualquer forma, essa ressignificação de polidez passa por embates ideológicos mantidos entre os membros da comunidade, o que pode ser notado ao longo do trabalho etnográfico. Na sequência para ilustrar a ressignificação da qual trato aqui, disponho de uma figura esquemática<sup>63</sup>:

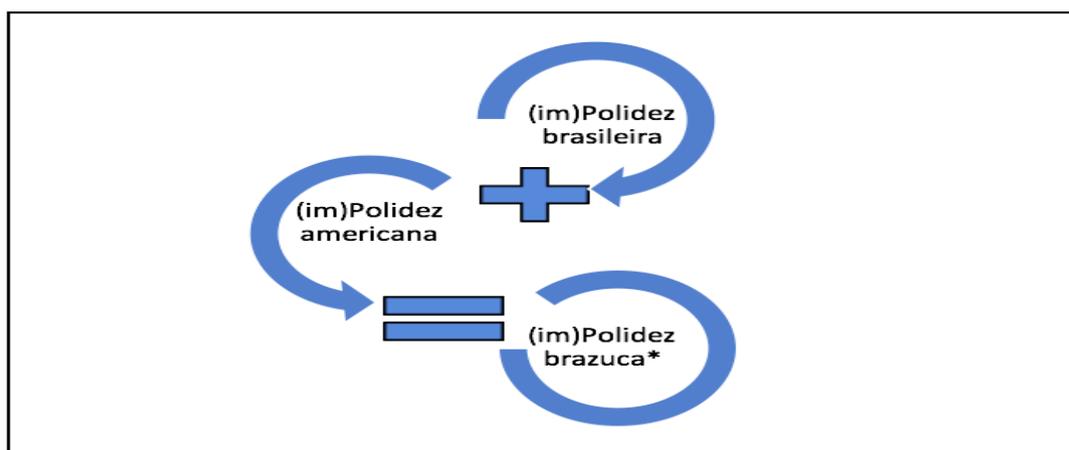


FIGURA 10 – PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO

A sociopragmática, de caráter sociocultural, discutida a partir das definições de Leech (2014) no capítulo III deste trabalho, ganha novos valores a serem comunicados,

<sup>63</sup> Na figura acima, optei em usar o substantivo *brazuca* para me referir às ações próprias de brasileiros da comunidade estudada, visto tratar-se de apelido já aceito pela maioria dos que vivem naquela região, usado com frequência por eles mesmos, quando em referência aos que vivem nos Estados Unidos.

variando segundo as normas de cada cultura. Nesse sentido, os brasileiros da comunidade analisada precisam, para adequar-se ao contexto em que estão inseridos, tal qual disposto na figura anterior, não errar nem pelo excesso nem pela falta de polidez, mas estar dentro da polidez adequada para a situação vigente, conforme a figura 5 (polidez sociopragmática)<sup>64</sup>.

Vistos pelo viés da sociopragmática, os brasileiros da comunidade de Boston observam com bastante desembaraço as mudanças de enquadres, necessários para o alinhamento das interações com pessoas do contexto cultural local. No entanto, pelo viés da pragmalinguística, o mesmo não parece acontecer, pois as questões linguísticas, tais como o uso de neologismos ou mesmo do *code-mixing* ocorre indiscriminadamente, realizado pelas pessoas da comunidade fora do contexto em que eles podem ser compreendidos. Voltando à questão sobre o ato de arrotar, percebi que há naturalidade e aceitação dessa ação quando há americanos por perto, principalmente durante o tempo em que passei fazendo pesquisa de campo em construções civis. Já quando há reuniões sociais somente de *brazucas*, as regras de etiqueta vigentes são as mesmas do *background* cultural dos brasileiros. Sendo assim, percebo que a sociopragmática é melhor absorvida pelos participantes da pesquisa do que a pragmalinguística. Ressalto que o uso de *code-mixing* era constante pelas pessoas recém-chegadas aos Estados Unidos, sem nenhum conhecimento de língua inglesa, além do uso de neologismos, pouco compreendidos pelos novatos. A seguir, para ilustrar melhor a dificuldade de alinhamento nas interações entre os *brazucas*, disponho de alguns excertos de conversas entre pessoas recém-chegadas à comunidade e moradores veteranos.

#### QUADRO 4 – PRAGMALINGUÍSTICA

A: <i>Cheguei do Brasil faz uma semana ((+)). Vocês sabem de algum emprego?</i>	4A
B: <i>Legal! ((S)) Cara, sei de um para fazer <b>delivery</b>, mas precisa de <b>driver license</b>.</i>	
C: <i>Na minha <b>compania</b> estamos precisando de dois <b>helpers</b> para limpeza de prédio amanhã. Ligue no *** ***, fale com o Bryan.</i>	4B
D: <i>Acho melhor você procurar nos jornais. Anda tendo muita coisa na área de <b>plumbing</b>, <b>dishwashing</b>, e você encontra uns <b>delivery</b> que não exige <b>driver license</b>.</i>	4C

<sup>64</sup> Ver seção 3.1.3 (página 93)

No encontro interacional transcrito no quadro 4, ocorrido numa padaria na cidade de *Medford*, uma pessoa recém-chegada a Boston aborda um grupo à procura por emprego. Ao interromper o grupo de prováveis amigos, o rapaz se apresenta e vai direto à questão: *Vocês sabem de algum emprego?* No entanto, uma informação importante, dada antes da pergunta, não foi observada pelo grupo para o devido alinhamento conversacional. *Ceguei do Brasil faz uma semana*. As respostas vêm de três diferentes pessoas e, apesar das diferenças nas informações, observei que um fato foi recorrente em todas elas: o uso de neologismos e de *code-switching*.

Em 4A, B percebe que, na situação de A, ou seja, tratando-se de alguém recém-chegado a Boston, a probabilidade de se ter uma *driver license* (carteira de motorista) é remota, assim B deixa implícita na sua resposta, através de pistas na sentença [*mas*], a impossibilidade de aquele trabalho servir para o rapaz. Por outro lado, não observa outras pistas contextuais sinalizadas naquele enunciado para uma compreensão eficiente [pragmalinguística adequada]. Como Ribeiro e Garcez (2013, p. 107) observam sobre as interações face a face, os alinhamentos dos interagentes “são sinalizados na maneira como eles gerenciam a produção ou a recepção das elocuições”, o que não foi efetivamente realizado nesse encontro sociointeracional. Caso tivessem compreendido as pistas iniciais, deixadas pelo locutor em 4A/A, os termos *delivery*, *driver license*, *helpers*, *compania*, *plumbing* e *dishwashing* não deveriam ser usados em suas formas estrangeiras, porém algo equivalente na língua portuguesa, levando em consideração a situação pragmalinguística de um recém-chegado. Outro trecho da conversa mostra pouca colaboração dos interagentes no processo de negociação de sentidos.

QUADRO 5 – NEOLOGISMOS E CODE-MIXING

<i>A: Topo qualquer coisa, sabe. Já fiz de tudo no Brasil. Mas não sei inglês. Inglês precisa, né? ((-))</i>	<b>5A</b>
<i>C: Precisa de um pouco ((-)), mas você aprende na prática mesmo, como a gente. Fique de boa! ((S))</i>	<b>5B</b>
<i>A: E o que são esses cargos aí que vocês falaram que tem? Tipo, o que é companhia? Já ouvi falar de companhia.</i>	<b>5C</b>
<i>C: Companhia? Você não sabe não? Uai, como é mesmo que se diz no Brasil?</i>	<b>5D</b>
<i>B: Companhia é ... vichi! ((R)) Esqueci. Não é companhia no Brasil também?</i>	<b>5E</b>
<i>D: Eles chamam de firma, né. Mas aqui é diferente. Tem que prestar atenção. Aqui não é Brasil. Fico com dó de quem chega, sabe. Aqui o filho chora e mãe não vê. Aqui não tem moleza. Precisa se virar. (fazendo mímica de que está limpando suor da testa)</i>	<b>5F</b>

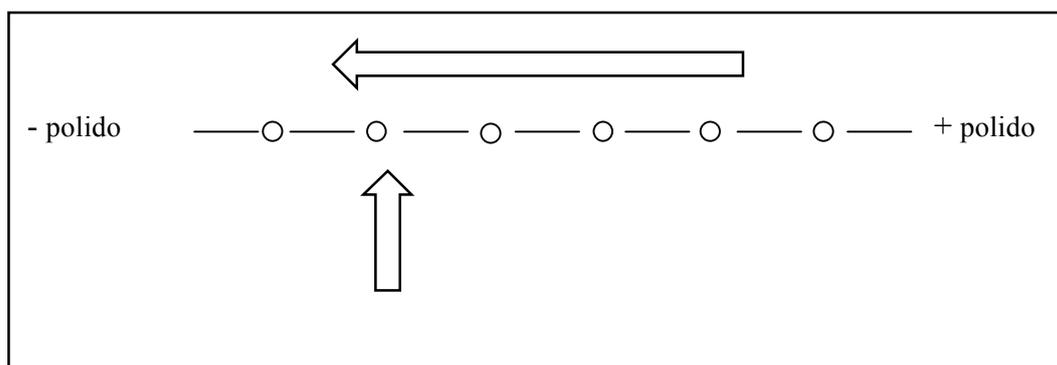
No quadro 5, os interlocutores infringem alguns pontos dos componentes das máximas de Leech<sup>65</sup>, nas quais o autor (1983) define a linguagem como meio para expressar relações sociais e pessoais. Concordo com o autor na definição de polidez no sentido escalar, a qual apropriado para minha análise. Por esse viés, o autor destaca no quadro (PP) interacional a restrição que nos influencia a evitar discórdia comunicativa ou ofensa, o que mantém ou aumenta a harmonia ou a polidez. Porém, *A*, no quadro 5, parece ser o único a evitar a discórdia, o que me faz pensar em força (motivação) unilateral nas realizações interacionais para evitar a desarmonia, e não bilateral, como parece ser proposto por alguns autores. No sentido expresso anteriormente, mesmo com a revisão do autor dos componentes das máximas, trazendo a **Estratégia Geral de Polidez** (2014), não seria possível uma análise integral de encontros interacionais, em que tanto o uso da polidez quanto o da impolidez fizessem parte da interação. Sendo

<sup>65</sup> Tabela 4 (pág. 91) – Componentes das máximas de Estratégia Geral de Polidez

assim, alternarei entre os quadros de **estratégias**, valendo-me para as análises tanto do quadro de polidez quanto do de impolidez<sup>66</sup>.

Em **5C**, *A* busca compreender a situação, tentando inteirar-se de alguns sentidos, e para isso *A* questiona *B* a respeito do significado de **compania**, acreditando tratar-se de algum tipo de emprego. [...] *o que é companhia?* Em **5D** e **5E**, tanto *C* quanto *B* não são colaborativos com a pergunta de *A*, aparentemente mostrando desconhecimento do termo correlato em português. Já o último, ao se manifestar sobre a pergunta levantada, não é muito colaborativo em relação ao questionamento. Outra forma de análise para a situação em evidência seria sobre o processo de transferência pragmática sugerida por Kasper (1992) e Kasper & Blum-Kulka (1993). Nessa, a inobservância de normas linguísticas de polidez reflete-se nas relações interpessoais. Podemos afirmar que, em uma (*im*) polidez escalar, *D*, em **5F**, estaria em direção ao polo menos ( - ) polido, como mostra no desenho a seguir:

**FIGURA 11 –TRANSFERÊNCIA PRAGMÁTICA CONTEXTUALIZADA**



Posso também acrescentar sobre a sentença em **5F** que há omissão de *D*, sendo ele opinativo ao invés de esclarecer a dúvida de *A*. Para Leech (2014), tal ação recai sobre sua oitava máxima (**M8**), ou seja, o locutor dá alto valor à própria opinião, não sendo colaborativo com seu interlocutor. A essa análise, a impolidez, vista dentro do quadro analisado, enquadra-se no que Culpeper (2011) chamou de *impolidez coercitiva*. Aqui também é bom lembrar a definição de Tedeschi & Felson (1994) em relação a esse

<sup>66</sup> O quadro de Estratégias Geral de Polidez encontra-se à página 91 (tabela 4) deste trabalho. Já o quadro de Estratégias Geral de Impolidez encontra-se à página 112 (tabela 5). Seus correspondentes tal qual os originais se encontram em anexo, ao final deste trabalho.

tipo de impolidez, compreendida como movimento que vai além do consenso comportamental, mas que inclui a imposição de danos sociais. Compreendo aqui os danos à identidade social do alvo, que nesse caso se refere à redução de poder e/ou *status* trazida do *background* linguístico-cultural.

No sentido apresentado, para uma definição de (*im*) polidez no contexto pesquisado, levo em consideração que tanto os atos de polidez quanto os de impolidez (ao menos na maioria dos dados por mim avaliados) comprometem-se na causa da resignificação identitária de uma comunidade em transformação, tanto linguística quanto cultural.

A afirmação da entrevistada **Hannah da Silva** no quadro 1, por exemplo, declarando que *eles* [americanos] *são muito mais educados, muito mais polidos, menos polêmicos*, aponta para uma autorreflexão sobre a própria condição de migrante, ao comparar seus modos com o do outro. No quadro 2, **Kimberly** também assume aprovação em relação à compreensão de espaço dos americanos, ao dizer que *eles* [americanos] *querem o espaço deles, e eles te dão o seu espaço. E eu gosto bastante do jeito deles*. No sentido que aponto, a polidez ganha nova significação. O que antes não era considerado polido (arrotar, por exemplo) passa a ter outro significado. Já a impolidez (*coercitiva*) tem papel importante na busca por afirmação em novo modelo de vida, o que chamo de *brazucalidade*. Assim como apontado por Maciel (2010) sobre a construção nacional, vista na epígrafe inicial deste capítulo, acredito também em uma invenção de *falsa ruptura com o passado* pelos migrantes. Nesse processo, a (*im*) polidez deve ser compreendida como um *continuum*, e não a partir de modelos prontos.

### 5.3 SITUAÇÕES QUE FAVOREM A ADOÇÃO DE IMPOLIDEZ

Uma das piores crises a serem enfrentadas por um migrante é a típica de fronteiras instáveis e vidas em trânsito, situação em que ele não se reconhece em qualquer cultura ou lugar. Nesse ambiente, por mim investigado, propício às crises de identidade, sentir-se *chez soi* (em casa), nos termos de Bauman (2005), não é uma tarefa das mais fáceis. Com isso, as situações que envolvem (*im*) polidez são amparadas a partir de um novo lugar, em contraponto com os parâmetros de inter-relações anteriores.

Em boa parte das discussões calorosas do grupo do aplicativo *whatsapp* pesquisado, por exemplo, há reflexões sobre o estilo de vida dos brasileiros (no Brasil) e como eles deveriam viver na “nova casa” (Estados Unidos). Nessa tarefa árdua do migrante para adaptar-se aos modos de ser no novo país, muitas discussões são levantadas sobre ações de (*im*) polidez, tanto sobre ações anteriores à migração quanto as ações ora vivenciadas. A impolidez, todavia, é usada para o alinhamento dos novos membros da comunidade como ferramenta coercitiva, nos termos de Culpeper (2011) e de Tedeschi & Felson (1994), discutidos no capítulo III e no início deste capítulo. O quadro seguinte, com excertos das interações oriundos do grupo de *whatsapp*, reforçam a *impolidez coercitiva* (com a finalidade de coação dos membros).

**QUADRO 6 – IMPOLIDEZ COERCITIVA 1**

A - <i>Tem um pastor me devendo e não paga. O que devo fazer?</i>		<b>6A</b>
B - <i>Denuncia esse fdp no centro do imigrante. Não sei porque vem tantos pastores pra cá. Devia ser como está aqui. Igreja deveria continuar sendo museu.</i>		<b>6B</b>
C - <i>Concordo. Não sei pra que tantas igrejas de brazuca aqui. Meio de ganhar dinheiro. Devíamos aprender com os americanos. Ficar mais espertos, sabe.</i>		<b>6C</b>
D - <i>Não é bem assim, né, gente</i>	 <i>. Tem, sim, pastores corruptos, mas tem</i>	<b>6D</b>
B - <i>Então porque você não volta para o Brasil, seu alienado, de onde você nunca deveria ter saído? Lá, sim, é lugar de gente como você. Crentão! Deve ser da igreja do tal pastor que está devendo o cara aí. É cada um, viu!!</i>		<b>6E</b>
		

Fairclough (1989, p. 43), ao fazer distinção entre *poder no discurso* e *poder por trás do discurso*, traz luz a muitas questões discursivas e interacionais. No entanto, nas interações que envolvem impolidez, não podemos afirmar que o primeiro tipo de poder se dá somente por meio da linguagem, enquanto a segunda forma de poder se dá na constituição de instituições sociais e sociedades. Não poderia deixar de notar também as ressalvas de Locher (2004), nas quais a autora observa a abstenção do exercício de

poder por pessoas de *status* elevado, e a de interagentes de *status* baixo exercendo poder sobre pessoas de maior *status*.<sup>67</sup>

Nos dados de minha pesquisa, como no quadro 6, além de boa parte das discussões do grupo de *whatsapp* que envolviam impolidez linguística, os dois tipos de poder parecem alinhar-se no intuito de fomentar a impolidez coercitiva. Nesse caso específico de análise, em que os interagentes não se encontram face a face, mas em lugar onde as interações só permitem ver a foto de perfil do usuário do aplicativo, o poder, baseado no *status*, pode nos trazer algumas pistas, diferentemente do que afirma Watts (1991, p. 56-60). Watts acredita que a falta de evidentes diferenças de *status* institucionalizados não é útil para análises de exercício de poder na interação face a face. Mas como afirmado, a análise em foco é baseada em conversas *online*, acredito que esse contexto não se encaixa nas afirmações de Watts, pois se trata de um ambiente baseado em relações distantes, em que os participantes (ao menos a maioria) parecem desconhecer uns aos outros, sendo assim, não tendo acesso a informações como posição de uma pessoa na estrutura das relações sociais.

O interagente *B*, em resposta à questão de *A*, age com agressão verbal, insultando todos os possíveis pastores que fazem parte do grupo, além das pessoas que tinham como líder religioso um pastor. Mas como saber sobre o status de *B*, visto tratar-se de um ambiente *online*, onde possivelmente uma pessoa poderia se passar por outra, mentir ou criar uma personagem fictícia em vez de sua real identidade?

Realmente seria possível se passar por outra pessoa, mentir, ou mesmo criar identidade fictícia em ambiente virtual. De qualquer forma, levarei em consideração o que os participantes do grupo afirmam sobre eles mesmos, para observar como suas enunciações durante as interações são interpretadas pelos outros participantes.

A provocação de *B* ganha simpatia do participante *C*, endossando ao que venho defendendo sobre o alinhamento exigido pela impolidez coercitiva: “Devíamos aprender com os americanos. Ficar mais expertos, sabe”. Ao recomendar que “devíamos” ficar mais expertos, *C* implica que não somente *A*, mas todo *brazuca* devia ficar mais esperto, “aprender com o americano”, aqueles que têm sido espelho para o alinhamento no

---

<sup>67</sup> A esse respeito ver seção 3.4.2.3, na página 128.

processo de ressignificação identitária de que trato ao longo deste trabalho. O posicionamento de *D* exemplifica o lado dissonante do grupo, certamente porque envolve conflito de interesses, bem como de opinião.

Ao pontuar ressalvas sobre a discussão em voga, *D* também se posiciona sobre ser como o outro, ou seja, alinhar suas ações com as ações dos americanos, provocando mais insultos dos participantes. *B* direciona a impolidez para a *D*. Noto aqui que muitas discussões dessa parte dos dados não são declaradamente direcionadas, mas são enunciadas de forma a extravasar certa raiva ou rancor por parte daquele que os enunciam. Porém, acerca da manifestação de fala de *B* não resta dúvida quanto aos seus objetivos, que certamente é a ofensa, ou, como pontua Beebe (1995): *para parecer superior; para obter poder sobre as ações; para obter poder na conversa*. A meu ver, apesar dos pontos sinalizados pelo autor serem diferentes, os objetivos (ofensa e os apontados pelo autor anteriormente) podem estar relacionados, como visto no quadro 6.

Parte da continuação da discussão iniciada no excerto do quadro 6 é apresentada a seguir, para que se possa compreender melhor como os participantes do grupo buscam posicionar-se como alguém de *status* superior ante outros participantes durante as discussões envolvendo temas polêmicos. Na resenha de sociólogos e antropólogos, apresentadas no primeiro capítulo deste trabalho, é possível ver que muitos brasileiros, antes empresários, profissionais liberais, entre tantas outras profissões, viviam então nos EUA em uma busca incessante de repensar como o *status* que tinham antes de migrar, com seus títulos de graduação e, até mesmo mestrado, deveriam funcionar no novo lar. Já vivendo nos Estados Unidos com brasileiros de menor nível educacional, sem títulos universitários, concorriam de forma igual na corrida para se sustentar nesse país. O novo ambiente colocaria todos no mesmo *status*. Mas como isso seria avaliado pelos *brazucas*? Quais as causas motivadoras para a realização de (*im*) polidez? Passarei ao quadro seguinte, e, depois buscarei, responder a essas questões, diretamente ligadas ao ponto central da discussão.

## QUADRO 7 – IMPOLIDEZ COERCITIVA 2

<p><b>B</b> - <i>Vivo aqui há mais de vinte anos. Ralei pra caramba. Antes as pessoas que chegavam aqui eram diferentes. Davam mais valor ao fato de conseguirem vir pra cá. Não existe mais compromisso das pessoas de hoje. Muito trambiqueiro aqui. Sai do Brasil e trazem a safadeza nas malas.</i> 🤔</p>	7A
<p><b>D</b> - <i>Cara, até concordo com você, mas nem me conhece para me chamar de crentão. Devia saber conversar com as pessoas. Cheguei a pouco, tenho muito a aprender, sabe. Estou disposto a aprender com os irmãos.</i></p>	7B
<p><b>E</b> - <i>Viche, num sei pra que isso tudo. Relaxa pessoal. Tao levando muito a sério. Calma que hoje é sexta feira.</i> 🙄</p>	7C
<p><b>B</b> - <i>Num to falando. Como se aqui fosse Brasil. Qual a diferença de ser sexta ou sábado. Todo dia é dia de trampo aqui. Desde que cheguei aqui não faço diferença entre dias de semana e de fim de semana, e olha que tenho documentos. Num tô falando que os caras trazem os costumes nas malas. Aprenda alguma coisa cara. Olhe a sua volta.</i> 🙏</p>	7D

B dá continuação à discussão proporcionando algumas informações necessárias para reforçar sua opinião. *Vivo aqui há mais de vinte anos.* Observei, durante o tempo em que estive participando no grupo do aplicativo *whatsapp*, que boa parte dos integrantes do grupo era formado por pessoas recém-chegadas à região de Boston. Os objetivos do grupo eram justamente o de dar suporte àqueles que ainda não haviam estabelecido laços fortes na região, como adquirir trabalho, moradia, informações sobre migração, etc. No entanto, parte dos membros do grupo era constituído de migrantes que diziam viver na região há muitos anos, como o caso de B. A esses sempre cabia o papel de informar como as coisas funcionavam por lá, constantemente reafirmando posições, tais como: *aqui é desse jeito, aqui não é Brasil, é preciso mudança nos hábitos*, etc. E, com poucas exceções, os alvos das críticas sempre cediam às pressões e às investidas.

As três estratégias de polidez de Lakoff (1973) são visivelmente quebradas, *impondo, não dando opções e não sendo amigável* com o outro. Lembrando que Lakoff recomenda as estratégias tanto para expressar polidez quanto para evitar ofensas. De qualquer forma, sabemos que as estratégias de Lakoff abriram caminho para a teoria da polidez, deixando um consistente legado para essa área dos estudos interacionais,

mesmo que suas estratégias sejam facilmente embaraçadas, parecidas muito mais com prescrição de bons modos durante a interação face a face. Também podemos ver que várias máximas são violadas no excerto do quadro 7, a partir das *Estratégias Gerais de Impolidez*<sup>68</sup> de Leech (2014).

Podemos acrescentar à análise do quadro 7 que Leech foi assertivo em propor investigação que incluísse tanto as perspectivas do locutor (L) quanto as do locutário (I). Nesse sentido, é preciso levar em consideração tanto as atribuições de impolidez do que foi projetado por *B*, quanto as interpretações do que foi recebido por *D*, ou a combinação dos dois. Como já mostrado, não resta dúvida sobre o caráter impolido da mensagem de *B*. Mas e quanto à interpretação de *D*? A princípio até parece que surgirá uma reação à impolidez desferida na mensagem de *B*: [...] *nem me conhece para me chamar de crentão. Devia saber conversar com as pessoas*. No entanto, a segunda parte da mensagem é de resignação e aceitação, ou quase um pedido de desculpas, como se *D* tivesse descumprido alguma regra durante o processo de diálogo: *Cheguei a pouco, tenho muito a aprender, sabe. D* conclui com um gesto de inclinação à mudança de ação ante a nova condição que o cerca: *Estou disposto a aprender com os irmãos*.

Parece bastante propício para a discussão anterior retomar a proposta de *trabalho relacional* de Watts (2005), no sentido do empenho que tanto *B* quanto *D* investem no relacionamento discursivo e sua orientação necessária para o objetivo em curso, deixando a polidez e a impolidez sob o mesmo escopo teórico, ou seja, para Watts (*ibid.*), *trabalho relacional* nem sempre é orientado no sentido de manutenção da harmonia, cooperação e equilíbrio social, no que concordo com o autor.

Se analisarmos os quadros 6 e 7, levando em consideração a teoria da impolidez de Culpeper (2011), mais precisamente a impolidez coercitiva deferida por *B*, e relacionarmos à ideia de *trabalho relacional*, proposta por Watts (2005), podemos afirmar que tanto a polidez quanto a impolidez, no processo de discussão sobre o estabelecimento de parâmetros para viver nos Estados Unidos, visto pelos investigados no grupo de *whatsapp*, corrobora para um possível alinhamento no modo de enxergar novos fatos.

---

<sup>68</sup> Tabela 5.

#### 5.4 ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ DE *BRAZUCAS IN* E *BRAZUCAS OUT*

Preciso, inicialmente, explicar o título desta seção. Chamo de *brazucas in* os brasileiros que colaboraram com a minha investigação, inseridos não somente geograficamente na região de Boston, mas também nela envolvidos culturalmente. Para tanto, levei em consideração o domínio da língua inglesa, se trabalhavam com/para americanos, a participação em eventos culturais típicos daquele país, como jogos de *baseball*, futebol americano, shows e outros modos de entretenimento característicos de americanos. Por sua vez, *brazucas out* eram os brasileiros vistos pela ótica dos *brazucas in*, ou aqueles recém-chegados aos Estados Unidos. Posto isso, resta saber o que as especificidades de cada grupo têm a ver com as estratégias de polidez no contexto investigado.

O primeiro grupo é o elemento central do meu trabalho. Já o segundo será analisado aqui em referência às impressões do grupo investigado, como forma de compreender melhor o seu ponto de vista, sendo essa a forma que encontrei para responder a uma das questões levantadas inicialmente, visto que não é minha proposta averiguar as estratégias de polidez de brasileiros fora do contexto escolhido.

Ao longo das entrevistas e também da observação participante, foi sem dificuldades que percebi algumas formulações não comuns no nosso dia a dia, pois ao ouvi-las logo senti certa estranheza. Conversando com alguns membros da comunidade de Boston, pude entender melhor do que se tratava. Além de formulações frasais atípicas no português brasileiro, outros modos não verbais, não muito próprios de brasileiros, também foram notados. A seguir, apresento algumas dessas formulações provenientes das entrevistas e de conversas informais observadas ao longo do trabalho de campo.

- a) *Posso eu ajudar você?*
- b) *Você gostaria de uma xícara de café?*
- c) *Bom dia todo mundo!*
- d) *Poderia você abrir a porta, por favor?*

Não há dúvida quanto à polidez linguística nas frases anteriores. Foram todas, além de outras, usadas por membros da comunidade de Boston direcionadas a mim, ou a um grupo de pessoas do qual eu fazia parte. O que chamou a atenção, a ponto de

causar estranheza, foi a estrutura usada para a construção das frases. Se traduzirmos as frases anteriores, palavra por palavra, veremos que houve um processo de troca entre a estrutura do português para a estrutura do inglês.

- a) Posso eu ajudar você? *Can I help you?*
- b) Você gostaria de uma xícara de café? *Would you like a cup of coffee?*
- c) Bom dia todo mundo! *Good morning, everyone!*
- d) Poderia você abrir a porta, por favor? *Would you open the door, please?*

Interessante também observar que as frases foram todas proferidas por membros da comunidade de Boston e migrantes de primeira geração, ou seja, tratava-se de pessoas que tinham o inglês como segundo idioma. É preciso ressaltar isso porque poderia afirmar-se que o processo descrito é compreensível no aprendizado de uma nova língua, e se trata de transferência negativa, o que pode levar a fossilização<sup>69</sup>. No entanto, o que percebi foi um processo inverso, não de transferência da língua materna, mas de transferência da segunda língua na língua materna.

Acredito que o constante esforço para o aprendizado da língua inglesa e a atenção para assimilar os modos linguísticos de polidez é o que leva ao processo inverso de fossilização nas ocorrências acima. Podemos também atribuir esse esforço de integração linguística, conforme as entrevistas dos colaboradores, ao fato de sempre ressaltarem na importância da assimilação integral da cultura americana para o bem das futuras gerações.

Nenhuma das máximas de polidez é quebrada nas frases apresentadas. A partir de uma visão sociopragmática, há bastante coerência com a forma de posicionar os elementos sintáticos de acordo com a gramática inglesa, pois se trata de condições específicas de uso da língua. Ademais, essa observação corrobora para o que venho afirmando sobre o deslocamento do *brazuca* no processo de ressignificação identitária. Ao articular frases em português mais próximas da estrutura da língua inglesa, os colaboradores da minha pesquisa criam mais formas de pertencimento ao meio em que vivem. Integrar-se à cultura americana é uma das preocupações dos colaboradores, o que pode ser comprovado nas entrevistas, conforme disposto em excertos a seguir:

---

<sup>69</sup> Ver página 105.

QUADRO 8 – INTEGRAÇÃO AO MEIO

<i>Não se pode viver aqui como se vive no Brasil. Algumas pessoas insistem↑ nisso, mas é muita grosseria com as pessoas desse país↓.</i>	<b>Chloe dos Santos</b>
<i>Eu acho que é preciso mudar hábitos aqui. Não dá para negar as diferenças das coisas aqui. Eu creio que é preciso mudar, entende?</i>	<b>Kimberly Oliveira</b>
<i>Não sei se vou explicar isso direito (...) mas tem gente que não aceita mudar de comportamento aqui. Querem tudo do jeito que é no Brasil: comida, roupa, churrasco, festa com barulho ((-)). Assim não dá↑, eu acho. É preciso mudança, já que aqui é diferente.</i>	<b>Jennifer Pereira</b>
<i>Ao adaptar com o tempo as coisas daqui a gente demonstra que somos pessoas que gostam daqui, que respeita as leis e que querem ajudar a construir esse país. ((+))</i>	<b>Ryan Lima</b>

A adaptação linguística, tanto do aprendizado da língua inglesa quanto das normas pragmáticas, ao que pude perceber durante o período de trabalho de campo, pode levar certo tempo para algumas pessoas. Já a integração exigida por alguns, conforme o grupo do aplicativo *whatsapp*, e também apresentada no quadro 8 por alguns colaboradores nas entrevistas, pode acontecer de outra maneira, como de forma simbólica, na transferência estrutural dos acontecimentos frasais nas ocorrências *a*, *b*, *c* e *d*.

Posso afirmar, também, que outros gestos não verbais, como segurar a porta de uma loja para a pessoa que vem atrás passar, ou o uso da bandeira americana em casas e carros de brasileiros da comunidade de Boston, por exemplo, são gestos que simbolizam a integração aos costumes da comunidade americana, que denota aproximação com a cultura local. Se o descumprimento dessas regras é percebido como ato de impolidez, o cumprimento, por sua vez, é tratado como bom modo de absorção e adaptação com o meio cultural local.

Os enunciados do quadro 8 também corroboram para as noções de *pertencimento e identidade* discutidas por Bauman (2005), quando ressalta que não há garantia vitalícia para isso. Pertencimento e identidade, conforme Bauman (*ibid.* p. 17), *são bastante negociáveis e revogáveis [...]*. Os comentários dos colaboradores **Ryan**

**Lima e Chloe dos Santos**, por exemplo, sugerem a preocupação com o olhar do outro [americano]. Nos trechos: [...] *é muita grosseria com as pessoas desse país; daqui a gente demonstra que somos pessoas que gostam daqui [...]*, as partes destacadas fazem alusão a certa preocupação de alguns membros da comunidade com um compromisso simbólico de unificação cultural.

O colaborador **John**, em entrevista, ressalta que já não se via mais como o brasileiro de antes, sem nenhuma vontade de voltar ao Brasil porque já não se “encaixava” na cultura brasileira; em outro momento, esse mesmo colaborador se disse bastante perdido em relação aos costumes e à cultura americana. A identidade, como afirma Bauman (*ibid.*), é algo a ser perseguido, inventado. A sensação (falsa) de que a identidade e o pertencimento sejam algo acabado é que pode causar certa angústia com o deslocamento.

As alegações, principalmente no grupo do aplicativo *whatsapp* pesquisado, de que com o deslocamento geográfico os brasileiros precisavam “deixar no Brasil” certos costumes (todos tidos como negativos), e recomeçar algo novo a partir de algumas ideias “sugeridas” pela comunidade, a meu ver, é o ponto em que se sugere (por alguns da comunidade), entre outras mudanças, diferentes estratégias de polidez.

No quadro 8, **Kimberly Oliveira e Jennifer Pereira** falam da necessidade de *mudança*. Ouvi sobre essa necessidade ao longo das entrevistas, nas discussões do grupo de *whatsapp* e também na observação participante ao longo do trabalho de campo. No cerne da discussão, o brasileiro (no Brasil) é visto pelos *brazucas* como incivilizado, de maneira ainda impolida. O quadro 8 sugere essa incivilidade, ou, como afirma **Chloe dos Santos**, *grosseria*. Ao que implica, para os *brazucas* envolvidos em minha pesquisa, a *identidade de projeto*, tal como proposta por Castells (1999), utiliza-se do material cultural encontrado no “novo lar”. A partir da busca dessa nova identidade (*identidade de projeto*), os atores sociais buscam transformar toda a estrutura social a sua volta, tal como mostrado nos dados aqui analisados.

Também a partir dos dados analisados, o posicionamento de Arndt & Janney (1993), ao qual me afilio, ganha força na argumentação de que uma investigação sobre (*im*) polidez deve ser compreendida a partir da identidade cultural dos envolvidos, em suas diversas manifestações linguísticas, diferentemente da proposta de universais de

polidez, de Brown & Levinson (1987 [1978]). Tanto a compreensão do processo de identidade, ou de resignificação identitária, como proponho, quanto a investigação sobre (*im*) polidez, seria algo muito difícil de compreender se não houvesse um olhar para a estrutura social pesquisada.

## **5.5 CONFLITOS NAS ESTRATÉGIAS DE (*IM*) POLIDEZ NA INTERCULTURALIDADE**

A proposta de polidez de Lakoff (1973, 1977, 1990), de forma geral, prediz uma interação sem conflitos entre os envolvidos, apta a atender às necessidades e aos interesses dos participantes do jogo interacional, a partir do emprego de estratégias que resguardam a harmonia e a integração durante a interação social. Em minhas reflexões no capítulo III, mais precisamente sobre a falta de evidências empíricas para estratégias interculturais, concordo com as críticas que são direcionadas à autora, já apontadas em várias pesquisas, e que também faço ao longo desta, assinalando que as interações sociais não estão livres de conflitos. Segundo Félix-Brasdefer (2008), o que assumo como crível, é preciso apontar as diferenças entre duas ações aparentemente similares durante a interação – ações adequadas das ações polidas – o que é negligenciado em Lakoff (*ibid.*).

Em Watts (2003) e Locher & Watts (2005), a proposta de Félix-Brasdefer (*ibid.*), é tratada semelhantemente, com modificações somente no que tange à nomenclatura dos fatos, a partir da visão conceitual de que a polidez tanto é social quanto cognitiva, desenvolvida nas interações sociais e torna-se incorporada em nossos processos cognitivos. No contexto intercultural pesquisado, essa proposta evidencia ainda mais os dados analisados, pois o conceito apresentado pelos autores implica que as pessoas adquirem polidez em situações de interação social.

Nas minhas observações durante o trabalho de campo, nas análises das interações dos encontros interculturais, pude perceber desvios do que é considerado polido e impolido, e como esses desvios são caracterizados. Contudo, perceber a diferença entre *tratamento político apropriado* e *tratamento polido*, nos termos de Watts (*ibid.*), foi o que me levou a pensar sobre as práticas de comunicação dos investigados (migrantes brasileiros em Boston e região) na construção de suas vidas sociais.

A partir da observação que fiz durante alguns dias em uma padaria na região pesquisada, fiquei intrigado com a forma diferenciada com que os clientes eram atendidos, e passei a anotar as ocorrências dessas diferenças durante quatro sábados seguidos, como meio de averiguar os acontecimentos. Como se tratava da observação de um local particular, certifiquei-me de que os atendentes estariam de acordo com minha presença, com a reserva de que não poderia fazer gravação em nenhum tipo de mídia.

Nos quadros 9 e 10, a seguir, mostro as ocorrências de tratamento nos atendimentos de clientes brasileiros e americanos (não brasileiros/falantes de inglês) durante os quatro sábados em que observei os diferentes tipos de abordagens.

**QUADRO 9 – ABORDAGEM AO CLIENTE BRASILEIRO**

<b>Abordagem usada pelo atendente</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
<i>Oi!</i>	39
<i>Bom dia!</i>	36
<i>Olá! Pois não?</i>	26
<i>Bom dia! Pois não?</i>	42
<i>Bom dia! Em que posso ajudá-lo?</i>	18
<b>Total:</b>	<b>161</b>

**QUADRO 10 – ABORDAGEM AO CLIENTE AMERICANO (NÃO BRASILEIRO)**

<b>Abordagem usada pelo atendente<sup>70</sup></b>	<b>Nº de ocorrências</b>
<i>How are you? How can I help you?</i>	18
<i>Hello! How are you, dear? How can I help today?</i>	12
<i>How are you today? How can I help you, mam?</i>	8
<i>Long time I don't see you! How are you? What can I get for you today?</i>	2
<b>Total:</b>	<b>40</b>

<sup>70</sup> Como vai? Como posso ajudá-lo? / Olá! Como vai, meu/minha/ caro/cara? Como posso ajudá-lo? / Como você está hoje? Como posso ajudá-la, senhora? / Há quanto tempo não o vejo? Como você está? O que posso fazer por você hoje?

Foram transcritas somente as falas dos atendentes, mas algumas vezes o cliente dizia alguma coisa no meio da abordagem, como no exemplo 1, ou respondia com um cumprimento antes de fazer o pedido, como no exemplo 2:

- (1) Atendente: *Long time I don't see you! How are you?*  
 Cliente: **I'm doing well. How about yourself?**  
 Atendente: *Good! Good! What can I get for you today?*<sup>71</sup>
- (2) Atendente: *Oi.*  
 Cliente: **Oi. Pode me ver meia dúzia de pão de queijo?**

O cômputo, à direita de cada quadro, tem objetivo apenas de mostrar que a padaria era frequentada em sua grande maioria por brasileiros, visto estar localizada em um bairro de muitos moradores *brazucas*. Outra finalidade da apresentação das ocorrências é tecer um paralelo entre as várias vezes que as entradas (formas de abordagens) foram usadas, revelando, assim, aquilo que gostaria de definir. A razão dessa justificativa é necessária para que se tenha clareza de que esta pesquisa é de cunho qualitativo, tanto na coleta dos dados quanto em suas análises.

Em uma olhada rápida nos quadros, alguém poderia afirmar que as diferentes abordagens de clientes nos quadros 9 e 10 sugere maior grau de atenção aos clientes americanos, visto tratar-se de um número menor de clientes. Outra possível leitura seria a de que, aos conterrâneos, pela afinidade, seriam dispensadas delongas no tratamento (máxima de tato). Porém, em coerência ao caráter da pesquisa, questionei os colaboradores (dois atendentes), apontando para o que eu havia anotado durante o tempo de observação.

**João Bready**, não fazia ideia de que eles tratavam os clientes de forma distinta, o que causou surpresa inicialmente. Na discussão, **Bready** disse acreditar que uma possível explicação para minha observação seja a de que os brasileiros dispensam longas conversas, pois ele já havia sido atendente no Brasil, e não fazia nada de diferente do que ele já estava acostumado. Quanto aos americanos, por ter trabalhado antes no atendimento em restaurante da região, disse que a abordagem era sempre da forma que eu havia observado, não buscando intimidade, mas demonstrando interesse

---

<sup>71</sup> Há quanto tempo não a via! Como você vai? — Eu vou bem. E você? — Bem! Bem! O que posso fazer por você hoje?

necessário na relação comerciante/cliente. O colaborador destacou que, diferentemente dos brasileiros, que percebem e aceitam afetividade por meio de toques, por exemplo, os americanos precisam que todo esse calor (*warmth*, nas palavras do colaborador) seja manifestado na linguagem.

Já a outra atendente, **Marta Crispy**, menos surpresa com minhas anotações, revelou que, desde que se mudou para Boston, passou a distinguir os modos de tratamento entre os dois povos: brasileiros e americanos. Segundo ela, isso acontece porque brasileiros buscam distanciar-se um do outro, pois estão sempre em conflito de ideias. **Marta** acredita que, diferentemente do que muitos acham, o povo americano é mais caloroso e respeitador do que os brasileiros que moravam na região, talvez por isso as abordagens de americanos, anotadas durante as minhas observações, aparentassem sugerir que o atendimento fosse mais entusiástico.

Postas as percepções dos dois envolvidos nessa parte da pesquisa, volto novamente ao ponto inicial desta seção, retomando a discussão levantada por Watts (2003), Locher & Watts (2005) e Félix-Brasdefer (2008), sobre a distinção entre *tratamento polido apropriado* e *tratamento polido*. Qualquer tratamento, antes de ser compreendido como *polido*, precisa ser *apropriado*, ou seja, todo tratamento *polido* é *apropriado*, mas nem todo tratamento *apropriado* é *polido*. A partir disso, posso afirmar que as cinco ocorrências no quadro 9 e as quatro ocorrências no quadro 10 são, inicialmente, apropriadas, pois nenhuma delas foi recebida com estranheza pelos clientes, estando todas dentro do que é considerado adequado em um atendimento comercial.

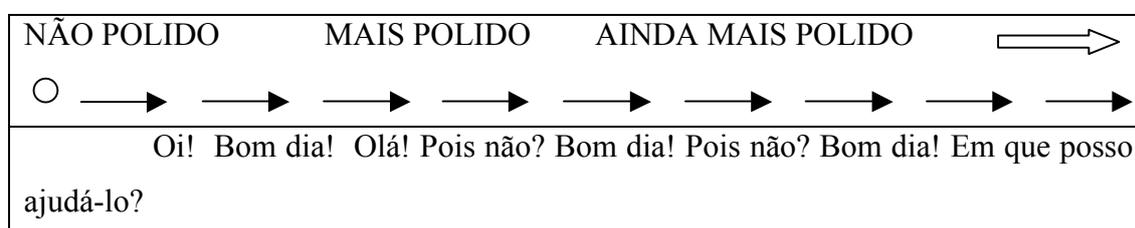
E o que afirmar sobre *atendimento polido* entre as nove ocorrências nos quadros 9 e 10? Com base no cenário apresentado, faço uma análise análoga, visto se tratar de dois diferentes públicos envolvidos. No quadro 9, temos como maior ocorrência usada na abordagem ao cliente brasileiro a forma *oi!* Já no quadro 10, a maior ocorrência nas abordagens ao cliente americano são — *How are you?* — *How can I help you?* É certo afirmar que, na ocorrência em destaque, direcionada ao cliente americano, *how can I help you?* parece ser suficiente para a demanda interacional proposta entre atendente e cliente. Dessa forma, *how are you?* se posiciona como complementação para denotar polidez (tratamento polido) nesse tipo de abordagem. Já a abordagem do quadro 9, a

forma *oi!*, sugere informalidade, mas, no caso em voga, em relação à ocorrência que está sendo cotejada, poderia ser arrolada como vazia de qualquer emoção que denote polidez, ou tratamento polido. Ocorre que, a partir das discussões levantadas no capítulo III, Leech (2014) constrói uma classificação acerca de dois possíveis tipos de interação polida: *altruísmo comunicativo* e *altruísmo genuíno*.

*Altruísmo comunicativo* está estreitamente relacionado com o que Watts (2003), Locher & Watts (2005) e Félix-Brasdefer (2008), chamam de *tratamento político apropriado*. Leech (*ibid.*) também chama o *altruísmo comunicativo* de *cooperação*, ou seja, a força funcional em grupo. Em outras palavras, o *altruísmo comunicativo* é a ação pela qual pessoas agem em conjunto para a realização de metas comuns.

Por sua vez, o *altruísmo genuíno* refere-se ao ato de beneficiar o outro sem a intenção de receber nada em troca. Certamente não tenho pretensões de analisar os quadros 9 e 10 sob esse prisma, principalmente por acreditar que essa tarefa demandaria muito mais dados do que os que eu disponho. Podemos, no entanto, aplicar a tabela oferecida por Leech (2014) como parâmetro de análise para mensurar os diferentes graus de polidez aplicados nas abordagens. Apesar de não ter sido sugerido pelo autor como “termômetro”, acredito que tal sistematização pode nos ajudar a compreender o que ele sugeriu como polidez em sentido escalar.

FIGURA 12 – POLIDEZ PRAGMALINGÜÍSTICA CONTEXTUALIZADA

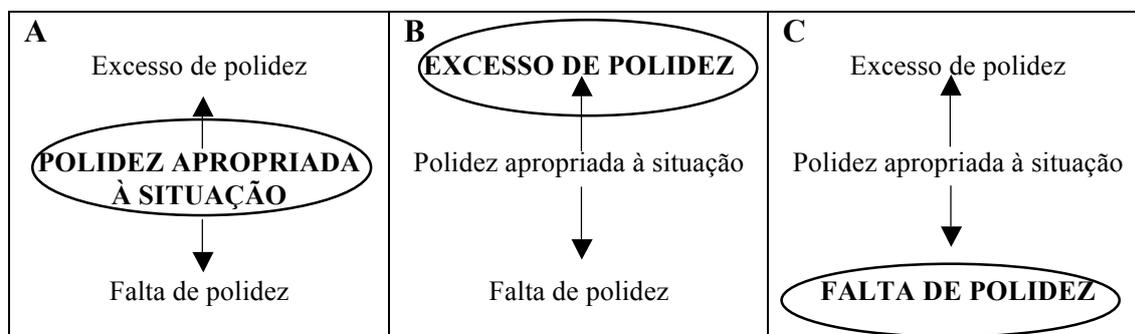


A tabela sugerida por Leech (*ibid.*) é referente à *polidez pragmalinguística*. Esse aspecto da polidez é percebido linguisticamente, ou seja, codificado nas diferenças morfológicas, sintáticas e lexicais de recursos da linguagem. Posso afirmar, por exemplo, que *Bom dia! Em que posso ajudá-lo?* é mais polido que *oi*, mas afirmar que *oi* é um tratamento impolido no caso em destaque pode não ter a mesma validade. Isso se dá porque é preciso levar em consideração questões não linguísticas, tal como visto

em Hall (1959, 1963, 1966). A linguagem não verbal, como um sorriso e outros movimentos de demonstração de simpatia, corrobora para o entendimento do cliente, muitas vezes dispensando delongas na parte de comunicação linguística na recepção dada pelo atendente, o que pode sugerir uma polidez além da pragmalinguística.

Nesse sentido, a cinésica e a proxêmica podem ajudar a entender melhor a polidez em sentido escalar. E o que dizer sobre os quadros em análise a partir da sociopragmática? Para isso, confrontei os dois colaboradores (atendentes) sobre a possibilidade de uma hipotética inversão nas abordagens dos dois quadros apresentados (9 e 10), em que as abordagens do quadro 9 seriam aplicadas aos americanos e as abordagens do quadro 10 seriam realizadas com os brasileiros. O que ficou entendido, ao final de nossa conversa, é que as trocas, como sugerido por mim, ficariam da seguinte forma, conforme o modelo de escala sociopragmática sugerido por Leech:

QUADRO 11 – POLIDEZ SOCIOPRAGMÁTICA



No quadro 11, a parte **A**, segundo os colaboradores atendentes da padaria, é a que melhor representa a forma como o atendimento dos dois grupos foi observada. Segundo **João Bready** e **Marta Crispy**, não houve excesso no atendimento aos americanos, e eles não veem com falta de polidez o atendimento aos brasileiros, apontando para o que chamaram de satisfação dos clientes, pois frequentam o local há muito tempo. No entanto, ao propor a inversão nas abordagens, os colaboradores concordaram que a parte **B** do quadro 11 representaria o atendimento aos clientes brasileiros, e a parte **C** representaria o atendimento aos americanos. Segundo os colaboradores, ao inverter a forma de atendimento observado, usando as formas observadas direcionadas aos americanos com os clientes brasileiros, provavelmente os clientes sentir-se-iam dissimulados no tratamento, enquanto o inverso, ou seja, o

tratamento dispensado aos brasileiros sendo usado com os clientes americanos, segundo os colaboradores, faria com que os clientes americanos não se sentissem bem-vindos àquele local, pois não traria o calor necessário de um local administrado por estrangeiros.

As percepções sociais levantadas e interpretadas ao longo da vivência com a cultura do outro provavelmente seja responsável por criar meios de interpretação e atuação dos participantes na ação comunicativa, como as reveladas em minha pesquisa. O fato de os colaboradores escolherem entre as formas – *Hello! How are you, dear? How can I help today?* e *Olá! Pois não?* – sugerindo incompatibilidade na inversão proposta, aponta para uma boa compreensão na transferência pragmática para o caso. O conceito de transferência pragmática, como proposto por Kasper (1992) e Kasper & Blum Kulka (1993), no que concerne à transferência das características da L1 para a L2, empregadas pelo não nativo, aponta para a fluência dos colaboradores aos acertos nas regras de polidez. No caso em destaque, sociopragmática e pragmalinguística reforçam o que Leech (2014) chama de facetas de uma mesma moeda, não podendo, nesta análise, haver a dissociação entre língua e cultura.

É importante destacar algumas impressões que os colaboradores das entrevistas elencaram sobre o que pensam das diferenças culturais no que tange à (*im*) polidez, pois é a partir dessas impressões, nomeadas por Eelen (2001) e Watts (2003) de *polidez metapragmática*, que são formados os conceitos sobre as diferenças observadas entre as culturas, quando há o encontro intercultural. Os excertos, a seguir, contemplam as observações dos colaboradores, sob a ótica de uma *polidez metapragmática*.

#### QUADRO 12 – POLIDEZ METAPRAGMÁTICA

<p><i>Brasileiros são mais tranquilos sobre mudar de plano ((+)) ((R)) não têm a mesma rigidez que os americanos quando são questionados sobre fazer algo que não seja o planejado.</i></p>	<p><b>Chloe dos Santos</b></p>
<p><i>Para interagir com um americano geralmente eu sento em minhas mãos ((R)), porque tenho mania de tocar nas pessoas quando falo. Eles não acham isso legal ((-)). Certa vez uma pessoa me disse: don't touch me. ((-)) Fiquei assustada. ((R))</i></p>	<p><b>Kimberly Oliveira</b></p>

<i>A formalidade que os americanos exercem quando converso com eles me diz que preciso aprender com isso, para não me passar como grossa em uma conversa.</i>	<b>Hannah da Silva</b>
<i>Apreendi muito↑ na escola de inglês daqui. Os professores ensinavam sobre as diferenças, perguntando para aqueles que eram de países diferentes como era as coisas. Daí eles diziam como funcionava nos Estados Unidos. Funcionava como uma (...) troca.</i>	<b>Ryan Lima</b>

Somente a partir da convivência e da observação das relações interculturais, conforme atestado nos excertos do quadro 12, que é possível distinguir diferença nas formas de polidez. As práticas de comunicação que os brasileiros pesquisados usam na construção de suas vidas sociais resvalam em certos conflitos diários, principalmente para os recém-chegados à região de Boston, mas a experiência cotidiana, por meio da inquietação com as diferenças, produz um cidadão apto a perceber os principais pontos de confronto entre as duas culturas envolvidas neste estudo, além de habilitar para a alternância entre os modos linguísticos e pragmáticos necessários durante as trocas interacionais, o que ficou perceptível ao longo do trabalho etnográfico.

## 5.6 MUDANÇA NOS PADRÕES DE POLIDEZ EM FUNÇÃO DO CONTEXTO

A autoavaliação dos colaboradores em detrimento da mudança nos padrões de polidez em razão de um novo contexto de vida se revelou nos dados principalmente a partir das entrevistas concedidas pelos colaboradores. Mas, como já foi visto até aqui, há também reflexões sobre esse ponto nas discussões do grupo de *whatsapp* pesquisado e também na observação participante que faço ao longo do capítulo V. Acrescentarei, no entanto, mais alguns dados, com o propósito de mostrar quais as principais mudanças nos padrões de polidez percebidas pelos migrantes de minha pesquisa.

Novamente, a autoavaliação acontece a partir da comparação com o outro. Como forma de compreender alguns pontos elencados pelos colaboradores da pesquisa em relação às mudanças nos padrões de polidez, busquei relacionar quais componentes nas

máximas do quadro *Estratégia Geral de Polidez*<sup>72</sup> (Leech, 2014) eram atribuídas a si mesmos (brasileiros da pesquisa) e quais eram atribuídas aos outros. Como forma de cotejar as respostas dos colaboradores às máximas propostas por Leech (*ibid.*), selecionei dois excertos para cada uma das quatro primeiras máximas do quadro. A partir dessa proposta, buscarei analisar as reflexões feitas pelos colaboradores, dispostas nos excertos do quadro 13.

**QUADRO 13 – (M1) DÁ ALTO VALOR AO DESEJO DO OUTRO (O) GENEROSIDADE/TATO**

<i>Assim (...) somos mais calorosos (...) gostamos mais de ficar em grupo. Não sei explicar bem, éh::: (...) mas acho que somos mais humanos.</i>	<b>Jennifer Pereira</b>
<i>Eles têm um negócio que eles falam muito, sabe? Como é mesmo? Ah::: selfish. Sim, quer dizer egoísta. São bem mais egoístas que a gente.</i>	<b>Ryan Lima</b>

Como se pode ver a partir das impressões dos colaboradores em destaque no quadro anterior, os americanos são destacados como menos generosos, mais egoístas que os brasileiros. Boa parte das impressões, como as apresentadas no referido quadro, são reveladas nas entrevistas a partir de experiências retratadas em momentos de fragilidade, causadas principalmente durante o processo de adaptação na ‘nova casa’. Tanto **Jennifer Pereira** quanto **Ryan Lima** tecem impressões a partir da experiência vivenciada nas relações de trabalho somente. Os exemplos dados são, muitas vezes, referentes ao que os outros disseram, situações hipotéticas e de muita subjetividade em suas explicações. Nos relatos de **Jennifer**, por exemplo, a formalidade, já atribuída aos americanos, provavelmente influenciou na opinião da colaboradora. Já nos de **Ryan**, ao dizer que os americanos são mais egoístas, ele relaciona sua impressão com o fato, segundo continuação de seus argumentos, de que seus vizinhos são distantes, “só cumprimentam com um *good morning*, mas nunca procuram aproximação ou contato além disso”.

Há, como se verá ao longo das análises nesta seção, muitos pontos de antagonismo nas respostas dos colaboradores, mas próprios de um ambiente ainda em adaptação. O que foi apresentado no quadro 12, por exemplo, é visivelmente

<sup>72</sup> O quadro das *Estratégias Gerais de Polidez* foi apresentado no capítulo III e pode ser encontrado na página 90. A versão original está em Leech (2014, p. 91), bem como nos anexos deste trabalho.

incompatível com outras passagens transcritas, como será visto em outros excertos. Todavia, respostas em diferentes direções são intrínsecas ao espaço de encontros interculturais, o que já foi ostensivamente discutido a partir de Castells (1999), Bauman (2005) e Hall (2006), na seção 3.5, e devem ser vistos aqui como intrínsecos na reformulação identitária.

**QUADRO 14 – (M2) DÁ BAIXO VALOR AO DESEJO DO FALANTE (S)**

<p><i>Não sei se é assim lá em Brasília↓, mas de onde eu vim as pessoas são humildes↓, e aprendem desde cedo a ter humildade, entende? Por eles [americanos] terem mais estudo, mais dinheiro, não aprendem essas coisas. ((-))</i></p>	<p><b>Kimberly Oliveira</b></p>
<p><i>Nasci numa família modesta, de poucas posses (...) passei muita dificuldade na vida. Acho que isso cria alguns princípios em você. Aqui é diferente, né. Tipo assim, os caras são prepotentes. Querem nem saber de você. Só querem sua mão de obra barata. ((-))</i></p>	<p><b>Jennifer Pereira</b></p>

Como já notado nos dois primeiros quadros desta seção, os dados que se ligam às máximas propostas por Leech (2014) não são necessariamente situações de interações da comunidade pesquisada em encontros interculturais, mas apresentam reflexões que se ligam diretamente ao tipo de rótulo para a máxima ou ao seu típico modelo de ato de fala. **Kimberly**, no quadro 13, por exemplo, menciona sobre ser humilde, o que leva diretamente a baixa valorização ao desejo próprio (do falante), como sugere Leech (*ibid.*) em sua segunda máxima (M2). Por sua vez, **Jennifer** se autoavalia *modesta*, assumindo que o outro [americano] é prepotente em suas ações. Mas, como mencionado, há momentos durante o processo de entrevistas em que os colaboradores quebram a linha lógica de suas impressões, contradizendo-as em relação ao outro, como as apresentadas no quadro seguinte:

**QUADRO 15 – (M3) DÁ ALTO VALOR ÀS QUALIDADES DO OUTRO (O)**

<p><i>Aqui pra tudo é <b>excuse-me</b>. ((+)) Logo aprendi isso. ((R)). Acho isso legal, porque esbarrar em alguém e não dar nem bola não é legal. ((-)) Não é (...) como você diz (.) polido né? E também eles [americanos] elogiam quando você faz algo legal, tipo no trabalho, minhas patroas fazem isso.</i></p>	<p><b>Kimberly Oliveira</b></p>
<p><i>As clientes que tenho aqui no salão (...) elas gostam do meu trabalho, então acabam deixando bons <b>tips</b> (..) e isso é uma coisa que brasileiro não entende. Sabe né? <b>Tips</b> é gorjeta. Isso acaba incentivando↑ você, isso é legal neles. E agradecem, te elogiam. Brasileiro não gosta de elogiar. ((-))</i></p>	<p><b>Jennifer Pereira</b></p>

Aos quadros antecedentes dessa seção (13, 14 e 15) cabem duas observações. A primeira está evidentemente ligada ao fato que anunciei no parágrafo anterior, sobre como há pontos divergentes nas falas dos colaboradores. Acredito que as várias situações que levam às reflexões manifestadas ao longo das entrevistas possam influenciar nos relatos dos colaboradores. **Jennifer**, por exemplo, tanto trabalha como manicure em um salão de beleza quanto como faxineira em algumas casas de americanos. Ao que parece, mas não ficou explícito, é que seus relatos ora eram da experiência no salão, junto com suas clientes, ora eram referentes aos relacionamentos com suas patroas nas casas na função de faxineira.

Outra observação a ser feita é que tanto a máxima três (M3) de Leech (2014) quanto a máxima quatro (M4) são apontadas nos quadros 13 e 14. A primeira (M3) se refere ao alto valor que se dá às qualidades do outro (O). Elogiar, como ressalta **Kimberly** no quadro 14, aparece como gesto incentivador nas relações de trabalho entre patrão e empregado. O mesmo é sugerido por **Jennifer**, em suas impressões em relação ao ato de dar gorjeta.

Se, por um lado, os colaboradores da minha pesquisa se veem mais humildes nas inter-relações, como sugerido no quadro 16, as máximas de valorizar o desejo do outro (M1), e também o de dar baixo valor ao desejo próprio (M2), no quadro 14, é atribuído aos americanos a máxima de dar alto valor às qualidades do outro (M3), como visto nos excertos. Os episódios no quadro seguinte, por outro lado, sugerem avaliação de pouca

modéstia em relação às observações feitas pelos colaboradores em suas observações sobre os modos americanos.

**QUADRO 16 – (M4) DÁ BAIXO VALOR ÀS QUALIDADES DO FALANTE (S)**

<p><i>Olha, veja bem (...) não sei a razão disso, mas somos muito cordeirinhos no Brasil. Aqui as coisas não funcionam assim. Americano não é assim, sabe, cordeirinho, é (...) como eu vou dizer? (...) auto piedoso. Se o cara é um bom carpinteiro ele diz que é bom e pronto. ((+)) Nós não temos isso. A gente fica enrolando, dizendo isso ou aquilo. Nós, mesmo sendo bons éh (...) dizemos que não somos, pra passar como humildes. Mas aqui acabamos que mudamos e passamos a ser mais parecidos com eles com o tempo.</i></p>	<p><b>John Gomes</b></p>
<p><i>A gente muda muito aqui. ((+)) Mas muito mesmo. Eu digo a gente (..) porque eu me incluo nisso tudo, mesmo não querendo. Eu aprendi a me valorizar mais, não ficar de cabeça baixa, desvalorizando aquilo que tenho de melhor.</i></p>	<p><b>Katelyn de Souza</b></p>

Apesar de nos dois excertos do quadro 15 os colaboradores da pesquisa verem os americanos como pessoas de pouca modéstia em suas interações, tanto **John Gomes** quanto **Katelyn de Souza** parecem concordar que tal qualidade deve ser abandonada, e, como completou **John** ao final de sua entrevista, excesso de humildade e modéstia somente traz prejuízos, tanto materiais quanto emocionais para a vida. A máxima quatro (M4) do quadro de Leech (2014), segundo observação de alguns dos meus colaboradores, é própria de muitos brasileiros, e está em *dessintonia* com a polidez de muitos americanos, o que passa a ser revisto no encontro intercultural da comunidade investigada.

Como se pode perceber, a autoavaliação ao longo das entrevistas, mostrada em alguns excertos, acontece pela avaliação de como o outro é, a partir do conceito de alteridade dada pela sociologia, como em Hall (2006). É na comparação que os brasileiros de minha pesquisa analisam os padrões de polidez no contexto intercultural. Nesse paralelo, é nos modos de perceber e se relacionar com o outro que o sujeito de minha pesquisa tece uma autoavaliação sobre as mudanças existentes nos padrões de polidez no contexto da pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Ao propor investigar como as estratégias de polidez, apresentadas inicialmente por Brown & Levinson (1987 [1978]), se realizam no português/inglês dos brasileiros que vivem na região de Boston, e revelar como a língua inglesa e a cultura americana afetam os modos de (*im*) polidez desses brasileiros, precisei levantar algumas questões fundantes para investigações em contexto intercultural, o que não é organizado em Brown & Levinson (*ibid.*). Para isso, busquei em outros autores o aporte necessário para balizar as questões fundamentais a fim de alcançar minha proposta.

O ponto chave da teoria da polidez, proposta por Brown & Levinson (1987 [1978]), é a apresentação dessa teoria como comportamento cooperativo, com o objetivo estratégico de cooperação ou negociação nas interações, em que os envolvidos no jogo interacional evitam conflitos no processo comunicativo. No entanto, os dados, na minha pesquisa, sugerem que alguns conflitos (*impolidez coercitiva*) são intencionais e servem como alinhamento ideológico no processo de reestruturação cultural.

Tendo apresentado o aporte teórico-metodológico que dá suporte a este estudo, bem como as evidências empíricas que amparam minha proposição sobre a proposta que apresento no início deste trabalho, creio ser fundamental nesta seção retomar as questões de investigação relacionadas aos objetivos específicos, a fim de avaliar os resultados alcançados. Com isso, buscarei, separadamente, tratar de cada uma delas na ordem em que foram apresentadas na introdução do trabalho.

### **1. Como definir (*im*) polidez nos contextos pesquisados? Que traços verbais, cinésicos, proxêmicos e situacionais caracterizam a (*im*) polidez no contexto intercultural pesquisado?**

Na seção 5.2, mais precisamente a partir dos dados apresentados e analisados, traço uma linha paralela aos dois caminhos distintos que, ao meu modo de ver, leva os colaboradores à formulação de ações discursivas que induzem à caracterização da (*im*) polidez intercultural pesquisada. A partir das experiências do migrante, confrontadas com as novas experiências encontradas no “novo lar”, os colaboradores da

minha pesquisa passam a reformular e a criar ‘novos’ meios de compreensão dos processos de (*im*) polidez.

Prova disso, por exemplo, pode ser vista no quadro 1, em que os colaboradores, durante as entrevistas realizadas, passam a fazer comparações a partir do modelo que tinham sobre polidez e o das pessoas que encontraram durante suas vivências no país que os recebeu. Ao afirmarem que americanos são mais prestativos ou mais polidos nas observações diárias, os *brazucas* passam a fazer comparação entre os padrões interacionais que envolvem as duas culturas, tanto os de natureza verbal quanto os de não verbal.

No quadro 2, por exemplo, as ações cinésicas e proxêmicas são percebidas como de maior grau de polidez nos americanos, o que acontece a partir da comparação com os padrões próprios da experiência anterior ao contato intercultural. No sentido apresentado, a reformulação de conceitos acontece na relação e no confronto das diferenças existentes entre os dois grupos. A partir dessa comparação, os processos discursivos tomam rumo que revela a exigência de alinhamento com os padrões apresentados pela cultura anfitriã. No quadro 3, mesmo que de forma não explícita, um dos envolvidos na discussão chama a atenção para a necessidade de mudança, a partir do deslocamento geográfico, deixando para trás aquilo que não caberia no novo contexto.

Visto pela ótica da pragmalinguística, os quadros 4 e 5 oferecem, por amostragem, como acontecem as interações entre os membros da comunidade de migrantes brasileiros em Boston com os recém-chegados, em que a inobservância da distância linguístico-cultural com os novos membros demonstra certo desinteresse e impolidez por parte do integrante do primeiro grupo. No entanto, assim como revelado ao longo das análises, o processo de impolidez evidenciado nos dados demonstra o desempenho dos membros da comunidade para criar meios de ressignificação identitária. O uso de neologismos, por exemplo, é realizado constantemente na fusão entre o português e o inglês para o estabelecimento dessa ressignificação identitária e para delimitar a distância entre brasileiros e *brazucas*.

Em suma, os processos de (*im*) polidez no contexto pesquisado podem ser definidos como rearranjos entre os padrões existentes e os novos encontrados pelos membros da comunidade de Boston. Alguns traços verbais, como neologismos e *code-mixing*, se revelaram como sinais de impolidez, usados como forma de afirmação no compromisso com o novo. A observação de ações cinésicas e proxêmicas de americanos como sendo mais polidas que as dos brasileiros também indica mudança na forma de entendimento entre o polido e o não polido.

## **2. Que situações interacionais favorecem a adoção de traços de impolidez?**

A partir da noção de *impolidez coercitiva* (CULPEPER, 2011), as situações encontradas nas discussões dos participantes do grupo investigado do aplicativo *whatsapp* revelam que ações relacionadas aos modos de ser brasileiro no Brasil passam a ter conotação negativa na avaliação dos migrantes brasileiros já estabelecidos em Boston, que julgam tais modos como manifestações de impolidez. Os quadros 6 e 7 mostram evidências que corroboram minha análise.

Como aponto ao longo das análises na seção 5.3, ao viver em ambiente de fronteira, próprio do migrante, certas posições existentes na vida antes da migração são repensadas, favorecendo um quadro de possíveis conflitos entre os já estabelecidos imigrantes com recém-chegados. Na página 186, por exemplo, ao repensar as posições de *status* anteriormente existentes, o migrante precisa lidar com a reestruturação de posições sociais, o que gera conflitos internos. Sobre tais conflitos, aponto alguns traços de impolidez marcados a partir do pensar sobre a nova vida, como discutidos nos quadros 6 e 7 (impolidez coercitiva).

Outros tipos de impolidez também foram notados ao longo do trabalho de campo, apresentados nos exemplos do capítulo III, como os tratados nas seções 3.4.2.1 e 3.4.2.2. Nos referidos exemplos, porém, a impolidez pode ser compreendida em outros termos, como impolidez afetiva e impolidez de entretenimento. No entanto, assim como mostro ao longo da análise, a impolidez de entretenimento tem em seu bojo um direcionamento coercitivo, mesmo podendo ser compreendida como algo realizado para produzir efeito humorístico. Ao que percebo, demonstrado ao longo das análises, as situações conflituosas que favorecem a adoção de impolidez no contexto investigado são desencadeadas a partir das discussões sobre práticas sociais relacionadas ao viver no novo país em comparação com as práticas anteriores à migração para os EUA.

## **3. Há diferenças entre as estratégias de polidez adotadas por falantes brasileiros que participam de comunidades interculturais e aquelas adotadas pelos que não vivem inseridos nessas comunidades?**

A minha preocupação com essa questão foi a de tentar perceber se, ao se colocar em ambiente cultural diferente, os migrantes de minha pesquisa passariam a criar novas estratégias de polidez. Para isso, busquei compreender, a partir dos próprios colaboradores, suas impressões em relação aos outros brasileiros, ingressantes em suas comunidades, ou

sobre aqueles que nelas não viviam. Ao longo dos dados, tanto nas entrevistas quanto no grupo de *whatsapp* investigado, pude perceber que, segundo os colaboradores, é preciso que se adote novas posturas diante do novo contexto, como foi mostrado anteriormente, por meio da impolidez coercitiva, em que se buscava ressignificação identitária dos participantes brasileiros da comunidade.

No entanto, conforme analisado na seção 5.4, não há necessariamente diferenças nos processos de polidez entre brasileiros inseridos na comunidade investigada e os de fora (ou recém-chegados, como cotejado). As diferenças são muito mais simbólicas do que necessariamente reais. As formulações baseadas na estrutura do inglês, por exemplo, na página 192, apontam para uma tentativa de aproximação com a língua do outro, esforço que acredito tratar-se de integração simbólica com a cultura americana.

Há, todavia, a preocupação com mudanças nos modos de agir por parte dos colaboradores. Isso pode ser visto no quadro 8, a partir da fala de quatro colaboradores nas entrevistas. A interpretação dada para tal fato recai sobre essa necessidade que o migrante de minha pesquisa tem com o distanciamento cultural para fortalecer o sentimento de pertencimento à nova cultura. Alguns gestos, como o de segurar a porta para o outro, por exemplo, são relacionados ao distanciamento com o *background* cultural levado pelo migrante, mas não são necessariamente estratégias de polidez distintas das utilizadas por aqueles que não vivem em contexto de interculturalidade.

#### **4. Como são as práticas de comunicação que os migrantes brasileiros usam para construir suas vidas sociais? Há conflitos nas estratégias de (*im*) polidez no contexto de interculturalidade nessas práticas de comunicação?**

Como forma de ter acesso às práticas de comunicação que os migrantes de minha pesquisa usam para construir suas vidas sociais no contexto pesquisado, observei o atendimento a clientes brasileiros e não brasileiros em uma padaria, o que é relatado e analisado na seção 5.4 do capítulo V. A partir dos quadros 9 e 10, levados ao conhecimento dos envolvidos na pesquisa e interpretados conjuntamente com os participantes, levei em consideração a distinção entre *tratamento político apropriado* e *tratamento polido*, a partir das definições de Watts (2003) e Locher & Watts (2005).

Como analisado ao longo da seção 5.5, as práticas de comunicação entre os migrantes pesquisados não estão livres de conflitos, mas apresentam algumas diferenças necessárias

para a interação entre os diferentes contextos em que se realizam, como pode ser visto no quadro 11, quando os dois colaboradores apontam as possíveis interpretações para a alternâncias entre as formas de abordagem aos clientes. Os envolvidos na pesquisa sabem como alternar entre os modos pragmáticos e linguísticos nas formas de polidez apropriadas à situação, como apontado no quadro 11, adaptado ao quadro de polidez sociopragmática de Leech (2014).

Também nas observações feitas pelos colaboradores, a partir da noção de polidez metapragmática segundo Eelen (2001) e Watts (2003), relatadas na página 201, é possível ter-se um quadro ainda mais amplo de como as estratégias de (*im*) polidez no contexto pesquisado são administradas pelos colaboradores em minha pesquisa.

##### **5. Como os colaboradores da pesquisa se autoavaliam sobre a possível mudança nos padrões de polidez em função do contexto em que vivem (Boston e arredores)?**

A quinta e última questão de minha pesquisa foi respondida ao longo do trabalho, visto que sua resposta também está imbricada em outras questões da pesquisa. No quadro 1 do capítulo V, sobre as impressões dos colaboradores em relação à polidez dos americanos, por exemplo, há a revelação, por analogia, de como os colaboradores pensam sobre seus modos de polidez. O colaborador **Andrew Almeida** faz observação diferente dos demais, apontando para uma diferença cultural nos modos americanos, enquanto os outros percebem como diferenças nos modos de polidez (ou educação, como nomeado por alguns). No entanto, todas as respostas têm em comum que a existência de padrões de polidez em questão, em que as comparações geram autoavaliação ante a vida no novo país.

A autoavaliação dos colaboradores também é encontrada nas diferenças proxêmicas e cinésicas na analogia feita entre esses e os americanos, como pode ser visto no quadro 2. A percepção das diferenças linguísticas, culturais e de polidez cria nos migrantes de minha pesquisa um interesse em adequar-se aos modos locais, o que gera um processo de reflexão, demonstrado nos excertos ao longo das entrevistas. Os quadros 6 e 7 também trazem reflexões dos colaboradores sobre as mudanças nos padrões de polidez em função do contexto, a partir da impolidez coercitiva, levantada a partir de Culpeper (2011).

O quadro 8 mostra como os colaboradores pontuam a necessidade de mudança nos modos de polidez para adaptar-se ao novo meio cultural. A adaptação linguística, tanto do

aprendizado da língua inglesa quanto das normas pragmáticas, é avaliada como necessária para a integração dos migrantes à nova comunidade.

A seção 5.6, porém, foi reservada especialmente para tentar elucidar a quinta questão de pesquisa, confrontando algumas reflexões dos colaboradores de minha pesquisa com as quatro primeiras máximas do quadro geral de polidez proposto por Leech (2014). Ao fazê-lo, a autoavaliação perpassa pela avaliação de como é o outro, e é na confrontação que os colaboradores passam a ter uma visão ampla dos padrões de polidez no contexto intercultural. Nesse cotejo existente entre os diferentes modos de perceber o outro e de como com ele se relacionar, é que o sujeito de minha pesquisa tenta uma autoavaliação sobre as mudanças existentes nos padrões de polidez no contexto da pesquisa.

Ao concluir, retomo também o que pontuei ao longo das minhas análises sobre a ressignificação identitária. O todo da pesquisa, no que pude compreender, ressalta pontos de conflito e adequação aos padrões de (*im*) polidez da comunidade alvo, levando-nos à ideia de que há interesse do grupo investigado em mudanças para o ajustamento sociopragmático e pragmalinguístico no novo meio. As mudanças, como mostradas, podem ser mais simbólicas do que necessariamente reais, conforme analisadas a partir dos quadros 4 e 5, mas também exibem capacidade na transição entre as formas de padrões de polidez linguística, como as analisadas a partir dos quadros 9, 10 e 11. A *brazucalidade*, como sugerido ao longo das análises do processo de ressignificação identitária na (*im*) polidez em interações de migrantes brasileiros no contexto pesquisado, ampara-se no ideal de que a mudança não pode ser somente geográfica, mas também de ações, vistas no foco da minha pesquisa a partir dos processos de (*im*) polidez.

Ademais, a *brazucalidade* pode ser compreendida como a tentativa de afastamento de ações e modo de ser da cultura de origem, que os migrantes pesquisados buscam na tentativa de ressignificação identitária com a língua/ cultura alvo, o que resulta em conflitos no encontro intercultural, vistos na pesquisa a partir do conjunto de diferentes padrões de (*im*) polidez.

Finalizo sugerindo que minha pesquisa deixa porta aberta para diversos estudos interacionais, principalmente na atualidade, com os problemas que envolvem questões migratórias, como vêm sendo vastamente divulgados pela mídia. A imigração ilegal tem sido o foco da agenda política de muitos países da Europa e dos EUA, e mais recentemente do Brasil, com a onda migratória de haitianos e venezuelanos, por exemplo. Dessa forma, este

trabalho pode servir de referência para questões que envolvem (*im*) polidez dentro desse escopo teórico, além de colaborar para estudos culturais e interacionais dentro dessa perspectiva. Outra possível contribuição futura desta pesquisa são os estudos da linguística aplicada que envolvem o ensino pragmático da (*im*) polidez no contexto de ensino/aprendizagem de L2, como proposta de aquisição social e cultural para ampliar a aprendizagem de L2 em ambientes não naturais, como a sala de aula. Com isso, talvez, os cursos de formação de professores de línguas possam incluir componente pragmático envolvendo questões de (*im*) polidez em suas agendas no intuito de considerar a (*im*) polidez na pragmática da interlíngua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- AGAR, M. *Language Shock: Understanding the Culture of Conversation*. New York: William Morrow, 1994.
- ALMEIDA, C. A. Contributos para o estudo da configuração dos rituais verbais de *descortesia* em programas de rádio portugueses. In: Silva, F., Falé, I. & Pereira, I. (Eds.), *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, 59-77, 2013.
- ANGROSINO, M. *Etnografia e observação participante*. Artmed: Porto Alegre, 2009.
- ARNDT, H., JANNEY, R. W. Intracultural tact versus intercultural tact. In: WATTS, R. J., IDE, S., EHLICH, K. (Eds.). *Politeness in Language: Studies in its History, Theory and Practice*. Berlin: Mouton de Gruyter, p.21-41, 1993.
- ASSIS, G. O. *Os novos migrantes de Criciúma para os EUA e os re-arranjos familiares e de gênero*. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. XXII SIMPÓSIO NACIONAL DA ANPUH, João Pessoa, 2003.
- ATKINSON, X.; HERITAGE, J. *Structures of social action: studies in conversation analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford University Press: Oxford, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BATESON, G. A theory of play and fantasy. In: BATESON, G. *Steps to an ecology of mind: Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology*. Chicago: University of Chicago Press, 1972 [1955].
- BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- \_\_\_\_\_. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BEEBE, L. M. Polite fictions: Instrumental rudeness as pragmatic competence. In: ALATIS, J. E.; STRAEHLE, C. A.; GALLENBERGER, B.; RONKIN, M. (eds) *Linguistics and the Education of Language Teachers: Ethnolinguistic, Psycholinguistics and Sociolinguistic Aspects*. Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics. Georgetown: Georgetown University Press, pp. 154-168, 1995.
- BERGSON, H. (1911 [1900]) *Laughter: An Essay on the Meaning of the Comic*. London: Macmillan.
- BERRY, J.; PORTINGA, Y.; SEGAL, M.; DANSEN, P. *Cross Cultural Psychology: Research and Applications*. New York: Cambridge University Press, 1992.

- BICALHO, J. V. *Yes, Eu Sou Brazuca*. Governador Valadares, Minas Gerais: FUNSEC, 1989.
- BIRDWHISTELL, R. *Kinesics and Context: Essays on body motion communication*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Introduction to Kinesics: an annotation system for analysis of body motion and gesture*. Louisville: University of Louisville, 1979.
- BLOM, J. P., GUMPERZ, J. O significado social na estrutura linguística. Alternância de código na Noruega. In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ P. M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013 [1972].
- BLOMMAERT, J. *Discourse: A critical introduction*. Cambridge University Press, 2005.
- BLUMER, H. *El interaccionismo simbólico: perspectiva y método*. Barcelona: Hora, 1982.
- BOAS, F. Ethnology: Kwakiutl Ethnography. In: CODERE, H. (org.). *American Anthropologist*, v.72, p. 629-32, 1970.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- BOUSFIELD, D. *Impoliteness in interaction*. Amsterdam: John Benjamins, 2008a.
- \_\_\_\_\_. Impoliteness in the struggle for power. In: BOUSFIELD, D. & LOCHER, M. A. (eds.), *Impoliteness in language: Studies on its interplay with power in theory and practice*, 127–153. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2008b.
- BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP. p. 193, 1993.
- BRANDÃO, C. Polidez na cultura brasileira: uma contribuição para o ensino do português do Brasil para estrangeiros. In: Ortiz Alvarez, M. LO. ; Gonçalves, L.. (Orgs.). *O mundo do português e o português no mundo afora: especificidades, implicações e ações*. 1. ed. Campinas: Pontes, v., p. 639-659, 2016.
- BRIZ, A. Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada en la conversación. In: BRAVO, D. & BRIZ, A. (Eds.). *Pragmática Sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. España: Ariel Lingüística, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Atenuación y cortesía verbal en la conversación coloquial: su tratamiento en la clase de ELE*. Universidad de Valencia, 2008. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es>
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in Language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987 [1978].
- BUSS, A. H. The Psychology of Aggression. New York: Wiley. *Self-consciousness and Social Anxiety*. San Francisco, CA: W. H. Freeman, 1961.

- CARDOSO, M. G. *Criciumenses em trânsito: impactos da migração/retorno na cidade de Criciúma/SC*. Florianópolis: Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente, 2011.
- CASTELLS, M. *O Poder da Identidade*. Trad. Klaus Brandini. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHOMSKY, N. Syntactic structures. The Hague: Mouton. *Janua Linguarum, Series Minor*, v.4, 1957.
- \_\_\_\_\_. Aspects of the theory of syntax. Cambridge Mass: MIT Press, 1965.
- CHORY, R. M. Media entertainment and verbal aggression: Contents, effects, and correlates. In: AVTGIS, T. A., RANCER, A. S. (Eds.) *Arguments, Aggression, and Conflict: New Directions in Theory and Research*. London and New York: Routledge, pp. 176–97, 2010.
- COULMAS, F. *Sociolinguistics. The study of the speakers' choice*. Cambridge University Press: New York, 2005.
- CRAIG, R. T.; TRACY, K.; SPISAK, F. The discourse of requests: Assessments of a politeness approach. *Human Communication Research* 12(4): 437–468, 1986.
- CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, v.25, p. 349-67, 1996.
- \_\_\_\_\_. Impoliteness and entertainment in the television quiz show: The Weakest Link, *Journal of Politeness Research: Language, Behaviour, Culture* 1: 35-72, 2005.
- \_\_\_\_\_. Reflections on impoliteness, relational work and power. In: BOUSFIELD, D. & LOCHER, M. A. (eds.), *Impoliteness in Language: Studies on its Inter-play with Power in Theory and Practice*, 17–44. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Impoliteness: using language to cause offense*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- \_\_\_\_\_; BOUSFIELD, D.; WICHMANN, A. Impoliteness revisited: With special reference to dynamic and prosodic aspects. *Journal of Pragmatics*. 35: 1545-1579, 2003.
- DARWIN, C. *A Expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Cia das Letras, 2000 [1872].
- DAVIDSON, L. J. Some Current Folk Gestures and Sign Languages. *American Speech*, v.25, p.1-3, 1950.
- DAVIES, B. Community of practice: Legitimacy, not choice. *Journal of Sociolinguistics* 9 (4): 557 - 581, 2005.

- DEBIAGGI, S. D. *Famílias brasileiras em um novo contexto cultural*. pp.175-197 In: MARTES, A. C., FLEISCHER, S. *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, Gênero e Redes Sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- DE FINA, A. *Group identity, narrative and self-representations*. In A. De Fina, D. Schiffrin and M. Bamberg (eds.). *Discourse and Identity*, 351-375. Cambridge University Press, 2006.
- DURANTI, A. *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- DURHAM, E. *A Caminho da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- ECKERT, P. Language and gender in adolescence. In: HOLMES J., MEYERHOF, M. (Eds.). *The Handbook of Language and Gender*. Blackwell Handbooks in Linguistics 13. Malden/MA: Blackwell, 381-400, 2003.
- \_\_\_\_\_; McCONNELL-GINET, S. Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice. *Annual Review of Anthropology*, v. 21, p. 461-90, 1992.
- \_\_\_\_\_; WENGER, E. Communities of practice in sociolinguistics. *Journal of Sociolinguistics* 9 (4): 582-589, 2005.
- EELLEN, G. *A Critique of Politeness Theories*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001.
- EHRlich, S. Communities of practice, gender, and the representation of sexual assault. *Language in Society* (28): 239-256, 1999.
- EMERSON, R.; FRETZ, R.; SHAW, L. *Writing Ethnographic Fieldnotes*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. London: Longman, 1989.
- FÉLIX-BRASDEFER, J. C. *Politeness in Mexico and the United States*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.
- FETTERMAN, David M. *Ethnography: Step-by-step*. 3 ed. Los Angeles: SAGE, 2010.
- FEUILLYE, E. S. La otra cara del dólar. In: VILLASEÑOR ROCA, B., MORENO MENA, J. A. *Las Mujeres en la Migración. Testimonios, realidades y denuncias*. Mexicali: *Albergue del Desierto*, 83-114, 2006.
- FILLMORE, C. The need for frame semantics and the nature language. In: *Statistical Methods in Linguistics*. Stockholm: Skriptor, 1976.
- FIRMINO, J. C. F. Formas associativas existentes nas salas de bate-papo. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 39-47, 2005.
- FISHER, M. H. *Migration: A World History*. Oxford/ New York: Oxford University Press, 2013.

- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- FRASER, B. Perspectives on politeness. *Journal of Pragmatics*, v.14, p.219-36, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Wither politeness*. Plenary lecture. International Symposium for Linguistic Politeness, Bangkok, Thailand, 1999.
- FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- FREITAS, L. G. *Discurso e identidade em narrativas de migrantes*. 2008. 247f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- FREITAS, M. E. Vida de executivo expatriado: a festa vestida de riso e de choro. In: *Encontro Anual da ANPAD*, 24, 2000. Florianópolis: ANPAD, 2000.
- FUSCO, W. As redes sociais nas migrações internacionais: migrantes brasileiros para os Estados Unidos e o Japão. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 19, n. 1, jan./jun. 2002.
- GARCEZ, P. M. Microethnography. In: HORNBERGER, N. H.; CORSON, D. (Orgs.). *Encyclopedia of Language and Education: Research methods in language and education*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher. v. 8, p. 187-96, 1997.
- \_\_\_\_\_. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In: LOPES, L. P. M.; & BASTOS, L. C. (eds.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado de Letras, pp. 83–95, 2002.
- GARDNER-CHLOROS, P. How code-switching mediates politeness: Gender-related speech among London Greek-Cypriots. *Estudios de Sociolingüística*. v.4, n.2, p.505-32, 2003.
- GARFINKEL, H. *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1967.
- GEORGE, P. *As Migrações Internacionais*. Lisboa: Dom Quixote, 1977.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, [1959] 1975.
- \_\_\_\_\_. A Situação Negligenciada. Trad. Pedro M. Garcez. In: RIBEIRO, B & GARCEZ, P (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, [1964] 2002.
- \_\_\_\_\_. *Interaction Ritual. Essays on face-to-face behavior*. New York: Pantheon books, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Relations in public: Microstudies of the public order*. New York: Basic Books, 1971.
- \_\_\_\_\_. Response cries. *Language* 54 (4): 787–815, 1978.

- \_\_\_\_\_. *Forms of Talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- GRICE, P. Logic and conversation. In: COLE, P, MORGAN, J. L. (Eds.). *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, v. 3, p.41-58, 1975 [1967].
- GUMPERZ, J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- GUY, G. A Identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. Porto Alegre: Organon. *Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, v.14, n.28/29, p.17-32, 2000.
- HALL, E. T. *The silent language*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1959.
- \_\_\_\_\_. A system for the notation of proxemic behavior. *American Anthropologist*. v.65, n.5, p. 1003-26, 1963.
- \_\_\_\_\_. *The Hidden Dimension*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1966.
- HALL, S. *A identidade na pós-modernidade*. SILVA, T. T. (trad.). 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language as a Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning*. London: Edward Arnold, 1978.
- \_\_\_\_\_. *An introduction to functional grammar*. London: Arnold, 1985.
- HILGERT, J. C. *A paráfrase: um procedimento de construção do diálogo*. SP, 1989.
- HOLMES, J. Paying compliments: A sex preferential politeness strategy. *Journal of Pragmatics*. 12.4, 445-465, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Women, Men and Politeness*. London: Longman, 1995.
- \_\_\_\_\_. Politeness, power and provocation: How humour functions in the workplace. *Discourse Studies* 2 (2): 159–85, 2000.
- \_\_\_\_\_. *An Introduction to Sociolinguistics: 2 ed*. England: Pearson Education Limited, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Gendered Talk at Work*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.
- \_\_\_\_\_; MARRA, M.; SCHNURR, S. Impoliteness and ethnicity: Māori and Pākehā discourse in New Zealand workplaces. *Journal of Politeness Research: Language, Behaviour, Culture* 4 (2): 193-219, 2008.

- \_\_\_\_\_; MEYERHOFF, M. The Community of Practice: Theories and methodologies in language and gender research. Cambridge University Press: *Language in Society*, v.28, 173-83, 1999.
- HUTCHBY, I.; WOUFFITT, R. *Conversational analysis*. Cambridge: Polity, 1998.
- IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO DE 2010, *Banco de Dados Multidimensional* (BME). 2010.
- \_\_\_\_\_, *Características da População e dos Domicílios - Resultados do Universo*. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_da\\_populacao/resultados\\_do\\_universo.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf)>. Acesso em: 10.09.2015.
- \_\_\_\_\_. *Migração e Deslocamento – Resultados da Amostra*. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/migracao/censo2000\\_migracao.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/migracao/censo2000_migracao.pdf)>. Acesso em: 10.09.2015.
- IDE, S. On the Notion of Wakimae: Toward an Integrated Framework of Linguistic Politeness. Mosaic of Language: Essays in Honour of Professor Natsuko Okuda. *Mejiro Linguistic Society*, p. 298-305, 1992.
- INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION – IOM. World Migration 2008. VOLUME 4 – IOM World Migration Report Series, 2008. [http://publications.iom.int/bookstore/free/WMR\\_1.pdf](http://publications.iom.int/bookstore/free/WMR_1.pdf)
- JAY, T. *Cursing in America: a Psycholinguistic Study of Dirty Language in the Courts, in the Movies, in the Schoolyards and on the Streets*. Philadelphia: John Benjamins, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Why We Curse: A Neuro-psycho-social Theory of Speech*. Philadelphia and Amsterdam: John Benjamins, 2000.
- JOUËT-PASTRÉ, C.; BRAGA, L. J. (Orgs.). *Becoming Brazuca: Brazilian Immigration to the United States*. Harvard University Press: Cambridge/MA, 2008.
- KASPER, G. Linguistic politeness: Current research issues. *Journal of Pragmatics* 14 (2): 193–218, 1990.
- \_\_\_\_\_. Pragmatic transfer. *Second Language Research*, v.8, n.3, 203-31, 1992.
- \_\_\_\_\_; BLUM-KULKA, S. (Orgs.). *Interlanguage pragmatics*. New York e Oxford: Oxford University Press, 1993.
- KASSING, J. W.; SANDERSON, J. Trash talk and beyond: Aggressive communication in the context of sports. In: AVTGIS, T. A. & RANCER, A. S. (Eds.) *Arguments, Aggression, and Conflict: New Directions in Theory and Research*. London and New York: Routledge, pp. 253–66, 2010.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales. Tome 2*. Paris: Armand Colin, 1992.

- \_\_\_\_\_. A multilevel approach in the study of talk-in-interaction. *Pragmatics*, v.7, n.1, p.1-20, 1997.
- \_\_\_\_\_. Est-il bon, est-il méchant: quelle représentation de l'homme-en-société dans les théories contemporaines de la politesse linguistique? In: Wauthion, Michel & Simon, Anne-Catherine (Eds.). *Politesse et idéologie: rencontres de pragmatique et de rhétorique conversationnelles*. Louvain-la-Neuve: Peeters, pp. 21-35, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- \_\_\_\_\_. L'impolitesse en interaction. *Aperçus théoriques et étude de cas, Lexis Special: Impoliteness/Impolitesse* n.2, pp. 35–60, 2010.
- KIENPOINTNER, M. Varieties of Rudeness. Types and Functions of Impolite Utterances. *Functions of Language*, 4.2, 251-287, 1997.
- KOZINETS, R. V. *Netnography: doing ethnographic research online*. Los Angeles, USA: Sage Publications, 2010.
- KRACAUER, S. *Das Ornament der Masse*. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1977.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LAKOFF, R. The logic of politeness; or, minding your Ps and Qs. In: *Papers from the ninth regional meeting of the Chicago Linguistic Society*. p. 292-305, 1973.
- \_\_\_\_\_. *What you can do with words: Politeness, pragmatics and performatives. Proceedings of the Texas Conference on Performatives, Presuppositions and Implicatures*. ROGERS, R., WALL, R., & MURPHY, J. (Eds.). Arlington, Va.: Center for Applied Linguistics, pp. 79-106, 1977.
- \_\_\_\_\_. The limits of politeness: Therapeutic and courtroom discourse. *Multilingua* 8 (2-3): 101-129, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Talking power*. New York: Basic Books, 1990.
- LAVE, J.; WENGER, E. *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. Cambridge & New York: Cambridge University Press, 1991.
- LEECH, G. *Principles of pragmatics*. London: Longman, 1983.
- \_\_\_\_\_. *The pragmatics of politeness*. New York: Oxford University Press, 2014.
- LEVINSON, S. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- LINELL, P. Dynamics of discourse or stability of structure: sociolinguistics at the legacy from linguistics. In N. Coupland, S. Sarangi and C. N. Candlin (ed. *Sociolinguistics and Social Theory*. Harlow: Longman. 107-26, 2001.

- LOCHER, M. A. *Power and Politeness in Action: Disagreements in Oral Communication*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.
- \_\_\_\_\_ ; WATTS, R. J. Politeness theory and relational work. *Journal of Politeness Research*. v. 1, n. 1, p. 9-33, 2005.
- \_\_\_\_\_ ; BOUSFIELD, D. Introduction: Impoliteness and power in language. In: Derek Bousfield and Miriam A. Locher (eds) *Impoliteness in Language: Studies on its Interplay with Power in Theory and Practice*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, pp. 1-13, 2008.
- LUZIO, A. Presenting John J. Gumperz. In: EERDMANS, S. L.; PREVIGNANO, C. L.; THIBAUT, P. J. (Eds.). *Language and interaction: discussions with John J. Gumperz*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p.1-6, 2003.
- MACIEL, F. Construção nacional e aprendizado político: o saber-poder da brasilidade. Caderno CRH, Salvador, v. 23, n. 60, p. 559-577, set./dez. 2010.
- MARCONDES, D. *A Pragmática na filosofia contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- \_\_\_\_\_. Teoria dos Atos de Fala como concepção pragmática de linguagem. *Filosofia Unisinos*, v.7, n.3, p. 217-30, 2006.
- MARCUSCHI, L. A Análise da Conversação. Série Princípios. São Paulo: Ed. Ática, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MARGOLIS, M. L. *Little Brazil: Imigrantes Brasileiros em Nova York*. Campinas: Papirus, 1994.
- MARGUTTI, P. R. O método analítico em filosofia, In: BRITO, E. F., CHIANG, L. H. (Orgs.). *Filosofia e Método*. São Paulo, v.15, p.125-45, 2002.
- MARINUCCI, R. Migrações Internacionais Contemporâneas: As Razões da Crescente Intensidade. *Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios*: Brasília, 2009.
- MARQUES, J. C. L. *Os portugueses na Suíça: migrantes europeus*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.
- MARTES, A. C. B. *Brasileiros nos Estados Unidos: Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_ ; FLEISCHER, S. *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, Gênero e Redes Sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- MASSEY, D. S. et al. *Theories of International Migration: A Review and Appraisal*. *Population and Development Review*, 19 (3), September, 431-66, 1993.

- MATSUMOTO, Y. Reexaminations of the universality of face. *Journal of Pragmatics*, v.12, n.4, p. 403-26, 1988.
- \_\_\_\_\_. Politeness and conversational universals: Observations from Japanese. *Multilingua*, v.8, n.2/3, p.207-21, 1989.
- MATEOS, N. R. *Una Invitación a La Sociología de Las Migraciones*. Barcelona: Bellaterra, 2004.
- MEAD, G. H. *Espiritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social*. Barcelona: Paidós, 1982.
- MEIER, A. J. Passages of politeness. *Journal of Pragmatics* 24: 381–392, 1995.
- MEY, J. *Pragmatics*. Oxford: Blackwell, 1993.
- MEYERHOFF, M. Sorry in the Pacific: Defining communities, defining practices. *Language in Society* 28, 225-238, 1999.
- MILLS, S. *Gender and politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- MILROY, L.; LLAMAS, C. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. (orgs.). *The handbook of language variation and change*. John Wiley & Sons, Inc. Published: Malden, p. 409-27, 2013.
- MODESTO, A. T. T. *Processos Interacionais na Internet: Análise da Conversação Digital*. 2011. (Tese Doutorado). São Paulo, USP, 2011.
- MONTARDO, S. P.; ROCHA, P. J. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. *E-Compós* (Brasília), Brasil, v. 4, p. 1-22, 2005.
- MORENO-FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.
- MOTA, K. M. S. Two Languages at Play: Language Boundaries in the Speech of Second-Generation Brazilian Immigrants. pp. 313-338. In: JOUËT-PASTRÉ, C., BRAGA, L. J. (Orgs.). *Becoming Brazuca: Brazilian Immigration to the United States*. Harvard University Press: Cambridge/MA, 2008.
- MYERS, G. ‘I’m out of it; you guys argue’: Making an issue of it on The Jerry Springer Show. In: Andrew TOLSON (ed.) *Television Talk Shows: Discourse, Performance, Spectacle*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, pp. 173–91, 2001.
- \_\_\_\_\_. Análise da Conversação e da Fala, In: BAUER, M. W. & GASKELL, G. (Org.). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- OCHS, E. *Transcription as theory: developmental pragmatics*. New York, NY: Academic Press, p. 43-72, 1979.

- OLIVEIRA, A. T. Um Panorama da Migração Internacional a Partir do Censo Demográfico de 2010. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*: Brasília, Ano XXI, n. 40, p. 195-210, jan./jun. 2013.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES – OIM. *Perfil Migratório do Brasil 2009. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento - NPD*. Ministério do Trabalho. Brasília: 2010.  
[http://www.mte.gov.br/trab\\_estrang/perfil\\_migratorio\\_2009.pdf](http://www.mte.gov.br/trab_estrang/perfil_migratorio_2009.pdf)
- OSGOOD, C. E. Semantic differential technique in the comparative study of cultures. *American Anthropologist*, 66(3), 171-200, 1964.
- PATARRA, N. L. *O Brasil: País de Emigração?* e-metropolis, n.09, ano 3, pp. 6-18, 2012. Disponível em: <[http://www.emetropolis.net/download/edicoes/emetropolis\\_n09-ed.pdf](http://www.emetropolis.net/download/edicoes/emetropolis_n09-ed.pdf)>. Acesso em: 14.09. 2015.
- PENMAN, R. Facework and politeness: Multiple goals in courtroom discourse. *Journal of Language and Social Psychology* 9: 15–38, 1990.
- PEREIRA, A. *Termos de jargões do inglês no mercado brasileiro: um estudo sobre atitudes linguísticas*. Dissertação (mestrado) Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2013.
- POLIVANOV, B. B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *ESFERAS – Revista Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação do Centro Oeste*, v. 2, p. 61-71, 2013.
- PORTES, A. *Migrações Internacionais. Origens, Tipos e Modelos de Incorporação*. Oeiras: Celta, 1999.
- \_\_\_\_\_ ; BÖRÖCZ, J. Migración contemporánea. Perspectivas teóricas sobre sus modalidades de incorporación. In: Graciela Malgesini (comp.) *Cruzando fronteras, Migraciones en El Sistema Mundial*. Barcelona: Fundación Hogar Del Empleado, pp. 43-70, 1998.
- QUERALT, M. *Understanding Cuban Immigrants. A cultural perspective*. *Social work*, 29, p.115-21, 1984.
- RIBEIRO, B. T.; GARCEZ P. M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- ROGLER, L.; CORTES, D.; MALGADY, R. *Acculturation and mental health status among Hispanics*. *American psychologist*, 46(6), pp. 587-97, 1991.
- ROWELL, E. Z. Gesture: an exceptional usage. *American Speech: A Quarterly of Linguistic Usage*, v.3, n.1, p.38, 1927.
- RUSSELL, B. *On denotation*. *Mind, New Series*, v.14, n.56, p.479-93, 1905.

- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. *A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation*. *Language* 50(4), 696-735, 1974.
- SALES, T. *Brasileiros Longe de Casa*. São Paulo: Cortez Editora, 1999.
- SANTIBÁÑEZ, R.; MAIZTEGUI, C. *Immigration: Views and reflections – Histories, identities and keys of social intervention*. Bilbao: University of Deusto, 2006.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo, Cultrix, 2001 [1916].
- SAVILLE-TROIKE, M. *The ethnography of communication: An introduction*. 3 ed. Oxford: Blackwell, 2003.
- SCHENSUL, S. L.; SCHENSUL, J. J.; LeCOMPTE, M. D. Essential Ethnographic Methods: Observations, Interviews, and Questionnaires (Vol. II of J. J. SCHENSUL, S. L., SCHENSUL, J. J. & LeCOMPTE, M. D., (Eds.) *Ethnographer's Toolkit*. Walnut Creek, CA: AltaMira, 1999.
- SCHIFFRIN, D. *Approach to discourse*. Oxford: Blackwell. 1994.
- \_\_\_\_\_. Interactional sociolinguistics. In: MACKAY, S., HORNBERGER, N. (Eds.). *Sociolinguistics and language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- SEARA, I. R. (Direção e Coordenação). *Cortesia: olhares e (re)invenções*. Portugal: Chiado, 2014.
- SEARLE, H. P. Indirect Speech Acts. In: COLE, P. & MORGAN, J. (Eds.). *Speech Acts* (Syntax and Semantics, volume 3). New York: Academic Press, 1975a
- \_\_\_\_\_. *Logic and conversation*. In: COLE, P. & MORGAN, J. (Eds.). p.41-58, 1975b
- \_\_\_\_\_. Classification of illocutionary acts. *Language in Society*. v.5, p.1–23, 1976.
- SHARROCK, W.; ANDERSON, B. Epilogue: the definition of alternatives: some sources of confusion in interdisciplinary discussion. In: G. BUTTON & LEE, J. R. R. (Eds) *Talk and social organization*. Clevedon: *Multilingual Matters*, p. 290-321, 1987.
- SOUZA, E. *Estratégias de rapport em conversas cotidianas entre amigos e familiares no espanhol de Buenos Aires: uma perspectiva interacional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. 145 f. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas). Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Rio de Janeiro, 2008.
- SOUZA, G. H. Na Oral History of Brazilian Woman Immigrants in the Boston Area. In: *Passing Lines: Sexuality and Immigration*. EPPS, B., VALENS, K., GONZALES, B. J. (Eds.). Cambridge, MA: David Rockefeller Center Series on Latin American Studies, Harvard University Press, 2005.

- STAPLES, R.; MIRANDE, A. Racial and cultural variations among Americans families: A decennial review of the literature on minority families. *Journal of marriage and the family*, 42, pp. 157-73, 1980.
- STOCKWELL, P. *Sociolinguistics: A Resource Book for Students*. London/New York: Routledge, 2002.
- TAAVITSAINEN, I.; JUCKER, A. *Speech Acts in the History of English*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
- TANAKA, N. An investigation of apology: Japanese in comparison with Australian. *Meikai Journal*, v.4, p.35-53, 1991.
- TANNEN, D. Interactional Sociolinguistics as a resource for Intercultural Pragmatics. *Intercultural Pragmatics* 2-2, 205-208, 2005.
- \_\_\_\_\_, WALLAT, C. Interactive Frames and Knowledge Schemas in Interaction: Examples from a Medical Examination/Interview. *Social Psychology Quarterly*. v.50, n.2, 205-16, 1987.
- TEDESCHI, J. T.; FELSON, R. B. *Violence, Aggression, and Coercive Actions*. Washington DC: American Psychological Association, 1994.
- TERKOURAFI, M. *Politeness in Cypriot Greek: A frame-based approach*. Unpublished Ph.D. dissertation. University of Cambridge, 2001.
- \_\_\_\_\_. Towards a unified theory of politeness, impoliteness, and rudeness. In: Derek Bousfield and Miriam Locher (Eds.) *Impoliteness in Language: Studies on its Interplay with Power in Theory and Practice*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, pp. 45-74, 2008.
- THOMAS, J. Cross-cultural pragmatic failure. *Applied Linguistics*, v.4, n.2 p.91-112, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Meaning in interaction: an introduction to pragmatics*. London: Pearson Education Limited, 1995.
- TRACY, K. The many faces of facework. In: Howard Giles and William P. Robinson (eds.) *Handbook of Language and Social Psychology*. Chichester: Wiley, pp. 209–26, 1990.
- VAN DIJK, T. A. Structures of discourse and structures of power. In: ANDERSON, J. A. (ed.) *Communication Yearbook 12*. Newbury Park, CA: Sage, pp. 18–59, 1989.
- VANIN, A. Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidades de fala’. *Acta Scientiarum. Language and Culture*. v. 3, p. 147-53, 2009.
- VIEIRA, E. R. P. The formative years of the brazilian communities of New York ans San Francisco through the print media: The brazilians/ The brasilians and Brazil today. pp. 81-104 in: JOUËT-PASTRÉ, C., BRAGA, L. J. (Orgs.). *Becoming Brazuca: Brazilian Immigration to the United States*. Harvard University Press, Cambridge/MA, 2008.

- WARNER, F. Physical expression: Its modes and principles. *The international scientific series*. London: Kegan Paul, v.52, p. 1-361, 1885.
- WARTENBERG, T. E. *The Forms of Power: From Domination to Transformation*. Philadelphia: Temple University Press, 1990.
- WATTS, R. J. *Power in Family Discourse*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- \_\_\_\_\_. Linguistic politeness research. Quo vadis? In: WATTS, R. J., S. IDE, K. EHLICH (Eds.), *Politeness in Language: Studies in its History, Theory and Practice*. (2 revised and expanded edition). Berlin: Mouton, xi–xlvii, 2005.
- \_\_\_\_\_; IDE, S.; EHLICH, K. (Eds.) *Politeness in Language: Studies in its History, Theory and Practice*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.
- WEINRIECH, U. LABOV, W. HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 1968[2006].
- WENGER, E. *Communities of practice*. Cambridge & New York: Cambridge University Press, 1998.
- WIEDEMER, M. L. As faces da comunidade de fala. *Linguagens*. Blumenau: *Revista de Letras, Artes e Comunicação*. v.2, n.1, p.21-35, 2008.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo, Abril/Nova Cultural, 207 p. (Os pensadores), 1999[1952].

## APÊNDICE

---

### QUESTÕES PARA ENTREVISTAS

#### Parte 1 – Cultura do outro (norte americano)

1. Você considera importante a aproximação/contato com americanos para viver nos EUA, ou você acha que é possível viver lá convivendo somente com brasileiros? Explique.
2. Quais são suas principais impressões em relação aos americanos? Você os vê como pessoas muito diferentes dos brasileiros? São eles mais educados/polidos, ou não? Poderia dar alguns exemplos?
3. Como você constrói sua comunicação com os falantes de língua inglesa? Além da diferença linguística, você nota diferenças nos modos de interação, tais como distância física e social durante a interlocução?
4. Você percebe mudanças nos modos de comunicação de outros brasileiros quando há falantes norte americanos envolvidos na situação interacional?
5. Como você percebe atos de **impolidez** na comunicação de americanos? Você acredita que isso afetou no seu modo de comunicação/interação desde que chegou aqui?
6. Como você percebe atos de **polidez** na comunicação de americanos? Você acredita que isso afetou no seu modo de comunicação/interação desde que chegou aqui?

#### Parte 2 – Cultura do brasileiro fora de casa

7. Quais as principais diferenças percebidas por você em relação a sua convivência com os brasileiros no Brasil e com os brasileiros daqui? Se você acredita que há diferenças, poderia citar alguns exemplos de sua experiência com essas diferenças?
8. Se você considera que há transformação das pessoas que aqui chegam para morar, a que você atribui essa mudança?
9. Houve mudanças na sua forma de tratar o outro desde sua chegada aos EUA? Se sim, de que forma isso mudou?
10. Você acredita ser mais/menos polido para adaptar-se aos padrões apresentados nos EUA?
11. Você acha que alguns migrantes brasileiros preferem não participar/conviver com os seus conterrâneos? Por quê?

12. Para que um imigrante brasileiro recém-chegado não se passe como impolido/mal educado, você poderia listar algumas coisas que ele deveria fazer ou não fazer quando em interação com um norte-americano?

## ANEXOS

### **The component maxims of the General Strategy of Politeness**

Maxims (expressed in an imperative mood)	Related pair of maxims	Label for this maxim	Typical speech-event type(s)
(M1) give a high value to O's wants	<i>Generosity, Tact</i>	Generosity	Commissives
(M2) give a low value to S's wants		Tact	Directives
(M3) give a high value to O's qualities	<i>Approbation, Modesty</i>	Approbation	Compliments
(M4) give a low value to S's qualities		Modesty	Self-devaluation
(M5) give a high value to S's obligation to O	<i>Obligation</i>	Obligation (of S to O)	Apologizing, thanking
(M6) give a low value to O's obligation to S		Obligation (of O to S)	Responses to thanks and apologies
(M7) give a high value to O's opinions	<i>Opinion</i>	Agreement	Agreeing, disagreeing
(M8) give a low value to S's opinions		Opinion reticence	Giving opinions
(M9) give a high value to O's feelings	<i>Feeling</i>	Sympathy	Congratulating, commiserating
(M10) give a low value to S's feelings		Feeling reticence	Suppressing feelings

**The categories of constraint violation of the “General Strategy of Impoliteness.”**

Violation of Maxim (expressed in an imperative mood):	Related pair of maxims	Label for the maxim violated	Typical speech-act type(s)
(M1) give an unfavorable value to O's wants	<i>Generosity / Tact</i>	Generosity	Refusing, threatening
(M2) give a favorable value to S's wants		Tact	Ordering, demanding
(M3) give an unfavorable value to O's qualities	<i>Approbation / Modesty</i>	Approbation	Insulting, complaining, telling off
(M4) give a favorable/high value to S's qualities		Modesty	Boasting, being complacent
(M5) give an unfavorable/low value to S's obligation to O	<i>Obligation</i>	Obligation (to O)	Withholding thanks or apologies
(M6) give a favorable/high value to O's obligation to S		Obligation (to S)	Demanding thanks and apologies
(M7) give an unfavorable/low value to O's opinions	<i>Opinion</i>	Agreement	Disagreeing, contradicting
(M8) give an favorable/high value to S's opinions		Opinion reticence	Being opinionated
(M9) give an unfavorable/low value to O's feelings	<i>Feeling</i>	Sympathy	Expressing antipathy to O
(M10) give a favorable/high value to S's feelings		Feeling reticence	Grumbling, grouching

Note: S = speaker; O = other(s), typically the addressee.